



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS (PPGEL)
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

JEZEBEL BATISTA LOPES

**VARIAÇÃO, PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS CHAPECOENSES
FRENTE À REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR**

**CHAPECÓ
2017**

JEZEBEL BATISTA LOPES

**VARIAÇÃO, PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS
CHAPECOENSES FRENTE À REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA
DO SINGULAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^a Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

CHAPECÓ
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Lopes, Jezebel Batista
VARIAÇÃO, PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS
CHAPECOENSES FRENTE À REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO
SINGULAR/ Jezebel Batista Lopes. -- 2017.
332 f.:il.

Orientador: Cláudia Andrea Rost Snichelotto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em
Estudos Linguísticos - PPGEL, Chapecó, SC, 2017.

1. Formas pronominais de referência à segunda pessoa
do singular. 2. Variação linguística. 3. Percepções e
Atitudes linguísticas. I. Snichelotto, Cláudia Andrea
Rost, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul.
III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JEZEBEL BATISTA LOPES

VARIAÇÃO, PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS CHAPECOENSES
FRENTE À REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido perante Banca Examinadora em 29/05/2017.

Orientadora: 
Profa. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Aprovado em: 29/05/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS


Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag – UFS

Profa. Dra. Patrícia Graciela da Rocha – UFMS

Chapecó/SC, maio de 2017

Dedicatória

Dedico a minha mãe, Jaqueline, que foi a base para essa conquista.

AGRADECIMENTOS

À professora Cláudia Andrea Rost Snichelotto, pelo acolhimento, apoio, incentivo e direcionamento pelos caminhos desta pesquisa;

Às pessoas mais importantes em minha vida pelo eterno apoio, minha mãe Jaqueline, minha irmã Jussara, minhas sobrinhas Érica, Estefany e Yasmin e meu cunhado Everson, que mesmo longe sempre me apoiaram nos momentos de dificuldades;

Aos professores Dr. Marcelo Jacó Krug (UFFS), Dra. Raquel Meister Ko Freitag (UFS) e Dra. Patrícia Graciela da Rocha (UFMS), pela participação tão prontamente da leitura, análise e contribuição dada em minha banca de qualificação, que auxiliaram a enriquecer minha pesquisa;

Aos professores do PPGEL que auxiliaram e compartilharam seu conhecimento em minha caminhada pelo mestrado, em especial os professores da linha de pesquisa *Diversidade e Mudança linguística*, Cristiane Horst, Marcelo Krug e Cláudia Snichelotto;

Aos meus colegas de mestrado, das turmas 2015-2016 e 2016-2017, pelos momentos compartilhados ao longo desses mais de dois anos de caminhada;

Aos meus queridos entrevistadores mestrados do PPGEL Gabriel Augusto Scheffer, Greici Moratelli Sampaio e graduandos dos cursos de Letras Português e Espanhol e História Grazieli Pigatto e Carlos Eduardo Cardoso, integrantes do *Grupo de Pesquisa Estudos Sociolinguísticos*, pois sem vocês hoje não estaria concluindo esta pesquisa;

Aos amigos de perto e não tão perto, como minhas queridas Kely, Evelin, Marcela e Leila, que me auxiliam com palavras de conforto nos momentos de estresse ou de "reclusão", pelas muitas risadas, abraços ou chocolates;

Aos meus queridos amigos Thais e Gian, pelo apoio incondicional antes, durante e após a realização da minha pesquisa, por me acolherem em Chapecó desde o processo seletivo, pelas traduções, pelo açaí, pelas conversas acolhedoras e os desabafos, por serem meus grandes amigos;

Aos meus queridos tios, Tia Nena e Tio Orli, pelo apoio incondicional que a distância não afetou, pelos socorros imediatos, independente do momento ou da situação;

Aos bancos de dados *Falares sergipanos*, *Banco de Dados FALA-RN* e *Varsul*
– *Chapécó* por disponibilizarem os áudios utilizados para a coleta das percepções
linguísticas dos chapecoenses;

Aos meus estimados informantes que prontamente se dispuseram a participar
da pesquisa;

Ao Programa de Demanda Social Capes pelo apoio financeiro;

A Deus.

*Se tratam a Deus por tu,
e chamam a El-Rei por vós
Como chamaremos nós
Ao juiz de Igaráçu?
Tu, e vós, e vós, e tu.*

(Gregório de Matos)

Para fazer uma frase de dez palavras são necessárias umas cem.

(Millôr Fernandes)

RESUMO

Os estudos que descrevem a variação linguística das formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular (*tu* e/ou *você*), em posição de sujeito, no português da cidade de Chapecó foram efetuados por Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), porém, os que verificam as percepções e atitudes linguísticas dos falantes, frente a esta variação são ainda escassos (ROCHA, 2012; FRANCESCHNI, 2011). Esta pesquisa embasa-se nos preceitos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1986 [1972]) com interface da Dialetoлогия Perceptual (PRESTON, 1981; PRESTON, LONG, 1999) e objetiva descrever e analisar a referência à segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, na fala de 19 informantes de Chapecó/SC, que compõem o projeto *Variação e Mudança Linguística no Português do Oeste de Santa Catarina*, e verificar as percepções e atitudes linguísticas de 7 desses informantes, no que tange ao uso das formas *tu* e/ou *você*. Para isso, foram aplicados mapas de percepções e questionários de atitudes linguísticas a 7 informantes, da cidade de Chapecó-SC. Para a coleta das percepções linguísticas dos chapecoenses, frente à presença dos pronomes *tu* e/ou *você* no território brasileiro e catarinense, utilizamos excertos de fala das cidades de Chapecó-SC, Itabaiana-SE e Natal-RN. Os resultados gerais mostram que, do total de 268 ocorrências de uso variável das formas de referência à segunda pessoa do singular, os chapecoenses usam mais o pronome *você* em relação a *tu*. O estudo variacionista evidenciou, com base na análise estatística que, das doze variáveis consideradas, as mais relevantes no condicionamento da variação dos pronomes *tu* e/ou *você* em Chapecó são: a) *sexo/gênero*; b) *faixa etária*; c) *referência pronominal*; d) *escolaridade* e e) *sequência discursiva*. Ainda, nossos resultados apontam que, em Chapecó, as mulheres variam o emprego dos pronomes *tu* e/ou *você* de modo equilibrado, ao contrário dos homens que usam mais o *tu* em relação ao *você*. Quanto à faixa etária, a forma *você* se mostra mais frequente entre os jovens - falantes de 7 a 14 anos e de 15 a 24 anos - em relação à faixa etária mais velha - os de 25 a 49 anos - que utilizam mais a forma *tu*. Os informantes com Ensino Fundamental I utilizam mais o *você* em comparação aos informantes com Ensino Médio que usam mais o *tu*. Entre os três tipos de sequência discursiva a *sequência narrativa* é o contexto que mais propicia o emprego da forma *você*, enquanto que a forma *tu* é mais frequente entre as *sequências dissertativas* e *descritivas*. Já quanto à investigação sobre as percepções e atitudes linguísticas, os chapecoenses reconhecem a sua variedade em relação à variedade de Itabaiana-SE e Natal-RN. O pronome *você* é avaliado positivamente pelos chapecoenses e é usado em contextos mais e menos formais, ao contrário do pronome *tu*, que é utilizado somente em contextos menos formais pelos chapecoenses. Na avaliação de sentenças, quando o pronome *você* apareceu com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular, a estrutura foi avaliada, quase categoricamente, como positiva pelos chapecoenses; a estrutura sintática com o pronome *tu*, com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular, também recebeu avaliação positiva, ainda que esta sofreu algumas avaliações negativas; ao contrário das outras sentenças, a estrutura do pronome *tu*, com o verbo flexionado na segunda pessoa do singular, foi avaliado negativamente, pela maioria dos informantes.

Palavras-chave: Formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular.
Variação linguística. Percepções e Atitudes linguísticas.

RESUMEN

Los estudios que describen la variación lingüística de las formas pronominales de la referencia a la segunda persona del singular (*tu* y/o *você*), en posición del sujeto, en el portugués de la ciudad de Chapecó fueron efectuados por Hausen (2000) y Loregian-Penkall (2004), pero, los que verifican las percepciones y actitudes lingüísticas de los hablantes, frente a esta variación, son aún escasos (ROCHA, 2012; FRANCESCHNI, 2011). Esta investigación basarse en los preceptos teóricos de la Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1986 [1972]) con interface con la Dialectología Perceptual (PRESTON, 1981; PRESTON, LONG, 1999) y objetiva general fue describir y analizar la referencia a la segunda persona del singular, en posición de sujeto, en el habla de 19 informantes de Chapecó/SC, que componen el proyecto *Variação e Mudança Linguística no Português do Oeste de Santa Catarina*, y verificar las percepciones y actitudes lingüísticas de esos informantes, en lo que atañe al uso de las formas *tu* y/o *você*. Para eso, fueron aplicados mapas de percepciones y cuestionarios de actitudes lingüísticas a 7 informantes, de la ciudad Chapecó-SC. Para la coleta de las percepciones lingüísticas de los chapecoenses, frente a la presencia de los pronombres *tu* y/o *você* en lo territorio brasileiro y catarinense, utilizamos trechos de habla de las ciudades de Chapecó-SC, Itabaiana-SE e Natal-RN. Los resultados generales muestran que, del total de 268 ocurrencias del uso variable de las formas de referencia a la segunda persona del singular, los chapecoenses usan más el pronombre *você* en relación al *tu*. El estudio variacionista evidenció, con base en la análisis estadística, la que, de las doce variables consideradas, las más relevantes en el condicionamiento de la variación de los pronombres *tu* y/o *você* en Chapecó es: a) *sexo/género*; b) *grupo etario*; c) *referencia pronominal*; d) *escolaridad* y e) *secuencia discursiva*. Aún, nuestros resultados apuntan que, en Chapecó, las mujeres varían el empleo de los pronombres *tu* y/o *você* de modo equilibrado, al contrario de los hombres que usan más el *tu* en relación al *você*. Quanto al grupo etario, la forma *você* se muestra más frecuente entre los jóvenes - hablantes de 7 a 14 años y de 15 a 24 años – en relación a el grupo etario más viejo - los de 25 a 49 años – que utilizan más la forma *tu*. Los informantes con Enseñanza Fundamental I utilizan más el *você* en comparación a los informantes con Enseñanza Media que usan más el *tu*. Entre los tres tipos de secuencia discursiva, la *secuencia narrativa* es el contexto que más propicia el empleo de la forma *você*, en cuanto que la forma *tu* es más frecuente entre las *secuencias de disertación y descriptivas*. Aún cuanto a la investigación sobre las percepciones y actitudes lingüística, los chapecoenses reconocen su variedad en relación a la variedad de Itabaiana-SE e Natal-RN. El pronombre *você* es evaluado positivamente por los chapecoenses y es usado en contextos más y menos formales, al contrario del pronombre *tu*, que es utilizado solamente en contextos menos formales por los chapecoenses. En la evaluación de sentencias, cuando el pronombre *você* apareció con el verbo flexionado en la tercera persona del singular, la estructura fue evaluada, casi categóricamente, como positiva por los chapecoenses; la estructura sintáctica con el pronombre *tu*, con el verbo flexionado en la tercera persona del singular, también recibió evaluación positiva, aún que esta sufrió algunas evaluaciones negativas; al contrario de las otras sentencias, la estructura del pronombre *tu*, con el verbo flexionado en la segunda persona del singular, fue evaluado negativamente, por la mayoría de los informantes.

Palabras-chave: Formas pronominales de la referencia a la segunda persona del singular. Variación lingüística. Percepciones y Actitudes lingüísticas.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Pronomes pessoais retos nas GTs (VIEIRA, BRANDÃO, 2007; CUNHA, CINTRA, 2008; FARACO, MOURA, MARUXO 2010; ROCHA LIMA, 2010 [1957]).....	35
Quadro 02 - Resumo de estudos de autores selecionados para esta pesquisa.....	63
Quadro 03 - Distribuição da amostra total Chapecó/SC do projeto VMPOSC.....	100
Quadro 04 - Distribuição da atual amostra Chapecó/SC do projeto VMPOSC.....	102
Quadro 05 - Distribuição das variáveis independentes controladas.....	108
Quadro 06 - Codificação das variantes.....	109
.....	110
.....	111
Quadro 07 - Distribuição da amostra Chapecó/SC do projeto VMPOSC para análise de percepções e atitudes linguísticas.....	114
Quadro 08 - Estratificações empregadas no banco de dados <i>Falares Sergipanos</i>	117
Quadro 09 - Estratificações empregadas no banco de dados <i>Banco de dados FALA-Natal</i>	119
Quadro 10 - Distribuição da amostra VARSUL por cidade.....	121
Quadro 11 - Distribuição da mostra da rodada com número de informantes equilibrados na variável <i>escolaridade</i> de Chapecó/SC do projeto VMPOSC.....	314
Quadro 12 - Distribuição da mostra da rodada com número de informantes equilibrados na variável <i>faixa etária</i> de Chapecó/SC do projeto VMPOSC.....	315
Quadro 13 - Distribuição da mostra da rodada com número de informantes equilibrados na variável <i>sexo/gênero</i> de Chapecó/SC do projeto VMPOSC.....	315
Quadro 14 - Distribuição da mostra da rodada com número de informantes equilibrados na variável <i>escolaridade</i> Chapecó/SC do projeto VMPOSC.....	132

Quadro 15 - Quadro demonstrativo da presença do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> na região Sul do Brasil segundo percepção dos chapecoenses.....	215
Quadro 16 - Quadro demonstrativo da presença do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> na região Nordeste do Brasil segundo percepção dos chapecoenses.....	216
Quadro 17 - Presença dos pronomes <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no Oeste de Santa Catarina segundo a percepção dos chapecoenses.....	238
Quadro 18 - Uso dos pronomes <i>tu</i> e/ou <i>você</i> ao oferecer chimarrão a alguém conhecido.....	271
Quadro 19 - Uso dos pronomes <i>tu</i> e/ou <i>você</i> ao convidar um(a) amigo(a) para fazer algo.....	273
Quadro 20 - Uso dos pronomes <i>tu</i> e/ou <i>você</i> ao oferecer chimarrão ao pai ou a mãe.....	278
Quadro 21 - Uso dos pronomes <i>tu</i> e/ou <i>você</i> ao oferecer um café a seu superior (chefe, professor(a), etc.).....	281
Quadro 22 - Uso dos pronomes <i>tu</i> e/ou <i>você</i> ao oferecer chimarrão para alguém recém apresentado.....	284

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Florianópolis (RAMOS, 1989).....	44
Tabela 02 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Chapecó, Blumenau e Lages (HAUSEN, 2000).....	45
Tabela 03 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Lages, Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja, Ribeirão da Ilha (LOREGIAN-PENKAL, 2004).....	49
Tabela 04 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Criciúma (ZILLI, 2009).....	52
Tabela 05 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Concórdia (FRANCESCHNI, 2011).....	53
Tabela 06 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Florianópolis (ROCHA, 2012).....	54
Tabela 07 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Fortaleza (SALES, 2004).....	56
Tabela 08 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Alto Parnaíba, Balsas (ALVES, 2010).....	58
Tabela 09 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Salvador e Feira de Santana (NOGUEIRA, 2013).....	59
Tabela 10 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no Norte-riograndense (MOURA, 2013).....	60
Tabela 11 - Tabela resumo dos usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Natal (SILVA, 2015).....	61
Tabela 12 - Estudos realizados sobre formas de referência à segunda pessoa do singular com informantes de Chapecó.....	136
Tabela 13 - Uso dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> , pronome elíptico com antecedente <i>tu</i> e pronome elíptico com antecedente <i>você</i> nos dados do VMPOSC.....	137
Tabela 14 - Atuação do grupo de fator <i>referência</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	142

Tabela 15 -	Atuação do grupo de fator <i>sequência discursiva</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	149
Tabela 16 -	Atuação do grupo de fator <i>tipo de interlocução</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	155
Tabela 17 -	Atuação do fator <i>tempo verbal</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	159
Tabela 18 -	Atuação do fator <i>concordância verbal</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	164
Tabela 19 -	Atuação do grupo de fator <i>tipo do verbo</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	167
Tabela 20 -	Atuação do grupo de fator <i>alternância pronominal</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	171
Tabela 21 -	Atuação do grupo de fator <i>sexo/gênero</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	173
Tabela 22 -	Atuação do fator <i>sexo/gênero</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> nas pesquisas de Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004) e do VMPOSC.....	176
Tabela 23 -	Atuação do grupo de fator <i>idade</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	180
Tabela 24 -	Correlação do fator <i>faixa etária</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na pesquisa de Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004) e da amostra VMPOSC.....	185
Tabela 25 -	Atuação do grupo de fator <i>escolaridade</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	187
Tabela 26 -	Atuação do grupo de fator <i>escolaridade</i> em percentagens sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> nas pesquisas de Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004) e da amostra VMPOSC.....	190
Tabela 27 -	Tabela resumo dos fatores da rodada com o fator <i>escolaridade</i> equilibrada dos dados do VMPOSC.....	193
	194
Tabela 28 -	Atuação do fator <i>sexo/gênero entrevistador</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC.....	199

Tabela 29 -	Atuação da variável <i>informante</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>ocê</i> no VMPOSC.....	202
Tabela 30 -	Atuação da variável <i>informante</i> com usos categóricos das formas <i>tu</i> ou <i>ocê</i> no VMPOSC.....	203
Tabela 31 -	Atuação da variável <i>informante</i> na variação das formas <i>tu</i> e <i>ocê</i> no VMPOSC.....	205
Tabela 32 -	Atuação do fator <i>Informante</i> sobre o uso dos pronomes <i>tu</i> e/ou <i>ocê</i> em nossa amostra de Loregian-Penkal (2004) e da amostra do VMPOSC.....	208

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 01 -	Seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa você e “tu” no português brasileiro.....	42
Figura 02 -	Localização da cidade de Chapecó/SC.....	99
Figura 03 -	Localização de Itabaiana/SE.....	116
Figura 04 -	Localização da cidade de Natal/RN.....	119
Figura 05 -	Mapa-síntese da percepção dos chapecoenses com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território brasileiro.....	212
Figura 06 -	Mapa da percepção do informante CH15FBES com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território brasileiro.....	213
Figura 07 -	Mapa da percepção do informante CH09MBEFII com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território brasileiro.....	214
Figura 08 -	Mapa da percepção do informante CH14FBES com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território brasileiro.....	219
Figura 09 -	Mapa-síntese da percepção dos chapecoenses com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> em sua variedade linguística.....	222
Figura 10 -	Mapa-síntese da percepção dos chapecoenses com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> nas variedades de Itabaiana-SE e Natal-RN.....	229
Figura 11 -	Mapa-síntese da percepção dos chapecoenses com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território catarinense.....	236
Figura 12 -	Mapa da percepção do informante CH10MBEFII com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território catarinense.....	239
Figura 13 -	Mapa da percepção do informante CH09MBEFII com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território catarinense.....	240
Figura 14 -	Mapa da percepção do informante CH13MBES com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território catarinense.....	241
Figura 15 -	Mapa da percepção do informante CH11MBEM com relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território catarinense.....	243
Figura 16 -	Mapa da percepção do informante CH14FBES com	

	relação ao uso do <i>tu</i> e/ou <i>você</i> no território catarinense.....	244
Figura 17 -	Mapa-síntese da percepção linguística dos chapecoenses frente a sua variedade linguística no que tange à variação de referência de segunda pessoa do singular.....	247
Figura 18 -	Mapa da percepção do informante CH14FBES frente variedade linguística de sua comunidade de fala no que tange à variação de referência de segunda pessoa do singular.....	250
Gráfico 01 -	Frequência de uso dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no VMPOSC...	130
Gráfico 02 -	Atitude linguística dos chapecoenses frente ao estímulo <i>Você gosta de sorvete?</i>	256
Gráfico 03 -	Atitude linguística dos chapecoenses frente ao estímulo <i>Tu gostas de sorvete?</i>	258
Gráfico 04 -	Atitude linguística dos chapecoenses frente ao estímulo <i>Tu gosta de sorvete?</i>	261

LISTA DE ABREVIATURAS

DP – Dialetoлогия Perceptual

FNT – forma nominal de tratamento

GTs – Gramáticas Tradicionais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

RN – Rio Grande do Norte

SC – Santa Catarina

SE – Sergipe

VAR SUL - Variação Linguística Urbana no Sul do País.

VMPOSC – Variação e mudança linguística no Português do Oeste de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	OBJETIVO GERAL.....	21
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	21
1.3	QUESTÕES E HIPÓTESES.....	21
2	ESTADO DA ARTE	28
2.1	O PERCURSO HISTÓRICO DE TRANSFORMAÇÃO DA FORMA <i>VOSSA MERCÊ</i> PARA A FORMA <i>VOCÊ</i>	30
2.2	A REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS.....	34
2.3	AS PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS SOBRE A REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR.....	37
2.3.1	Na região Sul	43
2.3.2	Na região Nordeste	55
2.4	AS ATITUDES LINGUÍSTICAS: CONCEITUAÇÃO.....	64
2.5	AS VARIANTES <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i> E AS PESQUISAS VARIACIONISTAS DE PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	75
3	REFERENCIAL TEÓRICO	78
3.1	A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	78
3.2	A DIALETOLOGIA PERCEPTUAL.....	88
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	98
4.1	PRIMEIRA ETAPA: A REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM CHAPECÓ.....	98
4.1.1	Variação e Mudança Linguística no Português do Oeste de Santa Catarina	98
4.1.2	A variável dependente	103
4.1.3	As variáveis independentes: os fatores linguísticos e extralinguísticos controlados	104
4.1.4	O tratamento dos dados	108
4.1.5	A codificação dos dados	108
4.1.6	O suporte quantitativo	111
4.1.7	A análise dos dados	112

4.2	SEGUNDA ETAPA: PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS CHAPECOENSES FRENTE À REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR.....	113
4.2.1	Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no Português falado no Brasil....	114
4.2.1.1	Falares sergipanos.....	116
4.2.1.2	Banco de Dados FALA-RN.....	118
4.2.1.3	VARISUL.....	120
4.2.2	Os testes de percepções e atitudes linguísticas.....	122
4.2.3	Apresentação e análise dos dados.....	126
4.3	DADOS EXCLUÍDOS.....	127
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	129
5.1	AS RODADAS ESTATÍSTICAS.....	129
5.1.1	Presença/ausência de formas pronominais para referência à segunda pessoa do singular na posição de sujeito.....	134
5.1.1.1	Caracterização e hipóteses.....	134
5.1.1.2	Resultados e discussão.....	136
5.1.2	Referência pronominal.....	138
5.1.2.1	Caracterização e hipóteses.....	138
5.1.2.2	Resultados e discussão.....	142
5.1.3	Sequência discursiva.....	145
5.1.3.1	Caracterização e hipóteses.....	145
5.1.3.2	Resultados e discussão.....	149
5.1.4	Tipo de interlocução.....	151
5.1.4.1	Caracterização e hipóteses.....	151
5.1.4.2	Resultados e discussão.....	155
5.1.5	Tempo verbal.....	157
5.1.5.1	Caracterização e hipóteses.....	157
5.1.5.2	Resultados e discussão.....	159
5.1.6	Concordância verbal.....	162
5.1.6.1	Caracterização e hipóteses.....	162
5.1.6.2	Resultados e discussão.....	163

5.1.7	Regularidade e irregularidade do verbo.....	165
5.1.7.1	Caracterização e hipóteses.....	165
5.1.7.2	Resultados e discussão.....	167
5.1.8	Uso de <i>tu</i> e <i>você</i> no mesmo período/turno de fala.....	168
5.1.8.1	Caracterização e hipóteses.....	168
5.1.8.2	Resultados e discussão.....	170
5.1.9	Sexo/Gênero.....	172
5.1.9.1	Caracterização e hipóteses.....	172
5.1.9.2	Resultados e discussão.....	173
5.1.10	Faixa etária.....	178
5.1.10.1	Caracterização e hipóteses.....	178
5.1.10.2	Resultados e discussão.....	180
5.1.11	Escolaridade.....	186
5.1.11.1	Caracterização e hipóteses.....	186
5.1.11.2	Resultados e discussão.....	187
5.1.12	Sexo/Gênero entrevistador.....	197
5.1.12.1	Caracterização e hipóteses.....	197
5.1.12.2	Resultados e discussão.....	199
5.1.13	Informante.....	200
5.1.13.1	Caracterização e hipóteses.....	200
5.1.13.2	Resultados e discussão.....	201
5.2	PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS CHAPECOENSES FRENTE À REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA POSIÇÃO DE SUJEITO.....	209
5.2.1	O uso de <i>Tu</i> e/ou <i>Você</i> no Brasil: a percepção linguística dos chapecoenses.....	211
5.2.2	Percepção do chapecoense frente à referência de segunda pessoa do singular em Chapecó-SC, Itabaiana- SE e Natal-RN.....	220
5.2.3	O uso de <i>Tu</i> e/ou <i>Você</i> no estado de Santa Catarina: a percepção linguística dos chapecoenses.....	235
5.2.4	Percepção do chapecoense frente à referência de segunda pessoa do singular em Chapecó-SC.....	245

5.2.5	Atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular na posição de sujeito.....	253
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	288
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	294
	APÊNDICE A – Instrumento de coleta do uso de <i>Tu</i> e/ou <i>Você</i> no Brasil: a percepção linguística dos chapecoenses.....	306
	APÊNDICE B – Instrumento de coleta da percepção do chapecoense frente à referência de segunda pessoa do singular em Chapecó-SC.....	307
	APÊNDICE C – Instrumento de coleta do uso de <i>Tu</i> e/ou <i>Você</i> no estado de Santa Catarina: a percepção linguística dos chapecoenses.....	308
	APÊNDICE D – Instrumento de coleta do uso <i>Tu</i> e/ou <i>Você</i> no estado de Santa Catarina: a percepção linguística dos chapecoenses.....	309
	APÊNDICE E – Questionário para coleta de atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular.....	310
	APÊNDICE F – Estratificações das rodadas com o número de informantes equilibrado.....	314
	315
	ANEXO A – Ficha social do informante.....	316
	ANEXO B – Roteiro de entrevista sociolinguística usado para coleta de dados no projeto <i>Variação e mudança no português no Oeste de Santa Catarina</i>	318

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa¹ vincula-se ao projeto interinstitucional intitulado *Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil* (Chamada Universal – MCTI/CNPq nº 14/2013, processo 480654/2013-1)².

Os pronomes pessoais de referência à segunda pessoa do singular na posição de sujeito apresentam comportamento variável no Português Brasileiro (*doravante* PB), conforme constataram diversos estudos sociolinguísticos em diferentes cidades e regiões do país. Citem-se, por exemplo, as pesquisas³ de Ramos (1989), Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Zilli (2009), Franceschni (2011), Rocha (2012), Sales (2004), Alves (2010, 2012), Nogueira (2013), Moura (2013) e Silva (2015).

Inicialmente daremos destaque a duas investigações coordenadas por Scherre (2011, 2015), uma vez que a pesquisadora, juntamente com seus orientandos, desenvolve há tempos pesquisas com este objeto de estudo na região centro-oeste do Brasil.

O primeiro estudo⁴ discute a focalização dialetal da variedade brasiliense com relação à referência de segunda pessoa do singular e foi realizado por Andrade (2004), Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010). A amostra compreende na fala de nascidos na cidade de Brasília (DF) e foi coletada em diferentes épocas. No *Corpus Malvar* (Malvar, 1992), cujas amostras foram coletadas em 1991, Andrade (2004) não encontrou nenhum uso do pronome *tu*, e na área urbana de Sobradinho (DF) prevaleceu o uso da forma *você*, já na área rural prevaleceu a variante *cê* (50%). Assim, somente no início da década de 2000, que se constatou a presença significativa do pronome *tu* na fala brasiliense, especialmente na conversa entre jovens do sexo masculino, uma vez que, em 72% dos usos, o pronome *tu* apareceu com concordância verbal expressa, em comparação a *você* (17%) e a *cê* (11%).

O segundo estudo é uma compilação de diversas investigações realizadas ao longo do tempo e do território brasileiro, organizado por Scherre, Dias, Andrade e Martins (2015), no qual apresentam um mapa em que sistematizam os resultados de pesquisas em seis subsistemas de uso das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê* e sua relação com a

¹ Bolsista do Programa de Demanda Social Capes.

² Na subseção 4.2.1 apresentamos mais detalhes deste projeto.

³ Mais informações referentes às pesquisas citadas encontram-se na seção 2.3.

⁴ Cabe ressaltar que maiores informações dos presentes trabalhos encontram-se na seção 2.3.

concordância verbal: 1) Subsistema *só você* (*você/ocê/cê*); 2) Subsistema *mais tu com concordância baixa* (uso de *tu* acima de 60% dos dados com concordância abaixo de 10%); 3) Subsistema *mais tu com concordância alta* (uso de *tu* acima de 60% com concordância entre 40% e 60% dos dados); 4) Subsistema *tu/você com concordância baixa* (uso de *tu* abaixo de 60% com concordância abaixo de 10% dos dados); 5) Subsistema *tu/você com concordância média* (uso de *tu* abaixo de 60% e concordância entre 10 e 39% dos dados); e por fim, 6) Subsistema *você/tu* (uso de *tu* entre 1 a 90% sem concordância).

As pesquisas de que temos conhecimento até o momento na região Oeste de Santa Catarina (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004), região na qual se localiza a cidade foco de nossa pesquisa, se inscrevem no subsistema (4) de Scherre et al. (2015).

Vejamos mais detalhadamente esses dois estudos realizados em Chapecó/SC. A primeira pesquisa foi desenvolvida por Hausen (2000)⁵, que também analisou amostras de fala de Lages e Blumenau/SC. Assim, com base no banco de dados Variação Linguística na Região Sul do Brasil (*doravante* VARSUL), a autora constatou que, na “capital do oeste catarinense”, havia uma relativa estabilidade de uso das formas, com uma leve preferência para o uso da forma *tu*. Contudo, o trabalho desenvolvido por Hausen (2000) ficou restrito à observação da variação na comunidade, o que acabou por motivar Loregian-Penkhal (2004) a dar continuidade à pesquisa, analisando também a variação no indivíduo.

Loregian-Penkhal (2004, p. 20-21), por sua vez, investigou a fala de 203 informantes de quatro cidades de Santa Catarina (Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages), mais 11 entrevistas do bairro Ribeirão da Ilha (Florianópolis) e quatro cidades do Rio Grande do Sul (Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Porto Alegre), todas do VARSUL, e constatou quatro estruturas sintáticas diferentes com os pronomes: a) o pronome *tu*, explícito ou ausente, com a flexão canônica do verbo⁶; b) o pronome *tu*, explícito ou ausente, sem a flexão canônica do verbo⁷; c) o pronome *você*, explícito ou ausente, sem a flexão

⁵ Mais detalhes serão apresentados na seção 2.3.1.

⁶ Loregian-Penkhal (2004, p. 20) cita, a título de exemplo, o seguinte excerto de fala: “[...] porque *tu tens* que corrê em supermercado, *ø tens* que corrê pra promoção. Então *tu tens* que me dá o dinheiro da compra.” (RIB 03 MAGIN).

⁷ Conforme Loregian-Penkhal (2004, p. 20): “[...] *tu parteø* o bolo, *ø botaø* o recheio e depois *tu colocaø* o Leite Moça por cima e *ø salpicas* com amendoim. Uma delícia.” (FLP 11 FAGIN – 0975). Neste caso, a autora considerou que o pronome *tu* deveria aparecer antes da ocorrência, e assim, para ser considerada como pertencente a este, não poderia ocorrer alternância como o pronome *você* no mesmo período.

canônica do verbo de segunda pessoa do singular⁸; d) os pronomes *tu* e *você*, explícitos ou ausentes, se alternam na fala do mesmo entrevistado⁹.

Partindo do panorama exposto, hoje é diariamente constatado que essas formas pronominais são amplamente empregadas como referência à segunda pessoa do singular, destacamos as seguintes ocorrências com os pronomes *tu* e/ou *você*, e sua variante *cê*, na fala de chapecoenses de nossa amostra¹⁰:

(01) I¹¹: Isso, que daí a gente faz o que que[r] né, quer ir p[a]ra um ambiente mais de ahn, assim mais ahn tipo de vegetação mais natural **tu** pega né, assim se reúne[m] ali umas 10 pessoas, ou 4, 5 pessoas e \emptyset vai. **Tu** que[r] ir curtir às vezes uma, questão cultural diferente, também **tu** vai viaja[r] p[a]ra outra cidade né, porque Chapecó não tem oferta assim cultural, não tem oferta de lazer. (CH17MCES)¹²

(02) I: Daí quando, nós, eu acho que era a prime[i]ra aula com você né, depois **você** ia p[a]ra lá professora de ciências dele. (CH09MBEFII)

(03) I: Depois **cê** tem que me dize[r] quais. (CH18FCES)

(04) I: [...] por exemplo aqui em Chapecó, na verdade acho que é no Brasil inte[i]ro **tu** tem que escolhe[r] bem o lugar que **tu** vai mora[r] por exemplo o bairro de cada cidade, p[a]ra \emptyset ve[r] se **você** não vai se[r], assaltado se é perto das coisa[s] que **você** que[r] e \emptyset precisa[r]. (CH05FAEFII).

Como podemos observar, em nossa amostra, encontramos situações de referência à segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, em que o informante usa somente a

⁸ Conforme Loregian-Penkal (2004, p. 21): hoje **você** não consegue mais o mel puro, **você** consegue é mel açucarado. **Você** passa lá o cara diz: “Óh, mel puro!” Aí **você** compra, \emptyset **deixa** dois dias na geladeira, só tem açúcar.” (FLP 02 MAPRI – 0753). A autora considerou que o pronome *você* deveria aparecer explícito no mesmo período para que fosse considerado pertencente ao *você*.

⁹ Conforme Loregian-Penkal (2004, p. 21): “[...] **você** tem que ir até o fim. **Você** não pode dizer: “Ah, não, **tu** vais é morrer”. Não, **você** chega lá dizendo: “Não, isso aí ainda vai te reabilitá” e coisa, há? **Você** não pode dizer pra pessoa: “ \emptyset já táis morta”. Isso não se faz.” (FLP 02 MAPRI – 0609).

¹⁰ Maiores informações encontram-se no Capítulo 4, que compreende os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

¹¹ A partir deste momento, utilizaremos nas ocorrências apresentadas, o (I) como meio de demarcar a fala dos informantes e o (E) para demarcar a fala do entrevistador.

¹² Utilizamos essa descrição para identificar as informações sociais dos informantes, ou seja, primeiramente, aparece a localidade deste CH: Chapecó, na sequência aparece o número da entrevista (que pode ser de 01 a 19); o sexo/gênero (M: Masculino; F: Feminino); a faixa etária (A: Até 14 anos; B: 15-24 anos; C: 25-49 anos), e por último, o grau de escolaridade (EFI: Ensino Fundamental I; EFII: Ensino Fundamental II; EM: Ensino Médio, ES: Ensino Superior).

forma *tu*, tanto explícito quanto elíptico, no período/turno de fala, como é representado pela ocorrência (01); situações em que o informante utiliza somente o pronome *você* no período/turno de fala, como é o caso da ocorrência (02). Também, encontramos situações em que os informantes fizeram uso do *cê* (variante da forma *você*), como é exemplificado na ocorrência (03), e, por fim, houve momentos em que os informantes alternaram no uso das formas *tu* e *você* em posição de sujeito, tanto explícito quanto elíptico, como é exposto na ocorrência (04).

Observando a concordância verbal com os pronomes *tu* e/ou *você*, constatamos as seguintes situações em nossa amostra:

(05) I: Passa reto o Amazon lá vai chega[r] numa fazenda dos Guel lá, se passa[r] reto lá o Amazon, chega numa fazenda do Guel, do da família né? Guel, e daí lá daí tu, **tu** já vai costeando a a... essa Reserva do Ibama, daí \emptyset tem que ainda sai[r] da rua principal e andar mais uns 6 quilômetros mais, até na casa do senhor lá que ele deixa \emptyset estaciona[r] o carro. (CH17MCES).

(06) I: **[Vo]cê** pega ahn bota arroz né, depois \emptyset pega sal, água, depois **você** bo bota azeite daí **você** tem que fica[r] cuidando daí se come daí **[vo]cê** tem que mexe[r], daí assim se começa[r] assim a queima[r] **você** tem que pega[r] um[a] xícara d'água e \emptyset bota dentro p[a]ra não queima[r]. (CH07MAEFII).

Na ocorrência (05), o informante emprega somente o pronome *tu*, explícito e elíptico, isto é, não ocorre a alternância com o pronome *você*, porém, quanto à flexão verbal, contrariamente ao prescrito pelas GTs, utiliza a terceira pessoa do singular. Na ocorrência (06), identificamos na mesma fala do entrevistado casos em que o pronome *você* é empregado, tanto explícito quanto elíptico, sempre com o verbo conjugado na terceira pessoa e não na segunda pessoa do singular.

Não encontramos nenhuma ocorrência, em nossa amostra, de uso do pronome *tu* e/ou *você* com o verbo na segunda pessoa do singular, conforme prescrevem as GTs. Assim, a título de ilustração desta situação, apresentamos a ocorrência (07), dos dados de fala de Chapecó, que compõem o *corpus* do VARSUL, conforme descrito por Loregian-Penkal (2004, p. 22):

(07) [...] então o meu tio Moacir, que era irmão do meu pai e pai dela. ai me chamou: "Maurício, *tu trabalhas* no SESI das sete a uma da tarde e tal, será que à tarde tu não podias ficar com a Maria Helena". (FLP 23 MBCOL - 0500)¹³

Nas ocorrências (01) a (07), fica saliente que estamos lidando com uma variável complexa, uma vez que não podemos considerar o preenchimento da posição de sujeito pelos pronomes *tu* e/ou *você* desconsiderando a relação com a respectiva concordância verbal.

A variável da *concordância verbal* é uma das variáveis que constantemente é considerada nas pesquisas sociolinguísticas, como é o caso das pesquisas de Zilli (2009), Alves (2010), Rocha (2012), entre outros estudos, entretanto, estes consideram somente o fator concordância e não concordância do pronome *tu* com o verbo.

Contudo, como já expuseram Loregian-Penkall (2004) e Alves (2010), possuímos hoje no PB a *forma canônica modificada* (LOREGIA-PENKAL, 2004, p. 22), que compreende, “[...] em verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo - a atuação de processos fonológicos como *assimilação* progressiva do [s] sobre o [t], em que de: *falaste* > *falasse*; *viste* > *visse*, etc. (cf. MENON; LOREGIAN-PENKAL, 2002)”. Vejamos a seguinte ocorrência:

(08) [...] eu tava assistindo semana passada aquele Canal Livre. Não sei se *tu chegasse* a assisti ou \emptyset *escutasse* no caso. (FLP 19 MACOL - 1381)¹⁴.

Essa estrutura do PB que permite, por exemplo, a forma “*você foi*”, ou seja, o pronome de referência à segunda pessoa do singular com o verbo na terceira pessoa do singular, porém, não permite a estrutura *você foste*.

¹³ Loregian-Penkall (2004) utiliza essa descrição para identificar informações sociais dos informantes, ou seja, primeiramente, aparece a *localidade* deste (FLP: Florianópolis; RIB: Ribeirão da Ilha; POA: Porto Alegre; CHA: Chapecó; BLU: Blumenau; LAG: Lages; FLC: Flores da Cunha; PAN: Panambi e SOB: São Borja), na sequência aparece o *número da entrevista* (que pode ser de 01 a 24); o *sexo* (M: masculino; F: feminino); a *idade* (A: 25 a 49 anos; B: mais de 50 anos); o *grau de escolaridade* (PRI: primário; GIN: ginásio; COL: colegial), e por último o *número da linha* da qual o excerto fora retirado.

¹⁴ Como já apontamos, Loregian-Penkall (2004) utiliza para identificar as informações primeiramente, a localidade deste (FLP: Florianópolis; RIB: Ribeirão da Ilha; POA: Porto Alegre; CHA: Chapecó; BLU: Blumenau; LAG: Lages; FLC: Flores da Cunha; PAN: Panambi e SOB: São Borja), na sequência aparece o número da entrevista (que pode ser de 01 a 24); o *sexo* (M: masculino; F: feminino); a *idade* (A: 25 a 49 anos; B: mais de 50 anos); o *grau de escolaridade* (PRI: primário; GIN: ginásio; COL: colegial), e por último o número da linha da qual o excerto fora retirado.

Observar como os processos de variação, com seus aspectos linguísticos e extralinguísticos, ocorrem no PB é extremamente importante para compreendermos como se estrutura a língua que usamos, assim, a pergunta que se fez presente quando pensamos em nosso objeto de estudo foi: *O que leva o falante a usar um e não outro pronome para referência à segunda pessoa do singular na posição de sujeito?*

Partindo da pergunta exposta, se somos nós, falantes da língua, que optamos por uma e não outra estrutura, devemos, primeiramente, perceber que existem essas duas ou mais possibilidades de usos, assim, se o chapecoense percebe que, para a referência de segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, é possível o emprego dos pronomes *tu* e/ou *você*, como este avalia cada uma dessas formas? Até que ponto sua avaliação influencia na escolha de uso das formas nos diferentes contextos?

A postura do falante vai depender do modo como este percebe e julga as formas ao seu redor, contudo, perceber a existência de outras formas engloba a compreensão de diferentes fatores, pois

[...] Há percepções geográficas e percepções avaliativas acerca do dinamismo, da correção, da agradabilidade, do valor social, do valor de identidade de uma determinada variedade ou de um traço específico dessa variedade. E o conjunto dessas percepções compõe a percepção de prestígio que regulará as atitudes tomadas, que, por sua vez, poderão ter depois reflexos na mudança linguística. (FERREIRA, 2009, p.254)

Assim, se uma forma é percebida pelos falantes como algo positivo, de valor identitário ou ainda de prestígio, este apresentará uma atitude positiva e passará a fazer uso desta, pois, como definem Lambert e Lambert (1966, p. 77), atitude é “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Em resumo, se o falante percebe a presença das formas e, a partir da relação entre suas crenças, os sentimentos gerados por cada forma e o valor social destas, a avaliação e, conseqüentemente, a atitude do falante pode ser positiva ou negativa.

O motivo que nos levou a analisar as percepções e atitudes linguísticas do falantes, se deve pelo fato de que ainda são poucos os trabalhos que investigam as percepções e as atitudes linguísticas dos brasileiros quanto ao uso da língua, no que tange ao uso dos pronomes *tu* e/ou *você* (ROCHA, 2012; MIRANDA, 2014; FRANCESCHNI, 2011).

Labov (2008 [1972]) já alertara sobre a importância e a necessidade de estudos sobre as percepções dos falantes, já que estes influenciam no percurso da variação, como foi constatado em seu estudo sobre a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (EUA), realizado na década de 1960. O autor verificou a resistência linguística dos nativos da ilha aos turistas, ao constatar a ocorrência da centralização moderada de (ay) e nenhuma centralização de (aw), o que acabou comprovando que, mesmo que de uma forma inconsciente, alguns moradores nativos da ilha centralizavam (ay) e evitavam a centralização de (aw) como um meio de reafirmar o dialeto local, demarcando sua identidade cultural.

Os testes de percepção e atitudes também contribuem para verificar se as atitudes linguísticas acabam por direcionar os processos de variação e/ou mudança linguística. Isso porque, atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, entre outros, podem fortalecer a propagação de uma variante, se esta sofre um julgamento positivo, ou mesmo auxiliar no desaparecimento de outra, se esta sofrer rejeição na comunidade linguística (SILVA; AGUILERA, 2014).

De modo a captar as percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à variação na referência de segunda pessoa do singular, valemo-nos da interface da *Sociolinguística Variacionista* (cf. WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968, 2006; LABOV, 1972, 2008) com a *Dialetologia Perceptual* (PRESTON, 1989; PRESTON, LONG, 1999, 2002), uma vez que esta, em linhas gerais, objetiva documentar as percepções e atitudes linguísticas dos falantes de determinada comunidade de fala com o auxílio de mapas da localidade (bairro, cidade, região, estado, país, etc.), para que os informantes tracem fronteiras linguísticas de áreas nas quais eles acreditam que existem zonas de uma variedade de fala.

A cidade de Chapecó foi escolhida como foco desta pesquisa, uma vez que situa-se na região Oeste do estado de Santa Catarina, colonizada, principalmente, por migrantes gaúchos de descendência italiana e alemã, a partir do ano de 1931. A descrição da fala de Chapecó e das percepções e atitudes linguísticas dos falantes, no que tange ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, na posição de sujeito, auxiliará na discussão acerca da variação dos pronomes *tu* e/ou *você* no país, e os possíveis caminhos dessa variação. Além disso, contribuirá com as discussões e caracterização das estruturas que compõem o PB usadas por seus falantes, uma vez que nos proporcionará indícios das escolhas linguísticas dos falantes frente ao uso do pronome de segunda

pessoa do singular. Também, contribuirá para a realização de futuros estudos contrastivos com as variedades de outras comunidades de fala.

Com base no que foi exposto, apresentamos o objetivo geral e os objetivos específicos.

1.1 OBJETIVO GERAL

Descrever e analisar a referência à segunda pessoa do singular, na posição de sujeito, na fala de 19 informantes de Chapecó/SC, e mensurar a percepção e atitudes linguísticas de 7 informantes de Chapecó/SC, no que tange ao uso das formas *tu* e/ou *você*.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

(a) detectar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação na referência à segunda pessoa do singular, na posição de sujeito, na fala de 19 informantes chapecoenses.

(b) identificar as percepções e atitudes linguísticas de 7 informantes chapecoenses frente à variação na referência à segunda pessoa do singular, na posição de sujeito, com base em excertos de fala extraídos de bancos de dados sociolinguísticos das comunidades de Chapecó/SC, Natal/RN e Itabaiana/SE;

A fim de alcançarmos os objetivos propostos, apresentamos as seguintes questões e hipóteses:

1.3 QUESTÕES E HIPÓTESES¹⁵

(a) Quais fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a referência à segunda pessoa do singular na fala dos informantes de Chapecó?

¹⁵ Optamos por apresentar aqui as hipóteses gerais de pesquisa. As hipóteses específicas para cada instrumento e fator (linguístico e extralinguístico) testado serão apresentadas no Capítulo 5 *Apresentação e Análise dos Resultados*.

As pesquisas variacionistas sobre a referência à segunda pessoa do singular no Brasil identificaram fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem o uso de *tu* e/ou *você* na fala dos informantes de diferentes cidades do país. Destacamos alguns estudos com informantes de cidades de Santa Catarina, como Florianópolis (RAMOS, 1989; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ROCHA, 2012), Chapecó (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004) e Criciúma (ZILLI, 2009) na região sul, também, de seis capitais da região norte, como Belém (PA), Boa Vista (RR), Macapá (AP), Manaus (AM), Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC) (COSTA, 2013), e de duas cidades da Bahia, na região nordeste: Feira de Santana e Salvador (NOGUEIRA, 2013).

Na região Sul, Loregian-Penkhal (2004)¹⁶ constatou que, em Florianópolis, o pronome *tu*, com 591 ocorrências, é mais frequente do que o *você*, com 176 ocorrências. Contudo, na cidade de Chapecó, verificou o uso variável das duas formas com leve predominância da variante *você*, com 262 ocorrências, frente ao uso do *tu*, com 257 ocorrências. Na cidade de Florianópolis, os fatores linguísticos que apresentaram maior relevância para a alternância pronominal *tu/você* foram, em primeiro lugar, a *explicitação do pronome*, seguido pelo *gênero do discurso* e a *determinação do discurso*. Já quanto aos fatores extralinguísticos, o fator *sexo* apresentou maior relevância, seguido do fator *localidade*, *escolaridade* e *faixa etária* na capital catarinense. Na cidade de Chapecó, o fator linguístico de relevância na alternância pronominal *tu/você*, segundo o programa estatístico, foi o fator *gênero do discurso*, já os fatores extralinguísticos que apresentaram relevância foram, em ordem de importância, a *localidade*, a *faixa etária*, o *sexo* e a *escolaridade*.

Como se percebe, o fator *sexo/gênero* apresentou relevância em ambas as cidades catarinenses. Em linhas gerais, os resultados apontaram que as mulheres são favorecedoras no uso do pronome canônico *tu*. Contudo, observando a correlação da variável *sexo/gênero* com a *faixa etária* e a *escolaridade* dos falantes, percebe-se que as

¹⁶ Loregian-Penkhal (2004) investigou o comportamento de duas variáveis: 1) a alternância pronominal *tu/você* na fala de informantes do *corpus* VARSUL, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e da localidade do Ribeirão da Ilha (*corpus* BRESCANCINI); 2) (re)análise de Loregian (1996), sobre a concordância verbal com o pronome *tu* em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, e acrescentou-se as cidades de Chapecó, Blumenau e Lages (SC) e Flores da Cunha, Panambi e São Borja (RS). Foram analisadas 24 entrevistas de cada cidade de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e 11 do Ribeirão da Ilha, totalizando 203 informantes, distribuídos em duas faixas etárias (25 a 49 anos; mais de 50 anos), três níveis de escolaridade (primário; ginásio; colegial) e sexo (masculino; feminino).

mulheres mais jovens, e com ensino médio, direcionam-se a um maior emprego do pronome inovador *você*, assim como os homens da amostra.

Na cidade de Criciúma/SC, o estudo de Zilli (2009)¹⁷ considerou na análise os seguintes fatores linguísticos como condicionadores da alternância na referência à segunda pessoa do singular: *interação*, *paralelismo formal*, *tempo verbal*, *formas nominais* e *concordância verbal*, somente o fator *interação* (entre entrevistador e informante) é que foi significativo no uso das formas pronominais, constatando, também, que os informantes não são influenciados pela fala do entrevistador ao utilizarem o *tu* ou o *você*. Já em relação aos fatores extralinguísticos, a pesquisa controlou os fatores *sexo* e *escolaridade*. Obteve-se como resultado, sobre a variável social *sexo*, que as mulheres utilizam o pronome *tu* com maior frequência do que os homens, em relação ao fator *escolaridade*, demonstrou que o uso do *você*, nas três células escolares (primário com 4% dos dados, ginásio com 2% dos dados e no segundo grau com 15% dos dados), apresentam baixa frequência.

Em nossa pesquisa controlamos os fatores linguísticos: *referência pronominal* (conforme Zilli, 2009), *sequência discursiva* (conforme Rost Snichelotto, 2014); *tipo de interlocução* (conforme Loregian-Penkal, 2004); *tempo verbal* (conforme Loregian-Penkal, 2004); *concordância verbal*; *classificação do verbo*; *alternância dos pronomes tu e você no mesmo período/turno de fala* (conforme Loregian-Penkal, 2004), já os fatores extralinguísticos a serem controlados compreendem no *sexo/gênero*, a *faixa etária*, *escolaridade* e o *sexo/gênero entrevistador*, além da variável *informante*, para observarmos a variação no indivíduo. Tais fatores serão apresentados e analisados na subseção 5.1 deste trabalho.

Deste modo, temos como hipótese geral que, em Chapecó, haverá variação no uso das duas formas para referência à segunda pessoa do singular com o predomínio da forma *você*. Quanto aos fatores linguísticos que influenciam na escolha linguística dos falantes, temos como hipótese geral que, a variável *tipo de interlocução*, com *falas direcionadas ao entrevistador* ou quando o *falante relata sua própria fala*, influenciará a presença da forma *tu* (LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009), e que, o *tempo verbal*

¹⁷ Zilli (2009) analisou a variação linguística entre os pronomes *tu* e *você*, descrevendo o perfil linguístico dos falantes de Criciúma. Os dados analisados foram retirados de seis entrevistas do Banco de Dados “Entrevistas Sociolinguísticas” – UNESC cujos informantes foram devidamente estratificados de acordo com sexo (masculino e feminino), idade (mais de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e segundo grau).

exercerá grande influência na escolha linguística dos informantes (ZILLI, 2009), sendo que o *pretérito perfeito do indicativo* com desinência *-ste* (e sua variante *-sse*) propiciará a presença da forma *tu* (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 103). Frente aos fatores extralinguísticos que controlamos, temos como hipótese geral que apresentar-se-á maior uso da forma *você* na fala dos informantes mais jovens de nossa amostra (LOREGIAN-PENKAL 2004; ZILLI, 2009), também, que conforme maior o grau de *escolaridade* que apresentarem os informantes, maior será a presença da forma *tu* (LOREGIAN-PENKAL 2004; ZILLI, 2009). Cabe destacar que para cada variável independente controlada, temos uma hipótese delineada na caracterização das mesmas, no Capítulo 5, que trata da apresentação e análise dos dados.

(b) Quais as percepções e atitudes dos falantes de Chapecó frente à referência à segunda pessoa do singular no PB?

Os estudos variacionistas sobre a referência à segunda pessoa do singular no Brasil iniciaram com a pesquisa de Ramos (1989)¹⁸ e os apontamentos de Biderman (1972-1973) sobre o tratamento pronominal, que percebeu, por exemplo, que, no Rio Grande do Sul, o uso do *tu* é corrente, porém acompanhado das formas verbais de 3ª pessoa. Também, no Sul do Brasil, são pioneiros, segundo Loregian-Penkhal (2004), os trabalhos de Guimarães (1979), que analisou textos escritos da cidade de Porto Alegre, e de Loregian (1996)¹⁹.

Os estudos sobre percepções e atitudes linguísticas são menos frequentes. Não identificamos nenhuma pesquisa realizada, até este momento, que investigue as

¹⁸ Ramos (1989) investigou as formas de tratamento referentes à 2ª pessoa do singular usadas pelos ilhéus florianopolitanos da zona urbana. O *corpus* foi composto por 18 células ou grupos de informantes, na qual, cada uma dessas células foram entrevistadas 2 pessoas, resultando um total de 36 informantes, estratificados em sexo (feminino-masculino), idade (20-35, 36-50, 51 em diante) e escolaridade (primário-secundário-universitário).

¹⁹ Loregian (1996) realizou uma análise descritiva da concordância verbal com o pronome *tu* com dados de falantes das cidades de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), Florianópolis e Ribeirão da Ilha (SANTA Catarina). Os dados analisados das cidades de Porto Alegre (24 informantes) e Florianópolis (36 informantes) compõem o *corpus* do bando de dados do projeto VARSUL, e os do Ribeirão da Ilha (12 informantes) foram coletados por Brescancini (1996). Em suma, analisou-se um total de 2100 ocorrências, retiradas de 72 entrevistas, cujos informantes foram devidamente estratificados de acordo com sexo (masculino e feminino), idade (25-49 anos, 15-24 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e colegial).

percepções e atitudes dos informantes chapecoenses sobre a referência à segunda pessoa do singular.

Ramos (1989) afirma que a forma *você* é utilizada com pessoas estranhas ou da qual não se tenha intimidade, e que a forma *tu* possui um caráter íntimo, familiar e informal para os informantes de Florianópolis (SC). Arduin (2005)²⁰, corrobora a afirmativa quando relata que o uso da forma *você* remete respeito ou distanciamento e a forma *tu* indica proximidade e intimidade.

Na pesquisa de Rocha (2012)²¹ sobre o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do singular (*tu/você/o senhor*), constatou, em sua maioria, uma avaliação positiva frente a forma *você*, considerando-a como “boa” ou “mais bonita” que as demais formas de se referir à segunda pessoa (*tu e/ou senhor(a)*), contudo, os informantes não consideraram categoricamente estas formas como “feia” ou “ruim”, ainda que, boa parte deles considere o *tu* “feio” ou “ruim”. A autora também verificou que, quando o interlocutor é íntimo, como amigos, pai e mãe, os falantes preferem usar o *tu*.

Como já apontavam Weinrich, Labov e Herzog (1968[2006]), ao descreverem as bases teóricas que direcionam as pesquisas Sociolinguísticas, o *problema da avaliação* busca investigar o papel que as percepções e atitudes dos falantes possuem em relação a sua fala e a fala do outro no processo de propagação ou retenção da variação linguística, pois,

²⁰ Arduin (2005) teve como objetivo analisar a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu/seu*, nas cidades de Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages, Panambi, Porto Alegre e São Borja. Contudo, como há uma relação entre os pronomes pessoais *tu* e *você* e os pronomes possessivos *teu* e *seu*, também se observou a ocorrência da variação deste fenômeno (*tu e/ou você*), uma vez que o primeiro grupo selecionado significativo foi o paralelismo formal. Os dados, pertencentes ao banco de dados VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil) foram coletados de 192 entrevistas, sexo (feminino e masculino), idade (25-49 anos e + de 50 anos), tempo de escolarização (até quatro anos, até oito anos e até doze anos) e região/etnia (Florianópolis - capital, etnia açoriana; Porto Alegre - capital; Flores da Cunha - etnia italiana; Chapecó - etnia italiana; Blumenau - etnia alemã; Panambi - etnia alemã; Lages - caminho dos tropeiros; São Borja - zona de fronteira).

²¹ Rocha (2012) analisou um *corpus* constituído por uma amostra de 28 entrevistas de três corpora sincrônicos: 1) 16 entrevistas de Monguilhot (2006), 2) 4 entrevistas do Varsul, 3) 4 entrevistas de Ratonos e 4 entrevistas de Santo Antônio de Lisboa, Floripa (2009); estratificados de acordo com idade (15-36 anos, 22-33 anos, 48-74 anos, 45-75 anos) e escolaridade (ensino fundamental-ensino superior). Também, aplicou-se 40 testes de percepção e produção, realizados com informantes florianopolitanos, questionando sobre o uso real dos pronomes e a avaliação diante das formas pronominais de segunda pessoa (mais bonita-bona, mais feia-ruim), no segundo momento solicitaram que o informante produzisse a variável optando por uma ou outra variante linguística preenchendo as lacunas em branco ou as deixando em branco caso achasse necessário.

A teoria da mudança lingüística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Estes correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura lingüística. Além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança lingüística que tem de ser determinada diretamente. Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação desses correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo da mudança. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p.124).

Deste modo, em relação ao *problema da avaliação*, faz-se necessário considerar o papel do indivíduo chapecoense frente à mudança linguística e de suas percepções e avaliações frente à própria variedade, uma vez que são elas que determinam o valor social das variantes investigadas na fala de Chapecó.

Tem-se como hipótese assim, que os informantes da cidade de Chapecó percebem a variação na referência à segunda pessoa do singular, representada pelas variantes *tu* e/ou *você* no PB. Ainda, apresentam atitude positiva frente ao uso do *você*, considerando mais “bonita” ou “boa”, utilizada quando não se tem intimidade com o interlocutor, ao contrário do *tu*, que indica familiaridade e intimidade.

Partindo do exposto, esta dissertação está organizada da seguinte forma:

No Capítulo II, intitulado *Estado da arte*, apresentamos nosso objeto de estudo, os pronomes *tu* e *você*. Descreveremos o percurso histórico de transformação pelo qual passou a forma de tratamento *Vossa Mércê* até a forma atual *você*, bem como relataremos a abordagem dada às formas *tu* e *você* nas Gramáticas Tradicionais. Na sequência, relataremos o levantamento bibliográfico de pesquisas sociolinguísticas realizadas, nas regiões Sul e Nordeste, que têm como objeto de estudo a variação dos pronomes *tu* e *você*. Finalizando o capítulo, apresentamos a conceitualização de percepções e atitudes linguísticas e as pesquisas já realizadas sobre as percepções e atitudes linguísticas dos falantes frente à variação dos pronomes de segunda pessoa do singular (*tu* e/ou *você*).

No Capítulo III, intitulado *Referencial teórico*, expomos a fundamentação teórica na qual se embasa nossa pesquisa, constituída pela associação de postulados da *Teoria da variação e mudança linguística* (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]) e da *Dialetologia Perceptual* (PRESTON, 1989; PRESTON e LONG, 1999, 2002).

No Capítulo IV, intitulado *Procedimentos metodológicos*, detalhamos a metodologia utilizada na descrição e análise do fenômeno foco desta pesquisa. Apresentamos os passos seguidos tanto na primeira etapa, que compreende observar a variação no uso dos pronomes *tu* e/ou *você* e os fatores (linguísticos e extralinguísticos) que influenciam-na, quanto para a segunda etapa, que envolve a mensuração das percepções e atitudes linguísticas de informantes chapecoenses frente à variação dos pronomes *tu* e/ou *você*. Descrevemos o projeto *Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no Português Brasileiro* e os subprojetos que o compõem, uma vez que os excertos de fala utilizados nos testes de percepções e atitudes linguísticas fazem parte do mesmo, e os encaminhamentos para a coleta da percepção e atitude dos chapecoenses.

No Capítulo V, intitulado *Apresentação e Análise dos Resultados*, iniciamos com a análise da variação no preenchimento da referência à segunda pessoa do singular, na posição de sujeito, pelas formas *tu* e/ou *você*, caracterizando cada variável controlada e, na sequência, analisamos os resultados obtidos pelo programa estatístico GoldVarb X, observando se as hipóteses elencadas para cada variável independente são confirmadas ou não. Na segunda etapa deste capítulo, realizamos a análise das percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses frente ao uso das formas *tu* e/ou *você*, pontuando algumas observações sobre a questão do uso e da percepção e atitude linguística dos chapecoenses em relação aos pronomes *tu* e/ou *você*.

No capítulo VI, intitulado *Considerações finais*, sintetizamos os resultados gerais a que chegamos sobre o fenômeno variável enfocado nas duas etapas de nossa pesquisa.

2 ESTADO DA ARTE

Para aprofundar o estudo do objeto desta pesquisa, faz-se necessário atentar como se dá a referência à segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, nas gramáticas tradicionais e nos dicionários de língua portuguesa. Aborda-se também, de modo breve, a trajetória da mudança diacrônica pela qual a forma *você* passou, enfatizando sua relação com a forma *tu*. Para tanto, primeiramente, atentemos para a problemática na conceituação atribuída à categoria pronome nas GTs.

Etimologicamente, como descreve Loregian-Penkal (2004), a palavra *pronome* vem do latim *pronomem*, a qual é formada pela junção da preposição *pro* mais o substantivo *nomen*, cujo significado é “em lugar do nome”.

Algumas GTs, como por exemplo, Almeida (1985, p.170), definem pronome como “a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo”, do mesmo modo, Sacconi (1986, p.71), delimita pronome como “palavra que substitui ou acompanha um substantivo”. Igualmente acontece quando observamos os dicionários, como por exemplo o Houaiss e Villar (2009, p.609), uma vez que, embasam-se nas GTs, no qual o verbete “**pro.no.me** s.m.” é definido como “palavra que representa ou substitui um nome”.

Como se verifica, nas três definições foi adotado um critério formal, pois se trata de uma classe de palavras (pronome), que substitui ou pode substituir um substantivo, constituindo-se pelo nível sintático da língua.

Ainda, Houaiss e Villar (2009) descrevem os pronomes pessoais, como “*loc.subst.* pronome us. para designar as pessoas do discurso: a que fala (*eu, nós*); a com quem se fala (*tu, vós*); a de quem se fala (*ele, ela, eles, elas*)”. Neste caso, temos um critério semântico, uma vez que, o que está em jogo é o significado dos pronomes, “designar as pessoas do discurso”. Todavia, vale destacar que, ao se apontar entre as formas possíveis de uso dos pronomes, é deixado de lado as inovadoras, *você, a gente* e *vocês*, muito presentes hoje no uso dos falantes do PB.

Além da diferença encontrada entre Almeida (1985) e o Houaiss e Villar (2009), por um lado, e no outro Sacconi (1986), é de extrema relevância que nos primeiros, menciona-se apenas o fato da possibilidade de substituição dos substantivos pelos pronomes, ou ainda, que possuem função anafórica, como na frase “Quero falar com Pedro; *ele* está?” (SOARES, 1978, p.20, *grifo nosso*), enquanto que o segundo gramático,

admite tanto a substituição como o acompanhamento do pronome ao substantivo, exercendo assim, a função dêitica²².

Monteiro (1994, p. 29), questiona este posicionamento tradicional quanto ao uso dos pronomes, isso porque, há três problemas nesta definição: o primeiro deles é que nem todos os pronomes possuem a propriedade de substituição do nome; o segundo, porque os pronomes que exercem essa função nem sempre substituem os substantivos; e, por último, existem algumas expressões substitutivas que não se classificam como pronomes.

Assim, o autor ressalta que, mesmo que os pronomes (*eu/ nós-a gente/ tu-você/ vós-vocês*) possuam valor dêitico, e não substitutivo, são classificados, ainda assim, como pronomes substitutivos na maioria das GTs. De acordo com o citado, Jespersen (1924, p. 82), aponta que as propriedades de substituição não deveriam ficar restritas aos pronomes, mas sim, estender-se a um conjunto de palavras substitutivas, sendo que, classes de palavras, como advérbios e numerais, também apresentam caráter substitutivo, e nem por isso, são classificados como pronomes, pois, como percebemos nos exemplos abaixo, apontados por Monteiro (1994, p.29) e Loregian-Penkal (2004, p.27), os pronomes podem substituir orações, adjetivos ou mesmo, um advérbio:

- a) Eu deveria *sabê-lo*, tantas foram as vezes que eu li.
- b) Este menino foi *àquela casa*.
- c) Este menino foi *lá*.
- d) Mario e Luís são primos. Os *dois* brigam muito.

Neste capítulo, abordaremos, inicialmente, o percurso histórico de transformação da forma *Vossa Mercê* para a forma *você*. Na sequência, apresentaremos o tratamento dados aos pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você*, na função de sujeito, em algumas gramáticas tradicionais e no livro didático. Consequente, descreveremos algumas pesquisas sociolinguísticas, desenvolvidas tanto na região Sul quanto na região Nordeste do país, sobre a variação no uso dos pronomes *tu* e/ou *você*. Em seguida, tratamos da conceituação de atitudes linguísticas e seus reflexos no processo de variação e mudança linguística. Finalizando o capítulo, efetuamos um breve levantamento de pesquisas

²² Uso de gesto ou termos da língua (chamados dêiticos) para referir o enunciado ao momento da enunciação, aos interlocutores e ao lugar em que o discurso é produzido.

linguísticas que têm como foco as percepções e atitudes linguísticas dos falantes, frente aos pronomes de segunda pessoa *tu* e/ou *você*.

2.1 O PERCURSO HISTÓRICO DE TRANSFORMAÇÃO DA FORMA VOSSA MERCÊ PARA A FORMA VOCÊ

Muitas vezes, temos de recorrer à história para compreender um conteúdo, um sentido, ou mesmo a mudança de valor de uma forma considerada, anteriormente, prestigiada ou estereotipada. Como descreve Martin (2003, p.138), sobre o esclarecimento dessas mudanças linguísticas, “[...] partes internas dela permaneceriam inexplicadas sem o recurso à perspectiva histórica.” Assim, faz-se necessário perceber como ocorreu o processo de variação da língua que fez com que hoje, tenhamos duas formas que ocorrem, concomitantemente, para se referir a segunda pessoa.

Crettela Júnior (1958, p.31-32), descreve em sua obra que no latim existiam formas específicas para se direcionar a primeira e segunda pessoa do discurso, entretanto, não se tinha uma forma pronominal específica para se direcionar a terceira pessoa, que era indicada pela flexão verbal e especificada por meio de um substantivo ou por um pronome demonstrativo. Deste modo, com a mudança do latim para o português, modificou-se a estrutura pronominal, incluindo assim, formas pronominais de referência a terceira pessoa, uma vez que, conforme apontava Crettela Júnior (1958), vários pronomes demonstrativos exerciam esta função.

Assim, segundo Faraco (1996), existiam somente as formas pronominais *tu* e *vós* para se referenciar a segunda pessoa do singular e do plural, respectivamente, sendo que, a forma *tu* era utilizada para referir-se a uma única pessoa de modo menos formal, mais íntimo, já a forma *vos* era utilizada para se direcionar a uma pessoa de modo mais formal, ou ainda, para se direcionar a mais de uma pessoa, de modo mais ou menos formal.

Posteriormente, com a divisão do Império Romano e o surgimento de dois imperadores, necessitou-se dirigir-se a ambos ao mesmo tempo, assim, a forma plural *vós* fora empregada para tal função, mesmo que se dirigia a uma única pessoa. Assim, à forma *vós* é conferida certo *status*, sendo utilizada para se dirigir a pessoas da alta classe, pois, segundo Menon (1995, p. 93), a variação no preenchimento da segunda pessoa do discurso, teve início na forma plural *vós*, por ser esta, a forma menos marcada, e para o

tratamento entre as pessoas da classe baixa utilizava-se a forma *tu*, com esse tratamento mais íntimo, bem específico e em casos determinados, com isso, acaba se tornando socialmente marcada.

Para observar essa mudança do latim para o português europeu, é preciso observar como estruturava-se a sociedade durante a idade média, mais especificamente, no século XII, na Europa Ocidental, sendo que, com uma econômica centrada nas cidades, emerge uma nova classe social, a burguesia, que enfraquecia o poder dos senhores feudais, e fortalecia o poder dos reis, resultado da luta entre burguesia e nobreza.

Com esses novos padrões sociais portugueses, que emergiram entre os séculos XV e XVI, surgiram também novas formas para se dirigir ao interlocutor, dentre elas, a forma *Vossa Mercê*²³, que aparece como meio de direcionamento ao rei. A sociedade portuguesa, com o surgimento da burguesia, potencializou a popularização da forma *Vossa Mercê*, gerando o “desgaste semântico e formal de tal FNT²⁴ a ponto de originar um novo pronome (o *você*) que, por sua vez, convive, na sincronia atual do PB, com o *tu* nos mesmos domínios funcionais.” (RUMEO, 2012, p. 37-38), que deixou, segundo Santos Luz (1956), em 1455, de ser tratamento exclusivo ao rei, sendo substituída, a partir de 1468, pelo *Vossa Alteza*.

Sobre a forma *Vossa Mercê*, Santos Luz (1956, p.307-308), pontua que quando os súditos apresentavam suas solicitações aos reis portugueses, utilizavam o habitual *vós*, mas, conforme a solicitação, empregavam a *graça* ou *mercê* do mesmo, no tratamento dado *vossa mercê* por *vós*, ou seja, não se direcionavam a pessoa em si, mas sim, ao soberano.

Contudo, no século XV, a forma *vós* se populariza, passando a ser usada para se referenciar qualquer superior e, não mais, somente ao rei, que passou a ser tratado por *Vossa Alteza*, o que resultou, assim, já no século XVIII, uma forma completamente arcaica, sendo utilizada somente no âmbito religioso, fora substituída pela forma *você*, permanecendo usada na intimidade, tanto no tratamento igual quanto no de superior para inferior, a forma *tu* (MENON, 1995, p. 93). Cintra (1972, p.21), aponta que o *Vossa Mercê*,

²³ Interessante destacar que, segundo Sousa (2008, p. 87) e Santos Luz (1956, p. 307-308), o termo *mercê*, é um substantivo que refere-se a uma solicitação, ou mesmo, generosidade do rei a alguém, usada, muitas vezes, pelos súditos como forma de agradecimento.

²⁴ FNT: forma nominal de tratamento.

primeiramente, passa a ser usado no tratamento a duques e infantes, depois no tratamento a fidalgos e, já no início do século XVI, para patrões e burgueses, passando, no século XVII, a ser considerado um tratamento insultoso.

Vale ressaltar que, quando uma forma se tornava de uso popular no português, a mesma era abandonada pela classe social prestigiada, sendo substituída por outra, pois era usada como meio de diferenciar os *status* dos falantes na sociedade, muitas vezes, punindo aqueles que não respeitassem essas regras de tratamento estabelecidas. Como destaca Faraco (1996, p. 61), as “formas particulares de tratamento tinham valores especiais de prestígios [...] ligadas a elas em virtude de serem usadas por um subgrupo específico de pessoas”, contudo, nenhuma referência se fazia a forma *Vossa Mercê*.

Segundo Nascentes (1956, p. 118), tanto no Brasil quanto em Portugal, não conseguimos, por falta de estudos cronológicos, datar oficialmente o surgimento da forma *você*. Contudo, o autor relata que, no final do século XVIII, em Portugal, já encontramos a presença do pronome *você* em textos escritos, tomando como exemplo a cantiga *Amor não é brinco*, de Lerenó²⁵.

Em relações assimétricas (de superior para inferior), em Portugal, nos séculos XIII e XIV, a forma *você* tornou-se mais produtiva, em relação ao *Vossa Mercê*, passando, mais tarde, a se tornar uma forma estigmatizada, enquanto que, no Brasil, as formas *tu* e/ou *você* concorreram de modo mais acentuado “nas relações solidárias mais íntimas a partir do século XIX” (LOPES; CAVALCANTE, 2011, p. 36).

Lopes e Cavalcante (2011, p. 36) apontam que, “em termos históricos, *Vosmecê*, *mecê*, *vosse*, *você* e a própria forma *Vossa Mercê* aparentemente chegaram ao Brasil sem a força cortês dos primeiros tempos – séculos XIII-XIV”.

Na escrita, Lopes e Duarte (2003) percebem que, em peças teatrais brasileiras e portuguesas dos séculos XVIII e XIX, na primeira metade do século XVIII, as formas (*Vossa Mercê*, *tu*, *vós*) ocorrem de maneira equilibrada, contudo, *você* aparece com baixo emprego. No decorrer do tempo, houve, segundo as autoras, um significativo aumento no uso do *tu*, decrescendo um pouco, na segunda metade do XIX, aumentando o uso do *você*.

²⁵ Trecho da cantiga *Amor não é brinco*:

Você trata amor em brinco.
Amor o fará chorar.
Veja lá com quem se mete
Que não é para zombar.

Com a expansão no uso, a forma *Vossa Mercê* acaba por passar por mudanças, tanto no nível fonético, na qual ocorreu, nitidamente, uma redução de fonemas, quanto no valor semântico, de uma forma de cortesia passa para o tratamento entre iguais (tratamento honorífico²⁶), até chegar à forma *você*. Segundo Nascentes (1956, p.116-117), sobre o processo de transformação da forma *Vossa Mercê* para a forma *você*,

Quando se começou a dar **senhoria** ao rei de preferência a **mercê**, o título que para sua pessoa se escurecia era alfaia preciosa ainda para ser adjudicada por vassalos e fidalgos que a fortuna ou o nascimento colocavam acima do vulgo. O simples **vós** não distinguia o respeito devido a nobre ou rustico. O calculo falhou. **Vossa mercê** agradava a todo o mundo. A classe humilde não tardou em apoderar-se da formula nova para uso proprio, mas sendo expressão um tanto longa e tendo de ser repetida a cada instante, a gente do povo abreviou-a em **vossancê**, **vossemecê**, **vossecê** e finalmente **você**. (...) **Vossa mercê** se transformou em **vossemecê**. De **vossemecê** se passou a **vosmecê** e desta forma por intermedio das formas hipoteticas **vosm'cê** e **voscê**, se fez **você**, que ainda se alterou para **ocê** e finalmente para **cê**.

No percurso apontado por Nascentes (1956), percebemos que a locução nominal (pronome possessivo *vossa* + substantivo *mercê*), sofre um processo de gramaticalização, ou seja, os itens lexicais passam a assumir funções gramaticais, gerando, assim, uma mudança de categoria, no presente caso, passando de locução nominal para pronome.

Observando o aspecto fonético-fonológico, as formas abreviadas *vossancê*, *vossemecê*, *vosmecê* e até o *você*, representam um processo de redução fonológica. Já do ponto de vista morfossintático, trata-se de um processo de pronominalização, no qual, o *Vossa Mercê* (conjunção de *vossa* - pronome possessivo da segunda pessoa + *mercê* - substantivo feminino), isto é, duas palavras autônomas, com significado próprio, reduz-se a um lexema, o *você* (pronome pessoal). Por fim, do prisma pragmático, são várias as transformações que a forma *Vossa Mercê* passou no decorrer da história da língua portuguesa, por exemplo, nos fins do século XIV e na primeira parte do século XV, usado no tratamento real, em torno de 1460, usado no tratamento mais usual para o monarca, abandonando, no fim de século XV esta finalidade, passando a ser usado para duques e infantas, depois para simples fidalgos, e no século XVI, no trato dos criados a seus patrões burgueses.

²⁶ Segundo Menon (1995), o *Vossa Mercê*, forma clássica de se referir ao interlocutor: primeiramente usado numa relação de inferior para superior, para, depois, passar a ser usado também numa relação de igual para igual e de superior para inferior.

Apresentamos aqui, uma rápida síntese do percurso histórico da mudança do pronome de tratamento *Vossa Mercê* até chegar ao pronome pessoal *você*. Na próxima seção, relataremos como as Gramáticas Tradicionais e o Livro Didático apresentam os pronomes *tu* e/ou *você*.

2.2 A REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

No ensino de língua portuguesa, a reflexão sobre os usos dos pronomes (ou qualquer que seja o fenômeno gramatical em questão), não tem se dado com base no desenvolvimento, especialmente, da habilidade de análise linguística. Isso porque, o entendimento do que seja análise linguística não é claro, pelo menos não para muitos instrumentos (manuais, livros didáticos, gramáticas tradicionais, entre outros), utilizados pelos professores.

Com uma breve análise nas GTs, percebe-se que estas, em linhas gerais, conceituam os pronomes como “[...] indicadores universais das três pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala e de quem/que se fala [...]” (VIEIRA, BRANDÃO, 2007, p. 105).

Pontuamos, na seção anterior, o processo de transformação pelo qual passou a forma de tratamento *vossa mercê* até chegar ao pronome *você*, contudo, essa mudança ainda não está presente no quadro pronominal tradicional (ALMEIDA, 1985, p.172), ou seja, como percebemos pelo Quadro 01 abaixo, mesmo com as modificações na língua, mais especificamente na composição do quadro pronominal, este ainda não se adaptou a nova estrutura pronominal, resultando o seguinte quadro:

<i>PRONOMES PESSOAIS SUJEITO</i>		
Pessoa Gramatical	Retos	
Singular	1 ^a	eu
	2 ^a	tu
	3 ^a	ele, ela
Plural	1 ^a	nós
	2 ^a	vós
	3 ^a	eles, elas

Quadro 01 – Pronomes pessoais retos nas GTs (VIEIRA, BRANDÃO, 2007; CUNHA, CINTRA, 2008; FARACO, MOURA, MARUXO 2010; ROCHA LIMA, 2010 [1957]).
 Fonte: Adaptado de VIEIRA e BRANDÃO (2007); CUNHA e CINTRA (2007, 2008); FARACO, MOURA e MARUXO (2010); ROCHA LIMA (2010[1957]).

Conforme o Quadro 01 apresentado, a realidade presente nas GTs, frente ao paradigma pronominal, não corresponde à realidade linguística presente do discurso dos brasileiros, estando desatualizadas as informações apresentadas, como por exemplo, a segunda pessoa do singular, que ainda é representada somente pelo pronome *tu*, enquanto que a forma *você*, amplamente usado, não é sequer apresentada na descrição.

Com relação à utilização da forma *você*, não se tem um único e claro posicionamento, pois alguns gramáticos, como Bechara (2002), Rocha Lima (1992) e Almeida (1985) e Cunha (1980), consideram-no uma forma de tratamento, em outras, como Cunha e Cintra (1985) e Kury (1964), concebem-na como uma forma de segunda pessoa ou um pronome de tratamento de segunda pessoa. Deve-se ressaltar que Bechara (2005), descreve sobre o pronome *você* em uma breve nota, não explicando, mais detalhadamente, a utilização dos pronomes *tu* e/ou *você*, o que pode gerar uma confusão pelo falante, ao interpretar o que está escrito, podendo assim, gerar uma concepção de que esta forma não é possível de ser usada na língua concomitantemente a forma *tu*, isso porque, não se esta claro que a forma *você* é de uso possível e, muitas vezes regular, na fala dos indivíduos.

Mesmo na denominação de pronome de tratamento, encontramos distintos posicionamentos, sendo que, por exemplo, os pronomes de tratamento podem ser utilizados quando quer se dirigir ao interlocutor de modo cortês e cerimonioso (CEGALLA, 1985, p.152), ou ainda, podem ser considerados “palavra ou expressão que substitui a terceira pessoa gramatical” (ALMEIDA, 1985, p.314), enquadrando-se nesta definição formas como: fulano, beltrano, sicrano, a gente, *você*, vossa mercê, entre outras.

Cunha (1980, p. 292-293), ao comparar o Português Europeu (doravante PE) com o PB, no que tange à segunda pessoa do caso reto, afirma que, no PE, “a forma pronominal *tu* é de emprego geral”, o que não ocorre no PB segundo o autor, pois “seu uso restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da Região Norte”, sendo substituída, no restante do país, pela forma *você*.

Essa afirmação, de que o uso do *tu* se restringe a região sul e norte do país, é facilmente contestada pelos estudos variacionistas que descrevem o real uso da língua pelos falantes, no que tange ao uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, sendo que, conforme perceberemos na seção 2.3, a forma *você* também é muito empregada nessas regiões, ocorrendo o uso predominantemente do *você* em algumas cidades, havendo uma variação considerável no emprego no uso da forma *tu* frente à forma *você*.

Com relação ao tratamento das formas *tu* e/ou *você* nos livros didáticos, analisamos o livro do 6º ano da coleção *Português: linguagens* (CEREJA; MAGALHÃES, 2012)²⁷, mais especificamente, as seções intituladas *língua em foco*, que é subdividida nos seguintes tópicos: construindo o conceito, conceituando, a categoria gramatical estudada na construção do texto, semântica e discurso.

Inicialmente, os autores conceituam os pronomes como “palavras que substituem ou acompanham um nome, principalmente, o substantivo” (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 194), ressaltando a diferença entre pronomes substantivos (usados no lugar de substantivos já citados ou implícitos) e pronomes adjetivos (acompanha o substantivo transmitindo ideias de posse, de localização espacial ou temporal, entre outras informações).

Na sequência, os autores apresentam o mesmo quadro de pronomes pessoais exposto mais acima (*eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas*). Contudo, ainda relatam o posicionamento de alguns pesquisadores sobre o uso das novas formas pronominais (*você, vocês* e *a gente*), em um tópico intitulado *Contraponto* (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p.196), no qual ressaltam que

Atualmente, alguns especialistas defendem a inclusão de 'você' e 'vocês' e da expressão 'a gente' entre os pronomes pessoais pelo fato de essas palavras, cada dia mais, estarem sendo utilizadas, respectivamente, em lugar de 'tu', 'vós' e 'nós'.

²⁷ A presente coleção possui volumes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, foi aprovada no processo avaliatório do PNLD/2014, estando presente no Guia de livros didáticos de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental.

O pronome 'vós' era empregado com maior frequência do que hoje e serve para alguém se dirigir de modo cerimonioso tanto à única pessoa quanto a um conjunto de pessoas. Nos dias de hoje, seu uso se restringe a situações muito formais. No lugar dele, emprega-se o pronome de tratamento 'você' ou 'vocês'. Nas últimas três décadas, o uso do pronome 'tu' também entra em declínio por influência da televisão que, geralmente, prefere a forma 'você' a 'tu'.

Outro momento no qual as formas *tu* e *você* são trabalhadas é quando os autores propõem a seguinte reflexão: “Na sua opinião, 'você' e 'a gente' deveriam figurar entre os pronomes pessoais?”. É interessante este apontamento, pois, é neste instante que o aluno começa a repensar que existem outras formas de usos da língua e, ainda, que estas outras formas podem ser categorizadas como pronomes. Entretanto, ainda apresentam o quadro pronominal sem a presença do pronome *você*.

Görski e Coelho (2009, p. 84), afirmam que o paradigma pronominal que é apresentado nas GTs, e em grande parte dos livros didáticos, que servem para o ensino da língua materna, não representam a total realidade do paradigma em uso no PB, pois deixam de lado algumas formas utilizadas pelos indivíduos, como, por exemplo, o *você*. Assim, percebemos que a mudança gradual que ocorreu com o passar dos anos, no que tange ao uso dos pronomes, não foi incorporada as GTs e, conseqüentemente, aos livros didáticos.

Dado que as GTs não incorporaram essa mudança de uso dos pronomes de segunda pessoa, sendo que, não consideram o uso efetivo dos falantes, na próxima seção, apresentamos estudos que tratam de descrever a variação dos pronomes *tu* e/ou *você* nas regiões Sul e Nordeste do país, de modo que, compreenderemos essa disparidade entre o que as GTs prescrevem e ao real uso da língua, frente aos pronomes *tu* e/ou *você*.

2.3 AS PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS SOBRE A REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

Partindo do que já fora exposto, sobre o percurso histórico de transformação da forma de tratamento *Vossa Mercê* até chegar a forma *você* e, principalmente, como ocorre o tratamento da forma *você* nas GTs e nos livros didáticos, faz-se necessário observar como ocorre à referência à segunda pessoa do singular na fala dos brasileiros. Para tanto, muitos estudos, como Ramos (1989), Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Zilli (2009), Franceschni (2011), Rocha (2012), Sales (2004), Alves (2010, 2012), Nogueira

(2013), Moura (2013) e Silva (2015), entre outros, descreveram e analisaram a variação, do fenômeno em questão, com base em *corpora* de diferentes cidades das regiões sul e nordeste.

Antes de passarmos para a descrição das pesquisas acima citadas, que são focadas nas regiões Sul e Nordeste, descreveremos dois trabalhos de Scherre et al (2011, 2015), uma vez que, estes se fazem de extrema importância quando trabalhamos com a variação na referência de segunda pessoa do singular no PB.

O primeiro trabalho, publicado em 2011, é resultado das pesquisas, orientadas por Scherre, realizadas por Andrade (2004), Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010), na fala da variedade linguística brasileira, sendo que, o *corpus* dessas pesquisas compreende em amostras de fala das pessoas que nasceram na cidade de Brasília-DF, coletadas por diferentes meios e em distintas localidades da cidade em 2004-2005 (Lucca, 2005), 2006-2007 (Dias, 2007) e 2008-2009 (Andrade, 2010).

Em linhas gerais, os fatores controlados foram: tipo de relação entre os interlocutores e as interlocutoras; sexo e faixa etária dos falantes e das falantes e/ou dos interlocutores e das interlocutoras; local de moradia dos falantes e das falantes; profissão dos falantes e das falantes; origem geográfica dos pais e das mães dos falantes e das falantes; tipo de assunto; tipo de discurso, se relatado ou se próprio; tipo de referência, se genérica ou se específica; e função sintática, entre outros aspectos.

O primeiro aspecto que chama a atenção foi que a pesquisa de Andrade (2004), com base em parte do *Corpus Malvar* (1992), mais especificamente, com os dados de fala de 1991, com falantes entre 10 e 14 anos, de ambos os sexos, os dados não apresentaram nenhum dado de uso da forma *tu*, o que poderia ser justificado pela faixa foco, contudo, é salientado que não podemos afirmar que este seja o motivo.

Assim, as ocorrências de referência à segunda pessoa do singular se apresentaram na área urbana de Sobradinho-DF, com preferência de uso da forma *você* em 63% dos dados (57/90), seguido da forma *cê* com 31% das ocorrências (28/90) e, por último, a forma *ocê* com 6% dos dados (5/90); já na área rural, os falantes usaram mais a forma *cê* com 50% das ocorrências (16/32), seguido da forma *você* com 44% dos dados (14/32) e, por último, a forma menos utilizada foi o *ocê* com 6% das ocorrências (2/32). Interessante perceber, que na área urbana a forma *você* se sobrepõe as demais, já na área rural, a forma que se destaca é o *cê* e, também é necessário ressaltar, que tanto na área urbana quanto na rural, a forma *ocê* aparece em 6% das ocorrências.

Na pesquisa seguinte, realizada por Lucca (2005), já se constata a presença da forma *tu* na fala brasiliense, principalmente em conversas entre jovens do sexo masculino, uma vez que, o *corpus* de análise compreendeu em amostras de fala de brasilienses jovens com idade entre 15 e 19 anos, predominantemente do sexo masculino, pois, o autor julgou ser este o primeiro grupo a se apropriar da forma *tu* em sua fala.

Para as coletas, foi solicitado aos adolescentes da rede pública de ensino que realizassem gravações ocultas entre si e seus amigos, deste modo, apareceram contextos de conversas entre rapazes, entre rapazes e garotas e entre rapazes e adultos. Assim, como a maioria das falas ocorreram com pares solidários, o uso do *tu* foi significativo, pois, em 72% das ocorrências (326/452) os informantes usaram este, sempre sem concordância verbal expressa; somente em 17% das ocorrências que os informantes usaram o pronome *você* (75/452) e 11% do pronome *cê* (51/452).

Já a pesquisa de Dias (2007), ao contrário de Lucca (2005) que focou na fala de jovens masculinos entre 15 e 19 anos, esta buscou analisar o comportamento linguístico das mulheres e de pessoas de outras três faixas etárias (13-19 anos; 20-29 anos; e mais de 30 anos). Este trabalho focou na descrição do comportamento do pronome *tu* na amostra, assim, a pesquisa foi feita com 18 pessoas, com três homens e três mulheres de cada faixa etária, também, foi controlado a profissão do informante em: servidor público (mais conservador) e não servidor público (menos conservador).

A coleta ocorreu com a gravação realizada pelos próprios informantes, em conversas com familiares, amigos e colegas de trabalho, outras gravações foram feitas pela pesquisadora, que somente observou os contextos de comunicações informais dos informantes.

Os resultados apresentados sobre o comportamento da variável *tu* na amostra analisada, demonstram que 14,9% dos dados foram produzidos por informantes do sexo masculino e 10,8% das ocorrências por informantes do sexo feminino. Destes, tanto nos dados produzidos por homens quanto por mulheres, a faixa etária que mais produziu o pronome *tu*, compreende nos informantes com idades entre 13 e 19 anos de idade, sendo que, 41,5% dos dados foram produzidas por homens com essa faixa etária e 22,6% das ocorrências por mulheres.

A última pesquisa apresentada neste trabalho compreende na de Andrade (2010), que concentrou sua coleta, em 70% dos dados, na Vila Planalto, sendo as demais coletadas em Asa Norte, Sudoeste e Lago Sul. Destaca-se que a amostra não foi

equilibrada. Outro aspecto a ser pontuado é que, a Vila Planalto, inicialmente foi pensada para acomodar os operários que construiriam a cidade de Brasília-DF, sendo que esta, localiza-se próximo a região administrativa. Assim, como vieram operários de diversas partes do país, esta pesquisa concentrou sua coleta com informantes de idades entre 7 e 15 anos, de ambos os sexos.

Deste modo, a pesquisa considerou as variantes *tu*, *você* e *cê*, e os resultados com relação ao comportamento do pronome *tu* é que este tende a ser favorecido na fala dos falantes da Vila Planalto, de ambos os sexos, se os pais vieram que alguma cidade da região Nordeste, apresentando PR 0,57; já quando os pais são de Brasília e do Nordeste o PR é de 0,60; e se ambos os pais são de Brasília, não favorecem o uso de *tu*, pois o PR é 0,45. O contexto que menos favorece o uso do pronome *tu*, compreendeu nos falantes que não residem fora da Vila Planalto e os pais não vieram da região Nordeste, pois apresenta PR 0,09, informações essas, que demonstram a influência que a presença dos migrantes da região Nordeste exercem no uso do pronome *tu* na fala brasiliense.

Já com relação ao comportamento do pronome *você*, a pesquisa constatou que este é favorecido se os pais dos informantes residem fora da Vila Planalto e não provenientes da região Nordeste, com PR 0,50. Frente a variante *cê*, esta é favorecida se os pais dos informantes são de Minas Gerais, com PR 0,70, também, se os pais do falante são do Nordeste, porém, de estados diferentes, com PR 0,44, e, por fim, o uso é claramente desfavorecido se a quase totalidade das mães forem brasiliense, com PR 0,15.

Em linhas gerais, o *tu* utilizado pelos brasilienses sem a presença da concordância verbal, se revelou como um traço de focalização dialetal, uma marca de identidade da fala brasiliense em formação.

Já o segundo trabalho de Scherre (2015), com colaboração de Dias, Andrade e Martins, que apresentaremos aqui, não enfoca somente os estudos realizados na cidade administrativa de Brasília, mas sim, é considerado um estudo significativo pois se trata da referência à segunda pessoa do singular no PB, por compreender um compilado de trabalhos sociolinguísticos realizados ao longo do território brasileiro, em diferentes períodos de tempo.

Para Scherre et al (2015), com base nos trabalhos que embasaram o trabalho, o PB conta com seis formas dos falantes se dirigir à uma segunda pessoa no discurso, tanto de forma direta quanto indireta, pelas formas *você*, *cê*, *ocê*, *tu* e *o senhor* e *a*

senhora, contudo, como a maioria dos trabalhos levantados não tem como foco as formas *o senhor* e *a senhora* no PB.

Como se trata de trabalhos realizados em diferentes locais, apresentaremos neste momento, as características relevantes para se compreender como ocorreu a união dos resultados das pesquisas, contudo, trataremos as especificidades das regiões foco de nossa pesquisa no início das seções 2.3.1 e 2.3.2, que tratam, respectivamente, do levantamento bibliográfico da Região Sul e Região Nordeste.

Os resultados deste compilado de trabalhos foi organizado a partir de 60 amostras diversificadas, que coletaram em torno de 29 mil dados, mais especificamente, 24.355 dados de 41 amostras de entrevistas sociolinguísticas, 4.075 dados de 12 amostras de conversas naturais estimuladas e não estimuladas, ocultas e não ocultas, 328 dados de 6 entrevistas geolinguísticas e 243 dados de 1 conversa estimulada por gravuras.

Como o objetivo deste trabalho é observar como ocorre a distribuição geográfica, mais geral, de uso dos pronomes, Scherre et al (2009), já ponderava que, no PB, é possível identificar seis subsistemas pronominais, em função do uso variável de *você* e suas variantes *cê* e *ocê*, da variável *tu* e da concordância variável com o pronome *tu*, porém, Scherre et al (2015), revisaram estes subsistemas e o estruturam agora da seguinte maneira:

1. Subsistema **só você**: uso exclusivo das formas 'você/cê/ocê';
2. Subsistema **mais tu com concordância baixa**: uso médio de 'tu' acima de 60% com concordância abaixo de 10%;
3. Subsistema **mais tu com concordância alta**: uso médio de 'tu' acima de 60% com concordância entre 40% e 60%;
4. Subsistema **tu/você com concordância baixa**: uso médio de 'tu' abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%;
5. Subsistema **tu/você com concordância média**: uso médio de 'tu' abaixo de 60% com concordância entre 10% e 39%;
6. Subsistema **você/tu**: 'tu' de 1% a 90% sem concordância. (SCHERRE; DIAS; ANDRADE; MARTINS; 2015, p. 138-139)

Com esses subsistemas estruturados e de posse dos trabalhos realizados sobre à referência à segunda pessoa do singular, Scherre et al (2015) organizou os resultados das pesquisas em um mapa, segue o mesmo:

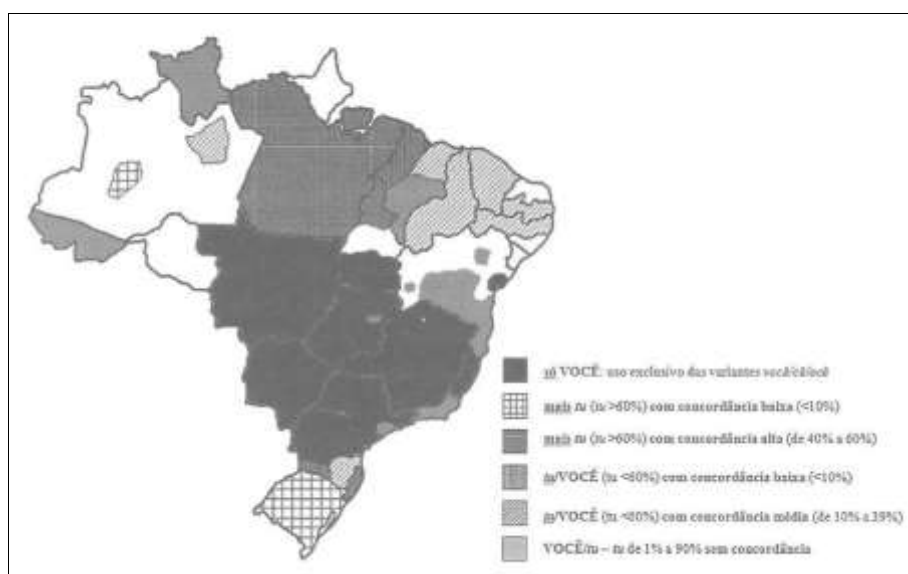


Figura 01: Seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa você e “tu” no português brasileiro.
 Fonte: Scherre, Dias, Andrade e Martins (2015, p.142)

Os resultados, em linhas gerais demonstraram, segundo os autores, que é

[...] possível visualizar que o pronome ‘tu’ é de uso mais geral do que se supõe: trata-se de um ‘tu’ brasileiro, que, em muitas comunidades, instaura-se sem concordância expressa na forma verbal (*tu fala*), de forma diferente do que registra a tradição gramatical (*tu falas*). Há também, a presença de ‘tu’ com concordância, em graus variados, motivada pelo contexto de mais formalidade ou pelo aumento da escolaridade, especialmente onde o pronome ‘tu’ é reconhecido como de uso natural à comunidade local, como, e em especial, em Santa Catarina, no Amazonas, no Maranhão e no Rio Grande do Sul. (SCHERRE; DIAS; ANDRADE; MARTINS; 2015, p. 135)

Como percebemos nos apontamentos realizados pelos autores, a presença da forma *tu* ainda é significativa ao longo do território nacional, também, constatamos, observando o mapa acima, que a forma *você* é suprarregional, mas está concentrada em maior proporção na área central do país, com maior uniformidade.

Ainda observando o mapa, averiguamos que as regiões Sul e Nordeste são áreas que já foram foco de estudos, no que tange à referência à segunda pessoa do singular, assim, descreveremos os resultados apontados para cada região nas seções a seguir, que descrevem os estudos realizados nas regiões Sul e Nordeste. Ressaltamos, como podemos perceber no mapa, que em todos os estados da região Sul foram realizadas pesquisas, contudo, o mesmo não se repete na região Nordeste, que não possui pesquisas sobre a referência de segunda pessoa do singular nos estados do Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e algumas regiões do estado da Bahia.

Descrevemos, a seguir, alguns dos estudos²⁸ realizados nas regiões Nordeste e Sul do país, atentando-se às especificidades de cada investigação. Espera-se, assim, que se perceba, um pouco melhor, como se apresenta a variação dos pronomes *tu* e/ou *você* e quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam nas escolhas linguísticas dos falantes.

2.3.1 Na região Sul

Apresentaremos neste tópico alguns estudos realizados na região sul do país, que tem como foco, a variação nos usos dos pronomes *tu* e/ou *você*, ressaltando os fatores linguísticos e extralinguísticos que, segundo as pesquisas, influenciam no uso de uma ou outra variante.

Scherre, Dias, Andrade e Martins (2015, p.145-146) apontam que a região Sul, com base no levantamento bibliográfico realizado, pode ser considerado um *mosaico linguístico* (2015, p.145), devido a diversidade de subsistemas que se encontram na região Sul.

Em linhas gerais, o estado do Paraná é representante do subsistema *só você*, os falantes do Rio Grande do Sul, mais especificamente, das cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Pelota, fazem maior uso do subsistema *mais tu com concordância baixa* (menos de 10%).

Já Santa Catarina é o que mais apresenta subsistemas dentro de um mesmo estado na região Sul, uma vez que, a cidade de Florianópolis e seu distrito Ribeirão da Ilha são representantes do subsistema *mais tu com concordância alta* (entre 40% e 60%), também, encontra-se no território catarinense o subsistema *tu/você com concordância baixa* na cidade de Chapecó e, ainda, sem registros de concordância na cidade de Concórdia, por fim, as cidades de Blumenau e Lajes se enquadram dentro do subsistema *tu/você com concordância média* (entre 10% e 19%).

Ramos (1989) investigou as formas de tratamento referentes à segunda pessoa do singular usadas pelos ilhéus florianopolitanos da zona urbana. O *corpus* foi composto por 18 células ou grupos de informantes, sendo que, em cada uma dessas células foram

²⁸ Cabe ressaltar que, até o momento, não encontramos trabalhos sobre a variação nos pronomes de segunda pessoa (*tu/você*) no PB, que tenham como aporte teórico a Dialetologia Perceptual.

entrevistadas 2 pessoas, resultando um total de 36 informantes, estratificados em sexo (feminino-masculino), faixa etária (20-35, 36-50, 51 em diante) e escolaridade (primário-secundário-universitário).

A hipótese era a de que há um sistema ternário em Florianópolis, com o uso do *tu*, *você* e *senhor/senhora* e que os fatores sociais como: sexo, faixa etária, contexto situacional e nível de escolaridade, poderiam determinar a escolha do pronome.

A Tabela 01 apresenta os resultados gerais de Ramos (1989):

	Tu (%)	Você (%)	Total (%)
Florianópolis	40,64	59,36	100

Tabela 01: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em Florianópolis (RAMOS, 1989).
Fonte: Adaptado de Ramos (1989, p.49).

Como percebemos pelos dados acima, há uma preferência para o uso do pronome *você* na fala do florianopolitano, sendo que, de um total de 219 ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular, em 89 ocorrências foi utilizado o pronome *tu*, correspondendo a 40,64% da amostra, e 130 ocorrências o *você*, correspondendo a 59,36% da amostra.

De modo geral, a pesquisadora percebeu que o tratamento na Ilha de Santa Catarina não é caracterizado por um sistema binário, e que, independente do grau de instrução os informantes optam, na maioria dos casos, pela flexão verbal referente ao pronome *tu*, quando este não está presente na frase.

Hausen (2000) objetivou analisar como ocorre a escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular nas cidades de Blumenau, Chapecó e Lages, do estado de Santa Catarina. Utilizou como *corpus* 72 entrevistas, que compõem o banco de dados do projeto VARSUL, na qual, uma entrevista foi eliminada por não apresentar uma única ocorrência de pronome de segunda pessoa do singular.

Foram considerados os seguintes fatores linguísticos: a explicitação do pronome sujeito, a interação emissor-receptor, o paralelismo formal, o tempo verbal, a saliência fônica verbal, a tonicidade do verbo e o número de sílabas do verbo; e sociais: escolaridade, faixa etária, sexo.

De modo geral, a hipótese apresentada pela autora foi que “[...] haverá uma maior realização do pronome sujeito *tu* em contrapartida com as ocorrências do pronome sujeito *você*, também de segunda pessoa do singular.”, ressaltando que, “As comunidades mais

próximas do litoral, cuja colonização foi feita por portugueses vindos da Ilha dos Açores, teriam maior ocorrência do pronome sujeito *tu* [...]” (HAUSEN, 2000, p.26).

A Tabela 02 apresenta os resultados gerais de Hausen (2000):

	Tu (%)	Você(%)	Total (%)
Blumenau	22,5	77,5	100
Lages	16,3	83,7	100
Chapecó	50,5	49,5	100

Tabela 02: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em Chapecó, Blumenau e Lages (HAUSEN, 2000).

Fonte: Adaptado de Hausen (2000, p. 41).

Com um total de 2.155 ocorrências do pronome sujeito de segunda pessoa do singular, percebemos que, na cidade de Blumenau a presença do pronome *você*, que apareceu em 389 ocorrências (77,5%), é maior que o pronome *tu*, que totalizou 113 ocorrências (22,5%). Já em Chapecó, registrou-se uma singularidade no uso dos pronomes *tu*, com 263 ocorrências (50,5%), e *você* com 258 ocorrências (49,5%), não havendo uma sobreposição de uma variante frente à outra. Em Lages, verificou-se uma predominância do uso da forma *tu*, com 185 ocorrências (16,3%), frente a forma *você*, com 947 ocorrências (83,7%). Com esses resultados, a autora não comprovou sua hipótese de que houvesse um maior número de usos do pronome *tu* frente ao *você*, uma vez que, houve somente 561 ocorrências de *tu* (26%) e 1.594 ocorrências de *você* (74%).

De modo geral, os resultados obtidos foram: a) com relação à escolha dos pronomes *tu* e *você* – na cidade de Chapecó, os habitantes mais jovens e com o ginásio completo, possuem maior tendência a utilizar a regra canônica de preenchimento no uso do pronome sujeito de segunda pessoa do singular com o pronome *tu*, b) com relação a variável escolarização – nos informantes das cidades pesquisadas percebeu-se que o ginásio, apresenta uma maior realização de *tu* do que o segundo grau, refutando a hipótese para esse grupo de fatores que apontava para uma maior realização de *tu* para o segundo grau, que é o grau de escolaridade mais elevado dos informantes; c) com relação à concordância verbal com o pronome *tu* – no direcionamento com o entrevistador, os informantes, da cidade de Blumenau, com ginásio tendem a utilizar a regra canônica, na qual o pronome sujeito de segunda pessoa do singular concorda com o verbo na segunda pessoa do singular; c) na cidade de Blumenau, o uso do pronome *tu*

com a flexão canônica, se apresentou com maior ocorrência, seguida por Lages e Chapecó.

Passamos agora, a descrever alguns dados específicos da cidade de Chapecó, cabe ressaltar, que são poucas as informações sobre a fala de Chapecó, uma vez que, os dados desta, foram rodados juntamente com os dados de Lages e Blumenau.

A cidade de Chapecó apresentou maior probabilidade de uso do pronome sujeito *tu*, pois, apresentou PR (0,79) para esta forma. Olhando para os dados, das 521 ocorrências produzidas pelos chapecoenses, em 263 ocorrências os informantes fizeram uso da forma *tu* e em 258 ocorrências a forma *você*, o que compreende, segundo a autora, a frequência de 50% para cada forma, ou seja, em termos de usos e frequência, ambas as formas ocorrem equilibradamente.

Com relação a variável *faixa etária*, a pesquisa considerou duas escalas, a de informantes entre 20 e 50 anos e a de informantes com mais de 50 anos. Deste modo, a maior concentração de dados ocorreu com informantes entre 20 e 50 anos, tendo estes, produzidos 316 ocorrências de uso das formas *tu* e/ou *você*, sendo que, em 199 ocorrências os informantes fizeram uso da forma *tu*, o que compreende 63% dos dados dessa faixa etária, em relação ao pronome *você* que foi utilizado em 117 ocorrências, o que compreende 37% desses dados. Já os informantes com idades acima de 50 anos produziram 205 ocorrências, sendo que destas, somente em 64 ocorrências foi usado o pronome *tu*, o que compreende 31% dos dados dessa faixa etária, em comparação ao *você*, que apareceu em 141 ocorrências, o que compreende a 69% dos dados produzidos por essa faixa etária. Assim, em resumo, os informantes com idades de 20 a 50 anos, tendem a usar com maior frequência a forma pronominal *tu*, o que não ocorre com os informantes acima de 50 anos, que tendem a usar mais a forma *você*.

Na variável *escolaridade* a autora considerou as seguintes escolaridades: *primário*, *ginásio* e *2º grau*, ou seja, não considerou informantes com ensino superior. Em linhas gerais, os informantes com o *primário* produziram 126 ocorrências, sendo que em 46 ocorrências fizeram uso da forma *tu* e em 80 ocorrências usaram a forma *você*, o que corresponde, respectivamente, a 37% e 63% dos dados produzidos pelos informantes dessa escolaridade. Já os informantes com escolaridade *ginásio* produziram 176 ocorrências de uso das formas, sendo que em 110 ocorrências usaram a forma *tu*, o que compreende 64% dos dados dessa escolaridade, e o pronome *você* apareceu em somente 63 ocorrências, o que corresponde 36% desses dados. A escolaridade *2º grau*

produziu 225 ocorrências de uso do *tu* e/ou *você*, sendo destas, 107 ocorrências de uso do *tu* e 118 ocorrências de uso do *você*, o que corresponde, respectivamente, a 48% e 52% dos dados produzidos por essa escolarização. Deste modo, constatamos três casos distintos de uso das formas *tu* e/ou *você*, pois, os informantes com o *primário* tendem a usar mais a forma *você*, já nos informantes com o *ginásio* predomina o uso do *tu* e os informantes com *2º grau* usam ambas as formas, não tendo o predomínio de uma sobre a outra.

Por fim, a pesquisadora considerou a variável *sexo*, na qual as informantes do sexo feminino produziram 254 ocorrências de uso do *tu* e/ou *você*, sendo 148 ocorrências de uso do *tu* e 97 ocorrências de uso do *você*, o que corresponde, respectivamente, 60% e 40% da amostra de dados produzidos pelas mulheres da amostra. Já os informantes do sexo masculino produziram 276 ocorrências, sendo que destas, 115 ocorrências são de uso do *tu* e 161 ocorrências de uso do *você*, representando, respectivamente, 42% e 58% dos dados produzidos pelos homens. Assim, constatamos que as mulheres da amostra fazem maior uso da forma *tu* em relação ao *você*, já os homens usam mais o *você*.

Em linhas gerais, foram esses os resultados que a pesquisadora descreveu dos dados específicos da cidade de Chapecó. Dados estes, que descreveremos e utilizaremos quando realizarmos nossas análises, uma vez que, estes servem como parâmetros para nossos dados.

Loregian-Penkall (2004), dando continuidade à sua dissertação de mestrado²⁹, realizou sua pesquisa objetivando estudar o comportamento de duas regras variáveis: a) analisar como se dá a alternância pronominal *tu/você* na fala de informantes do VARSUL (do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina) e, também, de informantes da localidade do Ribeirão da Ilha (*corpus* BRESCANCINI), com o intuito de verificar se o *tu* está sendo substituído pelo *você* no Sul do Brasil; b) (re)analisar o trabalho de Loregian (1996), no que tange à concordância verbal com o pronome *tu* em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, acrescentando as cidades de Chapecó, Blumenau e Lages (Santa Catarina), e as cidades Flores da Cunha, Panambi e São Borja (Rio Grande do Sul), com intenção de testar se a manutenção do *tu* é acompanhada ou não da marca verbal de segunda pessoa.

²⁹ Em sua dissertação, Loregian (1996), analisou em dados do VARSUL, das cidades de Florianópolis e Porto Alegre, a relação do pronome *tu* e a concordância verbal com, além de, observar a alternância entre *tu* e *você* na fala dos informantes.

A autora também analisou entrevistas do projeto VARSUL, sendo 24 entrevistas de cada cidade (Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages (Santa Catarina), Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja (Rio Grande do Sul)) e mais 11 entrevistas de Brescancini (1996), coletadas na cidade Florianópolis, no bairro de Ribeirão da Ilha, totalizando 203 entrevistas.

Foram considerados por Loregian-Penkall (2004) como fatores linguísticos o tempo do verbo, o apagamento ou não do pronome, a interação emissor/receptor, a tonicidade e o número de sílabas do verbo. Os fatores sociais analisados foram escolaridade, faixa etária, gênero e localidade.

A autora levantou as seguintes hipóteses: a) o pronome *tu*, sem a flexão canônica de segunda pessoa, era utilizado como demarcação de identidade nas cidades do Rio Grande do Sul e em Chapecó (Santa Catarina), o que não aconteceria nos municípios de Ribeirão da Ilha e Florianópolis devido à etnia açoriana, ou seja, o pronome *tu* seria mais utilizado com a flexão canônica; b) a alternância *tu/você* é linguisticamente motivada, sendo que, o tipo de interlocução, as receitas, as explicações e o discurso predominantemente argumentativo, exercem influência para um maior aparecimento do pronome *tu*, e a indeterminação do referente propicia o aparecimento do pronome *você*; c) a alternância *tu/você* é, também, motivada socialmente, pois, a localidade/etnia do informante (com mais influência em Florianópolis e Ribeirão da Ilha), a maior escolarização do falante e o sexo feminino, são significativos no uso do pronome *tu*, e falantes da segunda faixa etária (mais de 50 anos) apresentam uso maior do pronome menos íntimo *você*.

A Tabela 03 apresenta os resultados gerais de Loregian-Penkall (2004):

	Tu (%)	Você (%)	Total (%)
Florianópolis	76	24	100
Chapecó	51	49	100
Blumenau	27	73	100
Lages	15	85	100
Porto Alegre	93	7	100
Flores da Cunha	83	17	100
Panambi	84	16	100
São Borja	94	6	100
Ribeirão da Ilha	96	4	100

Tabela 03: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Lages, Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja, Ribeirão da Ilha (LOREGIAN-PENKAL, 2004).

Fonte: Adaptado de Loregian-Penkall (2004, p.133).

Conforme percebemos na Tabela 03, nas cidades de Santa Catarina encontramos três casos distintos de usos dos pronomes *tu* e/ou *você*, sendo que, na cidade de Florianópolis o uso do pronome *tu* (76% das ocorrências) é mais recorrente que a forma *você* (24% das ocorrências) na amostra analisada. Em Ribeirão da Ilha percebe-se o uso, quase que predominantemente, da forma *tu* (em 96% das ocorrências) frente ao *você* (em somente 4% das ocorrências). Ao contrário da cidade de Blumenau, que predomina o uso da forma *você* (com 73% das ocorrências) frente ao *tu* (27% das ocorrências), o mesmo ocorre em Lages, na qual há a predominância de uso da forma *você* (85% das ocorrências) frente ao *tu* (15% das ocorrências). Já na cidade de Chapecó percebemos uma recorrência de uso semelhante dos pronomes *tu* (51% das ocorrências) e *você* (49% das ocorrências).

Nas demais cidades, todas localizadas no estado do Rio Grande do Sul, houve o predomínio da forma *tu* frente à forma *você*, sendo que, em Porto Alegre 93% das ocorrências foi de uso de *tu* e 7% das ocorrências de uso do *você*, em Flores da Cunha 83% das ocorrências apareceu o *tu* e 17% das ocorrências a forma *você*, na cidade de Panambi, em 84% das ocorrências apareceu a forma *tu* e 16% das ocorrências o *você*, em São Borja a forma *tu* prevaleceu em 94% das ocorrências frente ao *você* em 6% das ocorrências, e, por fim, na cidade de Ribeirão da Ilha em 96% das ocorrências a forma *tu* prevaleceu, frente ao *você* com 4% das ocorrências.

Totalizando 6.234 dados dos pronomes de segunda pessoa do singular, sendo 4.090 ocorrências de *tu* e 2.144 de *você*, os principais resultados obtidos foram: a) variação na comunidade e no indivíduo; b) como marca de identidade regional ocorre à manutenção do pronome *tu* nas quatro cidades do Rio Grande do Sul e em Chapecó (Santa Catarina); c) a forma verbal não marcada e maior preenchimento do sujeito; d) flexão canônica de segunda pessoa como marca de identidade em Florianópolis e Ribeirão da Ilha; e) o uso do *você* é menor em Lages e Blumenau se comparada com as outras cidades; f) na cidade de Florianópolis, a forma *tu* se sobrepôs, com 76% nas ocorrências, a forma *você*, com 24% das ocorrências, o que não aconteceu na cidade de Chapecó que, ambas as formas ocorrem, sendo 51% das ocorrências com o pronome *tu* e 49% das ocorrências com o *você*, informação que veio de encontro os resultados obtidos na pesquisa de Hausen (2000), detalhada anteriormente.

Dentro da variável *gênero do discurso*, o gênero predominantemente argumentativo apresentou PR de 0,62 para uso do pronome *tu*, ou seja, o gênero argumentativo propicia o aparecimento da forma *tu*. Frente à sequência narrativa, a forma *tu* possui PR 0,37 e PR 0,63 para uso da forma *você* nesta sequência discursiva, ou seja, ao contrário do gênero argumentativo, a gênero narrativo favorece o aparecimento do *você*. Assim, o gênero argumentativo favorece a presença do *tu* e o gênero narrativo favorece o uso do *você*.

Em relação a variável *tipo de interlocução*, quando o informante se dirige ao entrevistador a variante *você* apresentou PR de 0,72 e a forma *tu* PR de 0,28, ou seja, o *discurso direto para o entrevistador* favoreceu o uso da forma *você* em relação ao *tu*. No *discurso relatado do próprio falante*, o pronome *tu*, nos dados de Loregian-Penkall, apresentava PR de 0,73, assim, no contexto o *discurso relatado do próprio falante* favorece uso da forma *tu*. Em resumo, o *discurso direto para o entrevistador* favorece o aparecimento do *você* ao contrário do *discurso relatado do próprio falante* que favorece a aparecimento do *tu*.

Considerando a variável *sexo*, de 272 ocorrências produzidas por informantes do sexo/gênero masculino analisados pela pesquisadora, em 112 ocorrências os informantes masculinos utilizaram a forma *tu*, o que compreende 41% das ocorrências com informantes masculinos, e em 160 ocorrências utilizaram a forma *você*, ou seja, em 59% dos dados de informantes masculinos. Já as mulheres da amostra apresentaram comportamento inverso dos dados dos homens, pois, das 247 ocorrências por elas produzidas, em 145 ocorrências elas fizeram uso da forma *tu*, totalizando 59% da amostra

de dados femininas, em comparação ao uso do *você* em 102 ocorrências, totalizando 41% da amostra de dados femininos. Assim, os informantes masculinos fazem uso maior da forma *você* e os informantes femininos da forma *tu*.

Ao observar a variável *faixa etária* constatamos que, das duas classificações consideradas, na de informantes entre 25 e 49 anos de idade, os informantes fazem maior uso da forma *tu* com 61% das ocorrências, relação ao *você* com 39% das ocorrências. Informações estas que são confirmadas quando analisamos o PR, uma vez que a forma *tu* possui PR de 0,68 nessa faixa etária, ou seja, o contexto de fala com informantes entre 25 e 49 anos de idade propicia o uso da forma *tu*. Já nos informantes com mais de 50 anos predomina o uso da forma *você* em 68% das ocorrências, frente ao *tu* que é usado somente em 32% das ocorrências, dados estes, que se confirmam quando observamos os PR, uma vez que, a forma *você* apresenta PR de 0,76 frente ao *tu* com PR de 0,24. Assim, os informantes mais jovens da amostra considerada favorecem o uso do *tu* e os informantes mais velhos favorecem o uso do *você*.

Dentro da variável *escolaridade*, os informantes que tinham somente o *primário* utilizavam mais a forma *você* com 61% das ocorrências em relação ao *tu* que apareceu somente em 39% das ocorrências produzidas pelos informantes dessa escolarização. Já nos informantes com o *ginásio*, a forma *você* perde espaço de uso, pois esta apareceu somente em 41% das ocorrências em relação ao *tu* que apareceu em 59% das ocorrências. Na última escolaridade considerada pela pesquisadora, que são os informantes com *2º grau*, as formas *tu/você* possuem uso equilibrado, tendo o *você* aparecido em 53% e o *tu* em 47% dos dados produzidos pelos informantes com *2º grau*. Em resumo, constatamos que os contextos com informantes do primário favorecem o aparecimento do *você*, já os informantes com o *ginásio* favorecem o uso do *tu*, e na última escolarização considerada as formas acabam que por equilibrar a frequência de uso.

Finalizando nossos relatos dos resultados de Loregian-Penkall (2004), quando a pesquisadora observou a variação de uso das formas *tu/você* no indivíduo, percebeu que 16 informantes, do total de 24 informantes, variavam no uso dos pronomes *tu* e *você*, e 6 informantes faziam uso categórico da forma *tu* e somente 2 informantes faziam uso categórico do *você*.

Como nos resultados de Hausen (2000), descreveremos e analisaremos melhor esses dados quando realizarmos nossas análises, uma vez que, estes servem como parâmetros para nossos dados.

Zilli (2009) analisou, a partir de 6 entrevistas do Banco de Dados “Entrevistas Sociolingüísticas” – UNESCO, a presença dos pronomes *tu* e *você* no falar de Criciúma – Santa Catarina, do total de 302 dados. Os informantes foram estratificados de acordo com sexo (masculino e feminino), idade (mais de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e segundo grau).

O objetivo da pesquisa foi observar se há variação entre as formas *tu* e *você*, verificar como ela ocorre e quais contextos semânticos que podem estar correlacionados à variação entre essas formas. Assim, teve-se como hipóteses: a) “que os informantes não utilizam os pronomes *tu* e *você* apenas para referirem-se ao interlocutor. Acreditamos que eles usam também, para fazer referência a grupos específicos, genéricos e a ele mesmo.” (ZILLI, 2009, p.28); b) “o informante pode ter influência do entrevistador na sua fala.” (ZILLI, 2009, p.29); c) “a ausência de marca formal, aproximando-se da concordância de terceira pessoa do singular (*você foi, ele foi, tu foi*), poderia indicar uma preferência de uso pelo *VOCÊ*, embora saibamos que o *tu* registra o uso lingüístico mais freqüente na região.” (ZILLI, 2009, p.31); d) frente aos fatores extralingüísticos, as hipóteses são de que homens utilizam mais a forma *você*, em comparação com as mulheres e, com relação a escolaridade, os informantes com maior escolaridade tendem a usar mais a forma *você*.

Na pesquisa foram controlados os seguintes fatores lingüísticos: paralelismo formal (*você/você, você/tu, tu/você, tu/tu*), referência (particular, interlocutor, grupo e genérico), interação entrevistador/informante, formas nominais, tempo verbal e concordância verbal. Já os fatores extralingüísticos considerados foram a faixa etária, a escolaridade e o sexo.

A Tabela 04 apresenta os resultados gerais de Zilli (2009):

	Tu (%)	Você (%)	Total (%)
Criciúma	93	7	100

Tabela 04: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em Criciúma (ZILLI, 2009).
Fonte: Adaptado de Zilli (2009, p.36).

Como percebemos na Tabela 04, predomina a forma *tu*, com 281 ocorrências de uso, frente à forma *você*, com 21 ocorrências. Deste modo, a pesquisa confirmou a hipótese de que os falantes usam as formas *tu* e *você*, também, que os pronomes podem apresentar sentidos de referência a grupos específicos, ao interlocutor, genéricos ou a ele mesmo. Ainda, constatou-se que as mulheres utilizam mais o pronome *tu* que os homens,

entretanto, com relação ao *você*, a frequência praticamente inexistente se comparado aos homens, e que este, utilizam o pronome *você* com maior frequência que as mulheres. Também, a ocorrência da forma *você* aumenta a medida que a escolaridade avança, ou seja, a escolaridade favorece o emprego de *você*.

Franceschni (2011) tinha como objetivo central descrever e analisar a variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no falar de Concórdia – SC, também, realizou a análise da atitude e o comportamento linguístico dos falantes frente ao uso dos pronomes *tu* e *você*.

Para tanto, a amostra analisada foi composta por 24 entrevistas, coletadas entre os anos de 2007 e 2010 pela própria pesquisadora, estratificadas de acordo com a faixa etárias (26 a 45 anos; 50 anos ou mais); sexo (masculino; feminino) e níveis de escolaridade (fundamental I; fundamental II; ensino médio).

De modo geral, a hipótese da autora é a de que “o uso do pronome conservador *tu* predomine nesta cidade, pois esse é o pronome *típico* da região de Concórdia, e parece ainda o mais usado na cidade, principalmente nas relações próximas, de maior intimidade.” (FRANCESCHNI, 2011, p.114), assim, dentre os fatores linguísticos, foram considerados os seguintes: concordância verbal, tempo verbal, saliência fônica, tonicidade, tipo de ocorrência, tipo de discurso, tipo de verbo, determinação do referente e tipo de texto; já os fatores extralinguísticos observados foram gênero, faixa etária e escolaridade.

A Tabela 05 apresenta os resultados gerais de Franceschni (2011):

	Tu (%)	Você (%)	Total (%)
Concórdia	55	45	100

Tabela 05: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em Concórdia (FRANCESCHNI, 2011).
Fonte: Adaptado de Franceschni (2011, p. 189).

Como percebemos na Tabela 05, ainda há o predomínio, ainda que não tão marcante, do pronome *tu* entre os falantes de Concórdia, sendo que, de um total de 926 ocorrências, em 512 ocorrências (55%) apareceu o *tu* e em 414 ocorrências (45%) o *você*.

De modo geral, os resultados foram: a) a porcentagem de utilização de ambos os pronomes foram muito próximas, não havendo uma sobreposição de uma das formas, sendo 52% de *tu* e 48% de *você*; b) as variáveis faixa etária e escolaridade foram as mais

significativas; c) a faixa etária é a que mais influência o uso do *você*; d) os falantes mais escolarizados estão à frente da mudança, prevista pela autora, na qual a forma *você* substituirá a forma *tu*.

Rocha (2012) analisou um *corpus* constituído por uma amostra de 28 entrevistas de três *corpora* sincrônicos: 1) 16 entrevistas de Monguilhot (2006), 2) 4 entrevistas do Varsul, 3) 4 entrevistas de Ratonés e 4 entrevistas de Santo Antônio de Lisboa, Floripa (2009); estratificados de acordo com idade (15-36 anos, 22-33 anos, 48-74 anos, 45-75 anos) e escolaridade (ensino fundamental-ensino superior).

Também, aplicou 40 testes de percepção e produção, realizados com informantes florianopolitanos, questionando sobre o uso real dos pronomes e a avaliação diante das formas pronominais de segunda pessoa (mais bonita-bona, mais feia-ruim), aspecto melhor descrito no tópico 2.5, no qual descrevemos os trabalhos de percepções e atitudes linguísticas dos falantes frente as formas *tu* e/ou *você*.

De modo geral, algumas das hipóteses da pesquisa são: a) Em Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa, Ratonés e Costa da Lagoa a ocorrência de *tu* será maior do que no Centro e nos Ingleses, onde a ocorrência de *você* deverá ser maior. A forma *o senhor* estará distribuída igualmente nas localidades estudadas; b) Acreditam que todos os informantes utilizam a forma *tu*. Desses, alguns utilizam apenas a forma *tu* e outros a coocorrência dos pronomes *tu*, *você* e *o senhor*; c) O falante de Florianópolis usa mais a forma *tu* no discurso reportado de si mesmo e no discurso reportado de alguém próximo (amigo, filho, irmão, primo...), nos demais tipos de discurso (discurso reportado de alguém mais velho, discurso reportado de alguém superior, discurso reportado de alguém inferior, discurso para o entrevistador, discurso genérico e discurso para o interveniente), o falante usa mais as formas *você* e *o senhor*.

A Tabela 06 apresenta os resultados gerais de Rocha (2012):

	Tu (%)	Você (%)	Total (%)
Florianópolis	81,63	18,37	100

Tabela 06: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em Florianópolis (ROCHA, 2012).
Fonte: Adaptado de Rocha (2012, p.221).

Como percebemos pela Tabela 06, há uma preferência significativa para o uso do pronome *tu* na fala do florianopolitano, conforme pesquisa de Rocha (2012), sendo que, em um total de 539 ocorrências de uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, em

440 das ocorrências foi utilizado o pronome *tu*, correspondendo a 81,60% da amostra, 99 ocorrências de *você*, correspondendo a 18,36% da amostra.

Em linhas gerais, os resultados mostram que, em Florianópolis, as mulheres usam mais *tu* que os homens e os mais jovens usam mais a forma *tu* do que os mais velhos. Para dirigir-se ao inferior, a forma mais utilizada pelo superior é o *tu*, o mesmo ocorre na relação entre iguais, que a forma mais utilizada é *tu* e, no caso de inferiores se dirigindo aos superiores, a forma preferida é o *você*. Os mais escolarizados usam mais a forma *tu* do que os menos escolarizados. Os indivíduos das zonas menos urbanas usam mais a forma *tu* do que os das zonas mais urbanas.

De modo geral, o que percebemos com os resultados obtidos nas pesquisas acima citadas, é que ainda é muito relevante a presença que se tem da forma canônica *tu*, sendo que, das cidades citadas, somente nas cidades de Blumenau, Lages e nos dados de Ramos (1989), de Florianópolis, é que ocorre o predomínio da forma *você* frente ao *tu*, nas demais localidades a forma *tu* prevalece, a não ser nas cidades de Chapecó e Concórdia, que apresentam equilíbrio no uso de ambas as formas.

2.3.2 Na região Nordeste

Ressaltamos, primeiramente, que ainda são poucos os estudos sociolinguísticos que temos notícias, que têm como foco a análise da variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular na região. Assim, apresentamos a seguir, os estudos de Sales (2004), Alves (2010, 2012), Nogueira (2013), Moura (2013) e Silva (2015).

Antes de passar para a descrição dos trabalhos, retomaremos o trabalho de Scherre, Dias, Andrade e Martins (2015), sobre a referência de segunda pessoa do singular do PB, mais especificamente, descreveremos, neste momento, as características linguísticas da região Nordeste.

Como já apontamos anteriormente, a região Nordeste não possui trabalhos realizados em todos os estados que a compõem, contudo, com base nos trabalhos já realizados, encontram-se dentro do território nordestino cinco subsistemas (2015, p.145), sendo que o subsistema *só você* ocorre dentro do estado da Bahia, especialmente na capital Salvador, já o subsistema *você/tu sem concordância*, também encontramos dentro do estado da Bahia, mais especificamente nas cidades de Feira de Santana, cidade próxima a Salvador, e nas localidades de Santo Antônio de Jesus, Sapé, Cinzento,

Helvécia, Rio de Contas, Santo Antônio e Poções, mais distantes de Salvador, subsistema esse, também encontrado no estado do Maranhão, notadamente nas cidades de Bacabal e Tuntum, parte central do estado, e ao sul nas cidades de Balsas e Alto Parnaíba.

No estado do Maranhão, encontramos a presença do subsistema *você com concordância baixa* (menos de 10%) na cidade ao sudeste Imperatriz e, ao norte, na cidade de Pinheiro. O subsistema *tu/você com concordância média* (entre 10% e 39%), também detectou-se no estado do Maranhão, mais especificamente, na capital São Luís, e nas capitais dos estados de Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco.

Sales (2004), com o intuito de realizar uma análise comparativa quanto ao emprego dos pronomes *tu/você*, *a gente/nós* e dos verbos *assistir* e *ir*, na fala da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, averiguou na fala de 24 informantes, sendo, 14 entrevistas que compunham o *corpus* do projeto *Português Oral Culto de Fortaleza* (PORCUFORT) e 10 entrevistas do projeto *A linguagem falada em Fortaleza – Diálogos entre informantes e Documentadores – materiais de estudo*, estratificados, no primeiro *corpus*, com informantes com nível superior completo, entre 25 e 67 anos, e no segundo *corpus*, com informantes com o 1º ou 2º grau (in)completo, entre 14 e 39 anos.

A hipótese da pesquisa é a de que “Quanto às variantes lexicais *tu* e *você*, destacar-se-á *você*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, por se tratar de um diálogo entre informante(s) e documentador(es) [...]”, ainda que “[...] a forma pronominal *tu*, seguida de verbo na 3ª pessoa do singular, seja bastante comum na linguagem fala em Fortaleza.” (SALES, 2004, p.11). Ainda, segundo a pesquisadora, os fatores extralinguísticos (idade e sexo) influenciariam mais que os fatores linguísticos (situação comunicativa/tipo de registro; relação estabelecida entre os sujeitos e motivação temática) na escolha dos informantes.

A Tabela 07 apresenta os resultados gerais de Sales (2004):

Fortaleza	Tu (%)	Você (%)	Total (%)
<i>Corpus 1</i>	4	96	100
<i>Corpus 2</i>	10	90	100

Tabela 07: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em Fortaleza (SALES, 2004).
Fonte: Adaptado de Sales (2004, p.32).

Percebemos, ao observar os dados da Tabela 07, é que há, em ambos os *corpora* de falantes da cidade de Fortaleza, uma preferência pelo uso da forma *você*, frente ao

pronome *tu*. Em um total de 3.902 ocorrências de preenchimento com pronomes de segunda pessoa do singular, em 3.642 ocorrências apareceu o pronome *você* (1.978 ocorrências no primeiro *corpus* e 1.664 ocorrências no segundo *corpus*), e em 260 ocorrências a forma *tu* (79 ocorrências no primeiro *corpus* e 181 ocorrências no segundo *corpus*).

De modo geral, a pesquisadora concluiu, com base nos *corpora*, que o uso do pronome *você* é um caso de norma linguística na fala dos fortalezenses, também, constatou que no primeiro *corpus*, a forma *você* foi utilizada para se dirigir tanto para pessoas jovens quanto para pessoas idosas, já no segundo *corpus* esta era usada ao se direcionar, em especial, as pessoas mais jovens, assim, o fator idade serve, também, de influência para o uso do *você*.

Alves (2010, 2012), que de tinha como intuito fazer uma “fotografia sociolinguística” do falar Maranhense, no que tange ao uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, realizou a análise de 28 entrevistas, do Banco de dados do *Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA*, representativas dos municípios de São Luís e Pinheiro, na Mesorregião Norte, Bacabal e Tuntum, na Mesorregião Central, e Alto Parnaíba e Balsas, na Mesorregião Sul, todos localizados no estado do Maranhão.

Os fatores sociais considerados foram sexo (feminino, masculino), localidade e duas faixas etárias (18-30 anos e 50-65 anos), e os fatores linguísticos investigados foram concordância verbal, tipos de referência e tipo de relato. A hipótese da pesquisa era a de que “o português falado no Maranhão apresenta uma difusão bastante maior do *tu* sobre o *você*.” (ALVES, 2010, p. 68), hipótese esta que não se confirmou, como percebemos nos dados, uma vez que, o *você* se mostra preferência na fala dos maranhenses. Cabe ressaltar aqui, que na pesquisa, as variantes *cê* e *ocê* também foram consideradas como representante de forma *você*, sendo assim, incluídas nas análises dos dados.

A Tabela 08 apresenta os resultados gerais de Alves (2012):

	Tu (%)	Você/Cê/Ocê (%)	Total (%)
São Luís	38,8	61,2	100
Pinheiro	36,9	63,1	100
Bacabal	56,5	43,5	100
Tuntum	35,7	64,3	100
Alto Parnaíba	15,2	84,8	100
Balsas	56,7	43,3	100

Tabela 08: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Alto Parnaíba, Balsas (ALVES, 2010).

Fonte: Adaptado de Alves (2010, p.65).

O que percebemos, ao analisar os dados da Tabela 08, é que a não ser nas cidades de Bacabal e Balsas, que ainda há uma leve sobreposição do uso da forma *tu*, o pronome *você* apresenta-se mais difundido, sendo preferência no uso nas demais cidades da pesquisa.

De modo geral, registrou-se 328 ocorrências de uso da segunda pessoa do singular, sendo que, 126 ocorrências de *tu* e 202 ocorrências da *você* e suas variantes (168 ocorrências-*você*, 27 ocorrências-*cê*, 7 ocorrências-*ocê*), assim, a pesquisa revelou que o pronome *você*, e suas variantes, é mais utilizado pelos maranhenses, pois, foi realizado em 61,6% das ocorrências, em contraposição do *tu* com 38,4%, ainda, demonstrou que os fatores extralinguísticos que condicionam a variação no uso dos pronomes são a idade e a localidade, já o fator linguístico que exerce influencia no uso, seria o tipo de relato. O fator escolaridade demonstra que, conforme maior o nível de escolaridade, maior é a recorrência de uso do pronome *tu* com o verbo conjugado na segunda pessoa.

Nogueira (2013), com o intuito de observar a variação entre as formas de tratamento *tu/você* no português culto e popular das cidades de Feira de Santana e Salvador – Bahia, analisou 48 entrevistas (entre informante e documentador), sendo que destas, 12 pertencem ao *Projeto Norma Linguística Urbana Culta de Salvador NURC/SSA*, 12 pertencem ao *Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador – PEPP*, 24 pertencentes ao *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* e 07 são conversações espontâneas entre informantes de Feira de Santana, estratificados em três faixas etárias (faixa 1 - 25 a 35 anos, faixa 2 - 36 a 55 anos e faixa 3

- 56 anos em diante) e dois níveis de escolaridade (ensino superior completo e ensino fundamental).

De modo geral, a respeito da variação no pronome de segunda pessoa do singular com as formas *tu* e/ou *você*, a hipótese levantada pela pesquisadora foi que a função de sujeito favorece o uso da forma *você* e que, os falantes da cidade de Feira de Santana utilizam o *tu* em maior frequência que os de Salvador, no qual prevalece o uso do pronome *você*.

A Tabela 09 apresenta os resultados gerais de Nogueira (2013):

	Tu (%)	Você (%)	Total (%)
Salvador	1	99	100
Feira de Santana	9	91	100

Tabela 09: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em Salvador e Feira de Santana (NOGUEIRA, 2013).

Fonte: Adaptado de Nogueira (2013, p.105-106).

Analisando a Tabela 09, percebemos a relevante sobreposição de uso da forma *você* frente ao *tu*, em ambas as cidades. De modo geral, registrou-se 1.713 ocorrências de uso da segunda pessoa do singular, sendo 891 ocorrências na fala da cidade de Salvador e 822 ocorrências na falar de Feira de Santana.

Em resumo, na cidade de Salvador, das 891 ocorrências de preenchimento de segunda pessoa do singular, em 882 ocorrências (99%) foram utilizados a forma *você* e, somente, em 9 ocorrências (1%) utilizou-se a forma *tu*, ou seja, quase chega a ser categórico o uso da forma *você*, em relação a forma *tu*, na cidade de Salvador. Já na cidade de Feira de Santana, em 748 ocorrências (91%) a forma *você* foi utilizada e em 74 ocorrências (9%) os informantes usaram a forma *tu*. Assim, constatou-se que, dos dados analisados, há uma preferência pelo uso da forma *você* e que os fatores linguísticos função sintática, tipo de frase, tempo verbal, tipo de discurso e tipo de referência, exercem influência na escolha do pronome utilizado pelos falantes das cidades de Feira de Santana e Salvador.

Moura (2013), analisou a variação dos pronomes *tu* e/ou *você* em diferentes funções sintáticas em cartas escritas por norte-riograndenses no século XX. Parte das cartas analisadas fazem parte do *corpus* do *Projeto de História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB-RN)*. O *corpus* da pesquisa foi composto por 145 cartas com

diferentes níveis de interlocução entre os falantes (correspondências entre dois irmãos - de 1916 a 1925, entre um casal - de 1946 a 1976, e entre um rapaz a sua namorada - de 1992 a 1994).

Em geral, a hipótese levantada pela autora é que esperava-se encontrar uma significativa variação das formas *tu* e *você*, nas cartas pessoais norte-riograndense, e que alguns contextos morfossintáticos favorecem o uso da forma *você*, como: pronome-sujeito, pronome complemento preposicionado e formas verbais imperativas, e que, algumas apresentam resistência a este uso, tais como pronomes possessivos, formas verbais não imperativas e pronomes complemento não preposicionados.

Totalizando 1412 ocorrências de preenchimento com pronomes de segunda pessoa do singular, sendo que destes, 976 ocorrências é de uso do *você* e 436 ocorrências utilizou-se a forma *tu*, para o preenchimento da posição.

A Tabela 10 apresenta os resultados gerais de Moura (2013):

	Tu (%)	Você (%)	Total (%)
Norte-riograndense	1	99	100

Tabela 10: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* no Norte-riograndense (MOURA, 2013).

Fonte: Adaptado de Moura (2013, p.62).

De modo geral, nas cartas escritas nas duas primeiras décadas do século XX, houve uma frequência alta no uso da forma *você*, totalizando 98% das ocorrências, o mesmo ocorre com as cartas escritas entre 1992 a 1994, que apresentam uso significativo da forma *você*, apontando assim, uma mudança já implementada na língua dos norte-riograndenses. Também, percebeu-se que nas cartas pessoais, em especial nas cartas de amor, nas quais tem teor mais íntimo, um condicionamento para o uso do pronome *tu*. Outro aspecto relevante apontado pela pesquisa, foi que a única informante do sexo feminino, usa, quase que categoricamente, a forma *tu* nas cartas escritas entre os anos de 1946 a 1972.

A autora percebeu que, conforme a posição sintática exercida pelo pronome, ocorre o favorecimento da forma *tu* (contexto dativo e acusativo) ou da forma *você* (pronomes sujeitos, as formas verbais imperativas e os pronomes complementos preposicionados).

Silva (2015), analisou 12 conversações, das 20 conversações que compõem o banco de dados, integrantes do *Banco Conversacional de Natal*, com o intuito de observar

a variação no uso dos pronomes *tu* e/ou *você* em posição de sujeito na fala da cidade de Natal – Rio Grande do Norte.

A hipótese da pesquisa é a de que, no subsistema de distribuição dos pronomes sujeitos de segunda pessoa em Natal-RN, há o uso variável dos pronomes *tu* e *você*, com maior ocorrência do pronome *você*, de 30% a 95%, não havendo concordância de 2ª pessoa para o pronome *tu*.

Cabe ressaltar aqui, que não foi controlado a faixa etária e o grau de escolaridade dos informantes, uma vez que, não há essas informações no banco de dados, assim, controlou-se, como único fator social apontado, o gênero/sexo dos falantes.

A Tabela 11 apresenta os resultados gerais de Silva (2015):

	Tu (%)	Você (%)	Total (%)
Natal	16	84	100

Tabela 11: Tabela resumo dos usos dos pronomes *tu* e *você* em Natal (SILVA, 2015).
Fonte: Adaptado de Silva (2015, p.62).

Com um total de 378 ocorrências de preenchimento com pronomes de segunda pessoa do singular, sendo que destes, 316 ocorrências é de uso do *você* em 62 ocorrências utilizou-se a forma *tu* para o preenchimento da posição. Assim, percebemos que a forma *você* é de maior uso pelos informantes da cidade de Natal frente a forma *tu*, e que, os fatores de maior influência nessa variação é: a) a relação entre os interlocutores, nas quais, se essa relação é pouco íntima e mais formal (relação assimétrica), ocorre o favorecimento de uso da forma *você*, já se esta for mais íntima e informal (relação simétrica), ocorre mais o uso da forma *tu*; b) o grau de formalidade do ambiente, sendo que, se o ambiente é mais informal o uso do *tu* é favorecido, já ambientes mais formais, propiciam o uso da forma *você*; c) tipo de discurso, visto que o discurso não relatado favorece o uso do *tu*, o discurso relatado propicia o uso do *você*.

Também, percebeu-se que há sim um uso variável dos pronomes *tu* e *você*, em posição de sujeito, contudo, há maior ocorrência de uso da forma *você*, e que, quando utiliza-se a forma *tu*, raramente esta concorda com o verbo na segunda pessoa do singular.

De modo geral, o que percebemos, com base nos estudos acima citados, foi que a forma *você* já é muito presente na fala dos informantes do nordeste brasileiro, uma vez que, somente nas cidades de Balsas e Bacabal, localizadas no estado do Maranhão, é

que se tem, um maior de uso da forma *tu*, em contrapartida, nos dados norte-riograndenses há o uso quase que categórico da forma *você*, com 99% de ocorrências.

Apresentamos, a seguir, o Quadro 02 com os resultados das pesquisas citadas acima sobre variação dos pronomes *tu* e *você*:

Autor/ano de publicação	Localidade(s)	Freq. (%) Tu	Freq. (%) Você
Ramos (1989)	Florianópolis	40,64	59,36
Hausen (2000)	Blumenau	22,5	77,5
	Lages	16,3	83,7
	Chapecó	50,5	49,5
Loregian-Penkal (2004)	Florianópolis	76	24
	Chapecó	51	49
	Blumenau	27	73
	Lages	15	85
	Porto Alegre	93	7
	Flores da Cunha	83	17
	Panambi	84	16
	São Borja	94	6
	Ribeirão da Ilha	96	4
Zilli (2009)	Criciúma	93	7
Franceschni (2011)	Concórdia	55	45
Rocha (2012)	Florianópolis	81,6	18,4
Sales (2004)	Fortaleza <i>Corpus 1</i>	4	96
	Fortaleza <i>Corpus 2</i>	10	90
Alves (2010, 2012)	São Luís	38,8	61,2
	Pinheiro	36,9	63,1
	Bacanal	56,5	43,5
	Tuntum	35,7	64,3
	Alto Parnaíba	15,2	84,8
	Balsas	56,7	43,3
Nogueira (2013)	Salvador	1	99
	Feira de Santana	9	91
Moura (2013)	Norte-riograndense	1	99
Silva (2015)	Natal	16	84

Quadro 02 – Resumo de estudos de autores selecionados para esta pesquisa.

O que percebemos, com base no Quadro 02, é que, em linhas gerais, os pronomes *tu* e/ou *você* são utilizados ao longo do território das regiões sul e nordeste, ainda que, em

algumas cidades, ocorra o predomínio de uma forma frente a outra, como é o caso das cidades de Salvador e Feira de Santana, na Bahia, em que a forma *você* é usada significativamente mais que o *tu*, ou ainda, nas cidades de Porto Alegre e São Borja, no Rio Grande do Sul, que o pronome *tu* é empregado mais que o *você*.

2.4 AS ATITUDES LINGUÍSTICAS: CONCEITUAÇÃO

Como se percebeu, no tópico em que se apresentou a *Teoria da Variação e Mudança linguística*, já nos estudos pioneiros, mais especificamente, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, na década de 70 do século XX, investigou-se a relevância das atitudes linguísticas para o processo de variação e mudança linguística, uma vez que estas, proporcionam a compreensão, por meio de múltiplos aspectos, de uma comunidade de fala, além, é claro, de influenciarem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, constituindo assim, um fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes. Contudo, podemos dizer que, como apontam Cargile e Giles (1997, p. 195), já na década de 1930 (cf. PEAR, 1931; BLOOMFIELD, 1933), que os trabalhos modernos sobre as percepções e atitudes linguísticas se iniciaram, a partir de estudos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos da América.

Assim, desde a década de 70, outros pesquisadores, como López Morales (1993), Moreno Fernández (1998), Gómez Molina (1998), entre outros, vêm incorporando em seus trabalhos análises de percepções e atitudes linguísticas. Assim, além de detectarem quais os fatores sociais que influenciam na variação, ainda, percebem quais os padrões de prestígio sustentados pelas comunidades linguísticas e suas influências no processo de variação ou de mudança.

Foi com os estudos orientados pela Psicologia Social, que iniciou-se as pesquisas que tinham o objetivo de analisar as percepções e atitudes dos indivíduos, contudo, não tinham como foco a área da percepção e atitudes voltadas para as línguas em si, ou seja, para as percepções e atitudes linguísticas, que segundo Liebkind (1999),

A psicologia social da linguagem se concentra nos papéis que os motivos, as crenças e a identidade exercem no comportamento linguístico individual. Ela tenta

vincular língua e identidade étnica e estuda como essa identidade é formada, apresentada e mantida.³⁰ (LIEBKIND, 1999, p. 143, tradução nossa).

Somente com Lambert e Lambert (1968), que a linguagem passa a fazer parte dessas pesquisas, mais especificamente, em seu estudo com alunos do Colégio Anglo-Canadense, em uma comunidade franco-britânica, em Montreal, no qual tinha o objetivo de detectar a quais línguas eram atribuídas maior prestígio, além de verificar como um grupo via o outro a partir de seu idioma, e também, perceber qual a influência do grupo maior na fala do grupo menor de falantes, ou seja, começou-se a refletir sobre as avaliação e atitudes subjacentes realizadas pelos falantes.

Na pesquisa de Lambert e Lambert (1968), que ficou conhecida como *matched guise* (disfarces combinados³¹), os falantes ouviram uma passagem em prosa nas línguas francesas e uma tradução na língua inglesa, atribuindo na sequência de cada estímulo, sua avaliação a cada uma. O resultado foi uma avaliação favorável à versão inglesa do trecho exposto, na qual foi usado termos como inteligente e bondoso para definir o falante que falava Inglês, não sendo percebido pelos falantes da comunidade franco-britânica, que se tratava da mesma pessoa nos dois trechos. Concluiu-se assim, que o ouvinte associou o idioma do ouvinte para avaliar o trecho em questão, ou seja, o Inglês Canadense era mais prestigiado que o uso do Francês na comunidade investigada.

Botassini (2011) ressalta que é por meio das pesquisas, que tem como foco as crenças e atitudes linguísticas, que podemos compreender e detectar os fatores da variação e da mudança linguística, os preconceitos linguísticos relacionados às variedades linguísticas e, conseqüentemente, a seus falantes, o que acaba por contribuir para a valorização ou desvalorização das variedades dialetais e suas marcas identitárias. A autora ainda aponta que, por meio das pesquisas de atitudes linguísticas “pressupõe reconhecer que em uma sociedade e entre as sociedades, existem variedades diferentes de língua e de estilo que coexistem de forma competitiva” (BOTASSINI, 2011, p. 68), assim, tem-se como objetivo “quem usa determinada variedade, onde e para quê, e como

³⁰ The social psychology of language focuses on the roles of motives, beliefs, and identity in individual language behavior. It tries to link language and ethnic identity together and studies how this identity is formed, presented, and maintained” (LIEBKIND, 1999, p. 143).

³¹ Tradução retirada de: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W.; MALKIEL, Y. (Org.). Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno e revisão Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006, p. 102.

isso leva as pessoas a associarem esse uso a uma determinada condição social”. (KERSCH, 2011, p. 398).

Porém, devemos ter em mente que, como apontou Lasagabaster (2004),

Apesar de normalmente se assumir que as atitudes preveem o comportamento social (...) parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressas) e o que elas fazem (seu comportamento de fato), mesmo assim, o conhecimento sobre nossas atitudes deve ajudar outros a preverem nosso comportamento.³² (LASAGABASTER, 2004, p. 401, tradução nossa).

No Brasil, podemos referenciar, com base nas pesquisas que foram levantadas até o momento, os trabalhos pioneiros de Santos (1973), que analisou as reações avaliativas em alunos de diferentes classes sociais e séries escolares sobre algumas variantes fonológicas; de Lenard (1976), que verificou, por elementos linguísticos e históricos, a fidelidade linguística dos imigrantes italianos do município de Rodeio-SC, que apresentavam resistência à integração linguística na cidade, e também, o trabalho de Alves (1979), que analisou as atitudes linguísticas dos nordestinos, da cidade de São Paulo, frente às variedades linguísticas nativas e paulistas.

Krug (2004) ressalta, em relação à língua como marca de identidade de uma comunidade de fala, que da “[...] mesma forma como ocorrem mudanças na identidade de um indivíduo, a língua também sofre mudanças. Algumas delas se dão ao longo do tempo com as inovações no campo científico e tecnológico.” (KRUG, 2004, p.18), ainda, o autor pontua que “Outras são, no entanto, o resultado das constantes migrações, seja de cidade para cidade, seja do campo para a cidade.” (KRUG, 2004, p.18).

Assim, com essas transformações, no decorrer dos anos, surgem novos grupos, o que resulta em novas identidades e, conseqüentemente, novas variedades linguísticas, desse modo, devemos “[...] conceber a identidade como algo não-estável, algo que não é nem um atributo, nem um objeto que um indivíduo possua ou algo que possa ser considerado uma posse.” (KRUG, 2004, p.12), ou seja, a identidade “[...] é antes um processo individual e coletivo de semiose, de produção de significado e de sentido.” (KRUG, 2004, p.12).

³² Although it is usually taken for granted that attitudes predict social behaviour (Eiser 1995), there seems to be a gap between what people say (their expressed attitudes) and what they do (their actual behaviour), despite the fact that knowing our attitudes should help others predict our behaviour. (LASAGABASTER, 2004, p. 401)

As percepções linguísticas dos falantes compreendem, “[...] o *reservatório do conhecimento contextual e textual* de cada utente determina o seu grau de consciência linguística e sociolinguística e a sua competência linguística [...]” (FERREIRA, 2009, p.253), a autora ainda aponta que,

[...] se a consciência linguística está intimamente ligada à consciência sociolinguística e, portanto, às crenças acerca do prestígio de cada socioleto, dos cambiantes existentes dentro de cada variedade diastrática e das variedades diatópicas, as percepções origina, atitudes linguísticas. (FERREIRA, 2009, p.253)

Por fim, a autora caracteriza melhor as percepções linguísticas quando descreve que, as mesmas

[...] abrangem vários campos. Há percepções geográficas e percepções avaliativas acerca do dinamismo, da correção, da agradabilidade, do valor social, do valor de identidade de uma determinada variedade ou de um traço específico dessa variedade. E o conjunto dessas percepções compõe a percepção de prestígio que regulará as atitudes tomadas, que, por sua vez, poderão ter depois reflexos na mudança linguística. (FERREIRA, 2009, p.254)

Cabe ressaltar ainda que, como descreve Kaufmann (2011, p. 126), “[...] atitudes individuais só podem influenciar o comportamentos linguístico (neste caso, a competência em e o uso de diferentes línguas) caso não haja normas sociais fortes que inibam a aplicação de atitudes individuais.”, ou seja, as atitudes não refletem totalmente o comportamento social efetivo dos falantes, ou ainda, que as atitudes em relação a uma variedade linguística não se manifesta, necessariamente, ligados aos indivíduos ou a suas características, isso quer dizer que, não devemos tomar como categóricas as percepções e atitudes linguísticas levantadas, mas sim, como sinalizadores de determinados comportamentos.

Ainda, as atitudes não podem ser consideradas isoladas do seu contexto social, pois, como Lasagabaster (2004) explica,

está além de qualquer dúvida que as atitudes são diretamente influenciadas por fatores ambientais excepcionalmente fortes como a família, o trabalho, a religião, amigos ou a educação, ao ponto de as pessoas tenderem a ajustar suas atitudes para se adequarem àquelas que são as predominantes nos grupos sociais a que se vinculam.³³ (LASAGABASTER, 2004, p. 399, tradução nossa)

³³ It is beyond any doubt that attitudes are directly influenced by exceptionally powerful environmental factors such as the family, work, religion, friends or education, up to the point that people tend to adjust their

Frente ao papel do falante nos processos de mudança e variação linguística, Moreno Fernández (1998) descreve que,

[...] uma atitude favorável ou positiva pode fazer que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística.³⁴ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179, tradução nossa).

Ainda, como apontaram Cargile e Giles (1997), a língua além de informar, proporciona aos seus falantes perceber e reagir à variação linguística e paralinguística, sendo que, estas carregam características pessoais e sociais do falante e sua comunidade de fala, ou seja, a língua é uma poderosa força social. Também, as atitudes linguísticas nos proporcionam, além de representar um componente fundamental na delimitação da identidade do falante, o acesso à leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico frente às manifestações positivas ou negativas, em relação à fala dos outros indivíduos ou à própria fala.

Para Lambert (1967), as atitudes compreendem a combinação de três componentes: o componente cognoscitivo, que é composto pelo saber e pelas crenças que fundamentam as convicções de mundo dos falantes; o componente afetivo, que é embasado nos sentimentos e juízos de valores que alicerçam a valorização das variedades linguísticas; e o componente comportamental, que englobam as condutas e propensões comportamentais em si de cada falante. Gómez Molina (1998), comentado por Aguilera (2008, p.106), descreve cada uma como:

(i) O componente cognoscitivo teria o maior peso sobre os demais por confrontar, em larga escala, a consciência sociolinguística, uma vez que nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência linguística, crenças,

attitudes to conform with those that are most prevalent in the social groups they belong to. (LASAGABASTER, 2004, p. 399)

³⁴ [...] una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rapidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidadosos. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico¹. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179).

estereótipos, expectativas sociais (prestígios, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade.

(ii) O componente afetivo, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, sotaque; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence.

(iii) O componente conativo, por sua vez, reflete a intenção de conduta, o plano de ação sob determinados contextos e circunstâncias. Mostra a tendência a atuar e a reagir com seus interlocutores em diferentes âmbitos ou domínios: rua, casa, escola, loja, trabalho.

Ainda, sobre os três componentes que compreendem as atitudes linguísticas, Kaufmann (2011, p.123) citando Ayzén (1988, p.21), descreve que

As implicações empíricas do modelo hierárquico de atitude podem ser descritas como a seguir. Dado que os três componentes refletem a mesma atitude subjacente, eles devem correlacionar-se uns com os outros em algum nível. Porém, no limite em que a distinção entre as categorias de respostas cognitivistas, afetivas e conotativas tem uma significância fisiológica, as medidas dos três componentes não devem ser completamente redundantes.

Nos estudos sociolinguísticos, que tem como foco as atitudes, encontram-se duas abordagens distintas na análise quanto à estrutura componencial. A primeira é a mentalista, que entende atitude como um processo cognitivo, afetivo e conativo, ou seja, como aponta Corbari (2013), possui uma natureza psicológica, sendo condicionada pelas condições ou fatos linguísticos, não sendo assim, possível observá-las e interpretá-las, mas sim, somente deduzi-las. A segunda é a behaviorista ou comportamentalista, que para o autor considera a atitude um componente único, como uma conduta, ou seja, uma reação ou resposta a uma determinada variedade linguística, sendo assim, possível de observá-la a partir do comportamento do falante.

Alves (1979), ainda ressalta que a atitude não deve ser vista como resultado, mas sim como um processo dotado de etapas, etapas estas, que compreendem em perceber a variedade, a demonstração ativa de um indivíduo, o enquadramento da variedade nas crenças e valores do falante e sua reação positiva ou negativa frente à variedade da língua, uma vez que, segundo Oppenheim (1992), as “[...] atitudes são reforçadas por crenças (o componente cognitivo) e frequentemente atraem sentimentos fortes (o

componente emocional) que podem levar a determinadas intenções comportamentais (o componente da tendência de ação).”³⁵ (OPPENHEIM, 1992, p. 175, tradução nossa).

Ainda, devemos considerar, ao observar e analisar as atitudes linguísticas dos falantes, duas dimensões avaliativas, conforme já citava Giles, Ryan e Sebastian (1982): a *solidariedade*, que podemos compreender como a avaliação positiva da variante linguística intragrupo e, conseqüentemente, a lealdade a esta; e o *status*, que compreende no reconhecimento que determinada língua possui na sociedade, o que acaba por refletir na valorização às pessoas.

Assim, conceitua-se que “a atitude linguística é a manifestação da atitude social dos indivíduos, identificada por centrar-se e referir-se tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179), ou seja, “as atitudes linguísticas refletem as nossas crenças culturalmente motivadas e condicionadas ao sistema de valores acordados pelos membros da sociedade e/ou grupos sociais” (SCHNEIDER, 2007, p. 78).

Partindo disso, Barcelos (2006, p. 18) conceitua crenças:

Como uma forma de pensamento, como construções de realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.

Ao relacionarmos crenças e atitudes, como o fez Santos (1996), temos a crença como uma convicção do indivíduo pessoal adotada pelo falante, e atitude como uma manifestação e, quando o mesmo adota determinadas crenças sobre a variedade linguística, o mesmo a avalia, adotando uma atitude sobre esta.

Pensando nisso, Rodrigues (2000, p. 98) define a atitude como “Uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, providas de carga afetiva a favor ou contra um objeto social definido, que predispõe uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a esse objeto”.

Essa relação indissociável entre língua, sociedade e identidade leva o falante a se posicionar frente à língua ou às variedades linguísticas e, conseqüentemente, aos

³⁵ “[...] attitudes are reinforced by beliefs (the cognitive component) and often attracts strong feelings (the emotional component) which may lead to particular behavioural intents (the action tendency component).” (OPPENHEIM, 1992, p. 175).

usuários destas. Assim, são as percepções e atitudes linguísticas impregnadas na sociedade, que desencadeiam as atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outros posicionamentos (SILVA, AGUILERA, 2014, p. 705). São os trabalhos que tratam das percepções e atitudes linguísticas, que estudam esses fatos atitudinais e examinam o impacto determinante que eles produzem na língua, isto é, na mudança linguística, uma vez que, “normas sociais também podem ser analisadas como a fossilização das atitudes da maioria dos membros do grupo em questão.” (KAUFMANN, 2011, p.122).

Ainda, Krug (2004, p. 19) aponta, com relação aos reflexos das mudanças linguísticas na sociedade, que estas “[...] são acrescidas de mudanças de hábitos e costumes, bem como do convívio com pessoas diferentes, da submissão a novas regras de vidas e outras características que acabam afetando a língua e, conseqüentemente, a identidade dos jovens.”.

Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p.23) definem as atitudes linguísticas como “[...] uma postura, ou comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro.”.

Tarallo (1997, p.14) acrescenta, ainda, a esta concepção, o conceito de identidade linguística, assim, entendendo que as atitudes são “[...] armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado.”, ou seja, a partir do posicionamento do falante, este molda sua identidade, diferenciando-se de outras comunidades de fala.

Lambert e Lambert (1966, p. 77) definem a atitude como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Ainda, apontam que

Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo interrelacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77-78).

Desse modo, como aponta Lahud (1981, p. 48-49), “[...] O feio e o bonito, o certo e o errado, o lógico e o não lógico, mas também o reacionário e o progressista ou libertário

passam, assim, a ser tomados como uma espécie de virtudes internas à própria linguagem.”. Contudo, essas variantes são diferentes maneiras de falar, em determinada língua, a mesma coisa, porém, o uso de determinadas formas, servem como base na diferenciação entre grupos e classes sociais, uma vez que, algumas variantes são mais valorizadas que outras.

É por meio desse emprego de valor às variedades que os estereótipos surgem, já que, são crenças supergeneralizadas, que se baseiam em um conjunto limitado de experiências, ou seja, aplicam-se concepções generalistas que, “nem sempre são verdadeiras em todos os casos além daquele conjunto de experiências nas quais se baseiam. Quando um indivíduo considera tais generalizações como se fossem verdades universais, geralmente as denominamos de estereótipos” (BEM, 1973, p. 17-18). Sobre os reflexos da valorização de determinadas formas linguísticas, Krug (2004, p. 10) descreve que

[...] indivíduos de comunidades minoritárias tentam se assimilar tanto aos aspectos culturais quanto aos lingüísticos dos grupos dominantes. Ser integrante de um grupo com identidade étnica e lingüística forte é, muitas vezes, movido de orgulho, conferindo ao falante um certo sentimento de superioridade. O prestígio e o valor de mercado da língua servem, neste caso, para a construção de uma identidade positiva.

Assim, faz-se imprescindível que o falante tenha consciência linguística, ou seja, que seja capaz de conhecer e distinguir as diferenças que envolvem a língua ou as variedades desta. Além, é claro, de conhecer a carga social que cada uma carrega, uma vez que, o objeto das atitudes não são as línguas ou variedades em si, mas sim, os grupos que as falam e a compreensão do próprio grupo e comportamento linguístico. Isso porque, como ressalta Aguilera (2008, p. 106), “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente”, pois, como expõe Gómez Molina (1987, p. 25), citado por Aguilera (2008, p. 105), a atitude linguística

[...] atua de forma muito ativa nas mudanças de código ou alternância de línguas: é um fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; permite ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes; e influi na aquisição de segundas línguas.

Bem (1973), define atitudes da seguinte maneira:

Atitudes são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo idéias abstratas e políticas sociais. [...] nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas (BEM, 1973, p. 29).

Pensando nisso, o posicionamento linguístico (segurança ou insegurança linguística; lealdade ou deslealdade, prestígio ou desprestígio; estereotipação e estigmatização, dentre outras) do falante vai depender da consciência que este possui frente às demais variedades, uma vez que, não há uma língua ou variedade que seja mais “eficiente”, “bonita”, “superior” ou “correta” que outra, já que todas possuem potencialidades de expressão. Porém, como aponta Cardoso (2015, p. 14), o dialeto nordestino ou o dialeto baiano, em comparação ao utilizado pela classe alta da região centro-sul, que são consideradas de maior prestígio, ganham no sul uma conotação “diferente” ou, até mesmo, negativa (cf. 1º Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro. Salvador, 1956).

Mollica (1995, p. 128), ao estudar a reação dos cariocas frente a sua fala, no que tange os fenômenos de concordância nominal e verbal correlacionada à alternância de uso entre *nós/a gente* e ao emprego de pronomes anafóricos e construções de tópico, teve o intuito de perceber a relação entre a percepção e as atitudes dos falantes sobre o próprio falar, estabeleceu princípios gerais sobre a hipótese de existirem leis gerais e constantes entre os três processos produção, percepção e avaliação, sendo estes:

1. estruturas menos notadas são menos estigmatizadas, que, no entanto, nem são necessariamente mais frequentes, nem exatamente as variantes padrão;
2. estruturas mais notadas são mais estigmatizadas, que, no entanto, nem são necessariamente as menos frequentes, nem exatamente as variantes não padrão;
3. as estruturas mais notadas (salvo os casos de variantes não padrão sujeitas permanentemente à atenção dos indivíduos mais escolarizados) são envolvidas por condições estruturais especiais, que implicam quase sempre forte e nítida relevância do ponto de vista de sua funcionalidade sócio Pragmática;
4. as estruturas mais estigmatizadas (salvo os casos de variantes não padrão sujeitas permanentemente à atenção dos indivíduos mais escolarizados) só recebem avaliação negativa dos falantes quando são percebidas, e isso só se verifica se presentificam as pré-condições estabelecidas em 3.

Segundo a autora, por meio desses princípios as pesquisas atitudinais se tornam mais aprofundadas e sistematizadas, de modo a comprovar ou refutar os processos de produção, percepção e avaliação analisados.

De modo geral, como percebemos até então,

A literatura sobre o assunto oferece múltiplas definições de atitude, de cujo confronto emergem algumas características. As atitudes (soma de opiniões, crenças, convicções e experiências) vêm concebidas como uma disposição para agir nos confrontos com algo ou alguém. Contudo, muitas pesquisas têm mostrado que o comportamento não é previsível com base na atitude. [...] as atitudes influenciam o comportamento apenas se o contexto o permitir.³⁶ (PUOLTATO, 2006, p. 46-47).

A partir do que fora exposto até então, compreendemos que é por meio da língua que podemos delimitar os limites entre o *nós* e os *outros*, uma vez que, é ela que proporciona indícios de nossa origem, história, cultura e o grupo ao qual pertencemos, e que, o processo de variação e mudança linguística é condicionado, muitas vezes, a partir das percepções e atitudes linguísticas de seus falantes, tanto aceitando quanto rejeitando uma variante, constatamos também, a importância de se realizar trabalhos que tenham como foco as percepções e atitudes linguísticas dos falantes relacionado as concepções geográficas, pois, como já apontou Ferreira (2009, p. 255),

[...] será ainda mais produtivo se este estudo das percepções avaliativas estiver vinculado a um estudo das percepções geográficas, isto porque é indispensável que se identifique cabalmente a variedade sobre a qual recaem os adjetivos valorativos. Aliás, este foi um dos aspectos omissos nos primeiros trabalhos atitudinais e que se revelou determinante para uma melhor e adequada descrição dos dados e até para a legitimação das interpretações dadas pelos investigadores.

Assim, esta pesquisa proporcionará a percepção de como os chapecoenses julgam o uso das formas *tu e/ou você* e, de que modo, esse julgamento está direcionando a variação e/ou a mudança linguística frente ao uso dessas formas.

³⁶ La letteratura sull'argomento ne offre molteplici definizioni, dal cui confronto emergono alcune caratteristiche. Gli atteggiamenti (somma di opinioni, credenze, convinzioni ed esperienze) vengono concepiti come una disposizione ad agire nei confronti di qualcosa o di qualcuno. Tuttavia molte ricerche hanno mostrato che il comportamento non è predicibile in base all'atteggiamento. [...] gli atteggiamenti influenzano il comportamento solo se il contesto lo permette⁵⁴ (PUOLTATO, 2006, p. 46-47).

2.5 AS VARIANTES *TU* E *VOCÊ* E AS PESQUISAS VARIACIONISTAS DE PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Na presente subseção, apresentaremos algumas pesquisas já realizadas, além das já citadas (LUCCA, 2005; ROCHA, 2012; RAMOS, 1989; ARDUIN, 2005; ZILLI, 2009), que tenham como foco a análise das percepções e atitudes linguísticas dos falantes frente ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e/ou *você*.

Contudo, ressalta-se que ainda são poucas as pesquisas com o foco nas percepções e atitudes linguísticas dos falantes frente ao preenchimento da segunda pessoa do singular pelos pronomes *tu* e/ou *você*.

A pesquisa de Rocha (2012), investigou e mapeou o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do singular, *tu/você/o senhor*, e as percepções e atitudes dos falantes florianopolitanos frente a essas formas. Os testes de percepção e atitudes aplicados solicitavam que os informantes avaliassem as formas *tu*, *você* e *o senhor*, a fim de relatar qual/quais era/m mais bonita-feia, boa-ruim.

Os resultados apontaram que nas relações simétricas, os informantes preferiram a forma *tu*, tanto para amigos quanto para se dirigir aos pais, no primeiro caso a forma *você* aparece como segunda opção e a forma *o senhor* não foi empregada, já no segundo caso, a forma *o senhor* é preferível a *você*. Já quando o informante se direciona a um superior, a forma mais utilizada é *o senhor*, seguido do *você* e do *tu*, assim, nas relações assimétricas ascendentes, que exige um tratamento mais formal, a forma *o senhor* substitui, na maioria dos casos, as demais formas.

Por fim, quando foi solicitado a emissão de um juízo de valor frente às variantes, a forma considerada “boa” ou mais “bonita” foi o *você*, seguida da forma *o senhor*. Interessante perceber, que antes da avaliação positiva da forma *tu*, predominou “*Não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima*”.

Não houve um julgamento predominantemente negativo sobre as formas *tu*, *você* e *o senhor*, pois não acham feia ou ruim. O que chamou a atenção da autora foi um significativo número de informantes que acham o *tu* ruim ou feio, isso porque, a maioria dos mesmos informantes, no início teste, diziam preferir essa forma para o uso entre amigos.

O estudo de Miranda (2014), analisou as crenças e atitudes de falantes da cidade de Caxias e São Luís, no estado do Maranhão, em relação aos usos variáveis na

concordância verbal com o pronome *tu*, no que versa a afirmação popular de que no Maranhão se fala o melhor português.

Em linhas gerais, a pesquisa comprova a contradição entre os usos e as atitudes e crenças dos falantes das cidades investigadas. Dentre as questões que compuseram o questionário de coleta, uma envolve especificamente a concordância verbal com o pronome: “Qual das três sentenças é melhor para você?” 1ª. *Você quer um sorvete?* 2ª. *Tu queres um sorvete?* 3ª. *Tu quer um sorvete?*, percebe-se que, mesmo que o foco não seja na variação pronominal de segunda pessoa, a questão apresenta ambas as possibilidades ao informante. Em suma, os falantes avaliam como melhor o uso da forma *você* como uma marca de prestígio da comunidade caxiense, já o sintagma *tu queres* aparece em segundo lugar na avaliação dos informantes da pesquisa e, por último, aparece o sintagma *tu quer*.

Já na questão “Qual das três sentenças você usa mais?”. 1ª. *Você quer um sorvete?* 2ª. *Tu queres um sorvete?* 3ª. *Tu quer um sorvete?*, o sintagma *você quer* recebeu, a melhor avaliação em linhas gerais, seguido por *tu quer* e *tu queres*, predominando, novamente, o uso da forma *você* frente ao *tu*.

Assim, quanto à consciência do falante, observamos que este reconhece o *tu quer* ou o *tu queres* como marcador do dialeto caxiense, mesmo assim, a influência do *você* é muito forte na comunidade, ainda assim, as formas *tu quer* e *tu queres* são avaliadas, mesmo que em menor número, positivamente.

A última pesquisa a ser apresentada, desenvolvida por Franceschni (2011), sobre as percepções e atitudes linguísticas dos falantes frente à variação dos pronomes *tu* e/ou *você*, mais especificamente na cidade de Concórdia, em Santa Catarina, tinha o objetivo de estabelecer uma correlação entre o uso dos pronomes *tu/você* e a atitude linguística dos falantes, contudo, a autora não se conseguiu elaborar uma metodologia específica para esse fim. Somente ao final das entrevistas, que tratavam de assuntos gerais, é que se trabalhou com o tópico em questão, interrogando os informantes sobre, no contato assimétrico e simétrico, qual o pronome eles utilizavam e o que pensavam sobre o uso de cada um.

Em síntese, os resultados obtidos apontam, em comparação uso-atitude, que há um número maior de falantes que dizem usar o *tu* e um número menor que usam o *você*, resultado contrário da análise do comportamento linguístico destes. Assim, demonstraram reações subjetivas frente ao uso dos pronomes, que parecem indicar um novo padrão de

prestígio na fala de Concórdia com o uso do *você*, que ainda não obteve unanimidade no uso, já que ainda predomina o uso do *tu*.

Como percebemos com as pesquisas acima, ainda são poucas as investigação que tenham como foco as percepções e atitudes linguísticas dos falantes, frente à variação no preenchimento do pronome de segunda pessoa com as formas *tu* e/ou *você*. Ainda, percebemos que os resultados apresentados acima, nos mostram que, em linhas gerais, a forma inovadora *você* é tida como “boa”, “bonita” ou mesmo é vista como uma forma de prestígio, e que, na fala dos informantes de Florianópolis, há um número significativo de posicionamentos negativos frente à forma *tu*, mesmo que, não percebe-se um posicionamento predominantemente negativo frente a essa forma.

Por fim, percebemos a relevância em se realizar, cada vez mais, pesquisas que estudem as percepções e atitudes dos falantes frente às variantes linguísticas, principalmente as formas *tu* e/ou *você*, já que ainda são raríssimos os casos que tenham esse foco, especialmente na cidade de Chapecó, sendo que, não encontramos nenhuma pesquisa com informantes da cidade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando nascemos, aprendemos, mesmo que de modo inconsciente, uma variedade específica da língua, a variedade na qual, a comunidade em que o indivíduo está inserido fala, podendo esta, ter alguns aspectos (no nível sintático, lexical ou fonológico), diferentes de outras variedades da língua.

Assim, muitas são as teorias que buscam descrever os diferentes falares que compreendem uma língua, e tendo como objetivo principal desta pesquisa a descrição da variedade falada na cidade de Chapecó e as percepções e atitudes dos chapecoenses frente a sua variedade e as outras variedades linguísticas, no que tange à referência à segunda pessoa do singular, esta pesquisa está apoiada, especialmente, nos pressupostos teórico-metodológicos da *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (1968, 2006) e Labov (1972, 2008) e da *Dialetologia Perceptual*, concebida por Preston (1989) e Preston e Long (1999; 2002). Deste modo, apresentamos, neste capítulo, inicialmente, os princípios que fundamentam a *Teoria da Variação e Mudança Linguística* e, na sequência, da *Dialetologia Perceptual*.

3.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, também conhecida como *Sociolinguística Variacionista*, surge com a publicação do ensaio *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*³⁷, em 1968, no qual se propõe um modelo teórico-metodológico para o estudo e a valorização dos fenômenos de variação e mudança linguística, ou seja, da heterogeneidade nos usos da língua. De acordo com Labov (2008 [1972], p.215), a língua é “uma forma de comportamento social, [...] usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros”, assim, a língua não é falada da mesma forma por todos os membros da comunidade. Como ressaltam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.103), “O caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos [...] é o produto de combinações, alternâncias ou mosaicos de subsistemas distintos, conjuntamente disponíveis.”

³⁷ O título original da obra é *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* (1968).

Contudo, devemos compreender que para que a variação linguística aconteça, esta não depende somente dos fatores internos a língua, mas sim, é motivada, também, pela influência de fatores externos, de origem social.

Em resumo, a Sociolinguística estuda a língua em seu contexto de uso real, levando em consideração as relações entre as estruturas linguísticas e os aspectos sociais e culturais para a produção linguística, buscando a regularidade e a sistematicidade desses usos. Silva Corvalán e Enrique-Arias (2017, p. 01, tradução nossa) pontuam que,

Esses fatores sociais incluem: (a) os diferentes sistemas de organização política, econômica, social e geográfica de uma sociedade; (b) fatores individuais que têm um impacto sobre a organização social em geral, tais como a idade, a raça, o sexo e o nível de escolaridade; (c) aspectos históricos e étnico-culturais; (d) a situação imediata que rodeia a interação; em suma, o que se tem chamado de contexto externo em que ocorrem os eventos linguísticos.³⁸

Para Labov (2008 [1972]), o trabalho da Sociolinguística Variacionista deve ser estudar a língua em uso em uma determinada comunidade de fala, que é composta por um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos, que distinguem seu grupo de outros, ou seja, não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos linguísticos, mas, sobretudo, pela participação num conjunto de normas estabelecidas, ou seja, a homogeneidade no comportamento avaliativo e nos padrões abstratos de variação invariantes aos níveis particulares de uso.

A língua ou o dialeto, além de fazer parte da constituição do indivíduo, de sua identidade, revelando-o “[...] como pertencente a uma comunidade determinada historicamente, ou, pelo menos, como alguém que assume temporariamente a tradição idiomática desta ou daquela língua.” (COSERIU, 1987, p.19), também exerce um papel de poder na sociedade, uma vez que, pode integrá-lo, valorizá-lo, discriminá-lo ou elevá-lo socialmente, quando se domina a língua falada pelos detentores do poder, isso por que, é por meio dela que expressamos acontecimentos sociais, de ordem política, cultural e

³⁸ Estos factores sociales incluyen: (a) los diferentes sistemas de organización política, económica, social y geográfica de una sociedad; (b) factores individuales que tienen repercusiones sobre la organización social en general, como la edad, la raza, el sexo y el nivel de instrucción; (c) aspectos históricos y étnico-culturales; (d) la situación inmediata que rodea la interacción; en una palabra, lo que se ha llamado el contexto externo en que ocurren los hechos lingüísticos. (SILVA CORVALÁN; ENRIQUE-ARIAS, 2017, p. 01).

histórica, sendo que, ela se transforma, se adapta, junto com a sociedade, adequando-se para representá-la.

Não se trata de um grupo de falantes que utilizam as mesmas formas, mas sim, seguem as mesmas normas relativas ao uso. Esses falantes comunicam-se, relativamente, mais entre si do que com indivíduos de outros grupos e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem (cf. LABOV, 2008 [1972]), isso ocorre porque, o uso da língua envolve, necessariamente, significados, crenças e valores incorporados pelo indivíduo como parte dos processos sociolinguísticos, em um determinado grupo social, ou seja, as manifestações linguísticas podem ter várias formas, porém, o valor atribuído a cada uma delas irá depender do grupo em que ocorre. A variação na fala de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística é sistematizada, sendo que, toda variação é condicionada por fatores de diversas ordens.

Guy (2000, p.18), define uma comunidade de fala como um grupo de falantes que apresentam:

- (i) características lingüísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela;
- (ii) densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele;
- (iii) normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis lingüísticas.

Deste modo, os falantes de determinada comunidade de fala reconhecem as características compartilhadas por sua comunidade e conseguem distingui-los de outros falantes, que não compartilham as mesmas características. Essas diferenças correspondem à organização social e refletem nos subgrupos de falantes e, também, são encontradas dentro da fala de cada pessoa, que varia sua fala de acordo com o contexto.

Assim, pertencer a uma comunidade é

em parte, acidental, determinado pelas circunstâncias de nascimento e residência, e pelo acesso comunicativo a outros. Mas é também parcialmente intencional, determinado pelas nossas atitudes social e lingüísticas, pelas nossas decisões sobre com quem queremos nos associar, e quem queremos emular. Adotar a gramática da comunidade é, em parte, um ato de identidade (GUY, 2000, p. 14).

Desta forma, devemos considerar, ao se observar uma comunidade de fala, tanto os traços linguísticos quanto às normas e atitudes compartilhadas pelos falantes. Assim, para Labov (2008 [1972], p. 18), o objeto de análise não deve ser a língua, mas sim a

gramática da comunidade de fala, ou seja, “o sistema de comunicação usado na interação social”, ainda, relata que a comunidade de fala “não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 188).

O modelo laboviano surgiu apresentando críticas, tanto à proposta saussureana, quanto à chomskiana. Frente ao primeiro modelo, Labov rejeita a dicotomia *langue* (língua) e *parole* (fala), pois, para Saussure, é possível observar o aspecto social da linguagem a partir de um único indivíduo, pois todos os falantes possuem conhecimento da língua. Contudo, o estudo da fala só pode ser realizado em seu contexto social, já que a língua é heterogênea, ou seja, Labov quer buscar a estrutura heterogênea da língua, enquanto falada por uma comunidade ou grupo social. Seu foco de interesse não está nas formas categóricas da língua, como os modelos saussurianos e chomskiano, mas sim, nas alternativas de se dizer a mesma coisa, as variantes linguísticas, possíveis dentro da estrutura da língua e motivadas, não somente por condicionadores internos da língua, mas também, sobre motivações externas. Com isso, o intuito de Labov é mostrar a existência e o funcionamento de regularidades dentro da variação na língua, de modo a comprovar que esta é sistemática e previsível.

Outro ponto questionado por Labov é que, nos pressupostos saussureanos, os fatos linguísticos só poderiam ser explicados por outros fatos linguísticos, o que, para Labov (2008 [1972]), não se sustenta, pois os fatos são explicados, também, no campo extralinguístico.

Por fim, segundo a perspectiva saussureana, a fala só opera sob um ponto sincrônico (estática), que constitui a realidade verdadeira e única, ou seja, um estudo que analisa dois pontos sincrônicos não tem vez, pois, não se busca as mudanças que ocorrem entre dois períodos de tempo, mas sim, o estado atual da língua. Para Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), tanto a variação quanto a mudança linguística, deve ser investigada sob as perspectivas sincrônicas e diacrônicas.

Frente aos preceitos de Chomsky, Labov rejeita o objeto de estudo gerativista, uma vez que, centra-se na competência linguística, considerada homogênea, com falantes-ouvintes ideais. Esse objeto contraria a visão laboviana, que considera uma comunidade de fala heterogênea, com falantes-ouvintes reais. Outro ponto de discordância entre as teorias é a composição dos dados, que, no modelo chomskiano, compreende as próprias intuições do linguista e/ou dos falantes sobre a língua, já que esses fazem uso da língua.

Essa metodologia não se sustenta no modelo laboviano, uma vez que, não há como ter julgamentos intuitivos homogêneos quando o linguista julga sua própria fala, ou seja, este não deve produzir teoria e dados ao mesmo tempo. Labov (2008 [1972]) ressalta que deve-se olhar para a língua empregada no cotidiano, para então relacioná-la à teoria gramatical, de modo a ajustar a teoria, para que esta dê conta de seu objeto.

O objetivo de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), foi estabelecer os fundamentos empíricos da teoria, apontando seus princípios gerais:

1. [...] A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. [...] A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo e está refletida na difusão de isoglossa por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala [...], os dialetos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família [...].
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística [...]. (WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 [1968], p. 125)

Partindo dos princípios apontados por Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968]), podemos perceber que ocorre, em muitas comunidades linguísticas, a variação no preenchimento do pronome de segunda pessoa com as formas *tu* e/ou *você*, contudo, ainda não se pode afirmar que essa variação se encaminha para um processo de mudança, uma vez que, conforme percebemos nas pesquisas apresentadas na seção 2.3, temos a presença de ambas as formas, tendo sim, em algumas comunidades, o predomínio de uso de uma forma sobre a outra, entretanto, não podemos afirmar que essa variação se encaminha para uma mudança linguística, ou que há o uso categórico de uma forma sobre a outra, mas sim, que há uma coocorrência de variantes.

Os estudos variacionistas pioneiros, realizados por Labov, desenvolveram-se, em sua maioria, na área da fonologia. No primeiro estudo *A motivação social de uma*

*mudança sonora*³⁹ (1972 [1963]), investigou-se a variação dos ditongos [ay] e [aw], na Ilha de Martha's Vineyard, em Massachussets. O que se percebeu, foi que há uma tendência à centralização dos ditongos pelos nativos da ilha, diferente ao inglês padrão, condicionada pela resistência dos que se identificam com a ilha, comprovando a necessidade de se analisar a mudança linguística relacionada à vida social da comunidade de fala e as pressões sociais que agem sobre esta.

No segundo estudo *A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York*⁴⁰ (1972 [1966]), averiguou-se a presença/ausência do [r] pós-vocálico na fala de nova iorquinos estratificados de acordo com a classe social. Os dados foram coletados em três lojas de departamentos: *Saks* – classe média alta, *Macy's* – classe média baixa e *Klein* – classe baixa. De modo geral, os resultados apontaram para o maior uso do [r] na *Saks* (62%) e na *Macy's* (51%) e para o menor uso na *Klein* (21%), ou seja, o novo padrão de prestígio de Nova Iorque é a presença do [r], justamente nas lojas de classes sociais mais prestigiadas (*Saks* e *Macy's*), em que o segmento fônico apareceu com maior frequência, o que comprova a importância de se observar, também, as estratificações sociais no condicionamento de uso da língua.

Os indivíduos, segundo a Sociolinguística Variacionista, dispõem de uma gama de possibilidades de usos linguísticos e elegem a forma que melhor atinge o objetivo de sua fala. Essas possibilidades chamamos de variantes linguísticas. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 96-97),

[...] encontramos na maioria das comunidades de fala formas distintas da mesma língua que coexistem, *grosso modo*, na mesma proporção em todas as sub-regiões geográficas da comunidade. [...], tais formas compartilham as seguintes propriedades:

- (1) Oferecem meios alternativos de dizer 'a mesma coisa': ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado correspondente em *B* que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste de *A*.
- (2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em *A* e *B* com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu *status* social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em *A* e *B* e entender a significação da escolha de *A* ou *B* por algum outro falante.

³⁹ O título original da obra é *The social motivation of a sound change* (1972 [1966]).

⁴⁰ O título original da obra é *The social stratification of (r) in New York city department stores* (1972 [1966]).

A um conjunto de variantes dá-se o nome de “[...] *variável lingüística* – um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra.” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.105). Assim,

Uma variável lingüística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura lingüística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para as regras em que ‘frequentemente’, ‘ocasionalmente’ ou ‘às vezes’ se aplicam. A evidência quantitativa para a *co-variação* entre a variável em questão e algum outro elemento lingüístico ou extralingüístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.107).

Nesta pesquisa, tomamos como variável linguística a *variação* no preenchimento do pronome de segunda pessoa com formas *tu* e/ou *você*.

Para se olhar a língua em seu contexto de uso, Labov (2008 [1972]) aponta algumas barreiras teóricas, que, segundo este, são todas superáveis. A primeira seria a agramaticalidade da fala, segundo a qual há o mito de que existem frases mal formadas no discurso dos falantes, o que não é comprovado por meio de estudos de usos efetivos da língua. A segunda barreira seria a determinação da *variação* na estrutura linguística, uma vez que, podemos utilizar diversas maneira de dizer a mesma coisa, ou seja, as estruturas são heterogêneas. Uma vez que a *variação* é inerente à fala, Labov (2008 [1972]) afirma, com base em Weinreich, Labov e Herzog, (2006 [1968], p.101), que “a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional” (LABOV, 2008 [1972], p. 238). A terceira barreira seria a dificuldade de audição e gravação da fala em situações naturais, o que seria solucionado com equipamentos tecnológicos de qualidade. A última barreira apontada, compreende a raridade das formas linguísticas, que, para ser resolvido, o linguista pode contar com algumas estratégias, como por exemplo, suscitar que o informante que use a língua de forma natural, ao estabelecer um diálogo com seu interlocutor (pesquisador), o que proporcionará a percepção de uso ou não da forma objeto de pesquisa.

Para se verificar quais fatores sociais e linguísticos que condicionam a escolha de uma ou outra das formas alternantes da língua, não podemos restringir o contexto unicamente ao contexto estrutural, pois, segundo Oliveira (1987), existem vários casos nos quais a escolha de determinadas formas acontece em termos da estrutura cultural da comunidade de fala, uma vez que, algumas variantes recebem *status* de prestígio e

outras, conseqüentemente, acabam sendo estigmatizadas, o que gera um condicionamento nas formas usadas pelos falantes.

Também, cabe ressaltar, como aponta Labov (2003 [1969]), que não há falantes de estilo único, variando em regras fonológicas e sintáticas, de acordo com o contexto. O autor aponta que essas variações estilísticas determinam-se pelas interações do falante com os outros, e as relações de poder ou solidariedade entre o grupo; pelo contexto social (escola, trabalho, casa, entre outros); ou ainda, pelo tópico da fala.

Deste modo, olhar para a variação, por exemplo, do *tu* e do *você*, não requer simplesmente mapear a frequência de uso das variáveis, pois, como percebemos mais acima, dentro das comunidades de fala estabelecem-se hierarquizações, e essas classificações influenciam, de modo direto, na propagação ou não das formas. Se o falante, e sua comunidade de fala acham mais “bonita” ou “melhor” o uso, por exemplo, do pronome *tu*, avaliarão, em muitos casos, como negativo o uso da forma *você*, o que ocasionará a não propagação do *você*. Ainda, vale ressaltar que, em um diálogo, não estamos, em si, apenas interpretando as palavras que nos são proferidas, mas também, o falante e toda a situação de fala, assim, se nosso interlocutor percebe o posicionamento negativo frente à variável de uso, poderá modificar sua fala e deixar de usar a variável, até então, característica de sua fala.

Todas as variedades linguísticas são válidas como meio de comunicação e adequadas às necessidades e características culturais da comunidade que a fala. Contudo, há valores sociais atribuídos às variedades, que, segundo Labov (2008 [1972]), caracterizam-se como *estereótipos*, *marcadores* e *indicadores*:

(I) *Estereótipos*: variáveis marcadas de forma consciente que, em alguns casos, sofrem estigma e são associadas à falta de escolaridade e rejeitadas de modo explícito pela comunidade de fala, gerando uma rápida mudança linguística e extinção da forma, também, podem apresentar avaliação positiva em determinado grupo. Temos como exemplo, a pesquisa de Silva (1991), que apontou, ao estudar a fala culta de Salvador, que o estereótipo de que as vogais pretônicas, tanto no Norte como no Nordeste, sempre sejam pronunciadas abertas não se confirma, uma vez que, somente em 60% dos dados é que estas foram pronunciadas abertas.

(II) *Marcadores*: variáveis que recebem consistente valorização social e estilística, por exemplo, como marca de prestígio. Tomemos aqui como exemplo, nosso objeto de pesquisa, a variação das formas *tu* e/ou *você*, que são utilizadas em algumas regiões,

respectivamente, quando o interlocutor é íntimo ou familiar, ou quando o interlocutor é desconhecido ou mais velho, assim, há uma variação estilística que influencia no uso de uma ou de outra forma;

(III) *Indicadores*: essas variáveis não são reconhecidas nem comentadas pelos indivíduos, ou seja, apresentam escassa força avaliativa, não identificando o indivíduo socialmente ou na estratificação social. Como por exemplo, segundo Coelho et al (2010, p.34), a variação no processo de monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/, no PB falado atualmente, em palavras como peixe/pexe, feijão/fejão, couve/cove, couro/coro, entre outros, que não sofrem valorização estilística ou social.

A variação no preenchimento do pronome de segunda pessoa pelos pronomes *tu* e/ou *você* não pode ser considerada estereótipo, pois não sofre estigma, e, também, é uma variação consciente do falante, não podendo assim, ser considerada um indicador.

Até o momento, relatamos os aspectos constituintes da variação linguística, um dos objetos de estudo da Sociolinguística. Contudo, com o passar do tempo, uma das variáveis acaba predominando sobre a outra, e quando isso acontece, o processo de mudança linguística acaba por concluir (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 122).

Frente a isso, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 122) afirmam que a mudança linguística ocorre: (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, como por exemplo, a forma *vocês* como pronome de terceira pessoa do plural; (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, tomando como parâmetro o exemplo anterior, quando ainda ocorria a competição entre as formas *vocês* e *vós*; e (3) quando uma das formas se torna obsoleta, como por exemplo, hoje a forma *vós*, que acontece somente em contextos muito específicos.

Ainda, os autores sistematizam cinco problemas empíricos, que são intimamente correlacionados e interdependentes, com os quais os linguistas lidam, ou seja, são alvos das investigações linguísticas de variação e/ou mudança:

a) **O problema da restrição**: compreende o conjunto de mudanças possíveis e às condições possíveis para a mudança, ou seja, nesta pesquisa correspondem aos fatores condicionantes que levam os falantes a usar o pronome *tu* e/ou o pronome *você*, os princípios universais que determinam a estrutura e a mudança linguística, tendências gerais de uso e da direção da mudança, o que possibilita previsões sobre os rumos

possíveis da mudança, no caso dos pronomes de segunda pessoa, por exemplo, conforme pesquisas já realizadas, ainda não conseguimos definir qual o provável percurso desta mudança, através de um conjunto de condicionadores linguísticos e extralinguísticos.

b) **O problema do encaixamento:** diz respeito a como os fenômenos são encaixados na estrutura linguística e social, levando-se em conta os condicionadores linguísticos, sociais e estilísticos, que influenciam no encaixamento da variável na estrutura da língua, além é claro, de observar as causas, efeitos e direções da mudança que esse encaixamento ocasiona na estrutura geral da língua; e a correlação entre os fenômenos em mudança. Esse encaixamento promove a mudança do sistema sem comprometer sua estrutura, como apontou, por exemplo, Görski e Coelho (2009), sobre a mudança ocasionada no paradigma verbal com a mudança no paradigma pronominal, na qual, por exemplo, o pronome de segunda pessoa *você* concorda com o verbo na terceira pessoa do singular.

c) **O problema da transição:** envolve a transmissão e a incrementação da mudança, ou seja, compreende observar como as mudanças passam de um estágio a outro, o caminho percorrido por uma variante linguística e os estágios intermediários até a mudança linguística de fato, como por exemplo, o percurso percorrido pelo pronome de tratamento *Vossa Mercê* até chegar ao pronome *você*, ou ainda, os estágios pelos quais a variação entre *você* e *tu* já passaram até o momento. Podemos categorizar essa mudança pelas seguintes etapas: a) o surgimento e aprendizado de formas inovadoras; b) estágios intermediários em que duas ou mais formas coexistem e competem; c) substituição das formas antigas pelas inovadoras.

d) **O problema da avaliação:** faz referência ao modo como os falantes avaliam as formas linguísticas de modo subjetivo e consciente e como essa avaliação afeta os rumos da mudança, sendo que verifica-se o papel do indivíduo frente à mudança linguística e à própria língua. Essa percepção e atitude, pode ser tanto no nível linguístico (ao relacionar a avaliação da utilidade das formas linguísticas em contextos comunicativos) quanto no nível social (atribuição de significado social às formas linguísticas). Os falantes, avaliando linguisticamente os pronomes *tu* e *você* em análise, podem adequar o uso de algumas das formas em relação ao contexto e, também, a seu interlocutor, dependendo da relação de intimidade/proximidade entre estes. Trata-se de um dos objetivos desta pesquisa, que visa identificar as percepções e atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Chapecó,

frente à variação dos pronomes de segunda pessoa do singular, na medida em que os falantes se identificam com uma das formas ou a rejeitam.

e) **O problema da implementação:** refere-se ao passo final da mudança, no qual delimita-se o por que, quando e onde determinada mudança ocorreu, quais os fatores condicionantes, tanto de ordem linguística quanto social, levantando as razões pelas quais certa mudança ocorreu em determinada língua e época.

Em suma, a Sociolinguística Variacionista, não se propõe a demarcar as fronteiras de uma variedade, mas sim, perceber como esta se comporta nas diferentes estratificações da comunidade de fala e os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam nos usos das variáveis linguísticas.

Com o intuito de demarcar os limites linguísticos que os próprios falantes atribuem aos diferentes dialetos, e mais especificamente, nesta pesquisa, os limites geográficos de usos das formas pronominais *tu* e/ou *você*, buscamos interface com um ramo conhecido como Dialetoлогия Perceptual, a qual apresentaremos suas bases norteadoras na próxima seção.

3.2 A DIALETOLOGIA PERCEPTUAL

A Dialetoлогия Perceptual (doravante DP), como aponta Preston (1989), é uma subárea da linguística, que busca documentar as percepções, crenças, atitudes e ideologias que os falantes associam as diferentes variedades de uma língua.

Martins (2008, p.37) descreve, com base em nos preceitos de Preston (1989, 1999), que

A autonomia da dialetoлогия perceptual face aos estudos clássicos sobre atitudes linguísticas ancora-se, segundo cremos, bastante mais em especificidades metodológicas do que em questões teóricas de fundo. Assim, e salvaguardada a evidente singularidade do patrimônio construído pela dialetoлогия perceptual em torno de métodos de recolha e tratamento dos dados (c. Preston, 1989 e 1999), as demais diferenças circunscrevem-se a aspectos como a natureza das variáveis que tipicamente têm ocupado cada uma das áreas de inquirição (variáveis geográficas no caso da dialetoлогия perceptual, variáveis sociolinguísticas no dos estudos sobre atitudes linguísticas), bem como grau de explicitude da opinião/percepção linguística do leigo procurado pelo investigador. Em relação a esta última questão, Preston (1989:2) constata, nomeadamente, que 'as principais pesquisas em atitudes linguísticas têm tentado obter as reações subjetivas de não linguistas para amostras de linguagem', esclarecendo que o interesse da

dialetologia perceptual é, pelo contrário, 'a percepção evidente que os falantes têm da variação da linguagem'.⁴¹ (MARTINS, 2008, p.37, tradução nossa).

Ainda, Preston (2010b) cita que

Como na dialetologia profissional, a noção popular primária de linguagem e espaço é a de região ou área, e a característica definidora da área é a fronteira. Os não linguistas sabem que grupos de pessoas formam zonas delimitadas de similaridades linguísticas, e a principal tarefa em uma dialetologia perceptual é descobrir onde elas acreditam que esses limites estão.⁴² (PRESTON, 2010b, p. 179, tradução nossa).

De modo geral, a DP alia traços de pesquisas atitudinais, de tradição sociolinguística, às percepções dialetais geográficas da dialetologia, uma vez que, sua metodologia compreende na demarcação dos limites dialetais, de variedades, de registros, etc., que os falantes atribuem ao fenômeno inquerido, isso porque,

Os habitantes de uma cidade geralmente sentem-se prestigiados por fazer parte dessa cidade e de compartilhar um estilo de vida urbano. Entre os muitos (possíveis) marcadores do estilo de vida urbano, a fala pode desempenhar um papel relevante. E como o prestígio é um conhecido catalisador de imitação, a adoção de características da fala urbana muitas vezes parece fazer parte de uma estratégia (consciente ou subconsciente) de pessoas que vivem em pequenas cidades ou no campo, visando adquirir uma participação no prestígio associado à urbanidade e ao estilo de vida urbano.⁴³ (VANDEKERCKHOVE, 2010, p.317, tradução nossa).

⁴¹ A autonomia da dialetologia perceptual face aos estudos clássicos sobre atitudes linguísticas ancora-se, segundo cremos, bastante mais em especificidades metodológicas do que em questões teóricas de fundo. Assim, e salvaguardada a evidente singularidade do patrimônio construído pela dialetologia perceptual em torno de métodos de recolha e tratamento dos dados (c. Preston, 1989 e 1999), as demais diferenças circunscrevem-se a aspectos como a natureza das variáveis que tipicamente têm ocupado cada uma das áreas de inquirição (variáveis geográficas no caso da dialetologia perceptual, variáveis sociolinguísticas no dos estudos sobre atitudes linguísticas), bem como grau de explicitude da opinião/percepção linguística do leigo procurado pelo investigador. Em relação a esta última questão, Preston (1989:2) constata, nomeadamente, que 'mainstream research into language attitudes has tried to get at the nonlinguist's covert reactions to language sample', esclarecendo que o interesse da dialetologia perceptual é, pelo contrário, 'the ordinary speakers overt perception of language variation'. (MARTINS, 2008, p.37).

⁴² As in professional dialectology, the primary folk notion of language and space is that of region or area, and the defining characteristic of area is boundary. Nonlinguists know that groups of people form bounded zones of linguistic similarity, and the principal task in a perceptual dialectology is to find out where they believe those boundaries are. (PRESTON, 2010b, p. 179)

⁴³ The inhabitants of a city generally derive prestige from being part of that city and sharing an urban life style. Among the many (possible) markers of urban life style, speech may play a prominent role. And since prestige is a well-known catalyst of imitation, the adoption of characteristics of urban speech often appears to be part of a (conscious or subconscious) strategy of people living in small towns or in the countryside aimed at acquiring a share in the prestige associated with urbanity and urban life style. (VANDEKERCKHOVE, 2010, p.317)

Os primeiros indícios do nascimento desta nova área de trabalho da Linguística, de acordo com Ferreira (2009, p.251), surgem somente nos anos 40 do século XX, quando os falantes passaram a ser ouvidos, especificamente, com o objetivo de se delimitar as reais áreas dialetais, identificando as localidades nas quais acreditavam que se falava o mesmo dialeto, ou seja, buscavam observar como os falantes compreendiam a similaridade ou diferenciação entre as variedades e sua distribuição geográfica.

Conforme Amaral (2014), em 1944, Weijnen apresentou um método para se estudar as percepções dialetais dos falantes, o chamado *little arrow method* (*Pfeilchenmethode*) (Preston, 1989, p.5), no qual as áreas linguisticamente idênticas seriam ligadas por meio de setas, traçando, portanto, fronteiras entre as regiões consideradas, na percepção do falante, iguais.

No decorrer do tempo, esse método foi sendo aperfeiçoado e, em 1955, Rensink (1999) aplicou a técnica *little arrow* na Holanda, e Kremer (1991), em 1984, na fronteira entre Holanda e Alemanha. Já Grootaers (1999) no Japão, em 1959, usando, uma escala de quatro categorias, de modo que o informante classificaria as diferenças entre os dialetos, entre mais semelhante a mais distinto, tendo como base de parâmetro o seu próprio dialeto, seus resultados apontaram para a percepção dos informantes de diferença(s) entre a sua variedade e a variedade do outro, para tanto, percebeu-se que também devem ser considerados as similaridades entre as variedades, nas pesquisas de percepção linguística.

Para tanto, as coletâneas organizadas por Dennis Preston e Daniel Long (1999; 2002), ilustram as bases desta perspectiva de trabalho, que solicita aos informantes que demarquem, dentro do desenho de um mapa do país, as fronteiras linguísticas de variedades, dialetos, registros, etc.

Preston, nos anos 80 do século XX, desenvolveu algumas técnicas e métodos de disciplinas não linguísticas, concebendo assim, alternativas mais objetivas e passíveis para o tratamento estatístico. Um desses métodos foi embasado na geografia, quando Preston (1989, p.19) tomou conhecimento do trabalho de Ladd e Orleans, com base em mapas de percepção geográficas, no qual solicitavam a seus informantes que desenhassem as ruas dos bairros da cidade que habitavam. Assim, utilizando esse método de descrição que os informantes realizariam, ao desenhar as ruas dos bairros da cidade que lembravam, para que seus informantes desenhassem mapas mentais das variedades geográficas de uma língua.

Como ressalva Montgomery,

A Dialetoлогия Perceptual permite o acesso a avaliações diárias da linguagem. Ela permite que os falantes mostrem onde eles acham que existem as áreas dialetais, para indicar onde eles acham que 'melhor' a linguagem é usada, e para dizer aos linguistas o que eles pensam sobre amostras de fala e de onde eles pensam que são.⁴⁴ (MONTGOMERY, 2011, tradução nossa)

Como aponta Preston, "Os falantes não só sabem que as pessoas em diferentes partes do mundo falam línguas diferentes, mas também que as pessoas em diferentes regiões falam a mesma língua de forma diferente; [...]"⁴⁵ (PRESTON, 2010a, p.89, tradução nossa), o autor ainda descreve que "Em suma, a área do dialeto perceptual composta por essas três situações é baseada em percepções recíprocas de similaridade, em percepções semelhantes de menores graus de diferença e na percepção de similaridade de áreas circunvizinhas."⁴⁶ (PRESTON, 2010b, p. 182, tradução nossa).

Com relação às mudanças linguísticas, dentro e fora da comunidade de fala, Vandekerckhove (2010), com base em Milroy e Milroy (1992), aponta que

O modelo baseia-se na ideia de que "uma vez que os laços estejam fortes, a mudança linguística será evitada ou impedida, enquanto que, diante de laços fracos, estarão mais abertos a influências externas e, assim, a mudança linguística será facilitada" (Milroy 1992: 176). Em comunidades unidas, fortes laços funcionam frequentemente como uma barreira contra as inovações que se originam fora desse contexto. Os laços fortes são "mecanismos de reforço da norma". Milroy (1992: 176) acrescenta: "por trás disso está uma idealização que prevê que em uma comunidade ligada por múltiplos laços de máxima intensidade não haverá mudança linguística". Essas comunidades não existem, mas algumas comunidades são marcadas por redes relativamente fracas e outras por redes relativamente fortes e isso pode explicar por que as mudanças linguísticas são mais propensas a afetar o primeiro tipo de comunidade do que o segundo. A nível individual, o modelo de rede prevê que "os indivíduos móveis que contraíram muitos laços fracos, mas que, como consequência da sua mobilidade, ocupam uma posição marginal em relação a um grupo coeso, estão em posição particularmente forte para transportar a informação através dos limites sociais e difundir inovações de todos os tipos" (Milroy 1992: 180-181).⁴⁷ (VANDEKERCKHOVE, 2010, p.321, tradução nossa)

⁴⁴ Perceptual dialectology provides access to everyday language evaluations. It permits non-linguists to show where they think dialect areas exist, to indicate where they think the 'best' language is used, and to tell linguists what they think about voice samples and where they think they are from. (MONTGOMERY, 2011)

⁴⁵ Nonlinguists know not only that people in different parts of the world speak different languages but also that people in different regions speak the same language differently; [...].(PRESTON, 2010a, p.89)

⁴⁶ In short, the perceptual dialect area made up of these three sites is based on reciprocal perceptions of similarity, on similar perceptions of minor degrees of difference, and on the perception by surrounding areas of their similarity to one another. (PRESTON, 2010b, p. 1)

⁴⁷ The model is based on the idea that "to the extent that ties are strong, linguistic change will be prevented or impeded, whereas to the extent that they are weak, they will be more open to external influences, and so

Assim, o autor complementa que,

Não se pode dizer que uma inovação tenha sido integrada no discurso do lugar x ou y, se ele é usado somente por indivíduos que estão operando na margem da comunidade. A inovação deve ser adotada por uma parte considerável da população, o que significa que ela deve ser usada por membros centrais da comunidade também. Mas pode parecer improvável que um membro central, fazendo parte de uma rede social forte, esteja disposto a convergir para o discurso de um indivíduo periférico.⁴⁸ (VANDEKERCKHOVE, 2010, p.322, tradução nossa)

Observar o comportamento das variedades linguísticas, requer compreender a dinamicidade que esta apresenta, pois, como descreve Schmidt (2010, p.215, tradução nossa), com base nos pressuposto de Schmidt (2005) e Lenz (2003),

O conceito dinâmico da variação linguística foi introduzido por Schmidt (2005b). O ponto chave é que as variações não podem ser satisfatoriamente delimitadas de "fora", isto é, por meio de afirmações sobre a frequência das variações, mesmo quando correlacionadas com fatores sociais e contextuais. Este continuum temporal, social e contextual contrasta com uma clara divisão linguística/cognitiva. [...] As variações completas podem ser especificadas como setores do conhecimento linguístico definidos por estruturas prosódicas/fonológicas e morfossintáticas independentes, com base nas quais os indivíduos ou grupos de falantes interagem em situações particulares. As variações completas de uma língua são semi-discretas e interdependentes. O critério mínimo e necessário é a presença de pelo menos um elemento "idiovariável" ou uma característica estrutural nos subsistemas prosódico/fonológico ou morfossintático. [...] A ausência de características distintivas inerentes aos níveis de fala significa que, na prática, a relação entre constelações (ou seja, tipos) linguísticas e sócio-contextuais deve ser especificada caso a caso através de testes estatísticos (ver Lenz 2003: 218-222).⁴⁹ (SCHMIDT, 2010, p.215)

linguistic change will be facilitated" (Milroy 1992: 176). In close-knit communities strong network ties often function as a barrier against innovations which originate outside the network. Strong networks ties are "norm-enforcing mechanisms". Milroy (1992: 176) adds: "behind this lies an idealization which predicts that in a community bound by maximally dense and multiplex networks ties linguistic change would not take place at all". Such communities do not exist, but some communities are marked by relatively weak networks and others by relatively strong ones and that may explain why linguistic changes are more likely to affect the first type of community than the latter. On the level of the individual, the network model predicts that "mobile individuals who have contracted many weak ties, but who as a consequence of their mobility occupy a position marginal to some cohesive group, are in particularly strong position to carry information across social boundaries and to diffuse innovations of all kinds" (Milroy 1992: 180-181). (VANDEKERCKHOVE, 2010, p.321)

⁴⁸ An innovation cannot be said to have been integrated in the speech of place x or y, if it is only used by individuals that are operating at the fringe of the community. The innovation should be adopted by a considerable part of the population, which means that it should be used by central members of the community as well. But it may seem unlikely that a central member, being part of a strong social network, is willing to converge towards the speech of a peripheral individual. (VANDEKERCKHOVE, 2010, p.322)

⁴⁹ The linguistic dynamic concept of variety was introduced in Schmidt (2005b). The key point is that varieties cannot be satisfactorily delimited from "outside", i.e., through statements about the frequency of variants even when correlated with social and contextual factors. This temporal, social and contextual continuum

Schmidt (2010, p.215, tradução nossa), ainda aponta que,

Se levarmos em conta todas as diferenças horizontais entre os antigos dialetos locais, incluindo as distinções lexicais e os contrastes fonológicos únicos, o padrão de distribuição espacial que emerge é um continuum entrelaçado por uma confusão de isoglossas. A realização da dialetologia estruturalista foi a criação de um esquema de classificação de dialetos que não colocou em primeiro plano fenômenos isolados, mas baseou-se unicamente em critérios linguísticos/estruturais. O princípio de classificação era se havia semelhanças fonológicas/prosódicas e morfossintáticas entre os dialetos de uma área A que os distinguia daqueles da área B.⁵⁰

Segundo Preston (2010a, p.89), talvez o primeiro trabalho realizado na área que, posteriormente, seria conhecida como DP, teria sido realizado no final do século XIX, por P. Willems, ao buscar identificar, com base nas respostas de seus informantes, as semelhanças dos dialetos da Baixa Francônia, apesar de que, anteriormente a esse estudo, Tourtoulon buscou delimitar, usando as percepções e seus informantes, os limites do dialeto da França.

Nem todos os trabalhos na DP seguiram uma sequência de técnicas, contudo, quando Preston iniciou os estudos, em 1981, esquematizou e utilizou as seguintes técnicas:

- 1) Desenhe o mapa. Os entrevistados traçam fronteiras em um mapa em branco (ou minimamente detalhada) em torno de áreas onde eles acreditam que existem zonas de fala regionais; uma técnica desenvolvida por Preston e Howe (1987) permite generalizações informatizadas a serem compiladas a partir de respostas individuais desta tarefa. [...]
- 2) Graus de diferença. Os entrevistados classificam regiões em uma escala de 1-4 (1- 'mesmo', 2 - 'um pouco diferente', 3 - 'diferente', 4 - 'imcompreensivelmente

stands in contrast to a clear linguistic/cognitive division. [...] Full varieties can be specified as sectors of linguistic knowledge defined by independent prosodic/phonological and morphosyntactic structures on the basis of which individuals or groups of speakers interact in particular situations. The full varieties of a language are semi-discrete and interdependent. The minimal and necessary criterion is the presence of at least one "idiovarietal" element or structural feature in the prosodic/ phonological or morphosyntactic subsystems. [...] Speech levels' lack of inherent distinguishing features means that, in practice, the relationship between linguistic and socio-contextual constellations (i.e., types) has to be specified case-by-case using statistical tests (cf. Lenz 2003: 218-222). (SCHMIDT, 2010, p.215)

⁵⁰ If one takes into account all of the horizontal differences between the erstwhile local dialects, including the lexical distinctions and one-off phonological contrasts, the spatial distribution pattern which emerges is a continuum interwoven by a confusion of isoglosses. The achievement of structuralist dialectology was the creation of a dialect classification scheme that did not foreground isolated phenomena, but was instead based solely on linguistic/structural criteria. The classification principle was whether there were phonological/prosodic and morphosyntactic similarities between the dialects of an área A that distinguished them from those of area B. (SCHMIDT, 2010, p.215)

diferente') para a percepção do grau de diferença dos dialetos nas áreas ... [essencialmente os métodos holandeses e japoneses].

3) 'Correto e 'Agradável'. Os entrevistados classificam as falas das regiões como 'correto' e 'agradável'; tais classificações [...] refletem principais achados dos estudos de atitudes linguísticas (eg, Ryan, Giles, e Sebastian, 1982), embora, neste último, os entrevistados julgam a amostra real de voz, em vez de sua representação interna das diferenças de fala quando confrontado simplesmente com um rótulo regional.

4) Identificação do Dialeto. Os entrevistados ouvem falas em um 'continuum dialetal', embora as falas não sejam apresentadas em uma ordem. Os entrevistados são instruídos a atribuir para cada fala o local do qual eles pensam que esta pertence.

5) Os dados qualitativos. Os entrevistados são questionados sobre as tarefas efetuadas e envolvidos em conversas abertas sobre as variedades linguísticas, a fala deles, e assuntos relacionados.⁵¹ (PRESTON, 2010a, p. 90, tradução nossa).

O seguimento de todas essas etapas é de extrema importância para a obtenção da real compreensão das reações subjetivas dos falantes sobre a língua, isso por que,

Um resultado importante desta incursão na estrutura conceitual subjacente de informações, que podem relacionar-se a importância regional da fala, é que precisamos estar prontos para a variação de áreas nos estudos de percepção, bem como no trabalho de produção, variação que tem a sua fonte no contraditório, mas culturalmente e historicamente compreensível no conteúdo cognitivo correspondente e nas características do ambiente de eliciação.⁵² (PRESTON, 2010a, p. 112, tradução nossa)

Ainda, Bucholtz et al. (2007), ressalta o valor no uso da DP para o levantamento das reações subjetivas da linguagem, quando relata que

⁵¹ 1) Draw-a-map. Respondents draw boundaries on a blank (or minimally detailed) map around areas where they believe regional speech zones exist; a technique developed by Preston and Howe (1987) allows computerized generalizations to be compiled from individual responses to this task. Although respondent hand-drawn maps were well known in cultural geography (e.g., Gould and White, 1974), there does not appear to be a long-standing tradition for the use of this technique in the study of dialect perceptions. 2) Degree-of-difference. Respondents rank regions on a scale of one to four (1 = 'same,' 2 = 'a little different,' 3 = 'different,' 4 = 'unintelligibly different') for the perceived degree of dialect difference from the home area... [essentially the Dutch and Japanese methods]. 3) 'Correct' and 'pleasant.' Respondents rank regions for 'correct' and 'pleasant' speech; such ratings are common in other areas of cultural geography (e.g., Gould and White, 1974) and reflect principal findings from language attitude studies (e.g., Ryan, Giles, and Sebastian, 1982), although, in the latter, respondents judge actual voice samples rather than their internal representation of speech differences when confronted simply with a regional label. 4) Dialect identification. Respondents listen to voices on a 'dialect continuum,' although the voices are presented in a scrambled order. The respondents are instructed to assign each voice to the site where they think it belongs. 5) Qualitative data. Respondents are questioned about the tasks they have carried out and are engaged in open-ended conversations about language varieties, speakers of them, and related topics. (PRESTON, 2010a, p. 90)

⁵² One important upshot of this foray into the underlying conceptual structure of information that may relate itself to regional significance of speech is that we need to be ready for variety in what surfaces in perception studies as well as in production work, variation that has its source in the contradictory but culturally and historically understandable content of respondent cognitoria and in the features of the elicitation setting. (PRESTON, 2010a, p. 112)

O grande valor da dialetologia perceptual é que ela destaca a extensão em que as ideologias linguísticas estão situadas – geograficamente limitadas, socialmente contingente, e específica em determinados lugares, tempos e para determinadas pessoas. A metodologia oferece percepções sobre a semiótica das variações linguísticas associadas a comunidades imaginadas (Anderson 1983) em nível nacional, estadual e outras unidades politicamente definidas, e fornece informações sobre as poderosas fronteiras simbólicas idealizadas, que dividem o espaço geográfico em discretos grupos sociais.⁵³ (BUCHOLTZ et al, 2007, p. 348).

Frente à técnica de utilizar mapas como meio de delinear as fronteiras dialetais, Preston (2010a, p, 184, tradução nossa) descreve que,

Este mapa pode ser o mapa cognitivo ou mental das áreas de fala regionais dos EUA para este entrevistado, mas esses mapas etnograficamente interessantes ou talvez idiossincráticos, foram combinados para revelar a comunidade de fala ao invés de mapas mentais individuais de áreas de dialetos. Essas combinações foram feitas pela primeira vez, rastreando todas as fronteiras respondentes para uma única área em um mapa e contando as correspondências.⁵⁴

Para além disso, pesquisas embasadas na DP permitem averiguar as fronteiras dialetais subjacentes aos falantes e, também, perceber os traços idiomáticos atribuídos pelos falantes às variedades, pontuando possíveis, ou mesmo confirmando, estereótipos que podem influenciar na atribuição de valor a determinada variedade (FERREIRA 2009, p.256).

Cabe salientar que para Preston (2010b),

Os trabalhos realizados em mapas mentais tradicionais mais recentes estão mais voltados para os limites de diferenças de fala a partir da perspectiva de uma única comunidade de fala e, como muitos trabalhos recentes sociolinguísticos, se concentram em desenhos ou julgamentos de um grande número de entrevistados de uma única área. Isso permite testar as típicas diferenças sociolinguísticas

⁵³ The great value of perceptual dialectology is that it highlights the extent to which language ideologies are situated—geographically bounded, socially contingent, and specific to particular places, times, and people. The methodology offers insights into the semiotics of the linguistic varieties associated with imagined communities (Anderson 1983) at the level of the nation, the state, and other politically defined units, and yields information about the ideologically powerful symbolic boundaries that partition geographic space into discrete social groupings. (BUCHOLTZ et al, 2007, p. 348)

⁵⁴ This map may be the cognitive or mental map of US regional speech areas for this respondent, but such ethnographically interesting but perhaps idiosyncratic maps have been combined to reveal speech community rather than individual mental maps of dialect areas. These combinations were first done by tracing all respondent boundaries for a single area onto a map and tallying the correspondences. (PRESTON, 2010a, p, 184)

dentro de um grupo de entrevistados.⁵⁵ (PRESTON, 2010b, p, 188, tradução nossa)

Ainda, o autor aponta que,

Talvez mais importante ainda, os recentes mapas mentais tradicionais tem se concentrado igualmente em lugares próximos e distantes para julgamento; a tradição anterior pedia que os entrevistados avaliassem apenas locais próximos ou, pelo menos, não insistiam ou insinuavam que julgamentos de lugares distantes eram necessários. Não é surpreendente, portanto, que a pesquisa que tem se concentrado em áreas locais vai encontrar mais detalhes locais nas representações respondente e que o trabalho que se concentra mais globalmente vai encontrar menos detalhe local.⁵⁶ (PRESTON, 2010b, p, 188, tradução nossa)

Como já fora citado, não encontramos, até o momento, pesquisas sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa *tu* e/ou *você*, que têm como aporte teórico a DP, e, também, são poucos os trabalhos desenvolvidos, no contexto brasileiro, de modo a delinear as percepções e atitudes dos falantes do país. Assim apontaremos, na sequência, alguns estudos desenvolvidos sobre as percepções e atitudes dos falantes brasileiros.

Em sua pesquisa sobre a atitude linguística do florianopolitano, frente ao seu falar e ao falar do lageano, enfocando características prosódicas e entonacionais, sob a perspectiva perceptual, Nunes e Seara (2011), buscaram responder as seguintes perguntas: (a) o florianopolitano consegue discriminar os dois falares, a partir de suas curvas entonacionais, ou seja, somente com informações do suprasegmento? (b) o falante florianopolitano identifica as duas modalidades (declarativas e interrogativas) na produção do lageano?. No primeiro teste, aplicado em 22 participantes florianopolitanos, os informantes respondiam, após ouvir estímulos tonais, se os sujeitos eram ou não da mesma região. Já o segundo teste, objetivava perceber se o florianopolitano conseguia identificar as variedades do lageano (10 estímulos) e do florianopolitano (4 estímulos). Em

⁵⁵ The work carried out within newer mental map traditions is more focused on the agreements about boundaries of speech differences from the perspective of a single speech community and, like much more recent sociolinguistic work, focuses on drawings or judgments from a large number of respondents from a single area. This allows testing of typical sociolinguistic demographic differences within a group of respondents. (PRESTON, 2010b, p, 188)

⁵⁶ Perhaps more importantly, the newer mental maps tradition has focused equally on nearby and distant places for judgment; the earlier tradition asked respondents to evaluate nearby places only, or, at least, did not insist on or imply that judgments of distant places were required. It is not surprising, therefore, that research that has focused on local areas will find more local details in the respondent representations and that work that focuses more globally will find less local detail. (PRESTON, 2010b, p, 188)

linhas gerais, os resultados encontrados foram que o florianopolitano é capaz de distinguir as marcas dialetais do seu próprio falar, e não apresentaram dificuldades de distinguir as modalidades na fala do lageano.

Já Rosa (2014), propõe-se a identificar subcomunidades dentro da fala de Porto Alegre, objetivando a caracterização dos hábitos, percepções e atitudes linguísticas frente a sua comunidade de fala e das variedades regionais. O *corpus* foi composto por 8 informantes porto-alegrenses, em sua maioria da cidade. Em linhas gerais, constatou-se uma avaliação positiva frente ao falar de sua comunidade de fala, tendo como mais relevante, linguisticamente, a região central por ser composta, em sua maioria, pela classe social alta. Assim, verificou-se que o fator classe social influencia nas percepções das subcomunidades da cidade de Porto Alegre.

Por fim, por meio da aplicação de testes para captar as percepções e atitudes linguísticas, com base na demarcação geográfica das variedades, embasados na DP, esperou-se documentar como ocorre, na visão do chapecoense, a variação no preenchimento do pronome de segunda pessoa (*tu e/ou você*) no Brasil e no estado de Santa Catarina, além é claro, de perceber a valorização social que os falantes atribuem ao uso das formas (*tu e/ou você*) em sua própria variedade e na variedade do outro.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Descreveremos, neste capítulo, as duas etapas metodológicas desta pesquisa: na primeira (seção 4.1), procedeu-se à apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados para a descrição e análise da referência à segunda pessoa do singular, na posição de sujeito, na fala de 19 informantes chapecoenses da amostra do projeto VMPOSC e, na segunda (seção 4.2), apresentamos as estratégias metodológicas usadas para a descrição e análise das percepções e atitudes de 7 desses falantes chapecoenses, frente à variação de *tu* e/ou *você*, na qual, os informantes realizaram a audição de excertos de entrevistas sociolinguísticas de três cidades brasileiras (Chapecó-SC, Itabaiana – SE e Natal – RN), que fazem parte do projeto interinstitucional *Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil*. Desse modo, nosso objetivo foi captar se o falante da cidade de Chapecó percebe as diferenças na sua variedade com as variedades de outras localidades, mais especificamente, com as variedades das cidades de Itabaiana – SE e Natal – RN, em termos de descrição de percepções e atitudes de falantes quanto aos diferentes usos linguísticos.

4.1 PRIMEIRA ETAPA: A REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM CHAPECÓ

Para descrição e análise da referência à segunda pessoa do singular na fala de indivíduos chapecoenses, utilizamos uma amostra de 19 entrevistas do projeto VMPOSC, que detalhamos a seguir:

4.1.1 Variação e Mudança Linguística no Português do Oeste de Santa Catarina⁵⁷

O projeto VMPOSC é uma iniciativa do grupo de pesquisa *Estudos Sociolinguísticos*, vinculado à linha “Diversidade e Mudança Linguística”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da UFFS, *campus* Chapecó, coordenado pela professora Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto (ROST SNICHELOTTO, 2012). Esse

⁵⁷ As informações aqui apresentadas foram extraídas de Freitag; Severo; Rost-Snichelotto; Tavares (2013).

projeto busca compor um banco de dados que contemple amostras de fala e de escrita de informantes da cidade de Chapecó (Figura 02). Financiado com recursos da Chamada Pública FAPESC nº 04/2012 Universal, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS (Processo CAAE: 17011413.2.0000.5564) e encontra-se na fase de coleta das entrevistas.



Figura 02: Localização da cidade de Chapecó/SC.
Fonte: A autora.

A cidade de Chapecó⁵⁸, também conhecida como a capital do oeste catarinense, está localizada na microrregião oeste de Santa Catarina, a cerca de 200 quilômetros da fronteira com a República Argentina e integrante da Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul, foi criada pelo Governo Estadual, em 25 de agosto de 1917, por meio da Lei Estadual nº 1.147.

A empresa Colonizadora Bertaso, nos anos seguintes, construiu estradas e estabeleceu nas terras milhares de colonos procedentes de lugares diversos de antigas colônias italianas, alemãs e polonesas do Rio Grande do Sul. Além disso, também já habitavam a região povos indígenas Kaingang e Xokleng. Com população atual de 182.809 habitantes (Censo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE 2010), a economia local é baseada na agroindústria e agropecuária.

A previsão é de que seja composta uma amostra com 32 entrevistas sociolinguísticas, de informantes chapecoenses da zona urbana, monolíngues em

⁵⁸ As informações aqui apresentadas foram extraídas de Freitag; Severo; Rost-Snichelotto; Tavares (2013).

português, estratificados em sexo/gênero (feminino, masculino), faixa etária (até 14 anos; de 15 a 24 anos; 25 a 49 anos; mais de 50 anos) e escolaridade (ensino fundamental 1º ciclo; ensino fundamental 2º ciclo; ensino médio e ensino superior) conforme percebemos o Quadro 03 abaixo:

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Até 14 anos	2	2	2	2	-	-	-	-
15-24 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
25-49 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
Mais de 50 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4	4	4	4	2	2	6	6
Total	8		8		4		12	

Quadro 03 – Distribuição da amostra total Chapecó/SC do projeto VMPOSC.
Fonte: Rost Snichelotto (2012, p. 6).

Até o momento, já foram coletadas as 8 entrevistas que contemplam as células das crianças (até 14 anos) de ambos sexos, dos dois ciclos do ensino fundamental⁵⁹, e as 4 entrevistas com os adultos de ambos os sexos (entre 25 e 49 anos) com ensino superior⁶⁰. Também, entre os meses de novembro de 2016 e janeiro de 2017, foram coletadas mais 7 entrevistas: 2 com informantes do sexo masculino (entre 15 e 24 anos) com ensino fundamental II, 1 informante masculino e 1 informante feminino (entre 15 e 24 anos) com ensino médio, 1 com informante masculino e 2 com informantes femininos (entre 15 e 24 anos) com ensino superior⁶¹, totalizando assim, 19 informantes. As entrevistas sociolinguísticas tiveram duração torno de 50 minutos cada.

⁵⁹ As entrevistas foram coletadas em 2014 por Eliane Scherer e Eduardo Berger.

⁶⁰ As entrevistas foram coletadas em 2014 por Kelly Trapp e André Fabiano Bertozzo.

⁶¹ As entrevistas foram coletadas por mestrandos do PPGEL Gabriel Augusto Scheffer, Greici Moratelli Sampaio e graduando dos cursos de Letras Português e Espanhol Grazieli Pigatto e graduando de História Carlos Eduardo Cardoso, integrantes do *Grupo de Pesquisa Estudos Sociolinguísticos*.

Deste modo, para a totalidade da amostra prevista, apresentada no Quadro 03, ainda falta a coleta de 13 entrevistas, que compreende nos informantes: 2 com informantes do sexo feminino e 2 informantes do sexo masculino (entre 15 e 24 anos) com ensino fundamental I, 2 com informantes do sexo feminino (entre 15 e 24 anos) com ensino fundamental II, 1 informante masculino e 1 informante feminino (entre 15 e 24 anos) com ensino médio, 2 informantes do sexo feminino e 2 informantes do sexo masculino (entre 15 e 24 anos) com ensino superior.

Para seleção dos informantes do VMPOSC, foram considerados os seguintes requisitos: (i) falante de português; (ii) morador da cidade há pelo menos 2/3 da sua vida; (iii) não ter morado fora da região por mais de um ano no período da aquisição da língua; (iv) não causar estranheza a outros falantes da região; (v) os pais devem ter nascido na cidade ou próximo da região oeste de Santa Catarina. Deve-se ressaltar ainda que, cada célula é composta por dois informantes, devido ao fato de que as coletas foram efetuadas por entrevistadores do sexo masculino e feminino, como meio de perceber se esta variável influencia nos usos linguísticos dos entrevistados (ROST SNICHELOTTO, 2012).

Vale destacar que o projeto VMPOSC é inspirado no Banco de dados do Núcleo Interinstitucional VARSUL, que efetuou sua primeira coleta entre os anos de 1990 e 1996, contudo, as estratificações de idade infantil (de 7 a 14 anos); jovem (de 15 a 24 anos), e de escolaridade ensino superior, não foram contempladas para a cidade de Chapecó, na época de coleta das entrevistas.

Como meio de resolver a questão do *paradoxo do observador* (LABOV, 1972, p.181), uma vez que “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática.” (2008 [1972], p. 244), que por si só, causa um nível de automonitoramento pelo informante, do seu modo de falar, fazendo-o afastar-se de seu vernáculo. Buscamos, para a realização de coletas de dados reais de fala dos informantes, a interação natural entre o informante e o entrevistador, tanto no primeiro momento de aproximação com os informantes quanto na coleta em si, para tanto, os pesquisadores do projeto VMPOSC tem o cuidado de selecionar entrevistadores que sejam moradores da cidade de Chapecó, ou seja, membros da comunidade de fala do informante.

Assim, primeiramente, os informantes responderam a uma *Ficha Social do Informante* (ANEXO A), que teve o intuito de coletar informações e características do

informante, estabelecendo, desde já, uma aproximação entre informante e entrevistador, com um ambiente no qual o falante se sinta confortável. Na sequência, foi aplicado o *Roteiro de entrevista sociolinguística* (ANEXO B), que direciona a coleta de dados, de modo que, ao responder as perguntas, o informante se envolva com os diferentes temas (cidade, bairro, família, festividades, trabalho, lazer, entre outros), deixando de prestar tanta atenção no modo como fala e focando no que esta contando, pois, durante as narrativas de experiências pessoais o envolvimento emocional que determinados temas influencia o falante a não se preocupar com a maneira de falar.

Vejamos a estratificação da amostra analisada no Quadro 04 a seguir:

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F	M	F
De 7 a 14 anos	2	2	2	2	-	-	-	-
De 15 a 24 anos	-	-	2	-	1	1	1	2
De 25 a 49 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4		6		2		7	
Total	19							

Quadro 04 – Distribuição da atual amostra Chapecó/SC do projeto VMPOSC.
Fonte: Adaptado de Rost Snichelotto (2012, p. 6).

Conforme destacado, o projeto VMPOSC terá em sua totalidade uma amostra de 32 por entrevistas sociolinguísticas com informantes chapecoenses, entretanto, as entrevistas com informantes de mais de 50 anos e ensino superior, não foram coletas até este momento devido ao não contato com este perfil de indivíduos em Chapecó.

Destacamos ainda que, das 19 entrevistas que compõem nossa amostra, 2 entrevistas não apresentaram nenhum dado de uso das formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular, em posição de sujeito. Assim, nas rodadas estatísticas, contamos com dados de fala de 17 informantes chapecoenses.

4.1.2 A variável dependente

De caráter universal, o fenômeno da variação linguística ganha espaço a cada dia nos estudos científicos, isso por que, a língua é considerada uma instituição social que não poder ser estudada fora de seu contexto situacional, desconsiderando a cultura e a história da pessoa que a utiliza. Deste modo, para que haja variação, uma forma é usada ao lado de outra sem que se verifique mudança no significado básico, a essas formas chamamos de variantes, tecnicamente chamada de variável dependente.

Partindo disso, Labov (2008 [1972], p. 26) descreve sobre as propriedades de uma variável linguística, quando relata que,

Primeiro, queremos um item que seja freqüente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse lingüístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade.

Em resumo, uma variável linguística é “[...] um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.105), assim, selecionamos como variável dependente as formas pronominais *tu* e *você*, em posição de sujeito, tanto em suas formas explícitas (exemplos 13 e 14) quanto elíptica (exemplos 15 e 16), retomadas pelo seu antecedente do mesmo turno/período de fala, conforme as ocorrências abaixo:

(13) I: E eu acho que isso melhora[u], melhora[u] a qualidade de vida então assim né se **tu** for vê é um salto eu acho que tem um salto pros idosos assim, na nossa cidade eu percebo isso. (CH18FCES).

(14) I: Eu estudava, quando **você** não dava aula de de, [es]tava numa sala do lado, ele, quando nós tinha[mos], os dois tinha[m] artes e ciência. (CH09MBEFII).

(15) I: [...] Eu vejo o trânsito em cidade grande assim parece que... **tu** olha e **o** se assusta com a quantidade de pessoas né com a quantidade de caos mas é um trânsito que flui e funciona e aqui ele... [...]. (CH16MCES).

(16) I: É tem os lados ruins porque daí **você** não pode, faze[r] nada em falso **o** não pode dá um passo em falso que todo mundo já sabe que é você e sai falando. (CH14FBES).

A seguir, apresentaremos os doze grupos de fatores selecionados para controle, com base na literatura (RAMOS,1989; ROCHA, 2012; LOREGIAN-PENKAL, 2004; HAUSEN, 2000; ZILLI, 2009; ROST SNICHELOTTO, 2014; MENON, LOREGIAN-PENKAL, 2002), a respeito do fenômeno variável foco da pesquisa.

4.1.3 As variáveis independentes: os fatores linguísticos e extralinguísticos controlados

Uma variável é entendida como dependente, uma vez que o emprego das variantes não ocorre de modo aleatório com mudança de sentido, assim, esta é tomada como referência para se testar a atuação de diferentes variáveis independentes, também conhecida como grupos de fatores, tanto de ordem sociais quanto estruturais, que possam estar atuando de maneira positiva ou negativamente no emprego das formas.

Weinreich, Labov e Herzog já apontavam que

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam se independentes uma das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima covariação entre as variáveis linguísticas. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.108)

Deste modo, constatamos a importância de se observar os fatores que estão diretamente ligados aos processos de variação e/ou mudança linguística, uma vez que,

Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.126)

Assim, a fim de verificar quais os fatores de cunho linguístico e também de cunho social e estilístico que condicionam os contextos referência à segunda pessoa do singular,

controlamos, com base na literatura sobre o tema (RAMOS,1989; ROCHA, 2012; LOREGIAN-PENKAL, 2004; HAUSEN, 2000; ZILLI, 2009; ROST SNICHELOTTO, 2014; MENON, LOREGIAN-PENKAL, 2004), em relação à variável dependente citada, as variáveis independentes abaixo descritas, cujo detalhamento será apresentado no próximo capítulo:

1. Referência pronominal:

- Interlocutor;
- Particular;
- Genérico;
- Grupo;

2. Tempo verbal:

- Presente do indicativo;
- Pretérito perfeito do indicativo;
- Pretérito imperfeito do indicativo;
- Presente do subjuntivo;
- Infinitivo pessoal;
- Futuro do subjuntivo;
- Futuro do pretérito do indicativo;
- Gerúndio;

3. Classificação do verbo:

- Verbo regular;
- Verbo irregular;

4. Concordância verbal:

- 2ª pessoa do singular;

- 3ª pessoa do singular;

5. Tipo de interlocução:

- Discurso para o entrevistador;
- Discurso relatado de terceira pessoa;
- Discurso relatado do próprio falante;

6. Sequência discursiva:

- Sequência narrativa;
- Sequência dissertativa;
- Sequência descritiva;

7. Uso de *tu* e *você* no mesmo período/turno de fala:

- Alternância;
- Não alternância;

Além de considerar os fatores internos à língua, faz-se necessário observar os fatores externos que podem condicionar a realização da regra variável desse estudo. A seguir apresentamos os fatores extralinguísticos considerados em nossas análises:

8. Informante

- CH01FAEFI
- CH02FAEFI
- CH03MAEFI
- CH04MAEFI
- CH05FAEFII
- CH06FAEFII
- CH07MAEFII

- CH08MAEFII
- CH09MBEFII
- CH10MBEFII
- CH11MBEM
- CH12FBEM
- CH13MBES
- CH14FBES
- CH15FBES
- CH16MCES
- CH17MCES
- CH18FCES
- CH19FCES

9. Faixa etária:

- De 7 a 14 anos
- De 15 a 24 anos
- De 25 a 49 anos

10. Escolaridade:

- Ensino Fundamental 1º Ciclo
- Ensino Fundamental 2º Ciclo
- Ensino Médio
- Ensino Superior

11. Sexo/gênero:

- Feminino
- Masculino

12. Sexo/gênero entrevistador:

- Entrevistador;
- Entrevistadora;

Sintetizamos os fatores linguísticos e extralinguísticos considerados nesta pesquisa no Quadro 05 abaixo:

Variáveis independentes	
Fatores linguísticos	Fatores extralinguísticos
Referência pronominal	Informante
Tempo verbal	Faixa etária
Classificação do verbo	Escolaridade
Concordância verbal	Sexo/gênero
Tipo de interlocução	Sexo/gênero entrevistador
Sequência discursiva	
Uso de <i>tu</i> e <i>você</i> no mesmo período/turno de fala	

Quadro 05 – Distribuição das variáveis independentes controladas.
Fonte: A autora (2017).

4.1.4 O tratamento dos dados

O tratamento dos dados coletados se iniciou pela audição e transcrição das 19 entrevistas. Na sequência, foram selecionados os contextos nos quais ocorrem a referência à segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, em suas formas explícitas ou elípticas. Posteriormente, realizamos a codificação dos dados para proceder às rodadas estatísticas pelo programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), no intuito de calcular as frequências, percentuais e pesos relativos, além de identificar, combinar e categorizar a significância dos grupos de fatores previstos. Por fim, organizamos as tabelas e os gráficos que nos auxiliaram na visualização dos resultados obtidos.

4.1.5 A codificação dos dados

Conforme exigência do programa estatístico utilizado, foram atribuídos códigos à variável dependente e às variáveis independentes consideradas na pesquisa. Para tanto, o Quadro 06 a seguir exhibe tais codificações:

VARIÁVEL DEPENDENTE	
Forma pronominal <i>tu</i>	0
Forma pronominal <i>você</i>	1
Pronome elíptico antecedente <i>tu</i>	2
Pronome elíptico antecedente <i>você</i>	3
VARIÁVEL INDEPENDENTE LINGUÍSTICA	
Referência Pronominal	
Interlocutor	r
Particular	q
Genérico	s
Grupo	t
Tempo verbal	
Presente do indicativo	a
Pretérito perfeito do indicativo	b
Pretérito imperfeito do indicativo	c
Infinitivo pessoal	e
Futuro do subjuntivo	f
Presente do subjuntivo	g
Gerúndio	¬
Futuro do pretérito do indicativo	k
Tipo do verbo	
Verbo regular	u
Verbo irregular	v
Pessoa verbal	
2ª Pessoa do singular	\$
3ª Pessoa do singular	@
Tipo de interlocução	
Discurso para o entrevistador	T

Discurso relatado de terceira pessoa	V
Discurso relatado do próprio falante	X
Sequência discursiva	
Sequência narrativa	w
Sequência dissertativa	z
Sequência descritiva	x
Uso de <i>tu</i> e <i>você</i> no mesmo período de fala	
Alterna	Z
Não alterna	W
VARIÁVEL INDEPENDENTE EXTRALINGUÍSTICA	
Informante	
CH01FAEFI	A
CH02FAEFI	B
CH03MAEFI	C
CH04MAEFI	D
CH05FAEFII	E
CH06FAEFII	F
CH07MAEFII	G
CH08MAEFII	H
CH09MBEFII	I
CH10MBEFII	J
CH11MBEM	K
CH12FBEM	L
CH13MBES	M
CH14FBES	N
CH15FBES	O
CH16MCES	P
CH17MCES	Q
CH18FCES	R
CH19FCES	S
Sexo/gênero	
Feminino	I
Masculino	m

Faixa etária	
Até 14 anos	n
15-24 anos	o
25-49 anos	p
Grau de escolaridade	
Ensino fundamental 1º Ciclo	4
Ensino fundamental 2º Ciclo	5
Ensino Médio	6
Ensino Superior	7
Sexo/gênero entrevistador	
Entrevistador mulher	8
Entrevistador homem	9

Quadro 06 – Codificação das variantes.

Fonte: A autora (2017).

Ao submeter os dados a tratamento estatístico, obtivemos as frequências absolutas e os pesos relativos das ocorrências dos pronomes de referência à segunda pessoa do singular de cada fator considerado na pesquisa, também avaliamos o efeito da atuação de cada fator, separadamente e na combinação e interação dos grupos de fatores, na fala dos informantes. Informações estas que detalharemos no capítulo seguinte, que trata da apresentação e análise dos dados.

4.1.6 O suporte quantitativo

Ao se observar o fenômeno variável em questão e os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem condicionar essa variação, reconhecemos que a variação não ocorre do modo aleatório. Assim, como aponta Naro (2003, p.16), o objetivo em questão deve ser avaliar o *quantum* que cada fator favorece ou não o uso de cada variante, uma vez que, pesquisas sociolinguísticas têm o intuito de quantificar as ocorrências das variantes em relação às variáveis linguísticas e extralinguísticas, relacionadas a elas.

Para tanto, utilizamos para o tratamento dos dados, o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), baseado em programas previamente divulgados por David Sankoff, Pascale Rousseau, Don Hindle e Susan

Pintzuk, que têm como intuito analisar a regra variável, manipular e demonstrar as associações dos dados.

4.1.7 A análise dos dados

Utilizamos como base o modelo de análise linguística laboviana, também conhecida como *Sociolinguística Quantitativa*, por operar com números e dar um tratamento estatístico aos dados coletados, atribuindo pesos relativos aos fatores das variáveis independentes, correlacionados às duas variantes do fenômeno linguístico, isso por que, como apontou Naro (2010, p.16) “O problema central que se coloca para a Teoria da Variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição”, uma vez que, “[...] na prática, a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores.”.

Partindo disso, devemos considerar que “[...] as frequências brutas, embora concretas e intuitivamente bastante ‘reais’, podem ser falaciosas, por que seu cálculo não leva em conta as inter-relações existentes entre as categorias que atuam numa regra variável.” (NARO, 2010, p.19), daí a importância da análise qualitativa, com base laboviana, pois, é por meio desta que

Precisamos de uma hipótese que defina a força de atuação conjunta de categorias presentes num dado contexto, de modo a reproduzir o efeito global que se verifica nos dados empíricos. Tendo tal hipótese, poderemos utilizar métodos computacionais para separar os efeitos individuais. (NARO, 2010, p.19).

Considerando o exposto acima, após audição e transcrição das entrevistas sociolinguísticas, selecionamos os trechos de falas nos quais os informantes utilizaram as forma *tu* e/ou *você*, em posição de sujeito, para na sequência, cada ocorrência fosse analisada e classificada, com base nas variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) consideradas.

Após a análise de cada ocorrência de uso das formas pronominais, codificamos estas de acordo com a exigência do programa estatístico e nossas classificações, conforme exposto acima, para na sequência realizar as rodadas estatísticas no programa GoldVarb X.

Após as rodadas estatísticas realizadas, que detalharemos no próximo capítulo, percebemos a necessidade de realizar rodadas estatísticas com o número de informantes equilibrado, uma vez que, nossa amostra não possui este equilíbrio nas estratificações propostas. Assim, realizamos rodadas uniformizando as variáveis *sexo/gênero*, *sexo/gênero* e *escolaridade* e *sexo/gênero* e *faixa etária*, o que nos possibilitou constatar que o fato de nossa amostra não possuir o número de informantes equilibrado, não interfere de modo significativo nos resultados obtidos.

No próximo capítulo procederemos a caracterização de cada variável independente (linguística e extralinguística), destacando as consideradas pelo programa estatístico como mais relevantes no processo de variação no uso das formas *tu* e/ou *você*. Após a caracterização de cada fator, realizamos a apresentação dos resultados estatísticos, e, na análise de cada variável, tomamos como parâmetro de observação do comportamento das formas *tu* e/ou *você*, os trabalhos já realizados com dados de fala da cidade de Chapecó, mais especificamente os trabalhos de Hausen (2000) e Loregian-Penkal (2004).

4.2 SEGUNDA ETAPA: PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS CHAPECOENSES FRENTE À REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

Para a investigação das percepções e atitudes linguísticas dos falantes chapecoenses, frente à referência à segunda pessoa do singular, selecionamos excertos de falas de entrevistas sociolinguísticas das três cidades (Chapecó-SC, Itabaiana-SE e Natal-RN) selecionadas a fim de observar se o chapecoense percebe as diferenças entre a sua variedade e a variedade do outro e sua atitude.

Ressaltamos que os testes de percepções e atitudes foram aplicados a 7 informantes do projeto VMPOSC. Vejamos a estratificação da amostra no Quadro 07 a seguir:

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
Idade/Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
De 15 a 24 anos	-	-	2	-	1	1	1	2
Total parcial	0		2		2		3	
Total	7							

Quadro 07 – Distribuição da amostra Chapecó/SC do projeto VMPOSC para análise de percepções e atitudes linguísticas.

Fonte: Adaptado de Rost Snichelotto (2012, p. 6).

Em linhas gerais, para seleção dos excertos de fala que utilizamos para aplicar os testes de percepções e atitudes linguísticas, consideramos como estratificação a localidade (Chapecó-SC, Itabaiana-SE e Natal-RN) e o sexo/gênero (feminino e masculino), dos três projetos, conforme detalhado a seguir.

4.2.1 Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no Português falado no Brasil

O projeto *Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil* (FREITAG; SEVERO; ROST-SNICHELOTTO; TAVARES, 2013), é o resultados da ação de investigação interinstitucional entre a Universidade Federal de Sergipe – *Campus* São Cristóvão, Universidade Federal de Santa Catarina – *Campus* Florianópolis, Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Chapecó e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte – *Campus* Natal.

De caráter contrastivo, o projeto realiza coletas de dados nos moldes da entrevista sociolinguística, como garantia de comparabilidade entre amostras das variedades do PB, nas comunidades de fala específicas de Chapecó e Florianópolis, em Santa Catarina, na região sul, e Natal, no Rio Grande do Norte, e Canindé de São Francisco, Itabaiana, Lagarto, Estância, Propriá e Aracaju, em Sergipe, na região nordeste do Brasil. Desse modo, o objetivo do projeto é perceber o contraste entre as variedades do sul/nordeste, capital/interior, em termos de descrição de percepções e atitudes linguísticas dos falantes,

quanto aos diferentes usos linguísticos. Pretende-se a “[...] mensuração de percepções e atitudes linguísticas dos falantes, a fim de identificar marcadores, indicadores e estereótipos linguísticos que balizam os limites entre variedades, em contraste a estudo variacionista de fenômenos marcados nas comunidades” (cf. FREITAG, ROST SNICHELOTTO, 2015; FREITAG et al., 2015).

Perceber se as variáveis linguísticas assumem um caráter identitário, tanto em aspectos geográficos, quanto nas estratificações sociais das amostras, faz-se importante, pois “o nível da consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem que ser determinada diretamente” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 124). Deste modo, como descrito no capítulo anterior, no qual apontamos o referencial teórico que embasa nossa pesquisa, a avaliação da língua acaba por determinar tanto a constituição da identidade linguística dos falantes, quanto o emprego de valoração das variáveis linguísticas, caracterizadas, muitas vezes, como estereótipos, marcadores e indicadores, conforme detalhamos no capítulo anterior.

Cabe destacar que a coleta de dados, das três cidades que compõem os *corpora* dos subprojetos que compõem este projeto, descritos na próxima seção, seguem os moldes labovianos⁶² (LABOV, 2008 [1972]). Serão relativizadas as estratificações de faixa etária e escolaridade, de modo a permitir a comparabilidade de dados, das comunidades distintas. O contato com os informantes que compuseram as amostras seguiu a abordagem “bola de neve”⁶³.

Passaremos agora a descrever mais detalhadamente cada subprojeto que compreende o *Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no Português falado no Brasil*, e que fizeram parte do nosso *corpus* de excertos de fala utilizados nas coletas de percepções e atitudes linguísticas.

⁶² Em resumo, o intuito é observar a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala, ou seja, indivíduos que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros. Deste modo, a língua é vista como dotada de “heterogeneidade sistemática”, identificando grupos e, muitas vezes, demarcando as diferenças sociais. Para se observar os padrões de comportamento linguístico das formas dentro de uma comunidade de fala e analisar demonstrando a heterogeneidade do sistema, constituído por unidades e regras variáveis. Esse modelo segue dois princípios teóricos fundamentais: (i) para atender uma comunidade heterogênea, o sistema linguístico também deve se heterogêneo; o que acaba por romper a visão tradicional de homogeneidade; (ii) a mudança implica necessariamente variação, porém, a variação não implica necessariamente mudança em curso (cf. LABOV, 1972, 1974 e 1982 e 1994; e WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968).

⁶³ A presente abordagem compreende o contato do pesquisador com a comunidade de fala e a seleção dos primeiros informantes para a amostra, esses participantes iniciais indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos informantes e assim sucessivamente, até que seja alcançada a totalidade da amostra desejada (MILROY; MILROY, 1992).

4.2.1.1 Falares sergipanos⁶⁴

Vinculados ao *Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS*, coordenado pela professora Raquel Meister Ko. Freitag (2013), da Universidade Federal de Sergipe – *Campus São Cristóvão*, o projeto objetiva constituir e/ou ampliar bancos de dados que contemplem uma variedade do PB ainda não mapeada (ou pouco mapeada), como é o caso de Sergipe, coordenado pela professora Dra. Raquel Meister Ko. Freitag⁶⁵.

Para o dimensionamento da amostra, foram selecionadas seis cidades representativas do estado de Sergipe, por territórios: Canindé de São Francisco, Itabaiana, Lagarto, Estância, Propriá e Aracaju, a atual capital. Entretanto, utilizamos somente excertos de fala da cidade de Itabaiana-SE, conforme localização na Figura 03:



Figura 03: Localização de Itabaiana/SE.
Fonte: A autora.

Em cada comunidade de fala selecionaram-se informantes com um perfil específico, nascidos e criados na comunidade onde viveram, filhos de pais com as mesmas características e estratificados em cinco faixas etárias, segundo o padrão do

⁶⁴ Cabe ressaltar aqui que o projeto *Falares Sergipanos* foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de Sergipe, o qual está vinculado ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa – SISNEP, recebendo certificado de atendimento às diretrizes éticas de pesquisa de 0386.0.107.000-11. (FREITAG, 2013, p.160).

⁶⁵ As informações aqui apresentadas foram extraídas de Freitag; Severo; Rost-Snichelotto; Tavares (2013) e Freitag (2013).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: até 14 anos; 15-24 anos, 25-39 anos, 40-64 anos e mais de 65 anos (a princípio com dois informantes para cada célula). Não estava prevista a estratificação por nível de escolarização, contudo, foram priorizados informantes de nível médio ou superior.

Finalizado, o banco de dados contará com 20 entrevistas sociolinguísticas por cidade, totalizando 120 entrevistas⁶⁶. Até este momento, a amostra de Itabaiana-SE já se encontra finalizada, conforme Quadro 08:

	Escolaridade	
	Ensino Médio ou Ensino Superior	
Idade/Sexo	M	F
Até 14 anos	2	2
15-24 anos	2	2
25-39 anos	2	2
40-64 anos	2	2
Mais de 65 anos	2	2
Total parcial	10	10
Total	20	

Quadro 08: Estratificações empregadas no banco de dados *Falares Sergipanos*.
Fonte: Adaptado de Freitag; Severo; Rost-Snichelotto; Tavares (2013).

Itabaiana está localizada no nordeste brasileiro, mais precisamente no estado de Sergipe, a 58 Km da capital Aracaju. Ao se dividir o território brasileiro em capitanias hereditárias, em 1534, o território que hoje é o estado de Sergipe ficou para Francisco Pereira Coutinho. Entretanto, após sua morte, seu filho não obteve sucesso com a exploração do território, obrigando-se, em 1549, a vendê-lo para a Coroa Portuguesa.

Até 1590, o território era ocupado somente pelos indígenas tupis, porém, quando Cristóvão de Barros, juntamente com sua expedição, chegaram às terras sergipanas, dizimaram as comunidades indígenas ali residentes. Data-se deste momento, o início da

⁶⁶ Ressaltamos que, até o presente momento, não encontramos informações do período em que se realizou a coleta de dados.

colonização do município de Itabaiana. Em fins do século XVI efetivou-se a posse das terras (sesmarias⁶⁷), fixando residência dos colonos que ali chegaram, por cartas de doação (séculos XVI e XVII) e alvarás (século XVIII), ao longo do rio Jacarecica, que ficou conhecida a localidade como *Arraial de Santo Antônio*, a hoje conhecida como Igreja Velha. A cidade acaba por se tornar, devido à ampliação da população, em 1678, um distrito. Já em 1888, a então vila de Santo Antonio e Almas de Itabaiana, eleva-se à categoria de cidade por meio da resolução Provincial de número 301⁶⁸.

Com uma população de 86.967 indivíduos (Censo IBGE 2010), a cidade tem como principal atividade econômica a produção agrícola, voltada principalmente para o cultivo de mandioca, tomate, batata-inglesa e cebola. Contudo, o comércio tem grande destaque no interior do estado de Sergipe, principalmente o comércio de ouro.

4.2.1.2 Banco de Dados FALA-RN⁶⁹

Vinculados ao grupo de pesquisa *Estabilidade, Variação e Mudança Linguística*, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, um grupo de pesquisadores propuseram-se a iniciar a organização do *Banco de Dados da Fala do Rio Grande do Norte* (doravante *Banco de Dados FALA-RN*), conforme Tavares e Martins (2012) e Tavares (2014), que iniciou com a coleta de dados de fala referentes a cidade de Natal (Figura 04), banco este, a ser denominado *Banco de dados FALA-Natal*.

⁶⁷ Terrenos doados pelos reis de Portugal e autoridades coloniais portuguesas às sesmeiros – colonos ou cultivadores.

⁶⁸ As informações aqui descritas foram retiradas, pela pesquisadora, da página online da Prefeitura Municipal de Itabaiana. Disponível em: <http://www.itabaiana.se.gov.br/?_p=conheca-itabaiana>. Acesso em: 01 fevereiro de 2015, às 18:52 horas.

⁶⁹ As informações aqui apresentadas foram retiradas de Freitag; Severo; Rost-Snichelotto; Tavares (2013) e Tavares e Martins (2012).



Figura 04: Localização da cidade de Natal/RN.
Fonte: A autora.

O banco é composto por 48 entrevistas sociolinguísticas, com informantes da cidade de Natal-RN estratificadas em sexo (feminino, masculino), faixa etária (8 a 12 anos; 15 a 21 anos; 25 a 45 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (ensino fundamental I completo, ensino fundamental I cursando – os indivíduos de 8 a 12 anos, ensino fundamental II completo, ensino médio completo)⁷⁰, conforme Quadro 09:

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental I Cursando		Ensino Fundamental I Completo		Ensino Fundamental II Completo		Ensino Médio Completo	
Idade/Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
08-12 anos	2	2	2	2	2	2	-	-
15-21 anos	-	-	2	2	2	2	2	2
25-45 anos	-	-	2	2	2	2	2	2
Mais de 50 anos	-	-	2	2	2	2	2	2
Total parcial	4		16		16		12	
Total	48							

Quadro 09: Estratificações empregadas no banco de dados *Banco de dados FALA-Natal*.
Fonte: Adaptado de Freitag; Severo; Rost-Snichelotto; Tavares (2013).

⁷⁰ Em 2014, a amostra de Natal finalizou a etapa de coleta de dados. Não encontramos informações do período em que se iniciou a coleta de dados.

Quando, em 1530, o Rei de Portugal Dom João III dividiu o Brasil em capitanias hereditárias, as terras que hoje se localizam a cidade de Natal-RN, ficou com João de Barros e Aires da Cunha. Cinco anos depois, os índios potiguares, juntamente com os franceses, ajudaram a combater a colonização das terras indígenas, entretanto, em 1597, fora construído o forte Fortaleza dos Reis Magos, como meio de combater os ataques indígenas, assim, aos poucos se desenvolveu o povoado *Cidade dos Reis*, tornando-se posteriormente, em 1599, a cidade de Natal-RN.

Também conhecida como Cidade do Sol, capital do estado do Rio Grande do Norte, possui, segundo dados do Censo IBGE, de 2010, uma população de 803.739 habitantes, que tem como base econômica o setor terciário, nos setores de comércio e prestação de serviços⁷¹.

4.2.1.3 VARSUL⁷²

O Núcleo Interinstitucional VARSUL (*Varição Linguística Urbana na Região Sul*), fundado em 1985, é o resultado de uma parceria que reúne a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), além da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

O banco de dados é composto por amostras de fala, coletadas entre os anos de 1990 e 1996, de quatro cidades de cada estado da região sul do país. No Paraná, as entrevistas são provenientes das cidades de Curitiba, Pato Branco, Londrina e Irati; em Santa Catarina, as entrevistas foram coletadas nas cidades de Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó; e no Rio Grande do Sul, foram entrevistados informantes das cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. A escolha destas cidades foi devido à expressiva presença das mais diversas etnias (alemã, italiana, açoriana, polonesa, etc.), na região sul do Brasil. O objetivo do projeto é

⁷¹ As informações aqui descritas foram retiradas, pela pesquisadora, da página online da Prefeitura Municipal de Natal. Disponível em: <<https://natal.rn.gov.br/natal/ctd-669.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2016, às 21:52 horas.

⁷² As informações apresentadas foram retiradas de Freitag; Severo; Rost-Snichelotto; Tavares (2013) e do site do projeto VARSUL, disponível em: < <http://www.varsul.org.br/>>.

Pôr à disposição da comunidade acadêmica um banco de dados com amostras de fala representativas das variedades linguísticas dos estados da Região Sul do Brasil - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Descrever o português falado no Sul do país, levando em conta as diferentes áreas de análise linguística: fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, semântica e discurso. (INSTITUTO DE LETRAS UFRGS, s.d).

Cada cidade está representada por 24 entrevistas sociolinguísticas face-a-face, totalizando um acervo de 288 entrevistas, com aproximadamente 60 minutos de duração cada uma, em conversas que abordam temas como a vida pessoal e a história da cidade em que vivem.

Os informantes estão estratificados conforme a faixa etária (25 a 49 anos e de 50 anos acima), o sexo/gênero (feminino e masculino) e a escolaridade (nível fundamental I: de 1 a 4 anos de escolaridade; nível fundamental II: de 5 a 8 anos de escolaridade; nível médio: de 9 a 11 anos de escolaridade). Seguiu-se ainda o seguinte perfil: deveriam falar apenas o português (nas capitais), deveriam ter residido na cidade por cerca de 2/3 da vida e, na fase de aquisição da língua materna, não poderiam ter residido fora da região por mais de um ano. O Quadro 10 abaixo explicita a distribuição da amostra Varsul, por cidade:

	Nível Fundamental I		Nível Fundamental II		Nível Médio	
	M	F	M	F	M	F
Idade/Sexo						
A = 25 a 49 anos	2	2	2	2	2	2
B = mais de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total parcial	4	4	4	4	4	4
Total	8		8		8	
Total de 24 informantes						

Quadro 10 – Distribuição da amostra VARSUL por cidade.
Fonte: Adaptado de Freitag; Severo; Rost-Snichelotto; Tavares (2013).

Atualmente, o banco está sendo expandido com a coleta da “Amostra Floripa”, que inclui entrevistas de informantes moradores das zonas urbanas e não urbanas de Florianópolis, das localidades de Barra da Lagoa (com 30 entrevistas da amostra Brescancini-Valle coletadas), Santo Antônio, Ratonés, Ingleses, Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha (amostras Brescancini e Monguilhott com 32 entrevistas coletadas), Centro,

Trindade e Coqueiro, considerando novos perfis como: a faixa etária de 15 a 24 anos e outros níveis de escolaridade, como o nível superior.

Do presente banco de dados utilizamos excertos de fala, para aplicação dos testes de percepções e atitudes linguísticas, somente os dados da cidade de Chapecó-SC, uma vez que, não obtivemos acesso aos áudios da cidade de Florianópolis-SC para compor o *corpus* de excertos utilizados, optando-se assim, por utilizar somente os de Chapecó.

4.2.2 Os testes de percepções e atitudes linguísticas

Para esta etapa da pesquisa, foram aplicados cinco testes de percepções e atitudes linguísticas a 7 informantes chapecoenses, de 15 a 24 anos⁷³. Os instrumentos, por meio dos quais foi desenvolvida esta etapa da pesquisa, estão embasados na DP (PRESTON, 1989; PRESTON, LONG, 1999, 2002) e nos preceitos sociolinguísticos (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]).

A aplicação de testes de percepções e atitudes linguísticas no mesmo informante que fora aplicada a entrevista sociolinguística, nos proporcionará a comparação entre o que o informante efetivamente fala e o seu julgamento com relação ao uso das formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular.

Com esse cuidado metodológico, por meio da padronização dos questionários, pretendeu-se obter respostas espontâneas, sem prejuízo de conteúdo. Os questionários foram adaptados de pesquisas já realizadas como Preston (1989), Preston, Long (1999, 2002), Weinreich, Labov, Herzog (1968, 2006), Labov (1972, 2008), Miranda (2014), Rocha (2012), Franceschni (2011), Ramos (1989), Arduin (2005) e Zilli (2009).

Em linhas gerais, cada coleta de dados das percepções e atitudes linguísticas dos 7 informantes que participaram dessa parte da pesquisa, durou em torno de 30 minutos, e o processo seguido fora o mesmo com todos os informantes. Para tanto, foi entregue aos informantes duas cópias impressa com um esboço do mapa do Brasil e duas cópias impressas do mapa de Santa Catarina e uma cópia do questionário sobre atitudes linguísticas, como descreverei melhor cada procedimento na sequência.

⁷³ Ressaltamos que, com base em Preston (2010a, p.98), não aplicaremos testes de atitude e percepção a informantes de até 14 anos, pois, segundo os preceitos da DP, informantes com esta faixa etária não conseguem ainda se posicionar de modo claro frente às variações linguísticas.

De posse de cada instrumento de coleta, o entrevistador realizou a leitura do enunciado de cada instrumento, explicando, de modo breve, o que era solicitado, caso fosse necessário o entrevistador daria maiores instruções, o que não se necessário. Assim, o entrevistador tinha o papel de auxiliar na interpretação das tarefas. Também, o mesmo fora responsável por colocar, quantas vezes fosse necessário, os áudios para que os informantes ouvissem. Deste modo, a cada instrumento os informantes preenchiam com as informações que achavam relevantes, frente ao que era solicitado.

Como será descrito na seção de apresentação e análise das percepções e atitudes linguísticas, nem todos os informantes se posicionaram frente aos excertos de fala⁷⁴.

O primeiro instrumento (APÊNDICE A), compreendeu na demarcação, com auxílio de lápis ou caneta, segundo a percepção de cada informante, no mapa⁷⁵ do Brasil, das fronteiras linguísticas em que se utilizam as formas de referência à segunda pessoa do singular na posição de sujeito, além de nomeação de cada região demarcada. Com isso, pretendeu-se perceber quais são as fronteiras linguísticas, segundo o informante, em que se utilizam os pronomes *tu* e/ou *você*.

No segundo instrumento (APÊNDICE B), tencionou-se, com base na apresentação de áudio de 7 excertos de fala das entrevistas sociolinguísticas, que o informante demarcasse, com lápis ou caneta, no mapa do Brasil, qual o local que, segundo a sua percepção auditiva, pertencia determinada fala e justificasse o motivo da demarcação para tal local. Também, o informante deveria se posicionar sobre determinada fala e delimitar um perfil para o falante do excerto escutado, pois assim, pretendíamos constatar

⁷⁴ Os 7 excertos de fala que foram utilizados, neste momento, como estímulo para a demarcação das percepções dos informantes, foram extraídos dos bancos de dados das três cidades base da pesquisa (Chapecó, Natal e Itabaiana), estratificados de acordo com a localidade (Chapecó, Natal e Itabaiana) e sexo/gênero (feminino e masculino). Cabe ressaltar aqui, que dos excertos de fala utilizados apresentamos aos informantes, compreendem em 4 falas da cidade de Chapecó-SC, 2 falas de informantes femininos e 2 com informantes masculinos, cada uma com a ocorrência de uma das duas formas pronominais. No banco de dados *Falares Sergipanos*, com dados da cidade de Itabaiana-SE, não encontramos nenhuma ocorrência de uso da forma *tu*, nem com informantes femininos nem com informantes masculinos, assim, apresentamos 2 excertos de fala da cidade de Itabaiana com a forma *você*, 1 com fala de informante masculino e 1 com fala de informante feminino. Também, das duas entrevistas da cidade de Natal-RN das quais tivemos acesso, do *Banco de Dados FALA-RN*, também não encontramos dados de uso da forma *tu*, ainda, estas 2 entrevistas eram com informantes masculinos, ou seja, não conseguimos dados com informantes femininos da cidade de Natal-RN, resultando em 1 excerto de fala da cidade de Natal-RN de informante masculino.

⁷⁵ Os mapas utilizados para que os informantes delimitem suas percepções quanto ao uso dos pronomes *tu* e/ou *você* não possuem demarcação geográfica de estados ou regiões, porque objetivamos identificar fronteiras linguísticas e não fronteiras territoriais.

se o falante percebe a variação de referência de segunda pessoa do singular, em nível nacional.

O terceiro instrumento (APÊNDICE C), nos permitiu perceber, mais especificamente, qual a percepção do informante frente à referência à segunda pessoa do singular na variedade do estado de Santa Catarina, uma vez que, os informantes delimitaram, com lápis ou caneta, quais são os locais, segundo sua percepção, em que se utilizam as formas *tu e/ou você*, além de nomear cada região demarcada.

No quarto instrumento (APÊNDICE D), como ocorreu com o segundo, apresentamos ao informante 4 excertos de áudio, com a fala das entrevistas sociolinguísticas em que ocorriam as formas *tu e/ou você* na fala de chapecoenses, do gênero feminino e masculino.

Assim que ouvia o áudio, o informante demarcava, com lápis ou caneta, no mapa de Santa Catarina, qual o local em que determinada fala ocorria e nomeava o mesmo. Em seguida, foi solicitado o motivo de ter demarcado tal local, o que achava dessa fala e qual o perfil do falante do excerto escutado. Pretendeu-se perceber se o falante consegue identificar a variedade linguística em estudo, em nível regional.

O quinto e último instrumento (APÊNDICE E) utilizado, objetivou captar as atitudes linguísticas dos chapecoenses frente ao uso dos pronomes *tu e/ou você*. Trata-se de um questionário composto por 11 perguntas que envolvem o julgamento do informante. Criamos algumas situações em que os informantes se posicionavam sobre: a) quais as formas que o informante achava melhor, em contraposição a que ele mais usava, o que nos proporcionou perceber se a forma como ele julga sua fala é a forma que o mesmo prestigia; b) quais as formas que o mesmo usa no tratamento com pessoas de um relacionamento mais íntimo (amigo, conhecido, etc.), mais formal (chefe, superior, etc.), ou no tratamento mais respeitoso (pai, mãe); c) qual forma ele faz uso, com os distintos verbos (regular, irregular e anômalos); e, d) a influência do tempo verbal (presente, pretérito e futuro) ou a conjugação (ar, er ou ir), no uso de um ou outro pronome.

Além, dos contextos criados de posicionamento dos informantes, expostos acima, a primeira atividade que o informante respondeu, nesse quinto instrumento, possui uma estrutura diferenciada das demais questões elaboradas, uma vez que, compreende uma técnica semelhante à utilizada por Wolk (1983[1973]), na pesquisa sobre as atitudes em relação ao espanhol e o quéchua no Peru. Neste momento, o informante se posicionava

frente às seguintes estruturas de uso das formas *tu* e/ou *você*: a) *Você gosta de sorvete?*; b) *Tu gostas de sorvete?* e c) *Tu gosta de sorvete?*.

Para melhor compreender o que estamos apontando, observemos o início da instrução da questão:

1) Seguindo as instruções acima, na sua opinião o que acha do uso dos pronomes *tu* ou *você* nas seguintes frases?

a) *Você gosta de sorvete?*

Bonita __ : __ : __ : __ : __ : __ Feia

Clara __ : __ : __ : __ : __ : __ Confusa

Simples __ : __ : __ : __ : __ : __ Complicada

Agradável __ : __ : __ : __ : __ : __ Desagradável

Conhecida __ : __ : __ : __ : __ : __ Desconhecida

Fácil __ : __ : __ : __ : __ : __ Difícil

Prestigiada __ : __ : __ : __ : __ : __ Desprestigiada

Uso __ : __ : __ : __ : __ : __ Não uso

Boa __ : __ : __ : __ : __ : __ Ruim

Percebe-se que optamos por uma escala de seis espaços, semelhantes à utilizada por Wolck (1983[1973]), devido ao fato de não nos interessar um ponto neutro, se utilizássemos cinco escalas em vez de seis, pois não conseguiríamos depreender uma atitude positiva ou negativa do nível central.

Deste modo, o informante deveria dar sua opinião colocando um “X” no espaço correspondente à sua escolha, considerando os seguintes critérios:

1. Estar totalmente de acordo
2. Estar de acordo
3. Estar mais ou menos de acordo
4. Estar mais ou menos contrário
5. Estar contrário
6. Estar totalmente contrário

Deste modo, após todo o processo descrito acima, o intuito foi de conseguir chegar a percepção e a atitude dos informantes da cidade de Chapecó, frente à referência à segunda pessoa do singular, tanto na sua variedade linguística (variação no indivíduo) quanto na variedade linguística do outro (variação na comunidade).

4.2.3 Apresentação e análise dos dados

Quando pensamos em análise de dados de percepções e atitudes linguísticas devemos considerar, como já apontou Trask (2004, p.16-17), que

uma abordagem qualitativa enfoca tipicamente o estudo de pequenas quantidades de falantes ou textos, porque a abundância de dados e os estudos estatísticos são considerados menos importantes do que revelar os significados sociais que as pessoas atribuem a suas atividades lingüísticas, quando falam ou escrevem.

Deste modo, nessa etapa de nossa pesquisa, realizamos uma abordagem qualitativa dos resultados de percepção e atitude linguísticas dos 7 informantes chapecoenses que compõem nosso *corpus*, uma vez que, consideramos que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta constantemente o mundo em que vive, isso por que, “[...] dar conta do fato de que a linguagem é, ao mesmo tempo, condição para a construção do mundo social e caminho para compreendê-lo” (MOITA LOPEZ, 1994, p.334).

Como já descreveu Erickson (1989, p.275), não é a riqueza de detalhes das informações que caracteriza uma pesquisa qualitativa, mas sim, a combinação desses detalhes com a perspectiva interpretativa.

Assim, quando apresentarmos, no próximo capítulo, os resultados das coletas de dados das percepções linguísticas dos falantes, realizamos a elaboração de mapas resumos, de modo a observar em um único mapa as informações demarcadas pelos 7 informantes chapecoenses, referente ao que fora solicitado. Após a análise dessas primeiras informações, apresentaremos alguns mapas delimitados pelos informantes que retratam informações que consideramos relevantes.

Para a apresentação dos resultados do último instrumento aplicado, realizaremos a apresentação dos mesmos e das análises de cada pergunta e contexto criado, destacando as informações que contribuíram para as análises.

4.3 DADOS EXCLUÍDOS

Antes de iniciarmos nossas análises dos dados, é necessário ressaltar que acabamos por eliminar alguns contextos de uso das formas *tu* e/ou *você*, de modo a não comprometer de alguma forma nossas análises. Abaixo apresentamos os contextos que foram descartados na realização de nossa análise:

- Ocorrências nas quais os pronomes *tu* e/ou *você* são utilizados pelos entrevistadores não foram contabilizados, uma vez que, nosso objetivo é analisar a fala do entrevistado, conforme exemplo abaixo:

(17) E: Verdade... Ahn, como são as suas festas assim de Natal e Ano Novo quando *você* não se reúne lá com os teus parentes?... *Tu* lembra de alguma?

I: Como assim? Se eu lembro de, alguma? (CH09MBEFII)

- Ocorrências nas quais os pronomes *tu* e/ou *você* não desempenham a função de sujeito, ou seja, sem nenhum verbo de que pudessem ser sujeito. Exemplos:

(18) I: É tem os lados ruins porque daí *você* não pode, faze[r] nada em falso não pode da[r] um passo em falso que todo mundo já sabe que é *você* e sai falando. (CH14FBES)

(19) I: É um problema bem difícil por que bullying todo mundo faz com as outras pessoas, mas não aturam deles mesmos, de falar deles, por exemplo, vai lá e chama um amigo de chato, faço bullying com ele por que ele tem problemas. *Você* gostaria que fizessem isso com *você*? Eu não gostaria. (CH02FAEFI)

- Ocorrência na qual o pronome *você* apareceu na leitura de um texto/pergunta pelo informante, nesta situação um dado fora descartado, segue o mesmo:

(20) I: Tá daí aqui ó, “*Você* participa de algum grupo? Futebol, dança, esporte, folclore, jovens e idosos na igreja, na comunidade na escola?” ... Na escola, e na comunidade isso, isso? (CH10MBEFII)

- Ocorrências nas quais os pronomes *tu* e/ou *você* foram utilizados, porém, o informante realizou um corte em sua fala, assim, não sabemos se este desempenha a função de sujeito. Conforme exemplos:

(21) I: Mas eu acredito que elas ainda elas [es]tão assim ó, como é que eu posso dize[r], um prefeito que não investe em lazer, em parques, sabe, porque assim ó, não adianta você da[r] condições para que uma cidade cresça, *você também pre*, só condições favoráveis ao crescimento e não à manutenção do que já tem, [...]. (CH18FCES)

(22) I: [...] E daí, na cozinha se *tu*, atrás assim na cozinha é a área de serviço e tem uma porta p[a]ra i[r] p[a]ra trás [...]. (CH06FAEFII)

- Ocorrência na qual o pronome *tu* está ligado a um marcador discursivo e não a um verbo, conforme exemplo:

(23) I: A minha infância, eu sempre disse que eu aproveitei muito a minha infância, eu brinquei assim de tudo o que *tu* possa imagina[r]... De bolinha de gude, de subi[r] em árvore, brinca[r] de boneca, faze[r] comidinha no barro, e fecha[r] a rua, faze[r] pista pra bicicleta com, \emptyset sabe, com tampinhas, é... anda[r] de carrinho de rolimã [...]. (CH18FCES)

- Ocorrência na qual o trecho não apresenta sujeito, pois o verbo é impessoal, conforme exemplo:

(24) I: Ah sim, eu moraria mas eu vejo assim que tem uma dificuldade de acesso né para todos os bairros mais distantes assim da área central, pra qualquer lado que *tu* pega[r] seja aqui Efapi ou...Seminário lá, \emptyset tem uns loteamento[s] novo pra frente do seminário, a própria lá, pro lado do, Santa Maria, Esplanada lá né, os acessos p[a]ra esses bairros assim, é muito complicado né. (CH18FCES)

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo está dividido em três partes. A primeira é dedicada à descrição das rodadas estatísticas realizadas e à apresentação dos grupos de fatores considerados relevantes. A segunda é voltada à caracterização dos fatores linguísticos e extralinguísticos, suas respectivas hipóteses e análise e discussão dos resultados. Na terceira parte, realizamos a descrição e a análise dos resultados dos testes de percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses frente às formas pronominais de segunda pessoa do singular, pontuando alguns aspectos com relação ao quesito uso *versus* percepção, e também, a análise das atitudes linguísticas dos chapecoenses, no que tange à referência à segunda pessoa do singular, na posição de sujeito.

5.1 AS RODADAS ESTATÍSTICAS

Efetuamos cinco rodadas estatísticas no pacote de programas GOLDVARB X, conforme seção 4.2.5, para verificar o comportamento da variável investigada. Nossa amostra é composta por 19 informantes chapecoenses, contudo, após audição e transcrição atenta das entrevistas, 2 informantes não apresentaram quaisquer formas pronominais para referência à segunda pessoa do singular, na posição de sujeito, deste modo, nosso *corpus* acabou sendo os dados de fala de 17 informantes.

Conforme Nascentes (1956); Biderman (1972-1973) e Ramos (1989), no PB, há duas formas pronominais para referência à segunda pessoa do singular: *tu* e *você*. Nesse sentido, foram localizadas 268 ocorrências de uso de *tu* e/ou *você*, na posição de sujeito, em nossa amostra, sendo 122 ocorrências de *tu* (explícito e elíptico, conforme seção 5.1.1), correspondendo a 45,5% do total, e 146 ocorrências de *você* (explícito e elíptico, conforme seção 5.1.1), correspondendo a 54,5%, conforme se verifica no Gráfico 01:

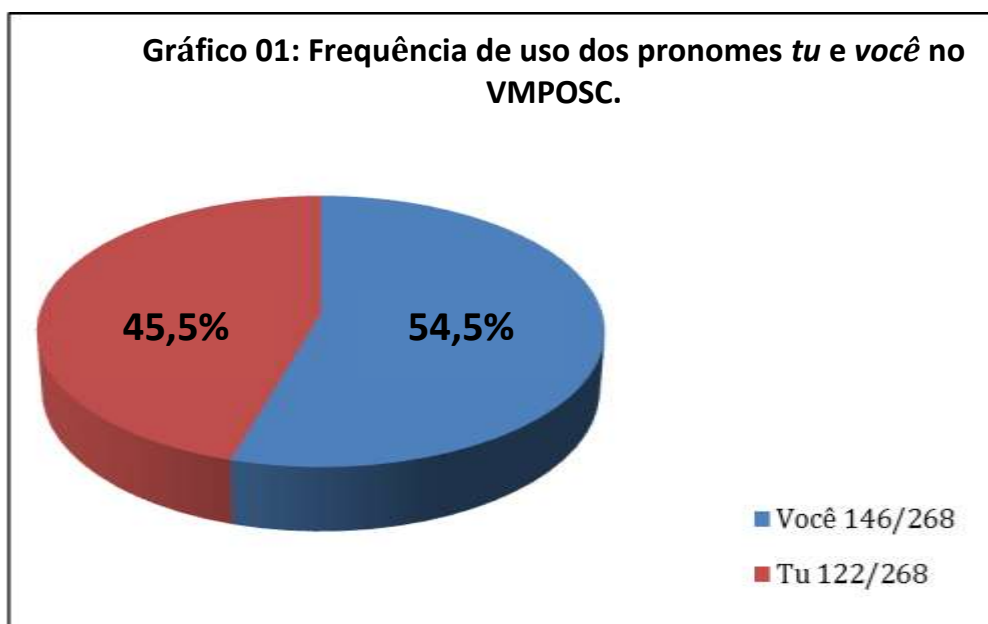


Gráfico 01: Frequência de uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.
Fonte: A autora.

A primeira rodada dos dados foi realizada considerando os doze grupos de fatores e uma variável dependente binária, qual seja o pronome *tu* ou *você* em posição de sujeito, a fim de que, pudéssemos detectar quais os fatores atuam na seleção de uma ou outra forma de referência à segunda pessoa do singular. É importante ressaltar que foram considerados os dados incluindo os pronomes sujeitos explícitos e os pronomes sujeitos elípticos, retomados pela forma pronominal de referência à segunda pessoa do singular antecedente. Assim, nesta rodada, 10 fatores apresentaram comportamento categórico: os tempos verbais do *pretérito perfeito do indicativo* e o *gerúndio* e dos informantes: CH01FAEFI, CH02FAEFI, CH03MAEFI, CH08MAEFII, CH10MBEFII, CH14FBES, CH15FBES, CH19FCES.

Realizamos uma segunda rodada considerando, a exemplo de Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e Rocha (2012), como variável dependente os fatores *sujeito explícito tu*, *sujeito explícito você*, *pronome elíptico antecedente tu* e *pronome elíptico antecedente você*, conforme será detalhado na seção 5.1.1. Nesta rodada, mostraram-se categóricos: os tempos verbais do *pretérito perfeito do indicativo*, *presente do subjuntivo*, *futuro do subjuntivo*, *futuro do pretérito do indicativo* e o *gerúndio*; o *discurso relatado do próprio falante*; as escolaridades de *Ensino Médio* e *Ensino Fundamental I*; e dos informantes: CH01FAEFI, CH02FAEFI, CH03MAEFI, CH07MAEFII, CH08MAEFII, CH10MBEFII, CH11MBEM, CH13MBES, CH14FBES, CH15FBES, CH19FCES. Optamos por considerar em nossas análises a rodada estatística com a variável binária: *tu* (explícito

ou elíptico) e *você* (explícito ou elíptico), uma vez que, observamos que a rodada com variável binária desfavoreceu os nocautes.

Para a terceira rodada, como meio de eliminar os nocautes, agrupamos os tempos verbais: *pretérito perfeito do indicativo* e o *pretérito imperfeito do indicativo*; também, juntamos os tempos verbais: *futuro do subjuntivo* e *futuro do pretérito do indicativo*. Usamos como critério a aproximação dos tempos verbais, ou seja, no primeiro caso juntamos os casos de *pretérito do indicativo* e no segundo juntamos os casos dos tempos futuros.

Em resumo, o *pretérito perfeito do indicativo* apareceu em 10 ocorrências, em 8 o pronome *tu* era explícito e em 2 o pronome era elíptico, ou seja, apresentou uso categórico do *tu*, já o tempo verbal *pretérito imperfeito do indicativo* foi utilizado em 11 ocorrências, sendo que dessas, 2 ocorrências com o pronome *tu* explícito e 2 ocorrências com o pronome elíptico, 6 ocorrências com o *você* explícito e 1 ocorrência com o pronome elíptico. Já no segundo caso que agrupamos, o *futuro do subjuntivo* apareceu em 7 ocorrências, 2 ocorrências com o *tu* explícito e 5 ocorrências com o *você* explícito, e o tempo verbal *futuro do pretérito do indicativo* apareceu em 2 ocorrências, 1 ocorrência com o pronome *tu* explícito e 1 ocorrência com o pronome *você*.

Por fim, eliminamos a variável *informantes*, sem que os dados tenham sido excluídos das rodadas estatísticas, uma vez que alguns informantes fazem uso categórico de uma das formas, conforme será explicitado na seção 5.1.13. Contudo, a rodada ainda apresentou nocaute em um fator: no *gerúndio*.

Para realizar a quarta rodada, juntamos aos tempos verbais *futuro do subjuntivo* e *futuro do pretérito do indicativo* a forma verbal *gerúndio*, o que nos possibilitou eliminar todos os nocautes, podendo assim dar sequências às rodadas.

Ainda, para observar o comportamento das variáveis, levando em consideração que nossa amostra possui 1 ou 2 indivíduos por célula social, realizamos uma quinta rodada dos dados, desconsiderando a variável *escolaridade*, porém não observamos mudanças significativas para que fosse repensada a exclusão dessa célula na amostra.

A fim de esgotar quaisquer questionamentos quanto à representatividade da amostra, realizamos ainda mais quatro rodadas estatísticas equilibrando 2 indivíduos nas células *escolaridade* e *sexo/gênero*, conforme estratificação no Quadro 11 (APÊNDICE F), *faixa etária* e *sexo/gênero*, conforme estratificação no Quadro 12 (APÊNDICE F) e, por fim, outras duas rodadas equilibrando a célula *sexo/gênero* conforme estratificação no

Quadro 13 (APÊNDICE F), o que nos possibilitou perceber que não há alteração significativa nos resultados obtidos e aqui comentados, exceto a rodada em que equilibramos a célula *escolaridade*, conforme estratificação do Quadro 14 abaixo, que comentaremos na seção 5.1.11.

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
Idade/Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
Até 14 anos	1	2	1	2	-	-	-	-
15-24 anos	-	-	1	-	-	-	1	1
25-49 anos	-	-	-	-	-	-	1	1
Total parcial	1	2	2	2	0	0	2	2
Total	3		4		0		4	

Quadro 14 – Distribuição da mostra da rodada com número de informantes equilibrados na variável *escolaridade* Chapecó/SC do projeto VMPOSC.
Fonte: Adaptado de Rost Snichelotto (2012, p. 6)

Resolvidos os nocautes das cinco primeiras rodadas, foram cinco os grupos de fatores selecionados como relevantes para o fenômeno variável em escrutínio, entre os doze grupos considerados, que listamos, a seguir, em ordem de significância estatística:

- 1°. Sexo/Gênero;
- 2°. Faixa etária;
- 3°. Referência pronominal;
- 4°. Escolaridade;
- 5°. Sequência discursiva;

Como podemos perceber na classificação acima, o programa estatístico selecionou cinco variáveis, das doze que controlamos, como significativas na variação de referência à segunda pessoa do singular, sendo que dessas, três variáveis são de cunho extralinguístico: *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*, e duas são de caráter linguístico: *referência* e *sequência discursiva*.

Observando os grupos selecionados na pesquisa de Hausen (2000)⁷⁶ percebemos semelhanças nos fatores extralinguísticos selecionados, uma vez que, os seguintes foram selecionados, em ordem de relevância: *região*, *sexo*, *faixa etária*, *interação emissor/receptor* e *escolaridade*. Podemos constatar que, a variável linguística *interação emissor/receptor*, não corresponde a nenhuma das que foram selecionadas em nossos dados. Já com relação às variáveis extralinguísticas percebemos que *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade* são fatores selecionados em ambas as pesquisas, o que nos demonstra a importância de se controlar essas variáveis nos estudos variacionistas.

Em Loregian-Penkal (2004) os grupos selecionados, em ordem de relevância, foram: *localidade*, *gênero do discurso*, *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*, ou seja, em relação às variáveis linguísticas, apesar de não considerar exatamente as mesmas categorizações no *gênero do discurso*, conforme detalhamento na seção 5.1.3, tanto na pesquisa de Loregian-Penkal (2004) quanto na nossa, esta variável apresenta relevância na variação do uso dos pronomes *tu* e/ou *você*. Já em relação às variáveis extralinguísticas, a não ser o fator *localidade*, como ocorre em Hausen (2000), que não consideramos por trabalhar com dados somente de Chapecó, as variáveis extralinguísticas (*sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*) que foram selecionadas em Loregian-Penkal (2004)⁷⁷ e também foram selecionadas em nossos resultados.

Cabe ressaltarmos aqui que, tanto a pesquisa desenvolvida por Hausen (2000) quanto por Loregian-Penkal (2004), os dados que serviram de base para as análises fazem parte do projeto *Varsul/Chapecó*. Em termos de números, os dados de Hausen (2000) totalizaram 521 ocorrências de *tu* e/ou *você*, correspondendo, respectivamente, 263 ocorrências e 258 ocorrências, já os dados de Loregian-Penkal (2004) totalizaram 519 ocorrências de *tu* e/ou *você*, correspondendo, respectivamente, 261 ocorrências e

⁷⁶ Ressaltamos que Hausen (2000) realizou as rodadas estatísticas juntando os dados das cidades de Chapecó, Blumenau e Lages.

⁷⁷ Cabe lembrar que, a pesquisadora também realizou as rodadas estatísticas juntando os dados das cidades de Chapecó, Blumenau e Lages.

258 ocorrências. Contudo, o trabalho de Hausen (2000) ficou restrito à variação na comunidade, o que auxiliou a impulsionar a pesquisa de Loregian-Penkall (2004).

Na sequência, apresentaremos na análise dos dados neste capítulo, além dos grupos estatisticamente relevantes, também, os não selecionados pelo programa, iniciando pela caracterização e pelas hipóteses, seguido dos resultados e da discussão das variáveis linguísticas e extralinguísticas.

5.1.1 Presença/ausência de formas pronominais para referência à segunda pessoa do singular na posição de sujeito

5.1.1.1 Caracterização e hipóteses

O estudo sobre a variação das formas pronominais para referência à segunda pessoa do singular no PB, das regiões sul e nordeste, conforme seção 2.3, foi efetuado por Ramos (1989), Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004), Sales (2004), Zilli (2009), Alves (2010, 2012), Franceschini (2011), Rocha (2012), Nogueira (2013), Moura (2013) e Silva (2015).

Em linhas gerais, os estudos realizados com dados da região sul do país apontam, para o predomínio do pronome *tu*, as cidades de Florianópolis-SC (LOREGIAN-PENKAL, 2004; ROCHA, 2012), Porto Alegre-RS (LOREGIAN-PENKAL, 2004), Flores da Cunha-RS (LOREGIAN-PENKAL, 2004), Panambi-RS (LOREGIAN-PENKAL, 2004), São Borja-RS (LOREGIAN-PENKAL, 2004), Ribeirão da Ilha-SC (LOREGIAN-PENKAL, 2004), Criciúma-SC (ZILLI, 2009).

A forma *você*, predomina nas cidades de Florianópolis-SC (RAMOS, 1989), Blumenau-SC (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004), Lages-SC (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004) e Concórdia-SC (FRANCESCHINI, 2011).

Interessante perceber, com base nos estudos já realizados (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004), que na cidade de Chapecó-SC, em ambos os estudos, as formas *tu* e *você* ocorrem com equilíbrio na frequência.

Com relação aos trabalhos desenvolvidos com dados de fala da região nordeste do país, constatamos o predomínio do pronome *você* nas cidades de Fortaleza-CE (SALES, 2004), São Luís-MA (ALVES, 2010/2012), Pinheiro-MA (ALVES, 2010/2012), Tuntum-MA (ALVES, 2010/2012), Alto Parnaíba-MA (ALVES, 2010/2012), Salvador-BH (NOGUEIRA,

2013), Feira de Santana-BH (NOGUIERA, 2013) e Natal-RN (SILVA, 2015). Já nas cidades de Bacanal-MA (ALVES, 2010/2012) e Balsas-MA (ALVES, 2010/2012), as formas *tu* e *você* apresentam equilíbrio na frequência de uso. Interessante destacar, que não encontramos, nos trabalhos citados, o predomínio da forma *tu* nos dados de nenhuma cidade da região nordeste.

Das pesquisas citadas acima, frente à referência à segunda pessoa do singular, as pesquisas de Ramos (1989), Sales (2014), Zilli (2009), Alves (2010/2012), Nogueira (2013) e Silva (2015), tem como objeto de estudos as formas *tu* e *você* explícitos, já as pesquisas de Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Franceschni (2011), e Rocha (2012), consideram, em suas análises, como variáveis dependentes as formas *tu* e *você*, tanto explícitas quanto elípticas.

Vejam algumas ocorrências das formas: *tu explícito* (ocorrência 25), *você explícito*⁷⁸ (ocorrência 26), *sujeito elíptico com o antecedente tu* (ocorrência 27) e *sujeito elíptico com o antecedente você* (ocorrência 28), encontradas em nossa amostra:

(25) I: A minha infância, eu sempre disse que eu aproveitei muito a minha infância, eu brinquei assim de tudo o que **tu** possa imagina[r]... [...]. (CH18FCES)

(26) I: Porque: é longe do colégio e porque, quando **você** que[r] sai[r] de casa faze[r] alguma coisa é muito longe. (CH07MAEFII)

(27) I: É né, coisas pontuais que **tu** chega[r] em casa e **ø** diz ah legal. (CH16MCES)

(28) I: Eu estudava, quando **você** não dava aula de de, **ø** [es]tava numa sala do lado, ele, quando nós tinha, os dois tinha[mos] artes e ciência. (CH09MBEFII)

Considerando os resultados de Hausen (2000) e Loregian-Penkal (2004), que identificaram variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular em Chapecó, com base nos dados do Varsul/Chapecó, de modo geral, temos como hipótese que, em Chapecó, há variação no uso das formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular, em posição de sujeito. De modo específico, postulamos o predomínio de uso da forma *tu* em relação à forma *você* (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004).

⁷⁸ Faz-se necessário destacar que, em nossas análises, consideramos a forma *cê* como uma variante da forma *você*, deste modo, consideramos estas como *corpus* de análises.

5.1.1.2 Resultados e discussão

Conforme a Tabela 12 abaixo, se olharmos para os resultados das pesquisas de Hausen (2000) e Loregian-Penkhal (2004), ambas com dados do Varsul/Chapecó, há um pequeno aumento percentual no uso da forma pronominal *você* e um decréscimo no emprego de *tu*, informação esta, que se confirma se observarmos as análises da seção 5.1.13, que trata da variação no indivíduo.

Cabe recordar aqui, que os dados da amostra de Hausen (2000) e Loregian-Penkhal (2004), foram coletados na década de 1991, já a amostra de fala do VMPOSC, foi coletada entre os anos de 2014 e 2016. Deste modo, temos os seguintes dados:

CORPUS (Autor/Ano)	Tu		Você		Total (%)
	%	PR	%	PR	
Varsul/Chapecó (HAUSEN, 2000)	50,5	0,79	49,5	0,21	100,0
Varsul/Chapecó (LOREGIAN-PENKAL, 2004)	51,0	0,82	49,0	0,18	100,0
VMPOSC	45,5	-	54,5	-	100,0

Tabela 12: Estudos realizados sobre formas de referência à segunda pessoa do singular com informantes de Chapecó.

Das cidades de Blumenau, Chapecó e Lages, investigadas por Hausen (2000), Chapecó obteve o maior PR (0,79), indicando a maior probabilidade do uso do pronome *tu*, mesmo tendo percentuais de usos muito próximos, o que de certo modo, se mantém na pesquisa de Loregian-Penkhal (2004), que retrata o pronome *tu* com PR (0,82). Já na amostra do VMPOSC, percebemos que os dados percentuais começam a se inverter, pois, mesmo que, ainda não seja tão maior a percentagem de uso do *você*, conforme perceberemos nos dados apresentados nas próximas seções, esta ganha, cada dia mais, espaço na fala dos chapecoenses.

Observando os dados apresentados acima, buscamos definir se estamos lidando com uma *variação estável* ou uma *mudança em progresso*. No primeiro caso, está a variação que se mantém por um longo tempo, uma vez que, não se verifica uma

tendência de predomínio de uma forma frente a outra, já o segundo caso, é detectado pelo processo de variação que se encaminha para uma resolução, ou seja, uma forma acaba por predominar na fala dos informantes, tornando-se categórica dentro da comunidade de fala (WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]).

Partindo dessa conceituação, dentro do cenário de variação na referência à segunda pessoa do singular, constatamos que, apesar de iniciar uma alteração no número, nos quais a forma *você* começa a ganhar espaço, ambas as formas se mantêm relativamente estáveis dentro do contexto linguístico da comunidade.

Em uma segunda rodada, optamos por separar esses dados. Vejamos os resultados na Tabela 13 a seguir:

PRONOME	Apl/Total	%
Você	103/268	38,4
Tu	85/268	31,7
Pronome elíptico antecedente <i>Você</i>	43/268	16,0
Pronome elíptico antecedente <i>Tu</i>	37/268	13,8
Total	268	100,0

Tabela 13: Uso dos pronomes *tu*, *você*, pronome elíptico com antecedente *tu* e pronome elíptico com antecedente *você* nos dados do VMPOSC.

De acordo com a Tabela 13, das 268 ocorrências de uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, em 103 ocorrência, que corresponde a 38,4% dos dados, os informantes utilizaram o pronome *você*, em 85 ocorrências, o que corresponde 31,7% da amostra, os informantes usaram o pronome *tu*; já em relação ao pronome elíptico, em 37 ocorrências, correspondendo 13,8% dos dados, esse antecedente é o pronome *tu*, e em 43 ocorrências, correspondendo 16% dos dados, o antecedente é expresso pelo pronome *você*, ou seja, quando o sujeito é elíptico, o pronome que mais propicia essa retomada é com o pronome *você*, ainda que com pouca porcentagem superior à forma *tu*.

Sobre o uso do sujeito elíptico, Castilho (2010, p.294) relata que,

[...] a categoria funcional de concordância já não identifica mais o sujeito no PB, donde seu progressivo preenchimento. Com isso, o PB vai deixando de ser uma língua em que os argumentos são omissíveis. O sujeito omissível 'resiste' nos seguintes ambientes:

[...]

Kato et al. (1996) chegaram a resultados que nem sempre confirmam a correlação 'morfologia pobre e ocorrência de sujeito nulo'.

Percebemos assim que, ainda que poucos, há um número total significativo de 80 ocorrências de não explicitação do sujeito pelos pronomes *tu* ou *você*, correspondendo respectivamente 37 e 43 ocorrências, o que nos faz concordar com os apontamentos levantados por Castilho (2010), sobre o enfraquecimento da concordância, conforme veremos melhor na seção 5.1.6.

Uma vez que a variação e/ou mudança linguística é social e linguisticamente motivada (LABOV, 2008 [1972]), faz-se necessário observar os grupos de fatores condicionadores da variação linguística, já que, é por meio deles, que se pode analisar o processo que o fenômeno linguístico está passando ou passou, assim, partiremos agora para a apresentação e análise de cada fator controlado no decorrer da pesquisa.

5.1.2 Referência pronominal

5.1.2.1 Caracterização e hipóteses

Quando olhamos para as ocorrências de uso das formas *tu* e/ou *você*, constatamos que estas são usadas não somente como meio de se referir a segunda pessoa do singular, mas também, aparecem com outros significados, como por exemplo, quando usados para se dirigir a grupos, a si próprio e, também, genericamente a qualquer pessoas do discurso.

Das pesquisas das quais realizamos o levantamento bibliográfico, conforme seção 2.3, a referência pronominal foi controlada por Loregian-Penkall (2004), Zilli (2009), Alves (2010), Franceschini (2011), Nogueira (2013) e Silva (2015), sendo que, somente na pesquisa de Silva (2015), a presente variável não foi significativa.

Nos trabalhos acima citados encontramos três classificações, nas pesquisas de Franceschini (2011) e Loregian-Penkall (2004) as autoras fazem uso dos termos *determinado* e *indeterminado* para a referência pronominal, já Alves (2010), Nogueira (2013) e Silva (2015) usam os termos de referência *específica* e *genérica*, sendo o

primeiro, os momentos em que os pronomes *tu* e/ou *você* fazem referência direta ao seu interlocutor (2.^a pessoa), já no segundo caso, é quando as formas fazem referência às pessoas em geral.

Zilli (2009) propõe quatro tipos de classificações para a referência pronominal, uma vez que, as formas *tu* e/ou *você* podem aparecer em diferentes contextos e com diferentes traços de significado:

a) referência/significado particular: *tu* e/ou *você* é empregado nos contextos em que significa a 1.^a pessoa do singular, ou seja, o informante utiliza uma das formas para referir a si mesmo no discurso, conforme as ocorrências:

(29) I: Cozinheiro mandioca, ma[s] primeiro assim cozinheiro a mandioca, preparo, faço purê dela, depois tem compro uma carne de sol que já vem desfiada no mercado, aí faço purê e faço as camadas, coloco a carne de sol é bem fácil de faze[r], e coloco um catupiri também uns queijinhos e coloco mais uma camada de purê de mandioca e aí **tu** coloca no forno pra assa[r], e ela, fica bem gostoso... (CH18FCES)

(30) I: **[Vo]cê** pega ahn bota arroz né, depois pega sal, água, depois **você** bo bota azeite daí **você** tem que fica[r] cuidando daí se come daí **[vo]cê** tem que mexe[r], daí assim se começa[r] assim a queima[r] **você** tem que pega[r] um xícara d'água e bota[r] dentro p[a]ra não queima[r]. (CH07MAEFII)

Percebemos que os informantes das ocorrências (29) e (30) descrevem como preparam um prato de comida. Na primeira ocorrência, o informante está descrevendo como ele especificamente elabora uma receita, pontuando os passos que este segue, e utiliza do pronome *tu* para descrever a ação que ele realizaria para dar continuidade da elaboração da receita. Na segunda ocorrência, o informante descreve os passos que ele realiza para fazer um arroz, repare que continuamente o informante reforça sua posição, por meio do pronome *você*, de realizador da ação de fazer arroz.

b) referência/significado dirigido ao interlocutor: *tu* e/ou *você* é usado para designar a 2.^a pessoa do singular, conforme previsto pelas GTs (VIEIRA, BRANDÃO 2007; CUNHA, CINTRA, 2008; FARACO, MOURA, MARUXO 2010; ROCHA LIMA (2010[1957])), ou seja,

o informante se dirige à pessoa com quem está falando, no caso o interlocutor, como percebemos nas ocorrências:

(31) I: Eu também gosto... **Tu** já ouviu *Soldier*? (CH07MAEFII)

(32) I: É um problema bem difícil porque bullying todo mundo faz com as outras pessoas, mas não aturam deles mesmos, de falar deles, por exemplo, vai lá e chama um amigo de chato, faço bullying com ele porque ele tem problemas. **Você** gostaria que fizessem isso com você? Eu não gostaria. (CH02FAEFI)

Nas duas ocorrências acima os informantes fazem um questionamento ao entrevistador, na ocorrência (31) sobre o fato do entrevistador, denominado pelo pronome *tu*, conhece uma banda chamada *Soldier*. Já na ocorrência (32), o informante questiona numa pergunta retórica o entrevistador, referindo-o pelo pronome *você*, se o mesmo gostaria de sofrer Bullying.

c) referência/significado a um grupo definido: *tu* e/ou *você* é usado para designar algumas pessoas do discurso ou quando o falante consegue determinar um grupo de pessoas, como percebemos nas ocorrências abaixo:

(33) I: Caótico, principalmente quando **[vo]cê** pega[r] aquela Serra do Britador ali é, é terrível mas (inint) mas no mais assim quando **você** não [es]tá num quando **o** não pega nenhum caminhão de lenha na frente, é tranquilo, é bom é muito melhor do que o horário de pico de Chapecó. (CH14FBES)

(34) I: Porque se, se **tu** for um um, viaja[r] um dia p[a]ra fora do país... Tem bastantes países que falam, o Inglês, eu acho importante p[a]ra isso, até pra arru arru arruma[r] uma profissão melhor assim. (CH08MAEFII)

Na ocorrência (33), o informante se utiliza do pronome *você* para se referir ao grupo de motoristas que percorre o trajeto descrito como caótico. Já na ocorrência (34), o informante utiliza o pronome *tu* para delimitar um grupo de pessoas que viaja para fora do país.

d) referência/significado genérico: *tu* e/ou *você* serve para designar todas as pessoas do discurso, ou seja, não está determinado a quantidade de envolvidos na descrição, como percebemos nas ocorrências abaixo:

(35) E: Tem um em especial que você poderia fala[r], descrever ele talvez? Ou falar sobre a personalidade dele? [inint] p[a]ra tentar ver como é que é o perfil então desses, dos teus amigos?

[...]

I: Não é, é algum coisa assim né mas tipo não, **tu** olha p[a]ra ele, **tu** não consegue liga[r] a imagem da pessoa com o que aconteceu então, se torna engraçado algumas coisas, é mais ou menos por aí né. (CH16MCES)

(36) I: [...] a gente, eu não tinha muitas colegas com namorado na escola, eu tinha duas ou três de uma turma de trinta e poucos era pouquíssimas né meninas que tinham namorado a gente percebia que o foco era outro, parece que o estudo era prioridade, não sei, e aí hoje **você** tem uma inversão, né o namoro, ficar, isso ou aquilo é mais importante do que a própria escola [...]. (CH18FCES)

Como percebemos na ocorrência (35), não conseguimos definir quem realiza a ação de olhar e ligar a imagem a pessoa, o informante vem descrevendo um amigo, porém, não conseguimos definir se quem não consegue ligar a imagem a pessoa é o informante (sentido particular), é o entrevistador (sentido dirigido ao interlocutor), ou seja, o informante faz uso da forma *tu* como meio de referir a qualquer pessoa do discurso. O mesmo acontece na segunda ocorrência (36), na qual não sabemos quem exatamente teve essa inversão de valores relacionados ao ato de namorar, ou seja, o informante utiliza o pronome *você* com sentido genérico.

Assim, com base nos resultados de Zilli (2009), de modo geral, temos como hipótese que os informantes chapecoenses usam os pronomes *tu* e/ou *você* não apenas para referir-se ao interlocutor, mas também, usam para designar a um *grupo definido*, no sentido *genérico* e *particular*, sendo que, o contexto que mais propicia o aparecimento das formas seja quando a fala é *dirigida ao interlocutor* (ZILLI, 2009). De modo específico, postulamos que o pronome preferencial na referência ao interlocutor será o pronome *tu*, uma vez que, é com esse sentido/significado que preveem as GTs., ainda, que o uso da forma *tu* prevalece em todos os contextos frente a forma *você* (ZILLI, 2009). Frente ao

você, nossa hipótese é que, apesar de aparecer em todos os contextos, não haverá sobreposição desta em nenhum dos contextos de referência (ZILLI, 2009).

5.1.2.2 Resultados e discussão

Cabe destacar que esta variável fora selecionada como o 3º fator condicionador de mais relevante na variação de referência de segunda pessoa do singular pelas formas *tu* e/ou *você*.

Observando a Tabela 14, não confirmamos nossa hipótese de que, apesar dos chapecoenses não usarem os pronomes *tu* e/ou *você* apenas para referir-se ao interlocutor, mas também, usam para designar a um *grupo definido*, no sentido *genérico* ou *particular*, o contexto que mais propiciaria o aparecimento das formas *tu* e/ou *você* seria, segundo nossa hipótese, quando a fala fosse *dirigida ao interlocutor*, o que em nossos dados representa somente 26,5% das ocorrências. Deste modo, observando os resultados, constatamos que o contexto em que o informante mais usa as formas *tu* e/ou *você* é para *definir um grupo específico* (32,5%).

REFERÊNCIA	TU			VOCÊ			TOTAL	
	Apl.	%	PR	Apl.	%	PR	Apl.	%
Grupo	28/87	32,2	0,21	59/87	67,8	0,79	87	32,5
Interlocutor	41/71	57,7	0,76	30/71	42,3	0,24	71	26,5
Particular	33/61	54,1	0,58	28/61	45,9	0,42	61	22,8
Genérico	20/49	40,8	0,56	29/49	59,2	0,44	49	18,3
TOTAL	122/268	45,5		146/268	54,5		268	100,0
<i>Log likelihood</i> = -108,439				Significância: 0,021				

Tabela 14: Atuação do grupo de fator *referência* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

De acordo com a Tabela 14, focalizando apenas a frequência total de ocorrências, a referência em que as formas *tu* e/ou *você* é mais utilizada (32,5% das ocorrências), compreendendo 87 ocorrências, ocorre quando o informante utiliza-se das formas para designar a um *grupo*, seguida da *referência ao interlocutor* (26,5% das ocorrências), ou

seja, a pessoa com quem se está falando. Na sequência, aparece o contexto de sentido *particular*, com 22,8% das ocorrências, e por fim, o contexto menos utilizado é quando as formas são usadas em sentido *genérico*, com 18,3% dos dados.

Ainda, não confirmamos a hipótese de que há sobreposição da forma *tu* em todos os contextos de sentido pesquisado, uma vez que, observando tanto a porcentagem (67,8%) quanto o PR (0,79) a forma *você* se sobrepõe quando é usada para definir a um *grupo*. Também, observando as porcentagens (59,2%), constatamos que o *você* também se sobrepõe quando usado no sentido *genérico*, dados esse que não se confirma quando observamos o PR (0,56) do pronome *tu*.

Esses resultados não vão de encontro aos encontrados na pesquisa de Zilli (2009, p. 36), uma vez que, dos 302 dados de Criciúma-SC analisados pela pesquisadora, observa-se maior uso das formas *tu* e/ou *você* para referência ao *interlocutor*, conforme prescrito pelas GTs.

Em linhas gerais, notamos que os contextos que propiciam o maior aparecimento da forma *tu*, tanto em porcentagem quanto em PR, são quando a fala é *dirigida ao interlocutor* e no sentido *particular*.

O contexto de referência ao *interlocutor* propicia maior uso da forma *tu* em relação ao *você*, já que foram 41 ocorrências de uso de *tu* (57,7%) e 30 ocorrências de uso do *você* (42,3%), dados esses que se confirmam quando observamos que a forma *tu* apresentou PR de 0,76.

Essas informações nos fazem confirmar que o contexto de referência ao *interlocutor* propicia mais a presença do pronome *tu*, sendo este, o sentido/significado que preveem as GTs. Porém, como descreveu Zilli (2009, p. 36), com base nos dados de sua pesquisa, esperávamos que a referência ao *interlocutor* apareceria como o maior contexto de uso das formas *tu* e/ou *você*, o que não se confirma ao se observar nossos dados.

Olhando para o contexto de referência *particular*, que acontece quando o falante utiliza os pronomes para significar a 1ª pessoa do singular, o qual aparece como terceiro contexto mais propicio para uso das formas *tu* e/ou *você*, com 22,8% do total de dados, o que compreende a 61 ocorrências, dos quais, em 33 ocorrências (54,1%), os informantes utilizaram a forma *tu* para se referir no discurso, e em 28 ocorrências (45,9%), utilizaram a forma *você*, ou seja, o contexto de referência *particular* também propicia maior uso da forma *tu*, o que se confirma quando observamos que esta forma apresenta PR de 0,58.

Dados esses que vem de encontro com os resultados de Zilli (2009, p. 36), pois, como em nossa pesquisa, o contexto de referência *particular* apresentou-se como o contexto mais propiciador de uso da forma *tu*, quando observamos os percentuais de uso, uma vez que, aparece em 90% dos casos. Porém, quando observamos os resultados em PR, essa afirmação não se sustenta, pois, na pesquisa de Zilli (2009, p. 36), o PR da forma *tu* é 0,49 e o de nossa pesquisa apresenta maior significância com PR 0,58.

Assim, além da variável *grupo* ser o contexto que mais propicia o uso das formas pronominais *tu* e/ou *você* na posição de sujeito, olhando para os resultados em PR do contexto de referência pronominal *grupo*, percebemos que este fator também é o único que apresenta maior PR, sendo este 0,79, para o uso da forma *você*. O mesmo se confirma quando observamos para as ocorrências e porcentagens, já que, do total de 87 ocorrências (32,5%), a forma *você* ocorreu dentro da variável *grupo* em 59 destas ocorrências, o que compreende 67,8%, em comparação ao uso do *tu* que ocorreu em 28 ocorrências, representado 32,2% dos dados de uso das formas pronominais dentro do fator *grupo*.

Novamente, esses dados não vão de encontro com os resultados apontados por Zilli (2009, p. 36), pois, nos dados de fala de Criciúma-SC a variável de referência de *grupo* propiciou, em 93% das ocorrências, o uso da forma *tu*, ao contrário de nossa amostra, em que a variável *grupo* fora o único contexto que se apresentou, a partir da observação dos resultados em PR, como contexto propiciador da forma *você*.

Um contexto diferenciado ocorre quando observamos o uso dos pronomes no sentido *genérico*, pois se olharmos para a frequência de uso e as porcentagens do contexto de referência *genérica*, percebemos que esta propicia o aparecimento da forma *você*, uma vez que das 49 ocorrências de referência *genérica*, que compreende a 18,3% da amostra total de dados, os informantes utilizaram em 29 ocorrências o uso da forma *você*, ou seja, 59,2% dos dados de referência *genérica*, e somente 20 ocorrências de uso da forma *tu*, o que compreende 40,8% desses dados de referência *genérica*.

Interessante destacar que, observando somente a frequência e os percentuais, temos na referência *genérica* um contexto propiciador de uso da forma *você*, dados esses que não se confirma, com o PR de 0,56 para o pronome *tu*, ou seja, com base no PR a forma *tu* apresenta maior significância. Essa situação também ocorre nos dados de Zilli (2009, p. 36), pois, apesar de representar 87% de uso do *tu*, o PR da forma *tu* não sustenta o contexto de preferência *genérica*, pois este possui PR 0,17.

5.1.3 Sequência discursiva

5.1.3.1 Caracterização e hipóteses

Analisar os dados, não requer somente selecionar os trechos em que estes aparecem, mas sim, constatar as características linguísticas e extralinguísticas que estão diretamente relacionadas às escolhas linguísticas dos falantes, para tanto, detectar quais as especificidades da estrutura textual, na qual o fenômeno investigado se apresenta, é o primeiro passo para observar as demais características destes. Em outras palavras, averiguar se no momento em que o pronome *tu* e/ou *você* foi usado o informante estava realizando a *narração* de algum fato de sua vida, ou se estava *descrevendo* os aspectos constituintes de algo ou alguém, ou ainda, se estava *argumentando* seu posicionamento/percepção/julgamento frente algum conteúdo de ordem política, social ou cultural.

Deste modo, a presente variável foi considerada nas pesquisas de Loregian-Penkal (2004)⁷⁹ e de Franceschni (2011)⁸⁰, sendo considerada significativa na rodada estatística realizada por Loregian-Penkal (2004), com os dados de Blumenau, Lages e Chapecó.

Com base na proposta de Rost Snichelotto (2014), de tipos de *sequências discursivas*, categorizamos esta variável em sequência *narrativa*, *descritiva* e *dissertativa*, segundo detalhamento a seguir.

a) sequência discursiva narrativa: esta sequência é caracterizada

[...] por relatos (predominantemente) de fatos ou fenômenos organizados em episódios. Os relatos remetem a acontecimentos ocorridos no passado, que podem se prolongar por um determinado tempo em que aparecem ambientes e pessoas. Nesse tipo de sequência, o falante/informante se coloca na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 229)

Ou seja, a referência temporal desta sequência discursiva é o da sucessão de fatos, que são desencadeadas por questões como: “*que histórias vocês ouvem da*

⁷⁹ Loregian-Penkal (2004) considerou em sua pesquisa a seguinte classificação de *gêneros do discurso*: *segmentos predominantemente narrativos*, *segmentos predominantemente argumentativos*, *explicações*, *receitas* e *não se aplica* para os textos que não se enquadrassem nas classificações consideradas.

⁸⁰ Franceschni (2011) considerou os seguintes gêneros do discurso: *narração*, *a descrição*, *a dissertação/argumentação* e *a explicação*.

família? quando você era criança, você lembra de algum fato marcante? conte algum fato muito marcante na sua vida, como foi sua infância?” (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 232-233). Veja as ocorrências a seguir:

(37) I: E daí, daí... Depois, acho que passo uns dois anos de eu te[r] começado já estuda[r], daí teve, abriu um colégio no Faxinal das Rosas, aí que eu vinha ali... **Tu** vê eu já comecei dois anos atrasado. (CH11MBEM)

(38) I: Bom até o meu sexto ano nós ficava[mos] o recreio inte[i]ro brincando de pega-pega e esconde-esconde, do sétimo ano em diante o recreio já foi mais pro pro lado de **você** pode[r] ocupa[r] os quinze minutos p[a]ra namora[r] p[a]ra p[a]ra (risos) p[a]ra paquera[r] faze[r] essas coisinha[s] assim mais de jovem, mais de aborecente no caso. (CH14FBES)

Percebemos que na ocorrência (37), o informante está narrando uma situação de seu passado, mais especificamente, está contando ao entrevistador como ocorreu o processo até que conseguisse iniciar seus estudos, e usa a forma *tu* para questionar o entrevistador se ele compreendeu que dessa sequência de fatos, da qual narrou, justifica seu atraso em iniciar seus estudos. Já na ocorrência (38), percebemos que o informante desenvolve seu trecho narrativo com a mesma temática que o informante anterior, como era na escola no seu tempo de estudo, assim, nessa ocorrência ela vem narrando o que faziam durante os intervalos e usa a forma *você* para descrever, na sequência discursiva, o que mudou hoje, em relação ao tempo anterior que vinha narrando.

b) sequência discursiva descritiva: esta sequência

[...] se constitui [...] por trazer a localização do objeto de descrição (não obrigatoriamente), características (cores, formas, dimensões, texturas, modos de ser etc.) e/ou componentes ou partes do objeto descrito' (TRAVAGLIA, 2007, p. 43). Nesse tipo de sequência, o falante/informante se coloca na perspectiva de quem conhece o ser/objeto/espaço descrito. Visa-se, ao caracterizar, materializar concretamente, de modo positivo ou negativo, o objeto do dizer. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 231)

A referência temporal é o da simultaneidade das situações, que são desencadeadas pela perspectiva do informante “*dizer como é/era*” (ROST

SNICHELOTTO, 2014, p. 232) o alvo da descrição. Como percebemos nas ocorrências abaixo:

(39) I: [...] E quando a gente mudou assim... era uma casa, bem maior que a gente morava tinha bem mais espaço assim, só que a rua era... era uma descida assim então e eu sentia falta daquela daquela coisa plana que a gente tinha quando era novinho né, saía da na outra casa ali era tudo plano assim, **tu** corria ia ia e ali ela parecia que ficava meio... (CH16MCES)

(40) I: [...] Então ela tem... Uma sacada na igreja que dá p[a]ra **você** enxerga[r] toda toda a foz do Chapecó, né toda um lago da barragem[m] ... Não a não a hidrelétrica em sim mas o lago da barragem **você** consegue enxerga[r], claro que agora eles relaxaram um poquinho né tanto na estrada quando na na localização ali, mas no início ali era um dos locais mais bonitos que tinha no município. (CH14FBES)

Identificamos na ocorrência (39), um trecho no qual o informante está descrevendo como era uma casa de sua infância, deste modo, categorizamos o trecho como descritivo, pela descrição da casa e do local onde estava localizada, no caso uma descida, usando a forma *tu* para relatar que corria pela rua que estava descrevendo. Na ocorrência (40), o informante está descrevendo um lugar que possui uma igreja ao lado da foz do rio Chapecó, usando a forma *você* para relatar que se a pessoa for nessa igreja, conseguiria ver a barragem do rio.

c) sequência discursiva dissertativa: essa sequência

[...] se constitui por entidades, as proposições sobre elas e as relações entre essas proposições, sobretudo as de condicionalidade, causa/consequência, de oposição (ou contrajunção), de adição (ou conjunção), de disjunção, de ampliação, de comprovação etc. Nesse tipo de sequência, objetiva-se “[...] o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber associando-se à análise e à síntese de representações” (TRAVAGLIA, 2007, p. 60). Assim, nos contextos recobertos por sequências dissertativas, o falante/informante expõe determinado assunto político-social, religioso etc., explicita uma tese e apresenta argumentação favorável ou contrária, com a intenção de atuar sobre o outro (o ouvinte/entrevistador) e obter dele certa posição, aceitando ou rejeitando o que é transmitido etc. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 233)

A referência temporal da sequência discursiva dissertativa é presente, desencadeadas por perguntas como “*o que tu/você/o(a) senhor(a) acha? o que pensa dessa situação? qual a sua/tua opinião?*” (ROST SNICHELOTTO, 2014, p.235).

(41) I: [...] Mas depois quando eu fui faze[r] aquele outro mestrado lá, é conhecendo um pouco toda a lógica da cidade a gente vê os acesso[s] assim, livrarias p[a]ra você poder ir sentar e fica[r] lá e le[r], olha[r] livro sabe? A gente não tem isso aqui em Chapecó. Daí **tu** vai vendo assim essas cidades grandes elas né, elas tem uma oportunidade diferente p[a]ra gente. O acesso é diferente, né, i, mas não gostaria de morar em São Paulo por exemplo, nem no Rio de Janeiro, acho que são cidades muito grandes. Florianópolis dá pra encarar... (CH18FCES)

(42) I: [...] Acho que são muitas coisas assim que precisaria[m] ter mais participação popular, sabe, porque plano diretor, vamos pensar no plano diretor da cidade **você** percebe que a participação ela é meio forjada não é uma participação que surge do seio da comunidade, tem a ve[r] com as políticas né, que estão aí, que se acredita em tudo mais, então acho que, não sei, e no Brasil, meu, vamo[s] fala[r] também, né, tem muitas coisas boas, teve muito crescimento, muitos projetos sociais né eu acho que o Brasil desapontou em várias coisas, [...]. (CH18FCES)

Apesar da ocorrência (41) iniciar com uma sequência descritiva de alguns aspectos da cidade, percebemos que, no momento em que o mesmo usa a forma *tu*, o trecho apresenta características dissertativas, uma vez que, está pontuando características de cunho cultural e de acesso, se posicionando sobre as oportunidades que cidades maiores possibilitam a seus habitantes. Na ocorrência (42), percebemos que o informante constrói um trecho dissertativo, pois o mesmo vem se posicionando frente a uma situação política do município, fazendo uso da forma *você*, de modo a salientar sua constatação de que não há uma real participação popular no plano diretor da cidade.

Assim, com base nos resultados de Loregian-Penkall (2004, p. 163), de modo geral, temos como hipótese que o contexto que mais propiciará o aparecimento das formas *tu* e/ou *você* será nas *sequências discursivas narrativas*. De modo específico, as *sequências dissertativas* propiciam o aparecimento da forma *tu*, uma vez que, o informante está envolvido na sua fala, já que tem o intuito de convencer e/ou impor ao interlocutor sua opinião, sendo então, optado pela forma *tu*, que é usada no tratamento mais íntimo. Já as

sequências discursivas narrativas e descritivas, propiciam o aparecimento da forma *você*, pois, nessas sequências, o informante não está concentrado em convencer seu informante de algo, não havendo assim, a necessidade de aproximar seu interlocutor de seu posicionamento, o que resulta no envolvimento do informante com a temática.

5.1.3.2 Resultados e discussão

As sequências discursivas foram o 5° fator selecionado como condicionador da variação na referência de segunda pessoa do singular, pelos pronomes *tu* e/ou *você*, em posição de sujeito. Observemos os resultados na Tabela 15 abaixo:

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	TU			VOCÊ			TOTAL	
	Apl	%	PR	Apl	%	PR	Apl	%
Sequência Dissertativa	59/123	48,0	0,55	64/123	52,0	0,45	123	45,9
Sequência Narrativa	37/85	43,5	0,33	48/85	56,5	0,67	85	31,7
Sequência Descritiva	26/60	43,3	0,65	34/60	56,7	0,35	60	22,4
TOTAL	122/268	45,5		146/268	54,5		268	100,0
<i>Log likelihood</i> = -108,439				Significância: 0,021				

Tabela15: Atuação do grupo de fator *sequência discursiva* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

Os resultados apontam que nossa hipótese geral não se confirma, pois, a *sequência discursiva narrativa* (31,7%), não foi o contexto que mais propiciou o aparecimento das formas *tu* e/ou *você*, mas sim, os 45,9% dos dados foram produzidos nas *sequências dissertativas*, o que compreende 123 dados dos 268 totais, sendo este, um número significativo do total de dados.

Considerando a pesquisa de Loregian-Penkall (2004, p.161), apesar de sua classificação ser relativamente distinta⁸¹ da nossa, o *segmento predominantemente argumentativo* apresentou PR de 0,62, ou seja, mais significativo do que nossos resultados, o que pode nos mostrar, uma possível diminuição no uso do pronome *tu* nas *sequências dissertativas*. Em segundo lugar, a *sequência narrativa*, que propicia maior uso das formas pronominais *tu* e/ou *você*, em posição de sujeito, aparece com 31,7% dos dados, o que representa um total de 85 ocorrências de uso dos pronomes. Já a *sequência descritiva*, aparece como último contexto de favorecimento de uso das formas *tu* e/ou *você* com 22,4% dos dados, o que corresponde a 60 ocorrências.

Partindo do exposto, ao observarmos os dados constatamos que as *sequências descritivas* e *dissertativas* apresentam contextos semelhantes de uso das formas, pois, se olharmos somente para os dados de frequência, consideramos esses contextos como propiciadores de uso da forma *você*, entretanto, esses dados não se confirmam quando olhamos para os PR, uma vez que, a forma *tu* aparece com maior significância.

A *sequência descritiva* foi a que menos propiciou o uso dos pronomes, aparecendo em somente em 60 ocorrências, totalizando 22,4%, sendo que destes, em 34 ocorrências apareceram o *você*, totalizando 56,7% dos dados, já nas demais 26 ocorrências apareceram a forma *tu*, totalizando 43,3% dos dados. Se observarmos os dados por meio dos percentuais, confirmaríamos nossa hipótese de que a *sequência descritiva* proporciona maior aparecimento da forma *você*, porém, quando olhamos para os resultados em PR, constatamos que tal fato não se confirma, uma vez que, a forma *tu* na *sequência descritiva* apresenta PR 0,65.

A *sequência dissertativa*, como o contexto mais propício para uso do *tu* e/ou *você* com 45,9% dos dados, o que corresponde a 123 ocorrências, sendo que, olhando para as porcentagens, temos um contexto que favorece o uso do *você*, uma vez que, este apareceu em 64 ocorrências (52%), em relação ao *tu* com 59 ocorrências (48%). Contudo, quando olhamos para os dados em PR, essa informação não se sustenta, já que, a forma *tu* apresenta PR 0,55 em relação ao *você* com PR 0,45, ou seja, a forma *tu* aparece com maior significância quando observado o PR.

⁸¹ Loregian-Penkall (2004) considera, em sua pesquisa, a variável linguística *gênero do discurso*, sendo esta composta por *segmentos predominantemente narrativos*, *segmentos predominantemente argumentativos*, *explicações* e *receitas*.

De modo específico, a forma *tu* é mais sensível às *sequências dissertativa*, conforme supúnhamos inicialmente, o que não se mantém na *sequência descritivas*, refutando nossa hipótese inicial. Também, confirmamos a hipótese de que a *sequência narrativa* favorece o uso da forma *você*. Ainda, pensando que, se as *sequências dissertativas* estão, supostamente, atreladas aos níveis mais elevados de formalidade e as *sequências narrativas* e *descritivas* estão vinculadas aos níveis de menos formalidade, e que, o uso da forma *tu* está ligado ao tratamento mais íntimo, podemos relacionar seu uso ao intuito de convencer o interlocutor da argumentação exposta, aproximando este, ao contexto considerado inicialmente mais formal.

Por fim, na *sequência discursiva narrativa* constatamos um favorecimento o uso da forma *você*, tanto em porcentagens quanto em PR, uma vez que, das 85 ocorrências (31,7%), em 48 ocorrências (56,5%) os informantes usaram a forma *você*, e em 37 ocorrências (43,5%) a forma *tu*. Esses dados vão de encontro com os resultados em PR, já que o *você* tem PR com 0,67 em relação ao *tu* com PR de 0,33.

Entre os três tipos de *sequência discursiva*, confirmamos nossa hipótese de que a *sequência narrativa* é o contexto que mais propicia o uso da forma *você*. Dados esses, que vão de encontro com a pesquisa de Loregian-Penkal (2004, p. 161), uma vez que, dos dados analisados pela pesquisadora, a *sequência narrativa* teve PR 0,37 para uso da forma *tu* e 0,63 para uso da forma *você*.

5.1.4 Tipo de interlocução

5.1.4.1 Caracterização e hipóteses

Durante os processos discursivos de interação entre informante e entrevistador, as possibilidades de outros tipos de interlocução, além da própria interação emissor/receptor, aparecerem no ato comunicativo são grandes, uma vez que, ao narrar um fato, por exemplo, o informante pode relatar uma fala sua ou de outra pessoa, em um contexto específico, entre outras situações que podem surgir.

Partindo disso, muitas são as pesquisas sociolinguísticas que consideram a *variável tipo de interlocução* como uma variável a ser considerada, como as pesquisas de

Loregian-Penkal (2004)⁸², Rocha (2012)⁸³ e Franceschni (2011)⁸⁴. Contudo, os resultados para esta variável somente foram considerados significativos nas pesquisas de Hausen (2000)⁸⁵, Alves (2010)⁸⁶, Nogueira (2013)⁸⁷ e Silva (2015)⁸⁸.

A exemplo de Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Alves (2010), Franceschni (2011), Rocha (2012), Nogueira (2013) e Silva (2015), objetivamos verificar se o *tipo de interlocução* exerce influência na alternância do uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, representada pelos seguintes contextos:

a) discurso para o entrevistador – corresponde às ocorrências nas quais o informante emprega *tu* e/ou *você* para se dirigir ao entrevistador, realizando o discurso direto para questioná-lo, sanar dúvidas sobre a temática em questão, responder alguma pergunta feita, relatar algum acontecimento, etc, conforme ocorrências:

(43) I: É... Na verdade os grandes encontros assim ou grandes festividades né entre aspas, é... ficam por conta de feriados, assim né, aniversários essas coisas bem como **tu** falou. (CH16MCES)

(44) I: Eu estudava, quando **você** não dava aula de de, [es]tava numa sala do lado, ele, quando nós tinha, os dois tinha artes e ciência. (CH09MBEFII)

Percebemos na ocorrência (43), que o informante vem relatando sobre as festividades e utiliza o *tu* como meio de acordar com alguma ideia que o entrevistador relatou anteriormente sobre a temática. Na ocorrência (44), o informante usa o *você* para

⁸²Loregian-Penkal (2004) classificou o *tipo de interlocução* em: *discurso para o entrevistador*; *discurso para o interveniente*; *discurso genérico*; *discurso relatado de terceira pessoa*; *discurso relatado do próprio falante*; *marcador discursivo*; *marcador discursivo relatado do DR3* e *marcador discursivo relatado do DRF*.

⁸³ Rocha (2012) classifica os *tipos de interlocução* em: *discurso reportado de si mesmo*; *discurso reportado de alguém próximo para relações de família (amigo, filho, irmão, primo...)*; *discurso reportado de alguém mais velho para relações de família (pai, mãe, vô, vó...)*; *discurso reportado de alguém superior para relações de trabalho e outras*; *discurso reportado de alguém inferior para relações de trabalho e outras*; *discurso para o entrevistador*; *discurso genérico*; *discurso para o interveniente* e *marcador discursivo*.

⁸⁴ Franceschni (2011) classifica os *tipos de discurso* em: *discurso reportado de terceiros*; *discurso reportado do próprio entrevistado*; *discurso direto*; *discurso para o entrevistador* e *discurso para o interveniente*.

⁸⁵ Hausen (2000) classificou a *interação emissor/receptor* em: *quando o falante se dirige ao entrevistador*; *quando o falante se dirige a um interveniente*; *quando o falante repete a fala de outra pessoa*; *quando o falante se dirige a um interlocutor genérico, indeterminado*; *uso do pronome na função fática* e *discurso relatado do próprio falante*.

⁸⁶ Alves (2010) classifica os *tipos de relato* em: *discurso próprio* ou *discurso relatado de terceiro*.

⁸⁷ Nogueira (2013) classifica os *tipos de discurso* em: *relatado* ou *direto*.

⁸⁸ Silva (2015) classifica os *tipos de discurso* em: *relatado (direto)* e *não relatado*.

situar o entrevistador na situação que ele descreve, a de que ele, o informante, estava em uma sala ao lado do entrevistador durante a aula.

b) discurso relatado de terceira pessoa – compreende as situações nas quais o falante usa *tu* e/ou *você* para relatar, livremente para o entrevistador, uma fala de outrem, assim, o falante pode “adaptar seu enunciado de modo a reproduzir as propriedades que seu olhar social percebe como identificadoras da fala do outro” (ZILLES; FARACO, 2002, p. 17), conforme ocorrências:

(45) I: Acho que as coisas da infância são muito, muito pequenas assim, embora eu guarde lembranças como essa que eu comentei antes da: da menina que não devolveu o cinquenta centavos dos xerox e eu fiquei, eu ficava muito triste com isso. Assim ahn com: uma vez um ... um menino que falo que “Aí porque **você** [es]tá tão gordinha?” Umas coisas assim que eu lembro até hoje que sei lá eu tinha sete anos. (CH19FCES)

(46) I: Então, isso eu tinha escolhido que eu ia ser desde a quarta série, eu ia ser professora e professora de educação física e isso eu trabalhei ao longo de toda a minha formação na escola eu já sabia que eu queria ser professora de educação física, eu tinha uma profe[ssora] que falava, até essa profe[ssora] de Inglês, ela falava assim na oitava série, que quando eu voltei lá ela falo[u] assim: “Ai **tu** devia ter feito medicina. **Tu** é uma ótima aluna!” [...]. (CH18FCES)

Na ocorrência (45), o informante narra alguns episódios marcantes de sua infância, como quando uma menina solicita um dinheiro emprestado e não devolve, ou ainda, quando ela narra que um menino a questionou sobre sua forma física, para tanto, ela relata a fala desse menino: “Aí porque **você** [es]tá tão gordinha?”, percebe-se que dentro do discurso relatado de uma terceira pessoa, no caso a fala do menino, ela faz uso do pronome *você* para questionar sobre sua aparência. Já na ocorrência (46), o informante narra sobre sua opção de profissão, que vem se afirmando desde as séries iniciais de seus estudos, assim, já para o final do excerto, o informante relembra de uma passagem, na qual, quando retorna para a escola, agora na posição de professor, uma de suas professoras “julga” sua opção de profissão, para tanto, o informante relata a frase que esta terceira pessoa do discurso, a professora, profere quando o encontra: “Ai **tu** devia ter

feito medicina. Tu é uma ótima aluna!”, percebeu que na fala relatada dessa professora, a mesma faz o uso da forma pronominal *tu* para pontuar seu posicionamento em relação a profissão do informante.

c) discurso relatado do próprio falante – abrange as situações nas quais o falante emprega *tu* e/ou *você* para relatar sua própria fala, como percebemos nas ocorrências:

(47) I: [...] Eu não trocava minha profissão hoje eu adoro dar aula, meu marido diz assim: “Porque que [vo]cê não larga a escola e fica só no ensino superior?” Eu falei: “[...] é lá que \emptyset dá sentido, é lá que eu tenho aluno p[a]ra da[r] aula” ... [...]. (CH18FCES)

(48) I: [...] Mas vejo assim a a que o fato da violência, aquela violência assim que não sai nos indicadores, que é a violência assim do trânsito, que é a violência ahn, as vezes de você chegar prum cara e dizer assim “Oh meu, **tu** [es]tá estacionando em cima da calçada aqui, \emptyset sabe ahn é uma calçada!” [...]. (CH17MCES)

Na ocorrência (47), a informante relata sobre sua profissão e o questionamento que seu esposo faz, em relação ao motivo de continuar exercendo sua profissão na escola, a informante na sequência relata qual foi sua resposta para seu marido e no decorrer de sua fala, a mesma faz uso do sujeito elíptico, ou seja, ela faz uso do sujeito expresso no trecho “*Porque que [vo]cê não larga a escola e fica só no ensino superior?*”, no seguinte trecho de fala: “[...] *né é lá que \emptyset dá sentido, é lá que eu tenho aluno p[a]ra da[r] aula*”. Já a ocorrência (48), o informante está dissertando sobre o problema da violência no trânsito, que é enfrentado em seu meio social, quando parte para a narração de uma situação que o mesmo passou quando uma pessoa estava estacionando em um local proibido, assim, ele relata qual foi sua fala para essa pessoa e faz uso da forma *tu* para se dirigir a esta.

Assim, temos como hipótese geral que, com base em Loregian-Penkal (2004), o contexto que favorecerá o uso das formas *tu* e/ou *você* é o *discurso direto para o entrevistador*, uma vez que, apesar de se tratar de uma entrevista sociolinguística, o contexto de fala é entre informante e entrevistador. De modo específico, o pronome *tu* será favorecido nos contextos em que o informante *relata sua própria fala*. Já o pronome *você* será mais propício no tipo de interlocução *discurso direto para o entrevistador*, uma vez que, o entrevistador é uma pessoa estranha ao entrevistado, deste modo, este seria

mais formal que o pronome *tu*. Também, no *discurso relatado de terceira pessoa* prevalece o uso de *você*, já que, o informante poderia colocar na fala do outro a "responsabilidade" pelo uso do pronome (MENON; LOREGIAN-PENKAL, 2002).

5.1.4.2 Resultados e discussão

Analisando nossos dados, constatamos os seguintes resultados para os contextos de interlocução:

TIPO DE INTERLOCUÇÃO	TU	VOCÊ	TOTAL	
	Apl/Total/%	Apl/Total/%	Apl	%
Discurso para o entrevistador	114/242 47,1%	128/242 52,9%	242	90,3%
Discurso relatado de terceira pessoa	7/24 29,2%	17/24 70,8%	24	9,0%
Discurso relatado do próprio falante	1/2 50,0%	1/2 50,0%	2	0,7%
Total	122/268 45,5%	146/268 54,5%	268	100%

Tabela 16: Atuação do grupo de fator *tipo de interlocução* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

Conforme a Tabela 16, de modo geral, constatamos que o contexto que mais propicia o aparecimento das formas *tu* e/ou *você* é no *discurso para o entrevistador*, que apareceu em 90,3% dos dados, o que corresponde a 242 ocorrências. Em segundo lugar, aparece o *discurso relatado de terceira pessoa* com 9% dos casos, o que representa 24 ocorrências. Por fim, o *discurso relatado do próprio falante* apareceu em somente 0,7% dos casos, o que representa 2 ocorrências. Partindo disso, confirmamos nossa hipótese geral de que, o *discurso direto para o entrevistador* seria o contexto que mais favoreceria o uso das formas *tu* e/ou *você*.

De modo específico, tínhamos como hipótese que a forma *tu* seria favorecida no *discurso relatado do próprio falante*, contudo não conseguimos comprovar a mesma, uma vez que, houveram somente 2 ocorrências de uso do pronome em posição de sujeito, sendo cada uma preenchida por um pronome (*tu* ou *você*).

Tomando novamente como paralelo as pesquisas de por Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), podemos perceber uma possível diminuição de uso da forma *tu*, já que, em Hausen (2000) o *tu* foi utilizado em 46% das ocorrências, ou seja, das 57 ocorrências do pronome de 2ª pessoa (*tu* e/ou *você*), em 26 ocorrências os informantes utilizaram o *tu*, tendo assim, o PR de 0,75. Uma pequena queda de uso do pronome *tu*, já podemos perceber em Loregian-Penkall (2004), uma vez que, de 0,75 de PR em Hausen (2000), o *discurso relatado do próprio falante* passou a ter PR de 0,73, o que pode ser um indicador de processo de mudança em curso, no contexto do *discurso relatado do próprio* da forma *tu*, fato esse que precisa de maior coleta de dados e aprofundamento de análises, com informantes chapecoenses, para se comprovar.

Quando observamos a variável *discurso relatado de 3ª pessoa*, confirmamos nossa hipótese de que propiciaria o uso da forma *você*, pois, em 17 ocorrências, das 24 ocorrências de uso do pronome-sujeito com pronome de 2ª pessoa *tu* e/ou *você* (explícito ou elíptico), ouve o uso do *você*, totalizando 70,8% dos dados. Em contra partida, somente em 7 ocorrências os informantes se utilizaram da forma *tu* para preencher a função de sujeito, totalizando 29,2% dos dados.

Por fim, quando o informante se *direciona para o entrevistador*, não há o uso prevalecido de uma forma sobre a outra, sendo que, houve 114 ocorrências de uso da forma *tu*, resultando 47,1% da amostra, e 128 ocorrências de uso do *você*, totalizando 52,9% dos dados do *discurso direto para o entrevistador*, o que acaba por refutar nossa hipótese inicial. Porém, contrariando nossa hipótese, na qual acreditávamos que o tipo de *discurso direto para o entrevistador* fosse favorecer o uso da forma *você*, uma vez que, o entrevistador era um interlocutor pouco conhecido pelo informante, o que geraria um maior monitoramento da fala por parte deste.

Interessante realizar um paralelo com as pesquisas desenvolvidas por Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), mesmo que escassas informações sobre esta variável. Nos dados de Hausen (2000, p.64), a variável *discurso direto para o entrevistador* já apresentava pouca ocorrência da forma *tu*, uma vez que, dos 350 dados, somente em 103 ocorrências os informantes usaram o *tu*, totalizando 29% dos dados e apresentando um PR de 0,56, ou seja, favorece o uso do *tu*, em relação ao PR. Nos dados Loregian-Penkall (2004, p.162), aumentou ainda mais o uso da variante *você*, com PR de 0,72, frente à forma *tu* com PR 0,28. Essas informações, acabam por corroborar nossa

constatação de que no *discurso direto para o entrevistador*, há predomínio no uso da forma *você*.

5.1.5 Tempo verbal

5.1.5.1 Caracterização e hipóteses

A todo o momento, fazemos uso da fala para nos comunicar com as pessoas a nossa volta, para tanto, mesmo que a fala ocorra no tempo presente, fazemos usos de outros tempos verbais para situar nosso interlocutor no contexto de fala, como por exemplo, quando queremos relatar algo que já aconteceu, estruturamos nossa fala com verbos que caracterizem o tempo pretérito.

Assim, o *tempo verbal* é uma variável constantemente considerada nas pesquisas sociolinguísticas, devido sua importância para descrição dos contextos de fala, como consideradas nos trabalhos de Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Zilli (2009), Franceschni (2011), Nogueira (2013) e Silva (2015). Contudo, somente na pesquisa de Nogueira (2013), que a presente variável foi considerada significativa, ainda, cabe ressaltar que, a pesquisadora classificou em tempo *passado* e *não passado*, contextos esses que propiciaram, significativamente, o uso da forma *você*, conforme mais detalhes na seção 2.3.

Consideramos esta variável com um vasto leque de análises, observando a influência do tempo em que se encontra o verbo para a alternância *tu* e/ou *você*. Assim, a variável tempo verbal ficou representada pelos seguintes tempos/modos verbais que constatamos em nossa amostra: presente do indicativo (ocorrência 49); pretérito perfeito do indicativo (ocorrência 50); pretérito imperfeito do indicativo (ocorrência 51); presente do subjuntivo (ocorrência 52); infinitivo pessoal (ocorrência 53); futuro do subjuntivo (ocorrência 54); futuro do pretérito do indicativo (ocorrência 55) e gerúndio (ocorrência 56), conforme observamos nas ocorrências abaixo:

(49) I: [...] enfim, mas é algo que, algo que **você menciona** e as pessoas sabem né, sabem que aconteceu, [...]. (CH16MCES)

(50) I: **Tu não conheceu** o pé de boche que morava aqui? (CH17MCES)

(51) I: [...] daí nós jogáva[mos] uma bola e se acerta, se caísse no chão, tipo queimada, se caísse no chão **você perdia** um ponto, se batesse em você, **você não perdia, você ganhava** mais um ponto. (CH02FAEFI)

(52) É, além da acessibilidade nem que **você seja**, não tenha deficiência nenhuma, não é muito fácil caminhar em Chapecó [...].(CH17MCES)

(53) I: Ah sim, eu moraria mas eu vejo assim que tem uma dificuldade de acesso né para todos os bairros mais distantes assim da área central, p[a]ra qualquer lado que **tu pega[r]**, seja aqui Efapi ou...Seminário lá [...]. (CH17MCES)

(54) I: [...] Mas em contrapartida você tem tanta coisa boa e cultural que vem do próprio carnaval né, do dos grupos, das escolas de samba é na própria região nordeste se **você for** você vai ter né [...]. (CH18FCES)

(55) I: [...] às vezes de você chegar prum cara e dizer assim “Oh meu tu [es]tá estacionando em cima da calçada aqui sabe? Ahn é uma calçada, **tu poderia** tirar o carro?” E do cara vim p[a]ra cima de você, de querer briga[r] por causa daquilo [...]. (CH17MCES)

(56) I: [...] na escola pública **você** nunca vai consegui[r] aprende[r] a fala[r] Inglês fluentemente só **o estudando** na escola pública com o ensino que tem. (CH05FAEFII)

Na ocorrência (49), o informante cria a situação para o informante contextualizando a fala dele no *presente*, no momento em que é mencionada tal informação. Na ocorrência (50), ele questiona o entrevistador se o mesmo conheceu, no tempo passado, de um fato que não é habitual, uma vez que, se conhece uma pessoa somente uma vez, para tanto, faz uso do *pretérito perfeito do indicativo*. Já na ocorrência (51), o entrevistador está relatando como era jogado um jogo na sua infância, ou seja, no tempo passado, e usa o verbo no *pretérito imperfeito* ligado ao pronome, já que, seu intuito é, além de relatar o tempo passado, passar a informação de uma ação rotineira em sua infância, a de perder e ganhar. Na ocorrência (52), o informante está relatando uma situação na qual o mesmo pode vir a passar por meio do *tempo verbal presente do subjuntivo*. Na ocorrência (53), o informante faz uso do *presente infinitivo pessoal*, ou seja, ele atribui um agente ao processo verbal, deste modo e flexionando-se. Na ocorrência (54), o informante descreve alguns aspectos positivos frente à cultura nacional, deste modo, ele constrói a situação de uma possível viagem que o entrevistador possa vir a fazer e perceber a cultura de determinada região, usando assim, o tempo *futuro do subjuntivo* para construir

discursivamente tal possibilidade. Na ocorrência (55), o informante está relatando uma situação em que ele solicita uma ação, que deve ocorrer no tempo depois de sua solicitação, a da outra pessoa retirar o carro, e para que tal objetivo seja alcançado, usa o *futuro do pretérito do indicativo*. Por fim, a última situação, representada pela ocorrência (56), que apareceu em nossos dados, compreendeu no emprego do verbo no *gerúndio*, no qual o informante relata os reflexos da ação contínua de estudar na escola pública.

De modo geral, temos como hipótese a prevalência das formas *tu* e/ou *você* nos tempos verbais que não remetam ao passado (NOGUEIRA, 2013, p.92). De modo específico, postulamos que dos tempos verbais, *pretérito perfeito do indicativo* com desinência *-ste* (e sua variante *-sse*), propiciará a presença da forma *tu* (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 103; FRANCESCHNI, 2011, p.125). Já o aparecimento da forma *você*, será propiciada pelos tempos verbais que não remetam ao passado (NOGUEIRA, 2013, p.92), como por exemplo, o tempo verbal *presente* (FRANCESCHNI, 2011, p.125).

5.1.5.2 Resultados e discussão

Observemos os resultados na Tabela 17 abaixo:

TEMPO VERBAL	TU	VOCÊ	TOTAL	
	Apl/%	Apl/%	Apl	%
Presente do Indicativo	83 46,1%	97 53,9%	180	67,2%
Infinitivo Pessoal	19 35,8%	34 64,2%	53	19,8%
Pretérito do Indicativo	14 66,7%	7 33,3%	21	7,8%
Futuro	3 30,0%	7 70,0%	10	3,7%
Presente do Subjuntivo	3 75,0%	1 25,0%	4	1,5%
Total	122 45,5%	146 54,5%	268	100,0%

Tabela 17: Atuação do fator *tempo verbal* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

De modo geral, o *tempo verbal* que mais propicia o uso das formas *tu* e/ou *você*, na posição de sujeito, é o *presente do indicativo* com 180 ocorrências, de 268 ocorrências totais, representando 67,2% dos dados. O segundo *tempo verbal* que mais favorece o uso das formas *tu* e/ou *você* é o *infinitivo pessoal* com 53 ocorrências, seguido do tempo *pretérito do indicativo* com 21 ocorrências, o que representa, respectivamente, 19,8% e 7,8% dos dados. Por fim, os *tempos verbais* que menos propiciam o uso das formas *tu* e/ou *você* são o *futuro*, com 10 ocorrências, e o *presente do subjuntivo*, com 4 ocorrências, o que corresponde, respectivamente, a 3,7% e 1,5% dos dados. Esses resultados, conformam nossa hipótese de que os *tempos verbais* que não remetem ao passado são os contextos que mais propiciam o uso das formas *tu* e/ou *você*, uma vez que, somente 21 ocorrências ocorreram no tempo *pretérito*, o que compreende 7,8% da amostra de dados do VMPOSC.

De modo específico, os contextos que apresentaram maior favorecimento para o uso da forma *tu* foram os tempos *pretérito do indicativo* e o *presente do subjuntivo*, conforme descrição abaixo.

A forma verbal que mais apareceu favoreceu o uso da forma *tu* foi o *pretérito do indicativo*, que compreende na junção das formas *pretérito perfeito do indicativo* e *pretérito imperfeito do indicativo*. No total de 21 ocorrências, totalizando 7,8% dos dados, esse tempo verbal propiciou maior uso da forma *tu*, com 14 ocorrências, totalizando 66,7% dos dados. Já o *você*, apareceu em 7 ocorrências de referência a segunda pessoa, totalizando 33,3% dos dados.

Aqui é interessante realizar algumas ressalvas, primeiramente, quando analisamos separadamente o *pretérito perfeito do indicativo* e o *pretérito imperfeito do indicativo*, percebemos que, ocorreram 10 ocorrências no *pretérito perfeito do indicativo* com uso categórico da forma *tu*, confirmando assim, nossa hipótese inicial de que o *pretérito perfeito do indicativo* favorece o aparecimento da forma *tu*.

Já no *pretérito imperfeito do indicativo*, ocorreram as demais 11 ocorrências, tendo aparecendo mais a forma *você*, com 7 ocorrências frente ao *tu* com 4 ocorrências, sendo assim, o *pretérito imperfeito do indicativo* favorece mais o aparecimento do *você*.

O tempo verbal do *presente do subjuntivo* foi o segundo contexto de favorecimento da forma *tu*, pois das 4 ocorrências de usos das formas pronominais, ou seja, 1,5% de nossa amostra total de dados, ocorreu 3 ocorrências de uso do *tu*, totalizando 75%, e

somente 1 ocorrência de *você*, resultando 25% dos casos de preenchimento do sujeito com o verbo no *presente do subjuntivo*.

Frente aos contextos que propiciam o uso da forma *você*, nossos dados demonstram dois contextos, quando o tempo verbal é o *infinitivo pessoal* e o *futuro*.

O primeiro contexto que favorecedor da forma *você* é o *infinitivo pessoal*, com 53 ocorrências de uso, totalizando 19,8% dos dados. Interessante destacar, que a forma verbal *infinitivo pessoal* propicia mais o uso da forma *você*, com 64,2% dos dados, ou seja, 34 ocorrências de *você*, confirmando nossa hipótese inicial de favorecimento do *você* no *infinitivo pessoal*. Em contrapartida, em somente 35,8%, sendo 19 ocorrências, os informantes utilizaram a forma *tu* para referência de segunda pessoa, em posição de sujeito.

De modo geral, a forma verbal *futuro* apresentou 10 ocorrências de preenchimento da posição de sujeito com os pronomes *tu* e/ou *você*, compreendendo 3,7% da amostra, sendo que, em 7 ocorrências utilizou-se a forma *você*, totalizando 70%, e 3 ocorrências de uso da forma *tu*, totalizando 30% da amostra do tempo verbal *futuro*.

Como já citado, a forma *futuro* compreende no *futuro do subjuntivo*, o *futuro do pretérito do indicativo* e o *gerúndio*, assim, analisando os tempos verbais separadamente, percebemos que, das três formas verbais, o *futuro do subjuntivo* é a que mais favorece o uso das formas pronominais *tu* e/ou *você*, uma vez que, apareceram 7 ocorrências de uso dos pronomes nesse tempo verbal, sendo, 2 ocorrências com a forma *tu* e 5 ocorrências com a forma *você*, assim, o *futuro do subjuntivo* propicia mais o uso do pronome *você* do que do pronome *tu*.

Já no *futuro do pretérito do indicativo* ocorreram dois usos das formas pronominais, sendo 1 ocorrência de *tu* e 1 ocorrência de *você*. Por fim, no *gerúndio* ocorreu somente 1 ocorrência de uso da forma pronominal *você*. Assim, percebemos que não se pode ter um resultado de favorecimento destes tempos verbais no uso das formas pronominais, uma vez que são poucos os dados em nossa amostra.

O único contexto em que as formas *tu* e/ou *você* apareceram em frequências relativamente equilibradas foi o *presente do indicativo*, com pouca ocorrência a mais da forma *você* em 97 ocorrências, totalizando 53,9%, e 83 ocorrências de *tu*, totalizando 46,1% dos dados no *presente do indicativo*, não confirmando assim, nossa hipótese inicial de que o tempo verbal *presente do indicativo* favorece mais o uso da forma *você*, já que ambas ocorrerem com frequências próximas.

5.1.6 Concordância verbal

5.1.6.1 Caracterização e hipóteses

A concordância verbal ocorre quando se flexiona o verbo para concordar com o seu sujeito, mais especificamente, em nossa pesquisa, quando o verbo flexiona para concordar com o pronome *tu* e/ou *você*, uma vez que, analisamos as ocorrências dos pronomes em posição de sujeito.

A variável da *concordância verbal* é uma das variáveis que constantemente são consideradas nas pesquisas sociolinguísticas, como é o caso das pesquisas de Zilli (2009), Alves (2010) e Rocha (2012). Ainda, no trabalho de Loregian-Penkal (2004), a pesquisadora realizou uma análise minuciosa da *concordância verbal*, contudo, somente com o pronome *tu*. A pesquisa de Silva (2015), também teve como uma de suas variáveis a *concordância verbal*, porém, não foi um dos fatores considerados significativos. Somente na pesquisa de Sales (2004), que foi realizado a análise da *concordância verbal*, tanto com o pronome *tu* quanto o pronome *você*.

Apresentamos, na sequência, ocorrências das variáveis possíveis para este fator:

(57) I: [...] porque **tu tens** que corre[r] em supermercado, **ø tens** que corre[r] p[a]ra promoção. Então **tu tens** que me da[r] o dinheiro da compra. (RIB 03 MAGIN⁸⁹).

(58) I: [...] eles não dialogam com as pessoas que estão do lado, **tu manda** eles fazerem trabalho em grupo eles não querem porque eles não querem senta[r] com o outro [...].(CH18FCES)

(59) I: Daí quando, nós eu acho que era a prime[i]ra aula com você né, depois **você** ía p[a]ra lá professora de ciências dele. (CH09MBEFII)

Acima, temos relatadas as possibilidades de *concordância verbal*, na ocorrência (57), o informante emprega o pronome *tu*, explícito ou elíptico, com a flexão canônica do

⁸⁹ Loregian-Penkal (2004) utiliza essa descrição para identificar informações sociais dos informantes, ou seja, primeiramente, aparece a *localidade* deste (FLP: Florianópolis; RIB: Ribeirão da Ilha; POA: Porto Alegre; CHA: Chapecó; BLU: Blumenau; LAG: Lages; FLC: Flores da Cunha; PAN: Panambi e SOB: São Borja, na sequência aparece o *número da entrevista* (que pode ser de 01 a 24); o *sexo* (M: masculino; F: feminino); a *idade* (A: 25 a 49 anos; B: mais de 50 anos); o *grau de escolaridade* (PRI: primário; GIN: ginásio; COL: colegial), e por último o *número da linha* da qual o excerto fora retirado.

verbo na segunda pessoa do singular, contudo, cabe ressaltar que a ocorrência (58) fora retirado de Loregian-Penkall (2004, p. 20-21).

De modo geral, nossa hipótese, baseada em Loregian-Penkall (2004) e Sales (2004), é a de que tanto quando é usado o *tu* quanto com o *você*, será recorrente a ausência de marca formal de segunda pessoa no verbo. De modo específico, a marca verbal de concordância de terceira pessoa do singular pode indicar uma preferência de uso pelo *você* (LOREGIAN-PENKAL, 2004; SALES, 2004), já a marca canônica de segunda pessoa favorecerá o uso da forma *tu* (LOREGIAN-PENKAL, 2004).

5.1.6.2 Resultados e discussão

Essa variável nos fez refletir sobre a estrutura do paradigma pronominal na relação de concordância com o verbo, uma vez que, fora categórico o uso da regra de concordância dos pronomes *tu* e/ou *você* com o verbo na 3ª pessoa do singular, isso por que,

A postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui, dada a complexidade dos fatores determinantes da concordância e a instabilidade em sua execução em nossa língua.

Como explicar a tendência do PB e perder a concordância?

Sabemos que nas línguas configuracionais, de ordem rígida, a posição dos constituintes assinala sua função, tornando em princípio dispensável a concordância expressa através da reiteração e expedientes morfológicos. (CASTILHO, 2010, p. 273)

Pensando nisso, há uma progressiva caracterização do PB como sendo uma língua configuracional, assim, como já apontou Castilho (2010, p.293), “Na literatura sobre a diacronia da elisão do sujeito, vem-se estabelecendo uma relação entre morfologia verbal rica e omissão do sujeito, e, ao contrário, morfologia verbal pobre e retenção do sujeito.”. Temos como exemplo, dessa relação morfologia verbal rica e omissão do sujeito, o seguinte trecho: “[...] **ø tens** que corre[r] p[a]ra promoção.”, já sobre a relação da morfologia verbal pobre com a retenção do sujeito, temos o trecho: “[...] **tu manda** eles fazerem trabalho em grupo eles não querem [...]”, ambos são excertos retirados da seção anterior, de apresentação da variável, sendo que, a primeira ocorrência foi retirado de Loregian-Penkall (2004) e a segunda dos dados do VMPOSC.

Vamos observar a Tabela 18⁹⁰ abaixo:

CONCORDÂNCIA VERBAL	TU	VOCÊ	TOTAL	
	Apl/Total/%	Apl/Total/%	Apl	%
Verbo na 2ª pessoa do singular	0 0%	0 0%	0	0%
Verbo na 3ª pessoa do singular	122/267 45,7%	145/267 54,3%	267	100%
Total	122/267 45,7%	145/267 54,3%	268	100,0%

Tabela 18: Atuação do fator *concordância verbal* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

Como podemos perceber em nossos dados acima, ainda é significativo o uso do sujeito elíptico, uma vez que, das 268 ocorrências de preenchimento do sujeito pelos pronomes *tu* e/ou *você*, em 37 ocorrências (13,8%), o sujeito elíptico era o pronome *tu*, retomado pelo contexto de fala e, em 43 ocorrências (16,0%), de sujeito elíptico era retomado pelo pronome *você*, ou seja, há um total de 29,8% de sujeito elíptico em nossos dados, um número ainda significativo da presença do sujeito elíptico pronominal.

Essas reflexões, da relação à concordância dos pronomes *tu* e/ou *você* com o verbo, já fora citado em Negrão e Müller (1996, p. 135), quando apontam que

Outro dado empírico para o qual os lingüistas dedicados ao estudo do PB têm voltado sua atenção é o fenômeno chamado de “enfraquecimento da concordância”. Uma mudança em nosso sistema pronominal, causada pela substituição de *tu* por *você*, resultou numa morfologia verbal que não é capaz de diferenciar entre 2ª e 3ª pessoas [...], e, dependendo do tempo verbal, entre 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e entre 2ª e 3ª pessoas do plural [...].

As autoras, ainda relatam sobre o aumento do preenchimento da posição de sujeito e, conseqüentemente, a diminuição da flexão canônica do verbo de segunda pessoa do singular, que

⁹⁰ Cabe destacar que para a análise da *concordância verbal*, eliminamos uma ocorrência em que o verbo estava no *gerúndio*.

se o “enfraquecimento da flexão” é causa do preenchimento progressivo da posição de sujeito, esperaríamos que o aumento de preenchimento se desse especialmente naquelas pessoas para as quais a morfologia verbal não é mais capaz de identificar o sujeito (2ª e 3ª pessoas). Esperaríamos, também, uma maior proporção de preenchimento para os casos em que há ausência de “concordância”, ou seja, em que a pessoa do verbo não é a mesma que a do sujeito [...]. (NEGRÃO; MÜLLER, 1996, p. 135)

Porém, esse apontamento que as autoras realizam, sobre o aumento no preenchimento da posição, desempenhada pelo sujeito, não se confirma, pois como descrevemos acima, a frequência de uso do sujeito elíptico, retomado pelos pronomes *tu* e/ou *você*, em nossa amostra, apresenta-se ainda significativo.

De modo geral, os resultados apresentados confirmam nossa hipótese de que as formas *tu* e/ou *você* apareceriam com maior frequência quando o verbo não apresentasse a marca canônica de segunda pessoa, uma vez que, nos dados do VMPOSC foi categórico o uso dos verbos na terceira pessoa do singular.

De modo específico, a hipótese de que a marca canônica de segunda pessoa favoreceria o uso da forma *tu* não se confirmou, pois, como constatamos em nossos dados, não encontramos nenhuma ocorrência de uso dos pronomes *tu* e/ou *você* com o verbo na segunda pessoa do singular. Sobre a forma *você*, confirmamos nossa hipótese de que a marca verbal de concordância com o verbo na terceira pessoa do singular, seria o contexto que favoreceria o uso deste, já que, nossos dados foram categóricos para o uso do *você* com o verbo na terceira pessoa.

5.1.7 Regularidade e irregularidade do verbo

5.1.7.1 Caracterização e hipóteses

Dentre as diversas categorizações gramaticais, que em conjunto correspondem uma língua, no caso a Língua Portuguesa, o verbo encontra-se como uma das classificações mais relevantes para a construção de uma unidade sintática, pois, é por meio dele que constatamos “[...] o estado das coisas, entendendo-se por isso as ações, os estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos.” (CASTILHO, 2010, p.396).

Interessante destacar que não encontramos, na bibliografia levantada, conforme seção 2.3, pesquisas que consideraram a regularidade ou irregularidade do verbo, como uma variável a ser investigada.

Controlamos esta variável, como meio de perceber se a regularidade ou irregularidade do verbo influencia no uso da referência à segunda pessoa do singular dos chapecoenses, já que, é na flexão do verbo, por meio das suas desinências (morfemas), que temos informações do tempo, pessoa, número e modo, sendo que, os verbos regulares utilizam sempre os mesmos morfemas, já os verbos irregulares não se encaixam nesses modelos fixos de conjugação verbal, possuindo alterações nos radicais e nas terminações, quando conjugados (FARACO, MOURA e MARUXO, 2010; ROCHA LIMA, 2010 [1957]). Segue ocorrências de uso de verbo regular (ocorrência 60) e irregular (ocorrência 61) da amostra:

(60) I: O A. não sei se **tu conhece**? (CH09MBEFII)

(61) I: Eu estudava, quando **você não dava** aula de de, [es]tava numa sala do lado, ele, quando nós tinha[mos], os dois tinha[m] artes e ciência. (CH09MBEFII)

Na ocorrência (60), o pronome *tu* está ligado ao verbo regular *conhecer*, que é composto pelo radical [*conhec*] mais a desinência [*e*], que é a desinência que caracteriza a 3ª pessoa do singular, no tempo presente do indicativo nos verbos regulares. Já a ocorrência (61), o pronome está ligado ao verbo irregular *dar*, deste modo, não conseguimos destacar as terminações, uma vez que estas, variam de acordo com cada verbo.

Nossa hipótese geral, é que o tipo do verbo não irá interferir na escolha linguística dos chapecoenses no uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, na posição de sujeito. De modo específico, tomando como base os resultados de usos das formas *tu* e/ou *você* nas pesquisas de Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), temos como hipótese que os verbos regulares e irregulares favorecem o aparecimento da forma *você*, ou seja, em ambos os contextos a forma *tu* não se sobreporá ao *você*.

5.1.7.2 Resultados e discussão

Constatamos, com base nos resultados apresentados na Tabela 19, que a (ir)regularidade do verbo não exerce influência direta nas escolhas linguísticas dos chapecoenses, em relação ao preenchimento da posição de sujeito com as formas pronominais *tu* e/ou *você*. Percebemos observando a tabela, de modo geral, que os verbos regulares e irregulares favorecem o uso de ambos os pronomes, ou seja, das 268 ocorrências de uso dos pronomes, em posição de sujeito, em 140 ocorrências os verbos relacionados ao sujeito são irregulares, correspondendo a 52,2% da amostra de dados, e em 128 ocorrências os verbos são regulares, correspondendo a 47,8% da amostra, o que acabou por confirmar nossa hipótese de que a (ir)regularidade do verbo não influencia na escolha dos pronomes *tu* e/ou *você* em posição de sujeito.

(IR)REGULARIDADE DO VERBO	TU	VOCÊ	TOTAL	
	Apl/Total/%	Apl/Total/%	Apl	%
Irregular	60/140 42,9%	80/140 57,1%	140	52,2%
Regular	62/128 48,4%	66/128 51,6%	128	47,8%
Total	122/268 45,5%	146/268 54,5%	268	100,0%

Tabela 19: Atuação do grupo de fator *tipo do verbo* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

De modo específico, constatamos que o uso do *você* é privilegiado nos contextos com os verbos irregulares, e no contexto dos verbos regulares há equilíbrio no uso das formas *tu* e/ou *você*.

Interessante observar que, apesar de não ser tão expressivos os números, quando analisamos a relação dos pronomes *tu* e/ou *você* com os *verbos irregulares*, percebemos que esse contexto propicia mais o uso da forma *você* com 80 ocorrências (57,1%), em comparação com o uso do *tu*, que aparece com 60 ocorrências (42,9%), ou seja, o contexto com o verbo irregular propicia mais o uso da forma *você*, confirmando assim, nossa hipótese de que os *verbos irregulares* favorecem o aparecimento da forma *você*.

Observando o contexto de uso dos pronomes com *verbos regulares*, percebemos que este não propicia mais o uso de uma ou de outra forma, pois como apontam os números, em 62 ocorrências (48,4%) com *verbos regulares*, os informantes fizeram uso da forma *tu* e em 66 ocorrências (51,6%) a forma *você*, ou seja, ambas as formas ocorrem com frequências muito próximas, o que acaba por não confirmar nossa hipótese de que os *verbos regulares* favorecem o aparecimento da forma *você*, uma vez que, sua frequência de uso é um pouco maior que o *tu*.

5.1.8 Uso de *tu* e *você* no mesmo período/turno de fala

5.1.8.1 Caracterização e hipóteses

Para proferirmos nossa fala realizamos diversas escolhas linguísticas, de modo a que estas escolhas alcancem o objetivo proposto, mas será que a primeira forma usada em nossa sequência discursiva condiciona o uso das formas seguintes? Ou seja, será que não alternamos o uso das formas *tu* e/ou *você* no mesmo período/turno de fala? Essas são as perguntas que nos embasaram a considerar a presente variável em nossa pesquisa.

A variável *uso de tu e você no mesmo período/turno de fala* ainda é pouco considerada nos trabalhos como um fator a ser analisado, encontramos em nossa literatura base, conforme seção 2.3, somente os trabalhos de Loregian-Penkall (2004)⁹¹ e Franceschni (2011)⁹², sendo que, somente foi significativo os resultados do último trabalho.

O controle desta variável tem o intuito de observar os contextos em que há coocorrência dos pronomes *tu* e *você*, pelo mesmo falante e no mesmo turno de fala, característica, segundo Loregian-Penkall (2004, p.100), que “[...] é altamente condenada pelas GTs, que prescrevem uma uniformidade no uso dos pronomes.”.

⁹¹ Loregian-Penkall (2004) considerou na *alternância de pronomes* duas classificações, a do *pronome tu usado anteriormente você no mesmo período/turno* e a do *pronome você usado anteriormente tu no mesmo período/turno*.

⁹² Franceschni (2011) considerou para classificar o *tipo de ocorrência* as seguintes classificações: a *ocorrência isolada* do pronome; a *sequência binária dos pronomes* com as subcategorias de *formas iguais* e de *formas diferentes*; a *sequência ternária e eneária dos pronomes* com as subcategorias de *formas iguais* e de *formas diferentes*.

Assim, tomemos como definição de turnos conversacionais a proposição de Castilho (2010, p. 227-228), quando este esclarece que,

Numa conversação, os falantes se alternam em *turnos*. [...] O turno conversacional é cada segmento produzido por um falante. Por essa definição, qualquer emissão de voz é um turno, como *sei* e *ah é?*. [...] Aprimorando essa definição, vamos admitir que o turno é a participação do interlocutor com direito a voz, ou seja, aquele que “tomou” o turno e está falando.

Partindo do exposto por Castilho (2010), consideramos em nossa pesquisa que um período/ turno de fala inicia no momento que o informante profere sua primeira expressão, e se desenvolve, sem nenhuma interrupção, por parte do entrevistado, de modo a se encerrar quando o mesmo conclui sua fala e o entrevistador inicia outro turno de fala expondo alguma informação. Apresentamos abaixo, para melhor compreensão, dois turnos de fala, nos quais, um a uso de *tu* e *você* no mesmo período/turno de fala e no outro somente o uso do pronome *você* (explícito e elíptico) no mesmo período/turno de fala:

(62) I: Eu não gosto muito de política porque tem muitos políticos corruptos e eu acho isso terrível porque é um, é um absurdo isso porque as pessoas deveriam ter o direito de lugar, de morar em um lugar seguro ter sua saúde educação, infraestrutura, lugar bom pra saneamento básico, seja um lugar bom pra mora[r] que ela possa ter segurança de onde ela mora, por exemplo aqui em Chapecó, na verdade acho que é no Brasil inte[i]ro **tu** tem que escolhe[r] bem o lugar que **tu** vai mora[r] por exemplo o bairro de cada cidade, p[a]ra \emptyset ve[r] se **você** não vai se[r], assaltado se é perto das coisa que **você** que[r] e \emptyset precisa. (CH05FAEFII)

(63) I: Eu acho que... que vem, é uma.. é um somatório. Mas eu ainda acredito que foi ahn, a influência do estado que fez com que reorganizasse assim como ahn, a atividade física, né a gente vai tendo vários programas de atividade física, a gente vai, ou o SUS né que tem vários programas, várias inserções pros idosos também, então a modificação ela não vem de dentro da casa do sujeito ela veio de fora, foi o estado que proporcionou e aí foi mexendo nas estruturas, antigamente as pessoas diziam não vá p[a]ra lá é só p[a]ra, p[a]ra que vai lá, né é um desperdício, ah não agora as pessoas dizem não, **você** tem que i[r] lá porque **você** vai se envolve[r] \emptyset vai faze[r] a faculdade do idoso \emptyset vai aprende[r] a mexe[r] no computador, \emptyset vai aprende[r] a nada[r] , \emptyset vai faze[r]

hidroginástica, sei lá tem que faze[r] alguma atividade p[a]ra o pode[r] é, estar ocupado né? Que[r] dize[r] se envolve[r] porque acho que muitos idosos também é tinham muita[s] crises depressivas e coisas assim [por conta]... (CH18FCES)

Apresentamos acima, dois excertos de fala da amostra do VMPOSC que nos demonstram as possibilidades de análise para a presente variável, uma vez que, na ocorrência (62), encontramos em um mesmo período/turno de fala o uso alternado das formas *tu* e *você*, tanto explícitos quanto elípticos, pelo informante. Já a ocorrência (63), a situação é distinta, pois o informante elege a forma *você*, tanto explícito quanto elíptico, como representante da referência a segunda pessoa do singular nesse período/turno de fala, ou seja, não alterna entre as formas.

De modo geral, com base em Franceschni (2011), temos como hipótese que o *uso de tu e você no mesmo período/turno de fala* será o contexto que mais favorecerá o uso das formas pronominais. De modo específico, ainda com base nos resultados de Franceschni (2011), a forma *tu* será propiciada pelos contextos em que não ocorre a alternância no uso dos pronomes *tu* e *você*, já a forma *você* será favorecida nos contextos em que ocorre a alternância nos pronomes *tu* e *você* no mesmo período/turno de fala.

5.1.8.2 Resultados e discussão

Como podemos perceber pelos resultados apresentados na Tabela 20, foram poucos, em comparação com a totalidade de dados, as ocorrências de alternância de uso nos pronomes *tu* e *você*, em posição de sujeito, em relação a não alternância.

ALTERNÂNCIA PRONOMINAL	TU	VOCÊ	TOTAL	
	Apl/Total/%	Apl/Total/%	Apl	%
Não Alternância Pronominal	99/221 44,8%	122/221 55,2%	221	82,5%
Alternância Pronominal	23/47 48,9%	24/47 51,1%	47	17,5%
Total	122/268 45,5%	146/268 54,5%	268	100,0%

Tabela 20: Atuação do grupo de fator *alternância pronominal* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

Assim, de modo geral, em 47 ocorrências (17,5%), as formas *tu* e/ou *você* foram utilizadas no mesmo turno de fala⁹³, em comparação aos turnos de fala que não apresentam alternância pronominal, que compreendem 221 ocorrências (82,5%). Esses dados, acabam por refutar nossa hipótese de que os contextos em que ocorre uso de *tu* e *você* no mesmo período/turno de fala seriam os propiciadores de uso dos pronomes, uma vez que, como percebemos os contextos no qual o informante não usa as duas formas no mesmo período/turno de fala são significativamente maiores (82,5%).

De modo específico, tínhamos como hipótese que a forma *tu* seria propiciada pelos contextos em que não ocorre a alternância no uso dos pronomes *tu* e *você*, informação esta que não se confirma, quando olhamos para os dados da tabela acima, uma vez que, das 221 ocorrências produzidas nos períodos/turnos de fala em que o informante usa somente um pronome, em 122 ocorrências o pronome *você* foi usado, o que representa 55,2% da amostra, e somente em 99 ocorrências a forma *tu* fora utilizada, o que corresponde a 44,8% dos dados de não alternância pronominal no mesmo período/turno de fala.

Percebemos que, em 23 ocorrências, que compreendem 48,9% das ocorrências de alternância, os informantes utilizaram a forma *tu* e em 24 ocorrências empregaram a forma *você*, o que compreende 51,1% da amostra, o que acaba por confirmar, ainda que a porcentagem do *você* não seja tão maior que o *tu*, que a forma *você* é favorecida nos

⁹³ Faz-se necessário lembrar que aqui não estamos considerando a variação no indivíduo, somente a alternância pronominal no mesmo período/turno de fala.

contextos em que ocorre a alternância nos pronomes *tu* e *você*, no mesmo período/turno de fala.

5.1.9 Sexo/Gênero

5.1.9.1 Caracterização e hipóteses

Conforme Labov (1972, 2008), em relação às variáveis estáveis, como é o caso das formas *tu* e/ou *você*, se observarmos as pesquisas desenvolvidas com informantes chapecoenses, conforme já descrito na seção 5.1.1.2, as mulheres tendem a ser mais sensíveis e usar mais a forma de prestígio, representado pela forma *tu*, em relação ao nosso fenômeno investigado, pois, como relata Paiva (2003, p.35) “[...] há uma maior consciência feminina do *status* social das formas lingüísticas. As mulheres demonstram maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas socialmente” e, como a língua é um fenômeno social, seu uso reflete às percepções e atitudes sociais dos membros da comunidade. Corroborante sobre essa relação *sexo/gênero* e variação lingüística, Labov aponta que “[...] as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolingüísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (LABOV, 2001, p.293).

Já em um contexto de mudança lingüística, como por exemplo, o estudo de Labov sobre inglês em Nova York, no qual constatou que a pronúncia retroflexa do [r] pós-vocálico, forma inovadora, tende a ocorrer mais na fala das mulheres em relação à dos homens. Assim, em um contexto de mudança, no qual busca-se implementar uma variante socialmente prestigiada, como é o caso do [r] retroflexo em Nova York, as mulheres tendem a assumir o papel de liderança nesse processo de mudança.

Considerada de grande importância para os estudos variacionistas, a presente variável foi analisada nos estudos de Hausen (2000), Sales (2004), Loregian-Penkal (2004), Zilli (2009), Franceschini (2011), Rocha (2012) e Nogueira (2013), sendo que, somente nos trabalhos de Alves (2010) e Silva (2015), que a variável não foi considerada significativa.

Assim, a variável *sexo/gênero* está composta por indivíduos estratificados em:

- a) Feminino
- b) Masculino

De modo geral, nossa hipótese, com base em Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Franceschni (2011) e Rocha (2012), é que os contextos de fala com informantes do sexo/gênero feminino favoreceram o uso das formas *tu* e/ou *ocê*. De modo específico, ainda com base em Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Franceschni (2011) e Rocha (2012), é de que as mulheres usam mais o pronome *tu* que os homens, que usam mais a forma *ocê*.

5.1.9.2 Resultados e discussão

Considerada a 1^a. a variável condicionadora da variação de referência de segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, o fator sexo/gênero do informante, como podemos perceber na Tabela 21 abaixo, apresenta resultados interessantes:

SEXO/GÊNERO	TU			VOCÊ			TOTAL	
	Apl/ Total	%	PR	Apl/Total	%	PR	Apl	%
Masculino	100/136	73,5	0,79	36/136	26,5	0,21	136	50,7
Feminino	22/132	16,7	0,21	110/132	83,3	0,79	132	49,3
TOTAL	122/268	45,5		146/268	54,5		268	100,0
<i>Log likelihood</i> = -108,439				Significância: 0,021				

Tabela 21: Atuação do grupo de fator *sexo/gênero* sobre o uso dos pronomes *tu* e *ocê* no VMPOSC.

Observando os dados apresentados acima, os informantes masculinos e femininos fazem uso equilibrado das formas pronominais *tu* e/ou *ocê*, em posição de sujeito. De modo geral, das 268 ocorrências de nossa amostra, 136 ocorrências de preenchimento do sujeito das formas pronominais investigadas foram produzidas por informantes do sexo/gênero masculino, totalizando 50,7% dos dados. Já 132 ocorrências de usos dos pronomes, foram empregadas por informantes do sexo/gênero feminino, o que totaliza 49,3% da amostra. O que nos faz refutar nossa hipótese, é que os contextos de fala com informantes do sexo/gênero feminino favoreceriam o uso das formas *tu* e/ou *ocê*

(HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012), uma vez que, não são os contextos com informantes femininos que propiciam maior uso das formas *tu* e/ou *você*.

De modo específico, se olharmos somente para os dados produzidos pelos informantes homens, percebemos que estes, fazem uso significativo da forma *tu*, sendo que, das 136 ocorrências produzidas por informantes de sexo/gênero masculino, em 100 ocorrências (73,5%) de preenchimento do sujeito, utilizaram a forma *tu*. Confirmamos essa informação, quando observamos que o PR da forma *tu* nos informantes do sexo masculino é 0,79.

Já se olharmos para os dados com o pronome *tu*, produzidos pelas mulheres, percebemos a pouca frequência que o pronome é usado, pois das 132 ocorrências produzidas pelas mulheres, somente 22 ocorrências são de uso do *tu*, o que corresponde a 16,7% da amostra. Informação que confirmamos quando constatamos que o peso relativo do *tu*, nos dados dos informantes femininos, é 0,21.

Essas informações, sobre o comportamento da variável dependente *tu*, acaba por nos fazer refutar nossa hipótese (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012) de que a forma *tu* é mais usada pelos informantes chapecoenses do sexo/gênero feminino.

Com relação ao comportamento da variável dependente *você*, na fala dos homens chapecoenses, percebemos que esta não é recorrente na fala masculina, pois das 136 ocorrências produzidas pelos homens da amostra VMPOSC, somente 36 ocorrências foram de uso do *você*, o que corresponde a 26,5% dos dados masculinos. Atestamos a pouca ocorrência do *você* na fala masculina, observando que seu PR é 0,21.

Quando olhamos para os dados produzidos por informantes do sexo/gênero feminino, notamos a significativa presença da forma *você* na fala das mulheres chapecoenses, pois das 132 ocorrências produzidas, em 110 ocorrências as mulheres fizeram uso da forma *você*, o que compreende 83,3% dos dados produzidos pelas mulheres. Significância essa, da presença da forma *você* na fala das mulheres, quando observamos que o *você* possui PR de 0,79.

Essas informações, sobre o comportamento da variável dependente *tu*, acaba por refutar nossa hipótese (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012), de que a forma *você* é frequente na fala dos homens chapecoenses.

Ainda, confirmamos que nossas hipóteses, sobre a relação das variáveis *tu* e/ou *você* com o sexo/gênero dos informantes, não se sustentam, quando observamos na seção 5.1.13, que trata da variável informante, quando os dados apontam que dos informantes que fazem uso categórico dos pronomes, todos os informantes do sexo feminino, fazem uso categórico da forma *você*, e todos os homens que fazem uso categórico da forma *tu*.

Observando a pesquisa de Loregian-Penkall (2004), percebemos uma mudança nos números, uma vez que, já se percebia o início de mudanças no número de usos das formas *tu* e/ou *você*, sendo que, de 272 ocorrências produzidas pelos informantes do sexo/gênero masculino, analisados pela pesquisadora, em 112 ocorrências os informantes masculinos utilizaram a forma *tu*, o que compreende 41% dos dados de informantes masculinos, e em 160 ocorrências utilizaram a forma *você*, ou seja, em 59% dos dados de informantes masculinos. Já as mulheres da amostra apresentaram um comportamento inverso dos dados dos homens, pois, das 247 ocorrências por elas produzidas, em 145 ocorrências elas fizeram uso da forma *tu*, totalizando 59% da amostra de dados femininos, em comparação ao uso do *você* em 102 ocorrências, totalizando 41% da amostra de dados femininos. Observemos a Tabela 22, que apresenta os resultados da variável sexo/gênero nas pesquisas de Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e da amostra do VMPOSC:

SEXO/GÊNERO		Varsul/Chapecó (HAUSE, 2000)		Varsul/Chapecó (LOREGIAN- PENKAL, 2004)		VMPOSC (2017)	
		Apl	%	Apl	%	Apl	%
Masculino	Tu	115	42	112	41%	100	73,5%
	Você	161	58	160	59%	36	26,5%
	Total	276		272		136	
Feminino	Tu	148	60	145	59%	22	16,7%
	Você	97	40	102	41%	110	83,3%
	Total	245		247		132	
Total	Tu	263	50,5	257	49,5	122	45,5
	Você	258	49,5	262	50,5	146	54,5
	Total	521		519		268	

Tabela 22: Atuação do fator *sexo/gênero* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* nas pesquisas de Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e do VMPOSC.

De modo geral, percebemos que na pesquisa de Hausen (2000), os contextos em que o informante era homem propiciou mais o aparecimento das formas *tu* e/ou *você*, sendo que das 521 ocorrências produzidas, 276 ocorrências foram produzidas pelos homens, já as mulheres produziram 245 ocorrências de uso. Semelhante aos resultados de Hausen (2000), a pesquisa de Loregian-Penkall (2004), evidenciou, também, que os contextos com informantes masculinos favoreceram o aparecimento das formas *tu* e/ou *você*, já que das 519 ocorrências produzidas, 272 ocorrências foram produzidas por homens e 247 ocorrências por mulheres. Em contrapartida, na amostra do VMPOSC, não há um contexto predominante que favoreça o uso das formas *tu* e/ou *você*, já que das 268 ocorrências, em 136 ocorrências foram produzidas por informantes masculinos e 132 ocorrências por informantes femininos.

De modo específico, analisando a Tabela 22, constatamos que na pesquisa de Hausen (2000), os informantes do sexo masculino usam mais o *você* em relação ao *tu*, uma vez que, das 276 ocorrências produzidas pelos homens, e, 161 ocorrências os homens usaram o *você* e em 115 ocorrências usaram o *tu*, o que corresponde, respectivamente, a 58% e 42% da amostra. Comparando esses dados com os de Loregian-Penkall (2004), percebemos que houve um pequeno aumento de uso da *você*

nos dados dos informantes masculinos, passando de 58% para 59% da amostra, em comparação ao *tu*, que diminuiu sua porcentagem de 42% para 41% dos dados.

Já quando traçamos um paralelo das pesquisas de Hausen (2000) e Loregian-Penkhal (2004) com a amostra do VMPOSC, conseguimos perceber que os homens de nossa amostra apresentam um uso significativo da forma *tu*, passando de 42% (HAUSEN, 2000) e 41% (LOREGIAN-PENKAL, 2004), para 73,5% das ocorrências do VMPOSC.

Um comportamento diferenciado ocorre quando observamos os dados produzidos pelos informantes do sexo/gênero feminino nas três pesquisas, uma vez que, tanto em Hausen (2000) quanto em Loregian-Penkhal (2004), a forma *tu* se sobrepõe nas mulheres. Na pesquisa de Hausen (2000), das 245 ocorrências produzidas pelas mulheres em 148 ocorrências elas usaram o *tu*, o que compreende 60% dos dados, de modo semelhante em relação às porcentagens, na pesquisa de Loregian-Penkhal (2004), a forma *tu* aparece em 145 ocorrências de um total de 247 ocorrências, o que corresponde a 59% da amostra.

Consequentemente, a forma *você* aparece em menor proporção em Hausen (2000) e Loregian-Penkhal (2004), na fala das informantes chapecoenses do sexo/gênero feminino. Assim, nos dados de Hausen (2000), das 245 ocorrências produzidas pelas mulheres, em 97 ocorrências as informantes usaram o *você* , o que corresponde a 40% da amostra, e na pesquisa de Loregian-Penkhal (2004), das 247 ocorrências produzidas pelas mulheres, 102 ocorrências compreendem no uso do *você* , correspondendo a 41% dos dados produzidos pelas mulheres.

Traçando um comparativo dessas duas pesquisas, Hausen (2000) e Loregian-Penkhal (2004), com os dados da amostra do VMPOSC, verificamos que da semelhança de dados apresentadas nas duas primeiras pesquisas desenvolvidas, a forma *você* ganha espaço na fala das mulheres chapecoenses, uma vez que, atinge a porcentagem de 83,3% dos dados, o que compreende 110 ocorrências das 132 ocorrências produzidas pelas mulheres. De modo consequente, a frequência do *tu* diminui significativamente, passando a representar 16,7% das ocorrências, o que corresponde 22 ocorrências das 132 ocorrências produzidas pelas mulheres.

Sobre a o contexto de mudança linguística e a variável *sexo/gênero*, Labov (2008 [1972], p. 348) relata que “A generalização correta, então, não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução

linguística.”, pois, como se percebeu em estudos já realizados, o fator *sexo/gênero* tem mostrado que, geralmente, apresenta um padrão bastante regular, delineando maior preferência o sexo feminino pelas variantes de prestígio em contextos de variação, como ocorre nas duas primeiras amostras, o que não se mantém no contexto de mudança linguística, uma vez que as mulheres passam a usar mais a forma inovadora, como ocorre em nossa amostra.

Interessante destacar ainda que, conforme citamos anteriormente, como não temos uma amostra equilibrada de informantes, realizamos rodadas estatísticas equilibrando o número de informantes com relação a variável *sexo/gênero*. Assim, olhando para nossa amostra, pensamos duas possibilidades para equilibrarmos nossa amostra, uma vez que, tínhamos 1 informante do *sexo/gênero* masculino a mais.

Deste modo, realizamos 2 rodas estatísticas, nas quais, em uma retiramos o único informante do Ensino Médio, com faixa etária de 15 a 24 anos, que apresentou dados de uso das formas *tu* e/ou *você*, e em uma segunda rodada retiramos 1 informante com Ensino Fundamental II, com faixa etária de 15 a 24 anos, porém, não observamos alterações significativas nos resultados, sendo que, o único aspecto que se diferenciou, fora que, na rodada sem o informante do Ensino Médio, quando o programa estatístico apontou os fatores condicionantes da variação, a variável *escolaridade* não fora selecionada, nos demais aspectos, não observamos maiores alterações relevantes.

5.1.10 Faixa etária

5.1.10.1 Caracterização e hipóteses

Esta variável extralinguística tem se mostrado de grande relevância nos estudos variacionistas (HAUSEN, 2000; SALES, 2004; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ALVES, 2010; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012; NOGUEIRA, 2013), já que a idade do falante tende a interferir na alternância pronominal para referência à segunda pessoa do singular, conforme as pesquisas variacionistas citadas, podendo também, nos indicar a direção da variável em questão, a de uma situação de variação estável ou ainda, a de uma mudança em curso, se por exemplo, a forma *tu*, considerada canônica pelas GTs., esteja presente somente na fala dos adultos e idosos.

Na situação de *variação estável*, a distribuição de uso das formas será plana, na qual as formas são utilizadas em todas as faixas etárias da população, sendo as faixas etárias intermediárias as de maior frequência de uso. Assim, alguns falantes modificam seus hábitos linguísticos, contudo, essa mudança não se reflete no padrão utilizado integralmente pela comunidade. Temos como exemplo, o trabalho de Hausen (2000), que ao cruzar as variáveis *faixa etária* e *localidade* percebeu um número significativo de uso, por parte dos informantes jovens, da forma *tu*, assim, se os mais jovens tendem a usar mais as formas inovadoras, essa informação de maior uso de *tu*, que na amostra representa 63% dos dados, leva a se pensar em uma variação estável entre *tu* e *você*.

Já no caso de *mudança linguística*, como aponta Labov (2008 [1972]), a idade pode apresentar evidências de uma mudança em curso, se, ao comparar as diferentes faixas etárias, percebermos uma diferença significativa de uso, podemos admitir que essas diferenças são resultados de uma mudança linguística. Contudo, cabe ressaltar, como discute Freitag (2005), sobre a complexidade de análise da variável *faixa etária* de modo isolado, que, nem sempre, as diferenças faixas etárias demonstram uma mudança em curso, pois deve-se distinguir as diferenças etárias, que indicam mudança de gradação etária, isto é, caracterizam a fala de velhos ou de jovens, a exemplo disso, temos a forma *nós* e *a gente*, descrito por Leite, Callou e Moraes (2003).

Pensando que um estudo da *mudança em tempo real* também pode se dar via comparação de amostras diferentes, desde que ressalvadas as diferenças, temos, por exemplo, o trabalho de Loregian-Penkall (2004), cujos resultados, que em linhas gerais, apontam para a *faixa etária* de 25 a 49 anos, o predomínio da forma *tu* com 61% dos dados frente ao *você* com 39%, nos possibilitam traçar alguns paralelos com os resultados de nossa amostra.

Interessante destacar, que todas as pesquisas sobre o *tu* e o *você* que consideraram a variável *faixa etária*, apresentam resultados significativos, citamos as pesquisas de Hausen (2000), Sales (2004), Loregian-Penkall (2004), Alves (2010), Franceschini (2011), Rocha (2012) e Nogueira (2013).

Assim, controlamos as seguintes faixas etárias:

- a) De 7 a 14 anos
- b) De 15 a 24 anos
- c) De 25 a 49 anos

Com isso, nossa hipótese geral, com base em Loregian-Penkall (2004) e Franceschini (2011), é de que os contextos com os informantes mais velhos, representados em nossa amostra pelos informantes com idades entre 25 e 49 anos, favorecem mais o uso das formas *tu* e/ou *você*. De modo específico, nossa hipótese é de que a forma *você* se mostrará mais frequente entre os jovens - representados pelos falantes de 7 a 14 anos e de 15 a 24 anos - decrescendo em relação aos mais velhos - representados pelos falantes de 25 a 49 anos - que utilizariam mais a forma *tu* (LOREGIAN-PENKAL, 2004).

5.1.10.2 Resultados e discussão

Considerado o 2º.fator de maior importância no condicionamento na referência à segunda pessoa do singular pelas formas *tu* e/ou *você*, em posição de sujeito, a *faixa etária* apresenta resultados interessantes, conforme a Tabela 23 abaixo:

IDADE	TU			VOCÊ			TOTAL	
	Apl/Total	%	PR	Apl/Total	%	PR	Apl	%
7 a 14 anos	18/81	22,2	0,31	63/81	77,8	0,69	81	30,2
15-24 anos	22/60	36,7	0,26	38/60	63,3	0,74	60	22,4
25-49 anos	82/127	64,6	0,74	45/127	35,4	0,26	127	47,4
TOTAL	122/268	45,5		146/268	54,5		268	100,0
<i>Log likelihood</i> = -108,439				Significância: 0,021				

Tabela 23: Atuação do grupo de fator *idade* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

Observando os resultados acima, de modo geral, constatamos que os contextos que mais propiciaram o uso das formas *tu* e/ou *você* são com os informantes mais velhos de nossa amostra, representados pelos informantes com idades entre 25 e 49 anos, uma vez que das 268 ocorrências, 127 ocorrências foram produzidas nessa faixa etária, o que compreende 47,4% da amostra. Esses dados vêm confirmar nossa hipótese geral, baseada em Loregian-Penkall (2004) e Franceschini (2011), de que os informantes mais velhos usam mais os pronomes *tu* e/ou *você*. Em segundo lugar, aparecem os contextos

com os informantes de 7 a 14 anos, com 81 ocorrências produzidas, correspondendo a 30,2% da amostra. Por último, o contexto que menos favoreceu o uso das formas *tu* e/ou *você* foi com informantes de 15 a 24 anos que produziram 60 ocorrências, o que representa 22,4% das ocorrências produzidas na amostra VMPOSC.

De modo específico, confirmamos nossa hipótese, baseada em Loregian-Penkall (2004), de que a forma *você* se mostra mais frequente entre os jovens - falantes de 7 a 14 anos e de 15 a 24 anos - decrescendo em relação aos mais velhos - os de 25 a 49 anos – em nossa amostra, que utilizariam mais a forma *tu*.

Quando analisamos a última *faixa etária* considerada em nossa pesquisa, que compreende nos informantes mais velhos, com idade entre 25 e 49 anos, constatamos que esta faixa etária fora a única que o uso da forma *tu* prevaleceu frente ao *você*, pois, das 127 ocorrências produzidas por esse grupo de falantes, em 82 ocorrências os informantes fizeram uso do *tu*, o que representa 64,6% da amostra dessa faixa etária, em relação ao *você* que apareceu em 45 ocorrências, o que representa 35,4% da amostra de dados dessa faixa etária.

Confirmamos esse contexto observando o PR da forma *tu* que representa 0,74 em relação ao *você* com PR 0,26, isto é, o contexto de fala dos chapecoenses de nossa amostra, quando possuem idades entre 25 e 49 anos, favorecem o uso da forma *tu*, em posição de sujeito, para referência de segunda pessoa do singular.

Constatamos também, que os informantes mais jovens da amostra VMPOSC, que compreende os informantes de 7 a 14 anos e de 15 a 24 anos, fazem maior uso da forma *você* do que da forma *tu*.

Como podemos observar nos resultados acima, os informantes de 7 a 14 anos de idade apresentam uso significativamente maior da forma *você*, pois das 81 ocorrências produzidas por essa faixa etária, 63 ocorrências são de uso do *você*, o que representa 77,8% da amostra da primeira faixa etária, em relação ao *tu*, que aparece somente em 18 ocorrências, representando 22,2% dessa amostra, ou seja, os jovens informantes de 7 a 14 anos utilizam-se da forma *você* mais que a forma *tu*.

Confirmamos essa informação, quando observamos os resultados em PR das formas, pois o pronome *você* possui PR de 0,69 em relação ao *tu* com 0,31 de PR, assim, o contexto de fala com informantes de 7 a 14 anos favorece o uso da forma *você*.

O mesmo contexto se repete com informantes que tenham entre 15 e 24 anos, apesar de que, nesta faixa etária, em relação à aplicação e porcentagem das formas, há um pequeno aumento de uso do *tu*, mas ainda não se sobrepõe ao *você*.

Contudo, devemos ter consciência de que, como apontou Freitag (2005, p. 112) com base em Eckert (1997), “[...] a infância é a primeira faixa etária inerentemente variável, pois as crianças tomam por base a fala de indivíduos mais velhos do seu círculo familiar como modelo.”, porém, se observarmos os dados produzidos pelos informantes mais velhos considerados em nossa pesquisa, constatamos que isso não se confirma, uma vez que, os informantes de 7 a 14 anos tem a forma *você* predominante no uso, já os informantes mais velhos de nossa amostra, que são os informantes com idade ente 25 e 49 anos, tem a forma *tu* predominante na fala.

Olhar para os dados produzidos pelos informantes de 15 a 24 anos nos pensar pensar, como descreve Freitag (2005, p.113) sobre essa etapa do desenvolvimento, que essa “[...] É a fase do desenvolvimento social do uso vernacular.”, ou seja, os informantes desenvolvem fazem uso de seu vernáculo no seu meio social, momento no qual ele percebe as características de sua identidade linguística. A autora ainda aponta que, “Os marcadores discursivos são as marcas de identidade mais perceptíveis entre os adolescentes, e que estão em constante renovação.” (FREITAG, 2005, p.114).

Os informantes de 15 a 24 anos produziram um total de 60 ocorrências de usos do *tu* e/ou *você* em posição de sujeito, sendo que destes, em 38 ocorrências utilizaram a forma *você* para referência de segunda pessoa do singular, o que corresponde a 63,3% dos dados desse grupo de informantes. Já a forma *tu* foi utilizada em 22 ocorrências, o que compreende 36,7% dos dados de informantes de 15 a 24 anos.

Assim, como na faixa etária anteriormente analisada, a faixa etária de 15 a 24 anos também usa com maior frequência a forma *você*, mesmo havendo um pequeno aumento da porcentagem de uso do *tu*, nessa faixa etária em relação à de informantes com até 14 anos.

Corroboramos essa informação, quando constatamos que o PR da forma *você* aumentou, mesmo que a porcentagem do *tu* tenha aumentado nessa faixa etária, passando a ter PR de 0,74 em relação ao *tu* que possui PR de 0,26, ou seja, o contexto de fala dos informantes, na faixa etária de 15 a 24 anos, favorece o aparecimento da forma *você*.

Frente a esse contexto que se apresentou, de maior uso da forma *você* com os mais jovens e da forma *tu* na faixa etária de 25 a 49 anos, podemos relacionar esses dados com o estágio social que grande parte dos informantes se encontra, pensando que todos são informantes com Ensino Superior, ou seja, com uma profissão possivelmente estabelecida, assim, se considerarmos

[...] a correlação existente entre as faixas etárias e nuances sociais, pode-se associar esse comportamento de uso ao fato de que os informantes dessa faixa etária são aqueles que estão atuando no mercado de trabalho e, devido às pressões sociais, privilegiam a norma [...].” (FREITAG, 2005, p.117)

Com o contexto apresentado acima, poderíamos afirmar que há um contexto de mudança no preenchimento de referência a segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, uma vez que, somente na *faixa etária* que compreende os informantes mais velhos de nossa amostra o uso da forma canônica *tu* prevalece em relação ao *você*, pois, como afirma Paiva e Duarte (2003, p.14), cada geração apresenta um comportamento linguístico que é o reflexo de um estágio da língua, sendo que, os jovens introduzem as novas formas na fala da comunidade, formas estas que, gradativamente, substituirão as formas utilizadas pelas faixas etárias mais velhas.

Porém, quando analisamos a variável *faixa etária*, temos de ter cuidado em afirmar que está ocorrendo um processo de mudança linguística, pois, como já apontou Freitag (2005, p. 106), a faixa etária “[...] estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização.”, a autora ainda pontua que, “[...] se os indivíduos mudam seu comportamento linguístico durante o decorrer da sua vida e a comunidade não mostra a mesma mudança, o padrão é caracterizado como *gradação etária* [...].” (FREITAG, 2005, p. 109), assim, “[...] as mudanças linguísticas individuais não são exclusivamente decorrentes de mudanças linguísticas históricas. São mudanças decorrentes da história do indivíduo.” (FREITAG, 2005, p. 111).

Loregian-Penkall (2004, p. 112), corrobora essa afirmação, de que não se pode observar somente as informações relacionadas a faixa etária e afirmar que esteja ocorrendo uma variação estável ou mesmo um processo de mudança em curso, quando acrescenta que

[...] apesar de necessárias, as diferenças etárias nem sempre são suficientes para denotar mudança em curso, pois é necessário que se distinga as diferenças etárias que indicam mudança daquelas que simplesmente são fenômenos de

gradação etária, ou seja, caracterizam a fala de velhos ou de jovens. Ou melhor, um falante quando jovem usa a forma *x*. Quando fica velho, usa a forma *y*. (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 112)

Quando realizamos pesquisas em *tempo aparente* consideramos que,

[...] a idade cronológica dos indivíduos represente uma “passagem no tempo”. Assumindo a hipótese clássica de que a língua de um indivíduo se constitui até cerca de seus quinze anos de idade, pode-se fazer uma escala correlacionando a idade real do indivíduo com um dado estado de língua. (FREITAG, 2005, p. 110).

Deste modo, para confirmar a hipótese de que haverá um processo de substituição, uma vez que os informantes mais jovens de nossa amostra usam em maior proporção a forma *você*, teríamos que realizar uma pesquisa em *tempo real*, ou seja, realizar, daqui alguns anos, uma nova coleta de dados e observar como as variáveis em estudo se comportam e comparar as duas amostras, para afirmar se houve ou não um processo de mudança. Não podemos considerar as pesquisas de Hausen (2000) e de Loregian-Penkall (2004), para este estudo em *tempo real*, devido ao fato de as estratificações estabelecidas em sua pesquisa não serem semelhantes a nossa, assim, conseguimos somente pontuar algumas correlações que possam nos mostrar os processos de variação e/ou mudança linguística em relação aos pronomes *tu* e/ou *você*.

Como já fora dito acima, não podemos realizar um estudo em *tempo aparente* com bases nas outras pesquisas com dados de fala de Chapecó, porém, podemos observar os dados e apontar indícios e correlações entre esses dados, assim, passemos agora a realizar essas observações a partir da Tabela 24:

Faixa etária		Varsul/Chapecó (HAUSEN, 2000)			Varsul/Chapecó (LOREGIAN- PENKAL, 2004)			VMPOSC (2017)		
		Apl	%	PR	Apl	%	PR	Apl/Total	%	PR
25 a 49 anos	Tu	-	-	-	⁹⁴	61	0,68	82/127	64,6	0,74
	Você	-	-	-	-	39	0,32	45/127	35,4	0,26
	Total	-	-	-	-	100	-	127/127		
20 a 50 anos	Tu	199/316	63	⁹⁵	-	-	-	-	-	-
	Você	117/316	37	-	-	-	-	-	-	-
	Total	316/316	100							

Tabela 24: Correlação do fator *faixa etária* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* na pesquisa de Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e da amostra VMPOSC.

Primeiramente, cabe destacar que, na Tabela 24, apresentamos somente os dados das *faixas etárias* que conseguimos acesso, e que se apresentam nas três pesquisas, ainda que Hausen (2000), apresente a estratificação por idade de modo diferenciado.

O que podemos perceber observando os dados é que a forma *tu* é mais usada atualmente, ainda que em pouca frequência a mais, uma vez que, observando as porcentagens das pesquisas, em 2000, a forma *tu* apresentava frequência de 63% dos dados, 199 das ocorrências produzidas pela faixa etária de 20 a 50 anos, já na pesquisa de 2004, a frequência de uso do pronome *tu* tem uma pequena queda, passando a representar 61% da amostra, o que ainda é considerado um número significativo. Em nossa amostra, esses dados se mantêm, havendo mais um pequeno aumento na porcentagem, passando a representar 64,6% da amostra produzida por essa *faixa etária*.

Observando os outros dois *corpora* de fala, constatamos que o PR do pronome *tu*, eleva-se no decorrer do tempo, passando de 0,68 em Loregian-Penkall (2004) e para 0,74 em nossa amostra de fala dos chapecoenses. Novamente, podemos relacionar esses resultados, como já exposto anteriormente, ao período em que as pressões sociais e o mercado de trabalho exigem maior monitoramento da fala, ainda, podemos, em nossa

⁹⁴ Cabe ressaltar aqui, que não encontramos no trabalho de Loregian-Penkall (2004), o total de ocorrências de uso das formas *tu* e *você*, tendo acesso somente as porcentagens dos mesmos.

⁹⁵ Cabe ressaltar aqui, que não encontramos no trabalho de Hausen (2000) os valores do PR para os dados produzidos pelos informantes de Chapecó, tendo somente acesso aos PR gerais, que compreende os dados de Blumenau, Chapecó e Lages.

amostra de fala, relacionar ao nível de escolarização, uma vez que, a amostra de informantes da faixa de 25 a 49 anos compreende informantes com ensino superior.

5.1.11 Escolaridade

5.1.11.1 Caracterização e hipóteses

Faz-se importante considerar o fator social *escolaridade* em nossa pesquisa, isso porque, é na escola que o informante entra em contato direto com a norma padrão, prescrita pelas GTs, assim, temos como hipótese geral, que conforme mais elevado o grau de escolaridade dos informantes, maior seja a frequência de uso da forma *tu* em relação à forma *você* (LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009).

Constatamos a importância de se considerar a presente variável, quando olhamos para as variáveis consideradas nos demais estudos variacionistas, uma vez que, nas pesquisas de Hausen (2000), Sales (2004), Loregian-Penkhal (2004), Zilli (2009), Franceschni (2011), Rocha (2012) e Nogueira (2013), a variável *escolaridade* foi considerada significativa em todos os estudos, sendo que somente a pesquisa de Alves (2010), que não apresentou significância.

Por conseguinte, a variável escolaridade será composta pelos seguintes níveis:

- Ensino Fundamental 1º Ciclo
- Ensino Fundamental 2º Ciclo
- Ensino Médio
- Ensino Superior

De modo geral, com base nos resultados de Hausen (2000), Franceschni (2011) e Rocha (2012), os contextos com informantes mais escolarizados propiciam o aparecimento das formas *tu* e/ou *você*, em posição de sujeito. De modo específico, temos como hipótese, com base em Hausen (2000), Loregian-Penkhal (2004) e Franceschni (2011), que a forma *tu* será favorecida pelos informantes com Ensino Fundamental II, já a forma *você*, conforme resultados de Hausen (2000) e Loregian-Penkhal (2004), será propiciada nos contextos com os informantes com Ensino Fundamental I.

5.1.11.2 Resultados e discussão

A variável *escolaridade*, selecionado como 4º fator condicionador de maior relevância na variação da referência de segunda pessoa do singular, foi controlada como meio de constatar se a escola exerce influência na fala dos chapecoenses, já que, na escola, entramos em contato com a norma padrão da língua, a mesma prescritas pelas GTs., sendo que, esta apresenta, como único pronome de segunda pessoa do singular, o *tu* (VIEIRA, BRANDÃO, 2007; CUNHA, CINTRA, 2008; FARACO, MOURA, MARUXO, 2010; ROCHA LIMA, 2010[1957]), conforme maior detalhamento, apresentado na seção 2.2. Observemos a Tabela 25 abaixo, com os resultados de nossa amostra de fala:

ESCOLARIDADE	TU			VOCÊ			TOTAL	
	Apl/Total	%	PR	Apl/Total	%	PR	Apl	%
Ensino Fundamental I	1/14	7,1	0,25	13/14	92,9	0,75	14	5,2
Ensino Fundamental II	22/79	27,8	0,49	57/79	72,2	0,51	79	29,5
Ensino Médio	13/14	92,9	0,97	1/14	7,1	0,03	14	5,2
Ensino Superior	86/161	53,4	0,45	75/161	46,6	0,55	161	60,1
TOTAL	122/268	45,5		146/268	54,5		268	100,0
<i>Log likelihood</i> = -108,439				Significância: 0,021				

Tabela 25: Atuação do grupo de fator *escolaridade* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

De modo geral, podemos perceber que a escolaridade que mais propiciou o uso das formas pronominais *tu* e/ou *você* foi com os informantes com Ensino Superior, com 161 ocorrências, o que compreende 60,1% da amostra, em segundo lugar, ficou os informantes com Ensino Fundamental II, com 79 ocorrências, compreendendo 29,5% da amostra. O Ensino Fundamental I e o Ensino Médio apresentaram o mesmo número de ocorrências, com respectivamente 14 ocorrências cada uma, sendo 5,2% da amostra de cada grau de escolaridade. Partindo desses resultados, confirmamos nossa hipótese, com base nos resultados de Hausen (2000), Franceschni (2011) e Rocha (2012), de que os

informantes mais escolarizados propiciariam mais o uso das formas *tu* e/ou *você*, em posição de sujeito na fala dos chapecoenses.

De modo a facilitar nossos apontamentos, apresentaremos a seguir, primeiramente, o comportamento da variável *tu*, nos diferentes níveis de escolaridade, para na sequência, observar a atuação da forma *você*.

De modo específico, analisando os dados da Tabela 25, percebemos a pouca ocorrência das formas pronominais *tu* e/ou *você* com informantes com Ensino Fundamental, ainda, mais significativo, é a presença de somente 1 ocorrência, de um total de 14 ocorrências, de uso do pronome *tu*, representando 7,1% dos dados produzidos pelos informantes com Ensino Fundamental I. A pouca significância que o pronome *tu* representa nos dados com o Ensino Fundamental se confirma, quando averiguamos que esta possui PR de 0,25.

Já nos dados dos informantes com Ensino Fundamental II, constatamos um aumento de uso da forma *tu*, já que das 79 ocorrências de uso dos pronomes, 22 ocorrências correspondem ao uso do *tu*, representando 27,8% dos dados produzidos por esse nível de escolarização. Apesar de apresentar ainda uma porcentagem relativamente baixa, quando observamos o comportamento da variável *tu*, em relação ao PR que esta apresenta, constatamos que sua significância teve um aumento, passando de 0,25 da escolaridade de Ensino Fundamental I, para o PR de 0,49, ou seja, muito próximo do ponto neutro.

Uma situação totalmente contrária ocorre quando analisamos os dados do Ensino Médio, uma vez que, este é o único contexto no qual o uso da forma *tu* prevaleceu frente ao *você* foi com os informantes com Ensino Médio, já que das 14 ocorrências produzidas nesse nível de escolaridade, em 13 ocorrências o informante usou o pronome *tu* para fazer a referência de segunda pessoa do singular, o que corresponde a 92,9% desses dados. A significativa importância da forma *tu* nessa escolarização é ratificada quando constatamos que esta possui PR de 0,97.

Podemos relacionar o prevalecimento da forma *tu* com o grau de escolaridade Ensino Médio, com o momento em que os informantes podem estar se preparando para a realização das provas do ENEM e os vestibulares em instituições de ensino superior, assim, a estrutura escolar tem seus procedimentos pedagógicos voltados para esse intuito, colocando os alunos, de forma ainda mais condensada e sistematizada, em

contato com a norma padrão da língua, o que pode estar influenciando, ainda mais, para o prevalectimento deste uso na fala dos informantes com Ensino Médio.

Cabe ressaltar, que logo abaixo, ainda nesta seção, comentaremos sobre os resultados da rodada estatística que realizamos, equilibrando o número de informantes considerando o sexo e a escolaridade.

Com relação aos dados produzidos pelos informantes com Ensino Superior, percebemos, olhando tanto para a frequência e porcentagens de uso quanto para o PR das formas, que ocorre um equilíbrio de produção, pois, das 161 ocorrências em 86 ocorrências os informantes utilizaram a forma *tu* para preenchimento da posição de sujeito, o que corresponde a 53,4% dos dados produzidos pelos informantes com Ensino Superior.

Deste modo, nossa hipótese de que encontraríamos maior uso de *tu* na fala de informantes com Ensino Fundamental II não se confirma, uma vez que, somente os informantes com Ensino Médio favorecem o uso da forma *tu*, cujos dados correspondem ao PR de 0,97, lembrando que, nossa amostra apresenta somente 1 informante do sexo masculino com escolaridade de Ensino médio.

Já com relação ao comportamento da forma *ocê* nos dados do Ensino Fundamental I, constatamos que neste contexto o *ocê* prevalece frente ao *tu*, pois, das 14 ocorrências, em 13 ocorrências os informantes usaram o *ocê*, o que representa 92,9% dos dados produzidos com essa escolaridade. Corroborando a importância representada pelo *ocê* nos dados do Ensino Fundamental I a forma apresenta PR 0,75.

Nos dados do Ensino Fundamental II, percebemos uma situação diferenciada, de uso do *ocê*, das demais apresentadas, pois, observando o número de ocorrências e a porcentagem, ressaltamos a sobreposição do *ocê*, pois, das 79 ocorrências produzidas nessa escolaridade, em 57 ocorrências os informantes usaram a forma *ocê*, o que representa 72,2% dos dados, contudo, quando analisamos o peso relativo do *ocê*, nesse nível de escolarização, essa significância não se confirma, uma vez que, possui PR 0,51, ou seja, muito próximo do ponto neutro.

O contexto menos favorecedor de uso do pronome *ocê* foi nos dados do Ensino Médio, dado que das 14 ocorrências produzidas nos dados do Ensino Médio, somente 1 ocorrência foi de uso da forma *ocê*, o representa somente 7,1% dos dados, dado esse que se confirma quando observamos que o *ocê* possui PR 0,03 no Ensino Médio.

Por fim, olhando para os dados dos informantes com Ensino Superior, percebemos que das 161 ocorrências produzidas pelos informantes com Ensino Superior, em 75 ocorrências os informantes fizeram uso da forma *você* para se referir a segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, o que representa 46,6% dos dados, ou seja, não há preferência pelo uso da forma *você*. Porém, quando observamos os valores em pesos relativos, constatamos que os contextos com informantes com Ensino Superior favorecem o uso da forma *você*, uma vez que, esta tem PR de 0,55.

Deste modo, observando o comportamento da variável *você* confirmamos nossa hipótese, baseada em Hausen (2000) e Loregian-Penkhal (2004), de que a forma *você*, é favorecida nos contextos em que os informantes possuem Ensino Fundamental I.

Realizamos um contraponto de nossos resultados com as pesquisas desenvolvidas por Hausen (2000) e Loregian-Penkhal (2004), porém, cabe ressaltar que da segunda pesquisa temos somente as porcentagens finais de uso das formas *tu* e/ou *você* em Chapecó, assim, optamos por fazer essas observações com base nos percentuais dos três trabalhos, conforme Tabela 26:

ESCOLARIDADE		Varsul/Chapecó (HAUSEN, 2000)	Varsul/Chapecó (LOREGIAN- PENKAL, 2004)	VMPOSC (2017)
		%	%	%
Ensino Fundamental I Primário	Tu	37	39	7,1
	Você	63	61	92,9
Ensino Fundamental II Ginásio	Tu	64	59	27,8
	Você	36	41	72,2
Ensino Médio Segundo Grau	Tu	48	47	92,9
	Você	52	53	7,1
Ensino Superior	Tu	-	-	53,4
	Você	-	-	46,6
Total	Tu	50	51	45,5
	Você	50	49	54,5

Tabela 26: Atuação do grupo de fator *escolaridade* em porcentagens sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* nas pesquisas de Hausen (2000), Loregian-Penkhal (2004) e da amostra VMPOSC.

De modo geral, percebemos um comportamento semelhante das formas *tu* e/ou *você* nas três amostras, pois, como constatamos acima, nos dados de Hausen (2000), não havia uma sobreposição da forma *você*, representando 50% dos dados, em relação ao *tu* com 50% dos dados. Já na amostra de Loregian-Penkall (2004), as formas *tu* e/ou *você* apresentam porcentagens equilibradas, porém não iguais como em Hausen (2000), tendo, respectivamente, 51% e 49% dos dados. Com relação a nossa amostra, percebemos que a forma *você* foi mais usada, em relação à pesquisa anterior, já que passa ter um percentual de uso de 54,5% dos dados frente ao *tu* com 45,5% dos resultados.

Para facilitar nossas observações, apresentaremos na sequência, primeiramente o comportamento da forma *tu* em cada escolaridade, para na sequência, apresentar o comportamento da forma *você* nos diferentes níveis de escolarização.

De modo específico, a Tabela 26 revela que nos dados do Ensino Fundamental I, de Hausen (2000) para Loregian-Penkall (2004), houve um pequeno aumento no uso do *tu*, de 37% para 39%, porém, na amostra VMPOSC, houve uma queda significativa, passando para 7,1%.

Nos dados dos informantes com Ensino Fundamental II constata-se que, da primeira para a segunda amostra, houve uma queda, mas ainda não significativa, do uso do *tu*, passando de 64% para 59% dos dados produzidos, porém, em nossa amostra novamente diminui o uso do *tu*, passando para 27,8% dos dados.

Percebemos, nos dados do Ensino Médio, uma queda muito pequena das porcentagens de uso do pronome *tu* em comparação com o *você*, pois na primeira amostra de fala o *tu* possuía 48% dos dados (HAUSEN, 2000), passando a 47% (LOREGIAN-PENKALL, 2004), em comparação a nossa amostra, que passou por um significativo aumento, chegando a representar 92,9% dos dados.

Passemos agora a analisar o comportamento da forma *você*, no decorrer dos anos de *escolaridade*.

Nos dados do Ensino Fundamental I, com relação ao *você*, houve uma pequena diminuição nos dados, uma vez que, em Hausen (2000), representavam 63% dos dados, passando para 61% nos dados em Loregian-Penkall (2004), em contra partida, a forma ganha um espaço significativo em para 92,9% nos dados produzidos da amostra do VMPOSC.

Interessante perceber que, nos dados do Ensino Fundamental II, o comportamento da forma *você* inicialmente teve um aumento de uso da amostra de Hausen (2000) para Loregian-Penkal (2004), de 36% para 41% dos dados, já em nossa amostra ocorre um crescimento significativo de uso do *você*, passando para 72,2% dos dados.

Nos dados do informante com Ensino Médio, percebemos um aumento no uso do *tu*, deste modo, conseqüentemente, percebemos a diminuição do uso do *você*, que inicialmente tinha 73% dos dados, passando a ter 53% dos dados no segundo corpus, para apresentar, em nossa amostra, 7,1% de uso.

Traçando um panorama dos resultados discutido até então, com relação às três pesquisas desenvolvidas com dados de Chapecó, podemos perceber que conforme vai aumentando os níveis de escolarização, mais significativa a presença da forma *tu*.

Em linhas gerais, nos dados com informantes com Ensino Fundamental I nas três pesquisas, a forma *você* se sobrepõe ao *tu*. Nos dados dos informantes com Ensino Fundamental II, a forma *tu* começa a ganhar espaço, se sobrepondo ao *você* nos dados de Hausen (2000), e com frequências relativamente estáveis nos dados de Loregian-Penkal (2004), sendo que, somente em nossos dados que a forma *você* ainda se sobrepõe ao *tu*. Já nos dados do Ensino Médio ocorre equilíbrio de uso das formas *tu* e/ou *você*, nas amostras de Hausen (2000) e Loregian-Penkal (2004), em contra partida, esse é o primeiro contexto, em nossa amostra, que a forma *tu* se sobrepõe ao *você*.

Traçado este panorama, de aumento de uso do *tu*, podemos compreender um pouco melhor os resultados de nossos dados, com relação aos informantes com Ensino Superior, já que os dados do Ensino Médio de nossa pesquisa é o primeiro contexto de sobreposição da forma *tu*. Partindo disso, percebemos a progressão de uso da forma *tu*, chegando a apresentar maior frequência de uso do *tu* (53,4%) do que do *você* (46,6%), nos informantes com Ensino Superior.

A rodada estatística, na qual equilibramos a representatividade dos informantes quanto a *sexo/gênero* e *escolaridade*, considerando 2 indivíduos por célula, fora a que apresentou algumas mudanças, em relação às rodadas estatísticas realizadas com todos os informantes. Relataremos agora as alterações mais significativas desta rodada, conforme resultados apresentados na Tabela 27:

FATORES	TU	VOÇÊ	TOTAL	
Referência/significado particular	20 43,5%	26 56,5%	46	26,3%
Referência/significado dirigido ao interlocutor	10 26,3%	28 73,7%	38	21,7%
Referência/significado a um grupo definido	11 30,6%	25 69,4%	36	20,6%
Referência/significado genérico	2 3,6%	53 96,4%	55	31,4%
TOTAL	43 24,6%	132 75,4%	175	100,0%
Presente (do Indicativo, do Subjuntivo)	30 24,8%	91 75,2%	121	69,1%
Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo	6 50,0%	6 50,0%	12	6,9%
Infinitivo Pessoal	6 17,6%	28 82,4%	34	19,4%
Futuro (do Subjuntivo, do Pretérito do Indicativo, Gerúndio)	1 12,5%	7 87,5%	8	4,6%
TOTAL	43 24,6%	132 75,4	175	100,0%
Regular	24 28,2%	61 71,8%	85	48,6%
Irregular	19 21,1%	71 78,9%	90	51,4%
TOTAL	43 24,6%	132 75,4%	175	100,0%
Sequência Narrativa	16 27,1%	43 72,9%	59	33,7%
Sequência Dissertativa	18 24,0%	57 76,0%	75	42,9%
Sequência Descritiva	9 22,0%	32 78,0%	41	23,4%
TOTAL	43 24,6	132 75,4	175	100,0%
Não Alternância Pronominal	33 22,0%	117 78,0%	150	85,7%
Alternação Pronominal	10 40,0%	15 60,0%	25	14,3%
TOTAL	43 24,6%	132 75,4%	175	100,0%
Até 14 anos	15 19,2%	63 80,8%	78	44,6%
15-24 anos	8 19,0%	34 81,0%	42	24,0%
25-49 anos	20 36,4%	35 63,6%	55	31,4%
TOTAL	43 24,6%	132 75,4%	175	100,0%
Ensino Fundamental I	1 7,1%	13 92,9%	14	8,0%
Ensino Fundamental II	18 24,0%	57 76,0%	75	42,9%
Ensino Superior	24 27,9%	62 72,1%	86	49,1%
TOTAL	43	132	175	100,0%

TOTAL	24,6%	75,4%		
Masculino	21 44,7%	26 55,3%	47	26,9%
Feminino	22 17,2%	106 82,8	128	73,1%
TOTAL	43 24,6%	132 75,4%	175	100,0%
Entrevistador Homem	20 35,7%	36 64,3%	56	32,0%
Entrevistador Mulher	23 19,3%	96 80,7%	119	68,0%
TOTAL	43 24,6%	132 75,4%	175	100,0%

Tabela 27: Tabela resumo dos fatores da rodada com o fator *escolaridade* equilibrada dos dados do VMPOSC.

O primeiro ponto a ser destacado é que, para não eliminar o grau de escolaridade Ensino Médio, uma vez que, somente um informante do sexo masculino faz parte dessa célula até então e produziu dados de uso das duas formas pronominais, consideramos em nossa amostra o informante do gênero feminino, que não apresentou nenhum dado de uso do *tu* e do *você* na contagem de informantes. Deste modo, no programa fora rodado os dados de 1 informante masculino e 1 informante feminino de cada escolaridade menos no Ensino Médio, que foi rodados os dados de somente 1 informante masculino.

Deste modo, quando rodamos os dados para originar os fatores mais relevantes, com seus respectivos resultados percentuais e PR, o programa selecionou somente três, de todos os doze grupos (*referência pronominal, tempo verbal, classificação do verbo, concordância verbal, tipo de interlocução, sequência discursiva, uso de tu e você no mesmo período/turno de fala, informante, faixa etária, escolaridade, sexo/gênero e sexo/gênero entrevistador*) considerados em nossa pesquisa, sendo estes, por ordem de relevância: *referência pronominal, sexo/gênero e uso dos pronomes tu e você no mesmo período/turno de fala*, sendo que, esta última variável não foi selecionada na rodada dos dados considerada mais relevante. Apontaremos a seguir, em linhas gerais, os resultados que apresentaram diferenças, em relação à rodada estatística principal, correspondente a Tabela 27 acima.

De modo geral, os resultados que se apresentaram mais diferenciados da rodada que consideramos mais relevante, com relação ao 3º grupo de fator condicionante selecionado pelo programa GoldVarb X nessa rodada, *Alternância dos pronomes tu e você no mesmo período/turno de fala*. Quando o informante não alterna no uso das formas *tu* e *você* no mesmo turno de fala, os informantes produziram 150 ocorrências,

correspondendo a 33 ocorrências de *tu*, o que representa 22% dos dados de não alternância pronominal, e 117 ocorrência com o pronome *você*, o que corresponde 78% dos dados de não alternância. Observando os resultados em PR, o *tu* possui PR 0,44 e o *você* PR 0,56, ou seja, confirma as informações de porcentagens, uma vez que, a não alternância favorece o aparecimento do *você*. Contexto semelhante se apresenta nos turnos de fala em que os informantes alternaram no uso dos pronomes *tu* e *você*, pois das 25 ocorrências produzidas, em 10 ocorrências os informantes usaram a forma *tu*, o que representa 40% dos dados de alternância pronominal, e em 15 ocorrências usaram o *você*, o que representa 60% da amostra de alternância.

Comparando esses resultados com a rodada geral, também percebemos alterações, uma vez que, tanto na alternância pronominal quanto na não alternância pronominal, os números das formas *tu* e *você* eram relativamente equilibrados, já na rodada equilibrada, como descrito nos dados acima, ambos os contextos propiciam o uso da forma *você*.

Outro grupo de fatores que apresentou discrepância, em relação à rodada principal, foi com a variável *classificação do verbo*, que apresentaram na rodada estatística principal porcentagens relativamente equilibradas, sendo que, em relação aos verbos regulares foram produzidas 62 ocorrências (48,4%) com o *tu* e 66 ocorrências (51,6%) com o *você*. Contexto semelhante se apresentou com os verbos irregulares, sendo a forma *tu* utilizada em 60 ocorrências (42,9%) e o *você* em 80 ocorrências (57,1%). Em contrapartida, na rodada estatística com escolaridade, ambas as classificações do verbo, regular e irregular, propiciaram o aparecimento do *você*, sendo que, com os verbos irregulares ocorreram em 61 ocorrências, o que corresponde a 71,8% dos dados de uso do pronome com verbos regulares, e em 71 ocorrências que corresponde a 78,9% dos dados de uso dos pronomes com verbos irregulares.

A variável *sexo/gênero entrevistador* apresentou discrepância quando o entrevistador é do sexo/gênero feminino, que na rodada geral, apresentava estabilidade, com a forma *tu* com 98 ocorrências (48%) e o *você* (52%), já na rodada equilibrada, quando o entrevistador é feminino propicia o uso da forma *você* com 96 ocorrências, o que representa 80,7% da amostra dos dados produzidos com entrevistador do sexo/gênero feminino.

Na variável *sequência discursiva*, os três tipos de sequência discursiva apresentaram equilíbrio de uso das formas *tu* e/ou *você* na rodada principal, já na rodada

equilibrada, as três sequências discursivas favorecem o uso da forma *você*, tendo a *sequência narrativa* 72,9% (43 ocorrências) dos dados produzidos nesta sequência. Na *sequência dissertativa*, a forma *você* fora utilizada em 76% dos dados (57 ocorrências) produzidos nesta sequência discursiva. Por fim, na *sequência descritiva* a forma *você* apareceu em 78% dos dados (32 ocorrências).

Frente a variável *faixa etária*, o grupo de informantes entre 25 a 49 anos, na rodada principal fez maior uso da forma *tu*, mais especificamente em 82 ocorrências, que correspondem a 64,6% dos dados produzidos por esta faixa etária, do que o *você* que foi utilizado em 45 ocorrências, que representa 35,4% da amostra dessa faixa etária. Já na rodada equilibrada esses dados se inverteram, passando a forma *você* a ter 63,6% dos dados, que compreende 35 ocorrências, e o *tu* com 36,4% dos dados, ou seja, 20 ocorrências de uso.

Dentro da variável *escolaridade*, na rodada principal, as formas *tu* e/ou *você* eram usadas com certo equilíbrio, correspondendo, respectivamente, a 86 ocorrências (53,4%) e 75 ocorrências (46,6%), contudo, na rodada equilibrada, a forma *você* se sobrepôs ao *tu*, sendo o *você* usada em 62 ocorrências e o *tu* em 24 ocorrências, o que corresponde, respectivamente, a 72,1% e 27,9% dos dados produzidos pelos informantes com esse grau de escolaridade.

Com relação a variável *sexo/gênero*, na rodada principal os homens faziam maior uso da forma *tu*, mais especificamente, em 100 ocorrências (73,5%), em relação ao *você* com 36 ocorrências (26,5%), situação esta, que não se mantém na rodada equilibrada, uma vez que, os dados apontam para uso estável de ambas as formas na fala de informantes do *sexo/gênero* masculinos, sendo usado o *tu* em 21 ocorrências (44,7%) e o *você* em 26 ocorrências (55,3%) da amostra dos informantes masculinos.

A última variável que apresentou alguma discrepância foi a *tempo verbal*, mais especificamente os tempos: *presente (indicativo e subjuntivo)* e *pretérito perfeito e imperfeito do indicativo*.

No fator *presente (indicativo e subjuntivo)*, na rodada geral as formas apresentaram equilíbrio no uso, sendo que o pronome *tu* fora usado em 86 ocorrências e o *você* em 98 ocorrências, o que corresponde, respectivamente, a 46,74% e 53,26%. Já na rodada equilibrada, a forma *você* se sobrepôs frente ao *tu*, sendo usada em 91 ocorrências o *você* e em 30 ocorrências o *tu*, isto é, em 75,2% dos casos prevaleceu o *você* e somente em 24,8% usou-se o pronome *tu*.

Por fim, no tempo *pretérito perfeito e imperfeito do indicativo*, na rodada principal, a forma *tu* se sobrepôs ao *você*, sendo usada em 14 ocorrências e o *você* em 7 ocorrências, correspondendo, respectivamente a 66,67% e 33,33% dos dados produzidos com o verbo nesse tempo verbal. Esse contexto não se mantém na rodada equilibrada, uma vez que, das 12 ocorrências correspondentes a esse tempo verbal, houve equilíbrio de uso, sendo usada a forma *você* em 6 ocorrências e o *tu* em 6 ocorrências, representando, respectivamente, 50% e 50% dos dados.

5.1.12 Sexo/Gênero entrevistador

5.1.12.1 Caracterização e hipóteses

Por decisão metodológica, é controlado na coleta de entrevistas do VMPOSC o fator estilístico *sexo/gênero do entrevistador e do informante*. Na composição final do VMPOSC, a amostra constará com a distribuição proporcional dos informantes nas células entre entrevistadores do *sexo/gênero feminino e masculino*, uma vez que, o objetivo é verificar os usos linguísticos das formas *tu* e/ou *você* pelos informantes na relação com as formas usadas pelos entrevistadores. Contudo, atualmente não contamos com essa distribuição proporcional, já que as coletas do VMPOSC não foram concluídas até o momento.

Assim, os pares conversacionais nas entrevistas sociolinguísticas estão distribuídos, atualmente, entre: entrevistadores do *sexo/gênero feminino* e informantes femininos e informantes masculinos (8); entrevistadores do *sexo/gênero masculino* e informantes femininos e informantes masculinos (9)⁹⁶.

Esta variável se faz importante observar, pois, retomando os pressupostos de Labov (2003), não há falante de estilo único, ou seja, todo falante mostrará alguma variação linguística dependendo do contexto no qual se encontra. Corroborando com esse apontamento, Trudgill (2000) descreve que um mesmo falante usa diferentes variedades

⁹⁶ Aqui é importante lembrar que estamos considerando os 17 informantes que apresentaram dados de uso das formas *tu* e/ou *você*, assim, possuímos uma entrevista a mais na categoria de entrevistadores do *sexo/gênero masculino* e informantes femininos e masculinos, mais especificamente, uma entrevista a mais em que o entrevistador é do *sexo/gênero masculino* e informante masculino.

linguísticas em diferentes situações e com diferentes objetivos, assim, controlam as possíveis influências do sexo/gênero entre os pares conversacionais.

Deste modo, constatado que o falante não possui um estilo único de fala, mas sim, que este se adapta aos mais diferentes contextos, e as entrevistas sociolinguísticas buscam coletar o vernáculo do falante, o intuito é que o falante se envolva com a temática, de modo a se depreender do modo como fala. Para tanto, criam-se contextos em que o informante sinta-se livre e, testar a variável sexo/gênero do entrevistador nos proporcionará perceber, se os contextos de fala em que os pares conversacionais possuem o mesmo sexo/gênero ou não, nos propicia uma fala mais próxima do vernáculo.

Ainda, o fato de em muitos casos o entrevistador, por mais que seja da mesma comunidade de fala, não é alguém conhecido do informante, acaba por inibir a fala natural do falante, pois, como aponta Bortoni-Ricardo (2011, p. 245) sobre a posição do entrevistador, o mesmo “[...] é o interagente dominante que detém mais controle sobre o discurso”, uma vez que, se estabelece uma relação hierárquica entre entrevistador e informante. Assim, um meio de solucionar esse impasse para a coleta do vernáculo, é o entrevistador se colocar no lugar de aprendiz, ou seja, se por na posição de quem utilizará as informações da entrevista sociolinguística como meio de conhecer a cidade, família, cultura, etc., do informante, pois isso propiciará que o informante se envolva com a temática e não monitore seu modo de falar.

Dos trabalhos que pesquisaram sobre a variação dos pronomes *tu* e/ou *você*, que constam na seção 2.3, constatamos que somente a pesquisa de Silva (2015), considerou o gênero do falante e do entrevistador, contudo, a variável não se apresentou significativa, assim, não temos acesso aos resultados da mesma.

De modo geral, temos como hipótese, com base em Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Franceschni (2011) e Rocha (2012), de que, como esses estudos apontam, o sexo/gênero feminino favorecerem o uso das formas *tu* e/ou *você*. De modo específico, o sexo/gênero dos entrevistadores femininos influenciará ao aparecimento da forma *tu*, uma vez que, observando os trabalhos de Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Franceschni (2011) e Rocha (2012), as mulheres usam mais a forma *tu*. Já em relação ao pronome *você*, este será favorecido quando o entrevistador for do sexo/gênero masculino, pois, com base em Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Franceschni (2011) e Rocha (2012), os homens usam mais a forma *você*.

5.1.12.2 Resultados e discussão

Como podemos perceber nos resultados apresentados na Tabela 28, em ambas as situações, com entrevistadores femininos e entrevistadores masculinos, ocorrem o uso tanto da forma *tu* quanto da forma *você*.

SEXO/GÊNERO ENTREVISTADOR	TU	VOCÊ	TOTAL	
	Apl/Total/%	Apl/Total/%	Apl	%
Entrevistador	24/64	40/64	64	23,9%
	37,5%	62,5%		
Entrevistadora	98/204	106/204	204	76,1%
	48,0%	52,0%		
Total	122/268	146/268	268	100,0%
	45,5%	54,5%		

Tabela 28: Atuação do fator *sexo/gênero entrevistador* sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* no VMPOSC.

Interessante perceber que, de modo geral, quando o entrevistador é do sexo/gênero feminino, o uso das formas pronominais *tu* e/ou *você*, em posição de sujeito, é muito maior, compreendendo 204 ocorrências (76,1%) da amostra, do que quando o entrevistador é do sexo/gênero masculino, que foram somente 64 ocorrências (23,9%) da amostra, ou seja, os contextos de interlocução das entrevistas sociolinguísticas nos quais o entrevistador é do sexo/gênero feminino propiciaram mais o emprego das formas *tu* e/ou *você* em posição de sujeito. Partindo disso, confirmamos nossa hipótese, baseada em Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004), Franceschini (2011) e Rocha (2012), de que o sexo/gênero feminino favorecerem o uso das formas *tu* e/ou *você*.

De modo específico, analisando o comportamento da variável *tu*, constatamos que, tanto quando o entrevistador é do sexo/gênero masculino quando o entrevistador é do sexo/gênero feminino, a forma *tu* não se sobrepõe ao *você*, uma vez que, das 64 ocorrências produzidas com um entrevistador, em 24 ocorrências os informantes usaram o *tu*, o que corresponde a 37,5% dos dados com entrevistador.

Um contexto de relativa estabilidade se apresenta, quando observamos os dados produzidos com entrevistador do sexo/gênero feminino, já que das 204 ocorrências, em

98 ocorrências os informantes usaram o *tu*, o que representa a 48% dos dados produzidos com uma entrevistadora.

Partindo do exposto, não confirmamos nossa hipótese, com base em Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Franceschni (2011) e Rocha (2012), de que o contexto com as entrevistadoras favoreceria o uso do *tu*, uma vez que neste contexto, o *tu* representa 48% dos dados.

Já com relação ao comportamento da variável *você*, percebemos que esta é favorecida nos contextos tanto com entrevistador quanto com entrevistadora, pois, no primeiro caso, das 64 ocorrências, em 40 ocorrências os informantes usaram o *você*, no segundo caso, das 204 ocorrências, em 106 ocorrências os informantes usaram a forma *você*, o que correspondem, respectivamente, a 62,5% dos dados com entrevistador e 52,0% com entrevistadora. Deste modo, confirmamos nossa hipótese, com base em Hausen (2000), Loregian-Penkal (2004), Franceschni (2011) e Rocha (2012), de que o contexto com entrevistador favorece o uso do *você*.

5.1.13 Informante

5.1.13.1 Caracterização e hipóteses

É por meio desta variável que pretendemos testar a variação no indivíduo, em relação à variação na referência de segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, em nossa amostra.

Ressaltamos que, para a análise dos resultados por indivíduo, observamos os informantes com uso categórico e não categórico, de ambas as formas, isto é, aqueles que têm, por um lado, *tu* e *você* em sua gramática e, por outro, aqueles que usam somente uma das formas para referência pronominal de segunda pessoa, na posição de sujeito.

A variável *indivíduo* foi controlada nas pesquisas de Loregian-Penkal (2004) e de Rocha (2012), se mostrando significativo em ambas as pesquisas.

Parindo da importância de se controlar esta variável, de modo a entender melhor como se desenvolve o processo de variação na referência de segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, temos como hipótese, com base Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004), que há variação no indivíduo chapecoense.

5.1.13.2 Resultados e discussão

Analisar a variação somente na comunidade, pode não só nos ajudar a explicar os processos de variação e/ou mudança linguística, essas observações também nos facilitaram observar se o comportamento do indivíduo reflete o comportamento da comunidade de fala e vice-versa. Segue a Tabela 29, com os resultados dos 17 informantes, que apresentaram ocorrências das formas de referência à segunda pessoa do singular em nossa amostra⁹⁷:

⁹⁷ Lembrando que utilizamos para identificar as informações sociais dos informantes, a seguinte estrutura, primeiramente, aparece a localidade deste CH: Chapecó, na sequência aparece o número da entrevista (que pode ser de 01 a 19); o sexo (M: Masculino; F: Feminino); a idade (A: 7-14 anos; B: 15-24 anos; C: 25-49 anos), e por último, o grau de escolaridade (EFI: Ensino Fundamental I; EFII: Ensino fundamental II; EM: Ensino Médio, ES: Ensino Superior).

INFORMANTE	TU	VOCÊ	TOTAL	
	Apl/Total/%	Apl/Total/%	Apl	%
CH01FAEFI	0/8 0,0%	8/8 100,0%	8	3,0%
CH02FAEFI	0/5 0,0%	5/5 100,0%	5	1,9%
CH03MAEFI	1/1 100,0%	0/1 0,0%	1	0,4%
CH05FAEFII	3/18 16,7%	15/18 83,3	18	6,7%
CH06FAEFII	7/29 24,1%	22/29 75,9%	29	10,8%
CH07MAEFII	4/17 23,5%	13/17 76,5%	17	6,3%
CH08MAEFII	3/3 100,0	0/3 0,0	3	1,1
CH09MBEFII	4/11 36,4%	7/11 63,6%	11	4,1%
CH10MBEFII	1/1 100,0%	0/1 0,0%	1	0,4%
CH11MBEM	13/14 92,9%	1/14 7,1%	14	5,2%
CH13MBES	4/5 80,0%	1/5 20,0%	5	1,9%
CH14FBES	0/26 0,0%	26/26 100,0%	26	9,7
CH15FBES	0/3 0,0%	3/3 100,0%	3	1,1%
CH16MCES	8/13 61,5%	5/13 38,5%	13	4,9%
CH17MCES	62/71 87,3%	9/71 12,7%	71	26,5%
CH18FCES	12/42 28,6%	30/42 71,4%	42	15,7%
CH19FCES	0/1 0,0%	1/1 100,0%	1	0,4%
Total	122/268 45,5%	146/268 54,5%	268	100,0%

Tabela 29: Atuação da variável *informante* sobre o uso dos pronomes *tu* e *voce* no VMPOSC.

De modo geral, constata-se que dos 17 informantes que apresentaram dados de uso das formas pronominais, aqui investigadas, 9 informantes apresentaram uso variável dos pronomes *tu* e *ocê* e 8 informantes fazem uso preferencial de uma das formas pronominais, sendo que, 3 informantes usam categoricamente o *tu* e 5 informantes o *ocê*. Esses dados acabam por confirmar nossa hipótese, embasada em Loregian-Penkall (2004), de que há variação no indivíduo chapecoense.

Também, constatamos que ocorre variação na comunidade chapecoense, pois dos 17 informantes que compõem a amostra VMPOSC, 8 informantes utilizam, em sua fala, categoricamente somente um dos pronomes de referência de segunda pessoa, em posição de sujeito, sendo que, 3 informantes ao preencherem a função de sujeito referente a segunda pessoa do singular o fazem com o *tu* e 5 informantes o fazem por meio do pronome *ocê*, conforme resultados apresentados na Tabela 30:

INFORMANTE	TU	VOCÊ
	Apl/%	Apl/%
CH01FAEFI	0 0,0%	8 100,0%
CH02FAEFI	0 0,0%	5 100,0%
CH03MAEFI	1 100,0%	0 0,0%
CH08MAEFII	3 100,0	0 0,0
CH10MBEFII	1 100,0%	0 0,0%
CH14FBES	0 0,0%	26 100,0%
CH15FBES	0 0,0%	3 100,0%
CH19FCES	0 0,0%	1 100,0%
Total	5 10,42%	43 89,58%

Tabela 30: Atuação da variável *informante* com usos categóricos das formas *tu* ou *ocê* no VMPOSC.

Observando somente os dados com informantes de uso categóricos, constatamos que, em linhas gerais, temos somente 5 ocorrências de uso do *tu* e 43 ocorrências de uso

do *você*, assim, percebemos que mesmo dentro dos informantes com usos categóricos, os dados de *você* superam significativamente o casos de uso do *tu* é maior em nossa amostra.

Também, um panorama interessante de variação se observa quando analisamos a variável *escolaridade* nesses informantes, pois não há nenhum informante do Ensino Fundamental I que varie no uso das formas *tu* e *você*, ao contrário dos informantes que fazem uso categórico destas. É interessante destacar que, em relação ao uso categórico das formas *tu* ou *você*, não apareceu nenhum informante com o nível de escolaridade Ensino Médio com uso categórico.

Observando o comportamento da variável *tu* nos informantes com uso categóricos, interessante destacar que, considerando o sexo/gênero, constatamos que todos os informantes do sexo masculino, que compreende 3 informantes, fizeram uso categórico da forma *tu*.

Observando a variável independente *faixa etária*, nos informantes de 7 a 14 anos, 2 informantes, dos 4 que fazem uso categórico, usam categoricamente a forma *tu*. Entre os informantes de 15 a 24 anos, que fazem uso categórico de uma das formas, num total de 3 informantes, somente 1 informante do sexo masculino faz categórico do *tu*.

No fator *escolaridade*, dos 3 informantes com usos categóricos, somente 1 informante usa categoricamente a forma *tu* dos informantes com Ensino Fundamental I, já nos informantes com Ensino Fundamental II, os 2 informantes fazem uso categórico do *tu*. Em resumo, não constatamos informantes com Ensino Superior, que façam uso categórico do *tu*.

Já observando o comportamento da variável *você*, nos informantes com uso categórico da forma, considerando o sexo/gênero do informante, percebemos que todos os informantes do sexo feminino, sendo 5 informantes, fizeram uso categórico da forma *você*.

Considerando a *faixa etária*, de informantes de 7 a 14 anos, dos 4 informantes que fazem uso categórico, 2 informantes do sexo masculinos usam a forma *você*. Dos 3 informantes com idades entre 15 a 24 anos, 2 informantes do sexo feminino fazem uso categórico do *você*. Ainda, somente 1 informante do sexo feminino, com idade entre 25 e 49 anos, faz uso categórico do *você*. Em suma, na variável *faixa etária* dentro dos informantes com uso categórico, percebe-se que, a não ser na primeira faixa etária (7 a

14 anos), que possui 2 informantes categóricos de cada forma, nas outras duas faixas etárias ocorre maior uso categórico do *você*.

Por fim, considerando o fator *escolaridade* e uso das formas, há 3 informantes com uso categóricos do Ensino Fundamental I, sendo que destes, 2 informantes usam o *você* categoricamente. Não constatamos nenhum informante com Ensino Fundamental II que faça uso categórico do *você*. Já com relação ao Ensino Superior, os 3 informantes que fazem uso categóricos, usam o pronome *você*.

Vamos observar agora como se apresenta a variação no indivíduo, para tanto, temos 9 informantes que variam no uso dos pronomes de referência à segunda pessoa do singular, sendo que desses, 5 informantes tem a forma *você* (83,3%; 75,9%; 76,5%; 63,6% e 71,4%) significativamente maior que o uso da forma *tu* (16,7%; 24,1%; 23,5%; 36,4% e 28,6%, respectivamente). Observemos as informações na Tabela 31 abaixo:

INFORMANTE	TU	VOCÊ
	Apl/%	Apl/%
CH05FAEFII	3 16,7%	15 83,3
CH06FAEFII	7 24,1%	22 75,9%
CH07MAEFII	4 23,5%	13 76,5%
CH09MBEFII	4 36,4%	7 63,6%
CH11MBEM	13 92,9%	1 7,1%
CH13MBES	4 80,0%	1 20,0%
CH16MCES	8 61,5%	5 38,5%
CH17MCES	62 87,3%	9 12,7%
CH18FCES	12 28,6%	30 71,4%
Total	117 53,18%	103 46,82%

Tabela 31: Atuação da variável *informante* na variação das formas *tu* e *você* no VMPOSC.

De modo geral, somando todos os dados dos informantes que variam no uso de ambas as formas pronominais, podemos perceber certa estabilidade de uso das mesmas, uma vez que, do total de 200 ocorrências em contexto de variação no indivíduo, o pronome *tu* foi utilizado em 117 ocorrências, o que compreende 53,18% dos dados, e o pronome *você* em 103 ocorrências, correspondendo a 46,82%. Assim, mesmo havendo uma pequena porcentagem a mais de uso do *tu*, a frequência de ocorrência de ambas as formas são próximas.

Como temos 9 informantes de nossa amostra que fazem uso alternado de *tu* e *você*, se somados aos categóricos, temos o seguinte panorama: 14 falantes tem *você* mais *tu* e *você* em sua gramática e 12 têm *tu* mais *tu* e *você*.

Em linhas gerais, percebemos, novamente, que os informantes do sexo feminino usam mais o pronome de referência a segunda pessoa do singular *você*, em comparação aos informantes do sexo masculino que usam mais da forma *tu*. Ao analisar a faixa etária dos informantes que variam no uso do *tu* e *você*, constatamos que os informantes da primeira faixa etária fazem maior uso da forma *você*, em comparação as demais faixa etária que utilizam mais o uso do *tu*.

Diagnosticamos, em linhas gerais, ao observar a variável escolaridade, que nenhum dos informantes com Ensino Fundamental I variam na referência a segunda pessoa do singular em posição de sujeito, e que, no Ensino Fundamental II, os informantes variam, com maior uso da forma *você*. Foi no Ensino Médio e no Ensino Superior que os informantes que variam no uso das formas *tu* e *você*, com predomínio do *tu* em relação ao *você*, se apresentaram, pois somente 1 informante do Ensino Superior fez uso maior do *você* em relação ao *tu*.

De modo específico, observando o comportamento da variável *tu*, conforme resultados da Tabela 31, é interessante destacar que quando relacionamos a variável *indivíduo* com a variável *sexo/gênero*, constatamos que 6 informantes que variam são do *sexo/gênero* masculino, sendo que destes 4 informantes fazem uso maior do *tu* (92,9%; 80,0%; 61,5% e 87,3%), já os outros 2 informantes *sexo/gênero* masculino usam em menor escala o *tu* (23,5% e 36,4%). Em relação aos dados dos informantes com *sexo/gênero* feminino, todas apresentam menos uso da forma *tu* (16,7%; 24,1% e 28,6%).

Com relação a variável *faixa etária*, nos dados com informantes de 7 a 14 anos, constatamos que estes, usam em menor escala a forma ao *tu* (16,7%; 24,1% e 23,5%, respectivamente). A segunda faixa etária, que compreende de 15 a 24 anos, é composta

por 3 informantes que variam o uso dos pronomes *tu* e *você*, sendo que destes, 2 fazem uso predominante da forma *tu* (92,9% e 80,0%) e somente 1 informante tem a forma *tu* menos recorrente na fala (36,4%). Nos informantes com idades entre 25 e 49 anos, que também é representado por 3 informantes, sendo que destes, 2 informantes fazem uso mais a forma *tu* (61,5% e 87,3%), e somente um faz menor uso do *tu* (28,6%).

Analisando o fator *escolaridade*, um dado muito interessante constatado foi que dos 4 informantes do Ensino Fundamental II, nenhum tem a forma *tu* significativa na fala (16,7%; 24,1%; 23,5% e 36,4%). O nosso único informante com Ensino Médio apresenta variação, com o predomínio significativo da forma *tu*, sendo que das 14 ocorrências produzidas por este informante, em 13 ocorrências o informante faz uso do *tu*, o que corresponde 92,9% de seus dados. Os informantes com Ensino Superior, apresentaram maior variação com predomínio da forma *tu*, pois dos 4 informantes, 3 informantes fizeram uso maior do *tu* (80%; 61,5% e 87,3%) e somente 1 informante apresentou pouco uso do *tu*, já que das 42 ocorrências, em 12 ocorrências, que corresponde 28,6% dos dados produzidos por esse informante, o mesmo usou o pronome *tu*.

Com relação ao comportamento da variável *você*, ao relacionamos as variáveis *indivíduo* e *sexo/gênero*, percebemos que os 6 informantes que variam são do *sexo/gênero* masculino e fazem menor uso da forma *você* (7,1%; 20,0%; 38,5% e 12,7%), já os outros 2 informantes do *sexo/gênero* masculino, tem a forma *você* predominante (76,5% e 63,6%). Com relação à amostra de dados dos 3 informantes do *sexo/gênero* feminino, estas apresentam maior frequência de uso da forma *você* (83,3%; 75,9% e 71,4%).

Quando analisamos os informantes que variam o uso de *tu* e *você*, a *faixa etária* com informantes de 7 a 14 anos é representada por 3 informantes, que tem o uso da forma *você* (83,3%; 75,9% e 76,5%) predominante na fala. Nos informantes com idades entre 15 a 24 anos, que compreende 3 informantes que variam o uso dos pronomes *tu* e *você*, 2 informantes usam menos a forma *você* (7,1% e 20,0%), e somente 1 informante tem a forma *você* (63,3%) predominante. Por fim, na terceira faixa etária, com informantes entre 25 e 49 anos, dos 3 informantes, 2 informantes fazem menos uso do *você* (38,5% e 12,7%) e 1 informante apresenta maior uso da forma *você* (71,4%), em relação ao *tu*.

Em relação a *escolaridade*, interessante observar que os 4 informantes do Ensino Fundamental II tem a forma *você* (83,3%; 75,9%; 76,5% e 76,5%) predominante em sua fala. Interessante perceber que o único informante com Ensino Médio de nossa amostra,

faz pouco uso da forma *you*, já que das 14 ocorrências produzidas, somente em 1 ocorrência, o que corresponde a 7,1% de sua amostra, este usou o *you*. Nos dados dos informantes com Ensino Superior, 3 informantes apresentaram pouca frequência de uso do *you* (20,0%; 38,5% e 12,7%), assim, somente 1 informante com Ensino Superior apresentou maior frequência de uso do *you*, com 30 ocorrências que correspondem a 71,4% de sua produção de dados

Apresentados nossos resultados, é interessante observar como se comportam os resultados de nossa amostra em comparação com os da pesquisa realizada por Loregian-Penkak (2004)⁹⁸:

Autor (ano)	Só TU	Só VOCÊ	Tu + Você	TOTAL
	Apl/Total/%	Apl/Total/%	Apl/Total/%	
Varsul/Chapecó (LOREGIAN-PENKAL, 2004)	06/24	02/24	16/24	24
VMPOSC (2017)	03/17	05/17	09/17	17
Total	09/41	07/41	25/41	41

Tabela 32: Atuação do fator *Informante* sobre o uso dos pronomes *tu* e/ou *you* em nossa amostra de Loregian-Penkak (2004) e da amostra do VMPOSC.

Observando a Tabela 32, mesmo relativizando a representatividade dos informantes nas duas amostras, de modo geral, percebemos que mantém-se a variação no indivíduo, uma vez que, dos 41 informantes das amostras, 25 informantes variam no uso das formas *tu* e *you*, em posição de sujeito. Em seguida, aparece os informantes com uso categórico do pronome *tu*, que compreende 9 informantes, por fim, vem os informantes com uso categórico do *you* com 7 informantes.

De modo específico, considerando as amostras totais de informantes, ainda se apresenta significativo o número de informantes que variam no uso das formas *tu* e *you*, sendo 16 informantes na amostra de Loregian-Penkak (2004) e 9 informantes da amostra VMPOSC, sendo que desses 9 informantes, 5 informantes utilizam mais o *you* em relação ao *tu*, e 4 fazem maior uso do *tu* em relação ao *you*. Em linhas gerais, esses

⁹⁸ Não apresentamos aqui, os resultados da pesquisa desenvolvida por Hausen (2000), pois este não relata os dados da cidade de Chapecó separadamente aos dados das demais cidades por ela investigada.

dados apontam indícios de uma possível progressão de uso da forma *você*, que já aumentou em relação a pesquisa anteriormente realizada.

Com relação ao uso categórico da forma *tu*, os dados nos apresentam um indício, conforme os dados acima, de que este vem perdendo espaço na fala dos chapecoenses, uma vez que, em Loregian-Penkall (2004) eram 6 informantes e em nossa amostra temos a metade deste número, ou seja, 3 informantes que fazem uso categórico da forma *tu*.

Frente ao comportamento da forma *você*, constatamos que este ganhou mais espaço na fala dos chapecoenses, pois já apresenta 5 informantes com uso categórico, em comparação aos 02 informantes da amostra de Loregian-Penkall (2004).

Concluindo nossos apontamentos sobre a variação com relação à referência de segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, pelas variáveis *tu* e *você*, confirmamos nossa hipótese, com base em Loregian-Penkall (2004), de que há variação no indivíduo se mantém evidente nos dados de fala da cidade de Chapecó, segundo os dados da amostra VMPOSC.

Passaremos, no próximo subcapítulo, a realizar uma análise quantitativa, como já apontado na seção 4.2, sobre as percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses frente aos pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e/ou *você*, relacionando seus resultados aos resultados de variação quantitativos da referência à segunda pessoa do singular, em posição de sujeito.

5.2 PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS CHAPECOENSES FRENTE À REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA POSIÇÃO DE SUJEITO

Nesta seção, objetivamos demonstrar as percepções e atitudes de 7 informantes chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, coletados com base em excertos de fala, extraídas de bancos de dados sociolinguísticos das comunidades de Chapecó/SC, Natal/RN e Itabaiana/SE. Os resultados foram obtidos a partir da aplicação de quatro mapas, inspirados nos moldes da DP, conforme detalhado na seção 4.2.

Em linhas gerais, nesta seção temos dois propósitos: o primeiro, que compreende das subseções 5.2.1 a 5.2.4, tem o intuito de descrever os resultados e discussões a cerca da percepção linguística dos chapecoenses, frente a presença dos pronomes *tu* e/ou *você* ao longo do território brasileiro e do estado de Santa Catarina; o segundo

objetivo, apresentado na seção 5.2.5, compreende em descrever e analisar as atitudes linguísticas dos chapecoenses, frente ao uso dos pronomes *tu* e/ou *você* nos diferentes contextos comunicativos.

Considerando que os estudos cartográficos da DP, desenvolvidos até o momento, como por exemplo, os trabalhos das coletâneas organizadas por Dennis Preston e Daniel Long (1999; 2002), nas diferentes línguas, no contexto brasileiro temos a pesquisa de Nunes e Seara (2011), que enfocaram as características prosódicas e entonacionais linguística do florianopolitano, frente ao seu falar e ao falar do lageano. Também, temos a pesquisa de Rosa (2014), que identificou subcomunidades dentro da fala de Porto Alegre, caracterizando hábitos, percepções e atitudes linguísticas frente a sua variedade linguística e das variedades regionais, como detalhamos na seção 3.2, têm-se centrado, sobre as diferenças de dialetos regionais. A análise cartográfica qualitativa, nos possibilita observar se o chapecoense percebe os diferentes usos dos pronomes *tu* e/ou *você*, nas variedades linguísticas do Sul e do Nordeste.

Para tanto, como já descrito na seção 4.2, utilizamos cinco mapas-sínteses⁹⁹ e um questionário para coleta, também, seguiremos para a descrição e análise dos resultados, a sequência realizada durante as coletas. Apresentaremos também, por meio de mapas, rotulados pelos informantes, aspectos para discussão das especificidades apontadas por alguns informantes.

No questionário simulamos situações nas quais os informantes deveriam se dirigir a um interlocutor (a segunda pessoa do discurso), em diferentes contextos, também, deveriam julgar algumas estruturas de uso dos pronomes *tu* ou *você*.

Cabe destacar, que nenhum informante consultou um mapa com as divisões territoriais do Brasil ou de Santa Catarina ao traçarem suas demarcações, de modo a não influenciar os apontamentos realizados. Contudo, como perceberemos nas análises a seguir, a maioria dos informantes realizou suas demarcações, tendo como base as divisões territoriais (regiões, estados, mesorregiões, microrregiões e municípios), deste modo, optamos por realizar nossas descrições e análises, também considerando essas delimitações, mesmo não sendo este nosso objetivo inicial.

⁹⁹ Cabe aqui destacar que, para elaborar os mapas resumos que compõem nossas análises, demarcamos por meio de um ponto o exato local no qual o mesmo posicionou a informação. Os casos em que os informantes demarcaram áreas maiores (por meio de círculos, retas, traços, e outros), serão também apresentados e discutidos individualmente.

Como esta etapa ocorreu logo após a aplicação do questionário da entrevista sociolinguística, a gravação do áudio foi mantida, com o intuito de complementar as informações demarcadas pelos informantes nos mapas, uma vez que, em alguns casos, a resposta demarcada no mapa foi detalhada oralmente.

5.2.1 O uso de *Tu e/ou Você* no Brasil: a percepção linguística dos chapecoenses

A primeira tarefa solicitada ao informante foi que este demarcasse, no mapa do Brasil, quais áreas que, segundo sua percepção se usam as formas *tu e/ou você*, também, este deveria nomear a área sinalizada. Deste modo, observando as pesquisas realizadas sobre o uso das formas *tu e/ou você* no espaço brasileiro, como por exemplo, Ramos (1989), Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004), Sales (2004), Zilli (2009), Alves (2010, 2012), Franceschini (2011), Rocha (2012), entre outros, e do levantamento realizado por Scherre et al (2015), detalhados na seção 2.3, nossa hipótese é que o chapecoense perceberá a presença das formas *tu e/ou você* na variedades do PB.

Partindo dessa instrução, os 7 informantes realizaram a tarefa e, com base nos resultados, elaboramos o mapa-síntese, conforme Figura 05 a seguir, apresentando, primeiramente, os resultados quanto à demarcação do uso do *tu e/ou você* no território brasileiro e, mais adiante, sumarizamos os resultados referentes à denominação das áreas, segundo os entrevistados.

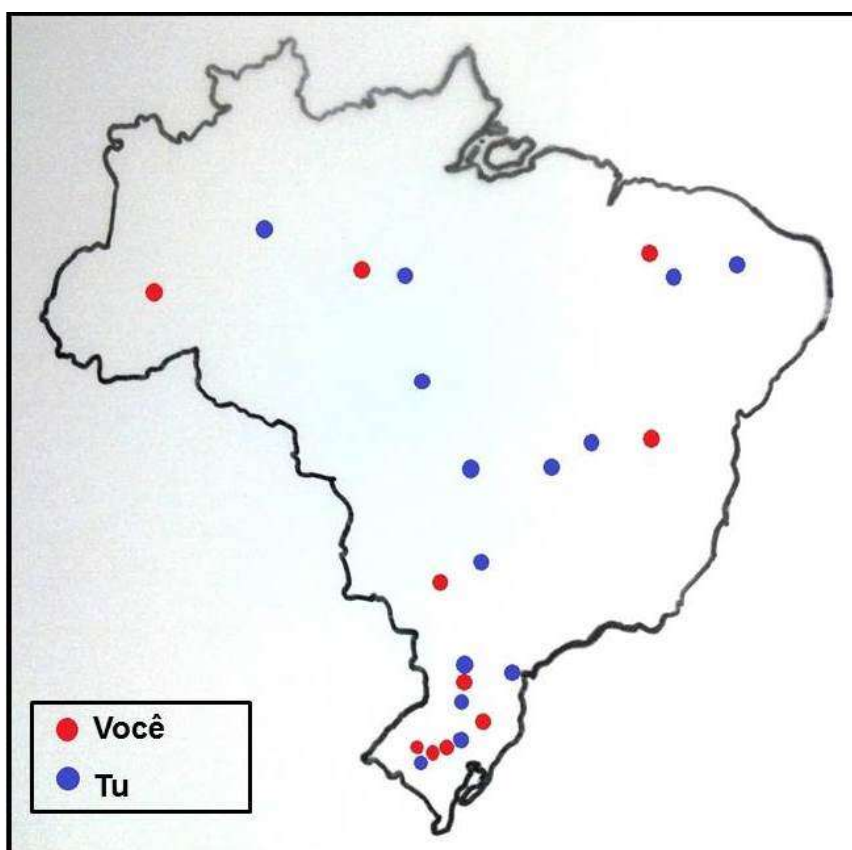


Figura 05: Mapa-síntese da percepção dos chapecoenses com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território brasileiro.

Constatamos que os chapecoenses, de modo geral, percebem o uso variável das formas pronominais *tu* e/ou *você* no país, uma vez que, a sinalização se estendeu ao longo do território nacional, o que acaba por confirmar nossa hipótese, embasada em Ramos (1989), Hausen (2000), Loregian-Penkak (2004), Sales (2004), Zilli (2009), Alves (2010, 2012), Franceschni (2011), Rocha (2012), entre outros, e Scherre et al (2015), de que o chapecoense perceberia a presença de uso dos pronomes *tu* e/ou *você* no PB.

Em linhas gerais, das 24 sinalizações, os 7 informantes chapecoenses entrevistados demarcaram mais pontos de uso da forma *tu*, com 14 áreas, do que de *você*, com 10 áreas. Restringindo para a região Sul do país, das 10 sinalizações, percebemos que tanto o *tu* quanto o *você* aparecem com 5 áreas demarcadas, mensurando assim, um equilíbrio, segundo a percepção dos chapecoenses da amostra.

No restante do país¹⁰⁰, percebemos que os informantes demarcaram mais a presença da forma *tu*, com 9 pontos/locais, do que o *você*, com 5 pontos/locais.

As informações, apontadas na Figura 05, demonstram que os chapecoenses percebem que os brasileiros variam no preenchimento de segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, com as formas *tu* e/ou *você* no PB, ou seja, há variação na comunidade segundo a percepção dos chapecoenses, uma vez que, ambos os pronomes foram demarcados ao longo do território brasileiro.

Identificamos dois métodos dos quais os informantes utilizaram para demarcar as áreas de uso de *tu* e/ou *você*. No primeiro, o informante traça linhas divisórias dos locais de uso das formas, como na Figura 06:



Figura 06: Mapa da percepção do informante CH15FBES com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território brasileiro.

O informante CH15FBES traça linhas divisórias localizadas, mais ou menos, entre os dois estados da região Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e o restante do país. Registra também, que a forma *você* é produzida no estado do Rio Grande do Sul e no

¹⁰⁰ Ressaltamos que, devido à dificuldade da pesquisadora em definir exatamente as regiões, uma vez que, o mapa não apresentava as divisões territoriais das regiões brasileiras, assim, optamos por diferenciar somente do Sul do Brasil em comparação as outras regiões brasileiras.

restante do país, já no estado de Santa Catarina e parte do estado do Paraná, o informante demarcou a presença da forma *tu*.

Ainda que os mapas entregues aos informantes não apresentassem nenhuma demarcação de regiões, estados, mesorregiões, microrregiões e municípios, o segundo método teve como base essas características para pontuar sua percepção, com relação a presença dos pronomes *tu* e/ou *você*.

Na Figura 07, o informante CH09MBEFII não demarcou uma área de abrangência das formas (*tu* e/ou *você*), mas registrou, a presença de variação entre *tu* e/ou *você* no estado de Santa Catarina, com o emprego apenas da forma *tu* na cidade de Balneário Camboriú, característica do *sotaque peixeiro*, segundo seu relato. Também, sinalizou a presença de *tu* no estado de Pernambuco, localizado na região nordeste:



Figura 07: Mapa da percepção do informante CH09MBEFII com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território brasileiro.

Para melhor compreender os resultados extraídos dos mapas, demarcados pelos informantes, passamos agora a descrever as percepções linguísticas dos chapecoenses sobre a presença das formas *tu* e/ou *você* no território brasileiro, considerando as cinco regiões brasileiras: Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Na região Sul do país, segundo os registros dos entrevistados, 3 informantes percebem que há variação no uso das formas *tu* e *você*, contudo, 3 informantes não sinalizaram essa variação e 2 informantes pontuaram que somente a variável *tu* ocorre no Sul. Um desses informantes demarcou a presença da forma *tu* na região do Centro-Oeste, entretanto, relatou que o pronome está presente na fala da região Sul, e não da região Centro-Oeste, como demarcou no mapa, o que pode ser um sinalizador da dificuldade de localização geográfica do informante.

Quanto à presença da forma *você*, 1 informante sinalizou sua presença na fala da região Sul, já outro informante, que demarcara essa forma na região, relatou oralmente a maior frequência do *você*, ou seja, não descartou a presença do *tu*, ainda que não a tivesse demarcado no mapa.

Segue detalhamento dos apontamentos, extraídos dos mapas demarcados pelos informantes, quanto ao uso dos pronomes (*tu* e/ou *você*) no Sul do país. Destacamos que, como um de nossos objetivos é contrapor as falas das regiões Sul e Nordeste, apresentamos no Quadro 15 abaixo, as demarcações, por meio da marcação (X), realizadas por cada informante referente à presença do *tu* e/ou *você* na região Sul:

INFORMANTE	TU	VOCÊ	TU/VOCÊ
CH09MBEFII			X
CH10MBEFII			X
CH11MBEM		X	
CH12FBEM	X		
CH13MBES		X	
CH14FBES	X		
CH15FBES			X

Quadro 15: Quadro demonstrativo da presença do *tu* e/ou *você* na região Sul do Brasil segundo percepção dos chapecoenses.

Contrapondo estes resultados, do Quadro 15, com o levantamento dos estudos sobre *tu* e/ou *você* na região Sul, realizado na seção 2.3.1, constatamos que 4 informantes, de um total de 7 informantes, ou seja, a maioria de nossa amostra não percebe a realidade linguística de referência à segunda pessoa do singular no Sul do Brasil, uma vez que, os trabalhos já realizados, como Ramos (1989), Hausen (2000),

Loregian-Penkall (2004), Zilli (2009), Franceschini (2011) e Rocha (2012), constataram a presença de uso de ambas as formas, ainda que, em porcentagens distintas.

Na região Nordeste do país, segundo a perspectiva dos informantes, 2 chapecoenses não efetuaram demarcação alguma, acerca da presença das duas formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular e 1 informante demarcou que ocorre variação no uso das formas *tu* e *você* na fala dos nordestinos. Interessante destacar que, para 4 informantes, somente uma dessas formas está presente na fala do nordestino, sendo que 1 informante percebe que os falantes nordestinos utilizam a forma *você* em sua fala e 3 informantes demarcaram que a forma *tu* é a variável usada para referir à segunda pessoa do singular, contudo, novamente 1 informante pontua oralmente que ocorre mais a presença do *tu*, ou seja, em sua explicação oral, o mesmo não descarta a presença do *você*, ainda que não a demarque no mapa.

Segue detalhamento dos apontamentos extraídos dos mapas demarcados pelos chapecoenses, quanto ao uso dos pronomes (*tu* e/ou *você*) no nordeste do país. Lembrando que, como apontamos mais acima, um de nossos objetivos é contrapor as falas das regiões Sul e Nordeste, assim, neste momento apresentamos, no Quadro 16 abaixo, as demarcações, por meio do (X), realizadas por cada informante referente à presença do *tu* e/ou *você* na região nordeste:

INFORMANTE	TU	VOCÊ	TU/VOCÊ	SEM INFORMAÇÃO
CH09MBEFII	X			
CH10MBEFII				X
CH11MBEM	X			
CH12FBEM		X		
CH13MBES	X			
CH14FBES			X	
CH15FBES				X

Quadro 16: Quadro demonstrativo da presença do *tu* e/ou *você* na região Nordeste do Brasil segundo percepção dos chapecoenses.

Contrapondo os resultados expostos no Quadro 16, com os estudos realizados sobre a presença dos pronomes *tu* e/ou *você* na fala na região Nordeste, como por exemplo, Sales (2004), Alves (2010, 2012), Nogueira (2013) e Silva (2015), detalhadas na seção 2.3.2, percebemos uma realidade contrária, uma vez que, ambas as formas

ocorrem na região nordestina, ainda que, em alguns locais, como por exemplo, em Salvador, o uso de *você* é categórico, conforme Nogueira (2013).

Já com relação aos 3 informantes que marcaram que somente a forma *tu* esta presente na fala da região nordeste, comparando com os trabalhos citados acima, a forma *você* se apresenta como a mais presente na fala dos nordestinos, não diminuindo sua frequência a menos de 60% dos dados analisados. Somente nas cidades de Balsas-MA e Bacanal-MA, na pesquisa de Alves (2010), sobre o falar maranhense, que situação distinta é constatada, pois a frequência de uso dos pronomes *tu* e/ou *você* é equilibrada.

Na região Norte do país, dos 7 informantes da amostra, 2 informantes não demarcaram nenhuma informação da presença das variantes na região, 2 informantes sinalizaram que somente a forma *você* está presente no Norte do país, e 3 informantes demarcaram a presença de somente a variável *tu*. Porém, um desses informantes mencionou oralmente que ocorre *mais* a presença do *tu*, ou seja, não descartou a presença do *você*, ainda que não demarcou no mapa esta possível ocorrência. Ainda, interessante perceber que para os chapecoenses de nossa amostra, não há variação no uso das formas *tu* e *você* na região Norte do país, mas o uso predominante de uma ou outra forma, sobrepondo-se a forma *tu* na percepção de 3 informantes.

Contrastando os resultados das percepções linguísticas dos chapecoenses com as pesquisas realizadas na região nordeste, de acordo com o levantamento realizado por Scherre et al (2015), já apresentado na seção 2.3, percebemos a presença de diversos subsistemas na região, e não somente presença de uma forma *tu* ou *você*, como apontaram a maioria dos informantes.

Em linhas gerais, constatamos a presença de diferentes subsistemas ao longo da região Norte, uma vez que, o subsistema *só você* e *tu/você* com concordância baixa (menos de 10%), é encontrado no estado de Tocantins, o subsistema *tu/você* com concordância alta (entre 40% e 60%), é encontrado na capital Belém, do estado do Pará, já o subsistema *mais tu* com concordância baixa (menos de 10%), é encontrado no interior do estado do Amazonas, mais especificamente, na cidade de Tefé, e na capital Manaus ocorre a presença do subsistema *tu/você* com concordância baixa (entre 10% e 39%), por fim, nos estados de Roraima e Acre, encontramos o subsistema *você/tu* sem concordância.

Na região Centro-Oeste, somente 1 informante não realizou nenhuma demarcação de presença das variantes *tu* e/ou *você*, somente 1 informante demarcou que ambas as

formas ocorrem nessa região, 2 informantes demarcaram que a forma *você* é a usada na região. Assim, 3 informantes demarcaram que a forma *tu* é a usada na região Centro-Oeste do país, ainda, um dos informantes relatou, oralmente, que ocorre mais a presença do *tu*, ou seja, em sua explicação oral, o mesmo não descarta a presença do *você*, ainda que não demarque no mapa esta presença.

Analisando a descrição realizada por Scherre et al (2015), em contraponto com a percepção dos informantes, percebemos que, ao contrário das demarcações realizadas, as pesquisas levantadas constataram que a região Centro-Oeste apresenta comportamento uniforme com relação ao uso das formas *tu* e/ou *você*, com predomínio do subsistema *só você*.

Na região Sudeste, 2 informantes não realizaram nenhuma marcação de presença das formas nessa região, somente 1 informante percebe que há variação no uso do *tu* e *você* no Sudeste. Houve 4 informantes que percebem o uso de somente uma variável na região Sudeste, sendo que 1 informante aponta o *você* como variável representativa do Sudeste e, os demais 3 informantes, apontaram que somente a forma *tu* esta presente na fala das pessoas que moram na região Sudeste.

Interessante perceber que, observando os resultados de Scherre et al (2015), a região Sudeste apresenta predominantemente o subsistema *só você*, porém, ainda apresenta o subsistema *você/tu sem concordância* na cidade do Rio de Janeiro.

Outro aspecto que tínhamos como intuito mensurar em nossas coletas, era como os chapecoenses de nossa amostra nomeavam cada área de uso do *tu* e/ou *você*, contudo, somente 4 informantes realizaram esta etapa.

Como já citamos, os informantes tomaram como base, em suas demarcações as divisões territoriais do Brasil, deste modo, 1 informante nomeou a partir da referência de cidade, como é o caso de *Balneário Camboriú*, com emprego de *tu*, ou com a identificação dos estados, como foi o caso de *Santa Catarina*, com as formas *tu* e/ou *você*, e de *Pernambuco* com o *tu*.

Outros 2 informantes nomearam as regiões nas áreas demarcadas, e empregaram os termos *Centro-Oeste* e *Sul* como nomes das áreas, ambas com a presença do *tu* e *você*. Já o segundo informante dividiu o país em *Norte*, com a presença do *tu*, e *Sul* com a presença do *você*.

O único caso em que o informante não utilizou somente as divisões políticas para nomear as áreas demarcadas é apresentado a seguir:



Figura 08: Mapa da percepção do informante CH14FBES com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território brasileiro.

Constatamos na Figura 08 acima, que apesar de fazer uso das divisões políticas das regiões brasileiras em alguns momentos, como por exemplo, quando delimita o uso do pronome *tu* a região Norte do país, o informante CH14FBES é mais criativo ao nomear as áreas de modo geral, uma vez que, para a região que corresponde ao Nordeste do país, ele a nomeia como falar *Nordestino*, com uso das formas *tu* e *você*, as áreas que corresponderiam ao Sudeste e Centro-Oeste, o informante nomeia como *Paulista/Carioca*, com a forma *tu* usada e a região Sul do país o informante nomeia como *Gaúcho*, com a forma *tu* presente na área.

Infelizmente, ainda são poucas as informações sobre a presença das formas *tu* e/ou *você* no território nacional pela percepção do chapecoense, contudo, já podemos ressaltar que, o chapecoense percebe que há a variação no uso das formas *tu* e/ou *você* ao longo do Brasil e que, com relação ao Sul do país, a maioria dos informantes também percebe o uso concomitante das formas.

5.2.2 Percepção do chapecoense frente à referência de segunda pessoa do singular em Chapecó-SC, Itabaiana-SE e Natal-RN

A segunda tarefa solicitada aos informantes chapecoenses foi, a partir da audição de 7 excertos¹⁰¹ de fala da região Sul, mais especificamente da cidade de Chapecó-SC, e do Nordeste, mais especificamente das cidades de Itabaiana-SE e Natal-RN, que demarcassem, no mapa do Brasil, o local de origem de cada um dos áudios ouvidos.

Conforme detalhamento na seção 4.2, nosso intuito era mensurar se os 7 chapecoenses percebem as diferenças entre a sua variedade e a do outro (especificamente a do Nordeste). Assim, nossa hipótese, considerando as pesquisas realizadas sobre o uso das formas *tu* e/ou *você*, tanto na região Sul do país (RAMOS, 1989; HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012), quanto na região Nordeste (SALES, 2004; ALVES, 2010, 2012; NOGUEIRA, 2013; MOURA, 2013; SILVA, 2015), é de que o chapecoense reconhecerá a diferença entre a sua variedade linguística e a do outro.

Transcrevemos a seguir, cada uma das ocorrências com os pronomes *tu* e *você*, em posição de sujeito, que selecionamos para serem reproduzidas aos informantes nesta etapa da pesquisa:

Áudio 01: “Espingarda, né? Essas coisarada assim **tu** ficava[s] inventando!”. (Excerto com pronome *tu* de um homem, com idade entre 25 e 49 anos, com escolaridade Colegial, de Chapecó-SC, extraído do banco de dados do *VARISUL*).

Áudio 02: “E o pé esquerdo, esse que eu tenho formaça fico[u] virado, [vo]cê viu que é torto, né?”. (Excerto com o pronome *você* de uma mulher, com idade acima de 50 anos, com escolaridade Colegial, de Chapecó-SC, extraído do banco de dados do *VARISUL*).

Áudio 03: “Para que **você** tenha um bom resultado na sua vida profissional. [Vo]Cê precisa se dedica[r] muito, mas muito mesmo”. (Excerto com pronome *você* de um

¹⁰¹ Na seleção dos excertos utilizados, selecionamos aqueles que apresentassem o mínimo possível de marcas fonético-fonológicas das cidades investigadas (Chapecó/SC, Itabaiana/SE e Natal/RN). Como nosso objeto são os pronomes *tu* e *você*, controlamos a estratificação social de cada excerto, contudo, não encontramos na amostra de entrevistas de Itabaiana/SE e Natal/RN ocorrências do pronome *tu* e da cidade de Natal/RN, conseguimos somente duas entrevistas com informantes masculinos, o que nos impossibilitou de inserir excertos de fala feminina de Natal/RN.

homem, com idade entre 15 e 24 anos, com escolaridade Ensino Superior, de Itabaiana-SE, extraído do banco de dados *Falares Sergipanos*).

Áudio 04: “Não sei se **tu** entende[s] a quantia de metros de alque[i]res?” (Excerto com pronome *tu* de uma mulher, com idade acima de 50 anos, com escolaridade Colegial, de Chapecó-SC, extraído do banco de dados do *VARSQL*).

Áudio 05: “Por exemplo, Santa Terezinha que era bastante italiano, né? Então **você** ia nas festa[s] de igreja, as cuca[s], né?” (Excerto com pronome *você* de um homem, com idade entre 25 e 49 anos, com escolaridade Colegial, de Chapecó-SC, extraído do banco de dados do *VARSQL*).

Áudio 06: “Mas o que que **[vo]cê** que[r] sabe[r]?” (Excerto com o pronome *você* de uma mulher, com idade entre 15 e 24 anos, com escolaridade Ensino Superior, de Itabaiana-SE, extraído do banco de dados *Falares Sergipanos*).

Áudio 07: “Ela fez algum negócio para uni, tipo ... para resolve[r] alguns defeitos seus, problemas que **você** tem”. (Excerto com pronome *você* de um homem, com idade entre 15 e 21 anos, com escolaridade de Ensino Fundamental II completo, de Natal-RN, extraído do *Banco de Dados FALA-RN*).

Como se pode perceber, intercalamos os áudios, com ocorrências dos pronomes *você* ou *tu* (exceto na fala do Nordeste, como já exposto), empregadas por homens e mulheres das diferentes localidades.

Os informantes ouviram, na ordem pré-estabelecida, os áudios e demarcavam, com o número correspondente ao áudio, no mapa do Brasil, a localização que acreditavam que o áudio pertencia.

Neste momento, o entrevistador auxiliou o informante, organizando na ordem os arquivos digitais, que foram ouvidos com o auxílio do computador, também, o entrevistador se atentou para inquirir, a cada áudio, os três questionamentos expressos nos mapas entregues aos informantes.

Destaca-se, que não foi necessário o auxílio de fones de ouvidos para a compreensão dos excertos de fala, o que ocorreu devido à possibilidade dos informantes ouvirem o áudio mais de uma vez, a depender da compreensão do excerto.

Após a audição dos trechos de fala, os informantes deveriam justificar o porquê demarcaram esse lugar e o que achavam dessa fala. Também, deveriam informar como o informante se referia a seu ouvinte nesse áudio.

A seguir apresentamos, na Figura 09, os resultados das demarcações realizadas pelos informantes, a partir da audição dos trechos de fala que pertencem a amostra de Chapecó, nos permitindo assim, observar se o chapecoense reconhece a sua variedade.

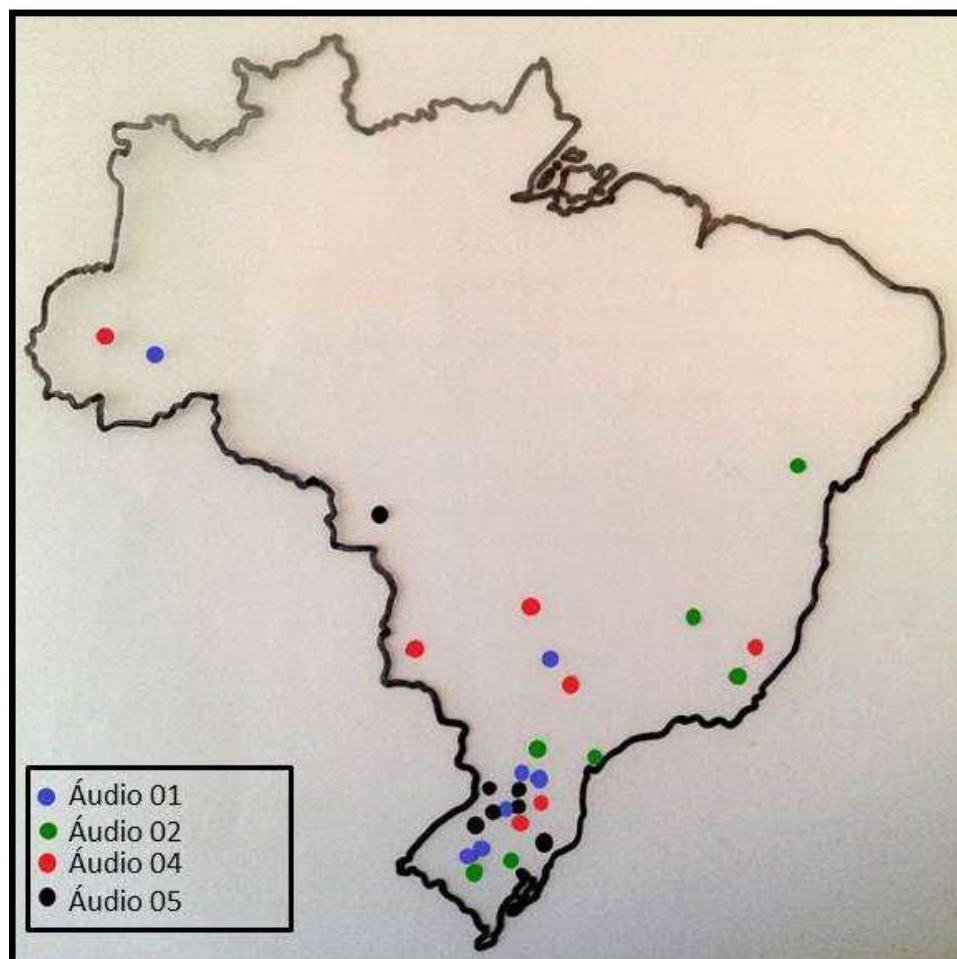


Figura 09: Mapa-síntese da percepção dos chapecoenses com relação ao uso do *tu* e/ou *você* em sua variedade linguística.

Os resultados sumarizados na Figura 09 revelam que, de modo geral, o chapecoense reconhece sua variedade de fala, em relação às outras variedades brasileiras, mesmo que as demarcações se espalhem ao longo da região Sul, ainda assim, há uma concentração de sinalizações nos locais mais próximos do que corresponde a localização da cidade de Chapecó.

Dos 28 pontos/locais demarcados pelos informantes, em 17 demarcações os informantes pontuaram o excerto dentro da região Sul do Brasil, correspondendo 5 demarcações referente ao áudio 01, 4 demarcações referente ao áudio 02, 2 demarcações do áudio 04 e 6 demarcações relativo ao áudio 05. Somente 11

pontos/locais foram apontados fora da região Sul do Brasil, correspondendo a 1 sinalização do áudio 05, 3 sinalizações do áudio 02 e 2 sinalizações do áudio 01.

Ressalta-se que os informantes, em geral, não perceberam que o áudio 04 se tratava de um informante de Chapecó, o que gerou 5 sinalizações fora da região Sul. A respeito disso, retomamos novamente o áudio e percebemos que, realmente este foi um dos áudios em que conseguimos selecionar trechos nos quais o falante empregava formas com o mínimo de marcas prosódicas, fonológicas, lexicais ou morfossintáticas, ainda que no excerto a falante empregue “tu entende” em vez de “tu entende[s]”, o que poderia ser caracterizador da variedade linguística da cidade de Chapecó, uma vez que, Loregian-Penkal (2004, p.167), constatou que das 261 ocorrências com o pronome *tu* somente e 2 ocorrências (0,8%) ocorreu a concordância com o verbo na segunda pessoa do singular. Contudo, observando Scherre et al (2015, p. 142), detalhado na seção 2.3, percebemos que os subsistemas do pronome *tu*, com diferentes níveis de concordância, podem ser encontrados em diferentes estados do Brasil, como por exemplo, no Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, entre outros estados. Aspectos que podem ter levado os informantes a não reconhecerem o excerto como característico da cidade de Chapecó.

Com relação às justificativas, do motivo de demarcarem o áudio naquele local e o que achavam daquela variedade de fala, dos informantes que demarcaram o áudio 01 em algum lugar da região Sul, pontuaram vários comentários referentes aos motivos que os levaram a tal ação. O informante CH09MBEFII, apesar de demarcar o áudio no mapa como pertencente ao estado do Rio Grande do Sul, relatou oralmente que se trata da variedade de Santa Catarina, “mais pro nosso lado assim, espingarda!”, ou seja, por lembrar de um termo lexical, característico de sua variedade linguística.

Conforme nossa expectativa, a maioria dos informantes constatou que se tratava da variedade estado de Santa Catarina, ainda que 1 informante demarcou o local do qual o áudio pertencia mais acima do estado, porém se referindo oralmente ao estado de Santa Catarina. Como representativo da variedade da região Oeste¹⁰² catarinense, 2 informantes pontuaram que foi devido as marcas de “sotaque”, que segundo os

¹⁰² Cabe citar que, a partir deste momento, apresentamos os resultados de nossas análises unindo os resultados das regiões do Extremo Oeste e do Meio Oeste de Santa Catarina, uma vez que, a cidade de Chapecó se localiza no Extremo Oeste, porém no limite político-administrativo com o Meio Oeste. Ainda, por ser, conforme detalhamos na seção 4.1.1, considerada a capital do Oeste catarinense.

informantes são características de sua variedade, “do falar do interior”, porém não sinalizaram qual aspecto sonoro que caracterizou especificamente este excerto.

Cabe ressaltar neste momento que, como percebemos acima e nas descrições e análises realizadas a seguir, em vários momentos os informantes destacaram que reconheceram o excerto de fala como representativo da variedade falada em determinado local pela associação do “sotaque”¹⁰³, contudo, os chapecoenses não realizaram especificações de quais os aspectos sonoros que caracterizaram o excerto, pois, como apontam Freitag et al (2016, p.72),

Por ser mais associado à percepção do que à produção, o conceito de sotaque é pouco adotado na literatura sociolinguística brasileira, mas muito presente no discurso sobre a língua. O sotaque é baseado na percepção do falante em função do contraste com a fala do outro, no nível articulatório (pronúncia), segmental e suprasegmental. [...] A partir da percepção de sotaque, um falante pode ser indexado por outro a uma determinada região ou origem geográfica, ou então a determinado segmento social, como nível de escolarização, por exemplo.

O informante (CH14FBES) comentou que o excerto era correspondente à variedade da cidade de Chapecó, pois, justificou que o som de *r* que o falante utilizava era mais “puxado” na palavra *espingarda*. Também, que a palavra *espingarda* era um termo utilizado no Oeste catarinense, em comparação com revólver ou outros termos utilizados em outros lugares. Por fim, com relação ao áudio 01, um dos informantes não justificou o motivo que o levou a demarcar na região Sul este excerto.

Em linhas gerais, o áudio 01 foi facilmente reconhecido como representativo da variedade linguística usada na região Sul do país, próximo ao local de origem do falante que o produziu, que é Chapecó, justificando devido ao “sotaque”, como por exemplo, o som de *r* que o falante utilizava era mais “puxado”, ou mesmo por detectar a variedade como “do falar do interior”.

Com relação ao áudio 02, 2 informantes demarcaram o mesmo bem ao Sul do país, no local que compreende o Rio Grande do Sul, e um informante comentou que o fez por reconhecer o “sotaque”, “a maneira de falar”, como correspondente a alguém deste estado. Já o outro informante, por mais que tenha demarcado como pertencente ao Rio

¹⁰³ Partindo dessa conceituação do termo “sotaque”, apresentaremos na sequência sempre o termo entre aspas, devido à ausência de especificações de quais traços sonoros caracterizam os dialetos dos excertos.

Grande do Sul, justificou que é uma variedade mais próxima do local em que vive, ou seja, mais próximo de Chapecó, ainda que demarcado em outro local no mapa.

Ainda pertencentes à região Sul, 2 informantes demarcaram o áudio 02 como representativos da fala do estado do Paraná, sendo que um justificou por conhecer o “sotaque” do estado e relacioná-lo com o excerto, já o outro comentou que devido ao modo como o falante profere “pé torto” no excerto, uma vez que este acabou por se lembrar de outra frase, com o mesmo “sotaque” que a expressão usada pelo falante.

De modo geral, o áudio 02 não foi tão facilmente percebido como representativo de uma variedade do Sul do país, pois 3 informantes demarcaram-no fora da região, ainda, os chapecoenses reconheceram o excerto como representativos da região devido ao “sotaque” deste dialeto.

Referente ao áudio 04, 1 informante demarcou o excerto como representante da variedade usada em uma parte dos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, contudo, justificou que esta era variedade usada no Paraná, uma vez que, o modo como a pessoa fala, segundo suas percepções do tempo em que o informante passou no estado, lembra da variedade usada por pessoas que moram nesse estado.

Somente 2 informantes demarcaram o excerto 04 como pertencente ao estado de Santa Catarina, sendo que, um desses não justificou o motivo e o outro demarcou na região central do estado, pois segundo o informante CH14FBES, não sabia especificar exatamente a região, mas ressaltou que não era da região litorânea, então se localizaria mais ao centro do estado por se assemelhar a sua “bonita e interessante fala”.

Em linhas gerais, constatamos que o áudio 04 foi o que os chapecoenses apresentaram maior dificuldade em reconhecer como sua variedade, uma vez que, somente 2 informantes demarcaram este no estado de Santa Catarina, não apresentando quais aspectos (prosódicos, fonológicos, morfossintáticos ou lexicais) o caracterizam como representativo do dialeto catarinense.

Dentre os áudios de Chapecó, o áudio 05 foi identificado pela maioria dos informantes como pertencente à região Oeste de Santa Catarina, sendo reconhecido como representativo da variedade utilizada na região, na visão dos informantes. Um informante justificou que o excerto assemelhava-se com a variedade dos “colonos/caboclos”, que vivem na região de Chapecó. Interessante destacar, que 4 informantes salientaram que percebiam traços da fala de pessoas italianas, contudo, não detalharam quais seriam as particularidades que caracterizam a variedade, confirmando

suas percepções de que a fala era pertencente ao Oeste catarinense. Outro comentário de um informante, de que o excerto é representativo da fala do interior, em relação à cidade, com características do dialeto de Chapecó, entretanto, o informante não especificou se foram aspectos prosódicos, fonológicos, morfossintáticos ou lexicais, que serviram como caracterizador do excerto.

De modo geral, o áudio 05 foi facilmente reconhecido como representativo da variedade linguística usada no Sul do país, especificando ainda, como pertencente ao dialeto do Oeste catarinense, por assemelhar-se a variedade dos “colonos/caboclos” ou de descendentes de italianos, característica saliente nas respostas dos chapecoenses ao caracterizarem o excerto.

Referente as demarcações realizadas fora da região Sul do Brasil, dos excertos representativos da variedade usada na cidade de Chapecó, no áudio 01, o único informante que o demarcou fora da região Sul, relatou que só o demarcou na região Norte por não reconhecer o sotaque do informante e não conhecer o da região demarcada, assim, o mesmo demarcou neste local.

Dos informantes que fixaram o excerto 02 fora da região Sul, 1 informante demarcou este na região Nordeste do país, contudo, não justificou qual o motivo para demarcarem o áudio como representante da variedade usada na região. Também, 2 informantes demarcaram o excerto na região Sudeste do país, sendo que, um relatou que a variedade linguística do excerto o remeteu a variedade usada na região Sudeste, uma vez que, esse já viajou para a região, e o outro informante comentou que caracterizou o excerto pelo uso da expressão “*cê viu*”, considerada pelo informante como característica da variedade pertencente ao Sudeste do país.

Dos informantes que demarcaram o áudio 04 fora da região Sul do país, 2 informantes pontuaram que o excerto era representativo da variedade utilizada na região Centro-Oeste, por relacionar a variedade do áudio com o utilizado nesta região; outro informante demarcou como pertencente à região Norte do país, sem relatar os motivos. Também, 1 informante demarcou o excerto como pertencente a região Sudeste, mais próximo do litoral, porém, não soube explicar o motivo que o levou a fazê-lo.

Com relação ao áudio 05, somente 1 informante demarcou este como pertencente à região Centro-Oeste, pelo motivo, segundo este, de reconhecer o “sotaque”.

Analisando os resultados apresentados até aqui, constatamos que, em linhas gerais, os chapecoenses identificam as diferentes variedades linguísticas que

compreendem o PB, ainda que não reconheceram todos os excertos da variedade de Chapecó apresentados. Analisaram os áudios e perceberam alguns traços de ordem fonológicas, mesmo que, na maioria dos casos, não especificassem exemplos, como é relatado quando percebem traços linguísticos de uma variedade italiana, característico da região oeste de Santa Catarina, que apresenta em sua história de formação a presença de italianos durante a colonização da região.

Isso revela que, os chapecoenses percebem a variação dos dialetos do PB, mesmo que ainda hoje a cultura presente nas escolas é embasada nas GTs e nos livros didáticos, como já discutido na seção 2.2, já se faz presente na vida escolar das pessoas, a apropriação de aspectos e discussões com bases em teorias sociolinguísticas, que começam a ser apropriadas pelos falantes do PB.

Contudo, algo que também chamou nossa atenção foi que, mesmo realizando a primeira atividade específica de demarcação de uso das formas *tu e/ou você*, no território brasileiro, os informantes não se atentaram para a presença dos pronomes *tu e/ou você* nos áudios, que ficou evidente com relação à questão três solicitada aos informantes. Deste modo, como já apontou Freitag et al (2016, p. 78), “Os ‘sotaques sintáticos’ são, de modo geral, pouco salientes no nível perceptual.”, ou seja, nem todos os fenômenos variáveis são percebidos por seus usuários, o que ressalva a importância de desenvolver trabalhos que tenham como foco a percepção e avaliação das variedades do PB, até por que, como já discutimos ao longo do capítulo 3, a propagação ou não de uma variante, decorre da relação desta com aspectos de ordem sociais, ideológicas e psicológicas, uma vez que, os falantes percebem e avaliam suas práticas discursivas e, conseqüentemente, emitem um juízo de valor para a variante avaliada.

Considerando assim, que todas as variedades linguísticas são válidas como meio de comunicação e adequadas às necessidades e contextos culturais das comunidades de fala (GUY, 2000, p.18), as valorizações sociais atribuídas às variedades, ou ainda, as variantes *tu e/ou você*, como é o nosso caso, relacionado aos usos destas, podem categorizá-las como estereótipos, marcadores e indicadores (LABOV, 2008 [1972]).

Retomando a discussão realizada na seção 3.1 e relacionando-a com os resultados apresentados até o momento, não podemos categorizar as variantes *tu e/ou você* como *estereótipos*, uma vez que, estes não sofrem estigma ou são associadas à falta de escolaridade, ocasionando a rejeição explícita pela comunidade de fala e uma mudança linguística de modo a extinguir a forma, já que constatamos, com bases nas pesquisas de

Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), a coocorrência das formas nos dados de fala da cidade de Chapecó.

Não podemos considerar a presença das formas *tu* e/ou *você* como um *indicador*, pois, ainda que as variantes não sejam diretamente comentadas e, conseqüentemente, não são significativamente avaliadas positiva ou negativamente, percebemos, em nossos resultados, que os chapecoenses reconhecem a variação na referência de segunda pessoa do singular ao longo do território brasileiro.

Deste modo, a variação no uso das formas *tu* e/ou *você* podemos considerar um *marcador*, pois as formas recebem valorização social e estilística por parte dos falantes da língua, de modo consciente, como constatou a pesquisa de Franceschini (2011), na cidade de Concórdia que, em síntese, os resultados obtidos apontam em comparação (uso-atitude), que há um número maior de falantes que dizem usar o *tu* e um número menor usa o *você*, resultado contrário na análise do comportamento linguístico desses, indicando nas reações subjetivas um novo padrão de prestígio na fala de Concórdia com o uso do *você*. Constata-se que, também, averiguamos na avaliação realizada pelos chapecoenses frente aos pronomes *tu* e/ou *você*, conforme melhor descreveremos na seção 5.2.5, que apontam para uma valorização da forma *você* em relação ao *tu*.

Na sequência, na Figura 10, exibimos os resultados das demarcações realizadas pelos chapecoenses, a partir da audição dos trechos de fala que pertencem à amostra das cidades de Itabaiana-SE e Natal-RN, conforme especificação na seção 4.2:

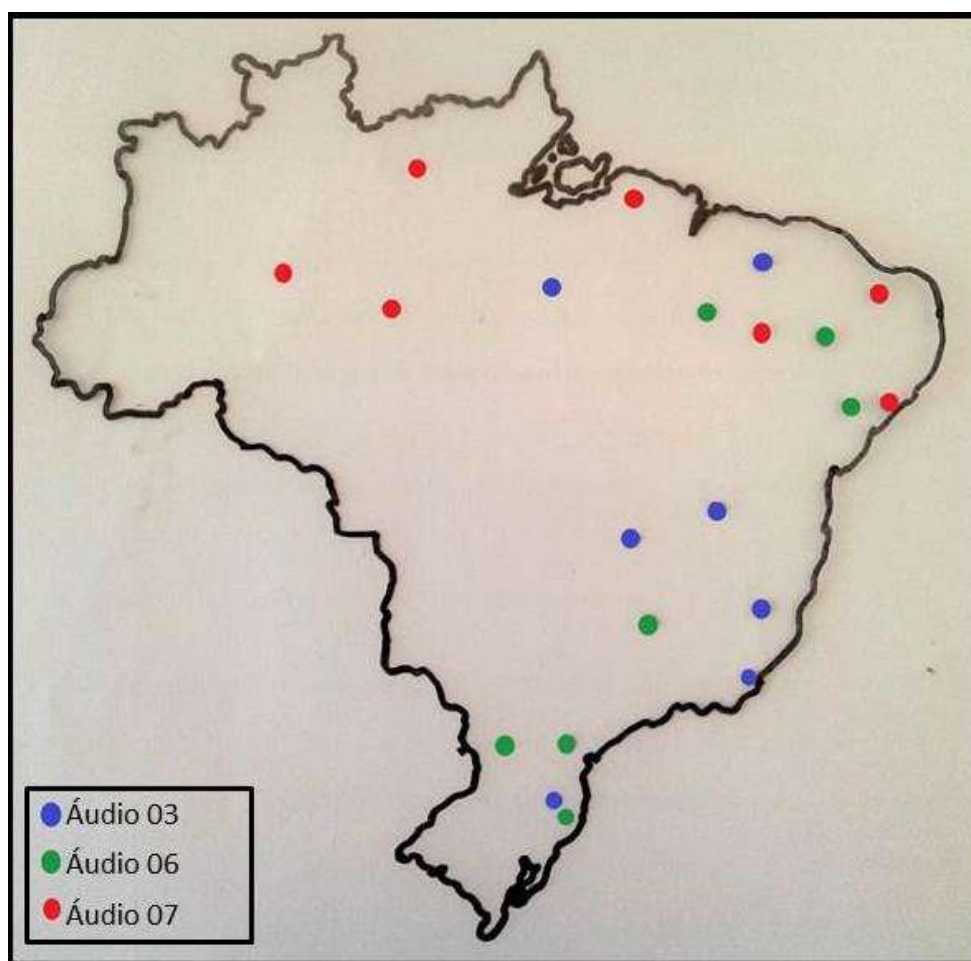


Figura 10: Mapa-síntese da percepção dos chapecoenses com relação ao uso do *tu* e/ou *você* nas variedades de Itabaiana-SE e Natal-RN.

Os resultados sumarizados na Figura 10 revelam que, de modo geral, o informante chapecoense não reconheceu tão facilmente a variedade linguística da região Nordeste, pois as 21 sinalizações correspondentes aos áudios 03, 06 e 07 se espalharam pelo território nacional.

Houve somente 8 sinalizações na região Nordeste, compreendendo 2 sinalizações correspondentes ao áudio 03, 3 sinalizações do áudio 06 e 3 sinalizações relativas ao áudio 07. Dos 13 pontos/locais que foram demarcados fora da região Nordeste do país, o áudio menos relacionado com a região Nordeste foi o áudio 03, marcado 4 vezes na região Sul do país e 1 vez no Norte do país, também, o áudio 06 foi sinalizado 4 vezes como pertencente à região Sul e o áudio 07 com 4 sinalizações no Norte do país.

A dificuldade em reconhecer as variedades, das cidades de Itabaiana-SE e Natal-RN, pelos chapecoenses podem ser motivadas pela falta de contato com falantes destas regiões, uma vez que, é geograficamente distante da região Sul do país. Também, o que

corroborar para o pouco contato com as variedades linguísticas do Nordeste brasileiro, é o fato de que os meios de comunicação não reproduzem a variedade do Nordeste, e quando o fazem, em muitos casos, utilizam variáveis estigmatizadas de forma consciente, ou seja, apresentam a variedade por meio dos estereótipos, como por exemplo, apontou a pesquisa de Silva (1991), que constatou na fala culta de Salvador o estereótipo das vogais pretônicas, tanto no Norte como no Nordeste, sempre que forem pronunciadas abertas, como detalhamos na seção 3.1.

Frente às justificativas que motivaram os informantes a demarcarem o áudio naquele local e o que achavam daquela variedade de fala, a única pessoa que marcou o áudio 03 como representativo da região do Nordeste, justificou que o identificou por ser “uma fala mais puxada”. Outro informante demarcou o áudio na região Nordeste, próximo ao limite político-administrativo com a região Sudeste, mas pertencente à região Nordeste, justificou por ser uma fala mais “engrossada”.

Outro informante, que demarcou o excerto como pertencente ao Norte do país, o sinalizou próximo da fronteira com a região Nordeste, e justificou como representativo àquele local devido ao “modo de falar”.

O informante comentou que o áudio era correspondente ao dialeto de Minas Gerais, caracterizado devido ao “sotaque”, semelhante à fala do estado mineiro, próximo a fronteira com o Nordeste, entretanto, não exatamente dentro do território nordestino.

Para as demarcações que não sinalizaram o áudio 03 como representativo do Nordeste, nem em locais próximos a região, o primeiro informante marcou como pertencente à região Sul pela variedade usada e outros 2 informantes comentaram que o mesmo era representativo dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, um por relacionar a variedade linguística com a utilizada nesses estados. Já o outro informante, ainda relatou que o [s] empregado pelo falante do excerto seria mais “puxado” ou “arrastado”, assemelhando-se ao utilizado na variedade usada nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, nomeando a área demarcada como *carioca/santista*.

Em linhas gerais, percebemos a dificuldade dos chapecoenses em reconhecer o áudio 03 como representativo de uma variedade do Nordeste Brasileiro, já que, somente 2 informantes o demarcaram nesta região, justificando por ser “uma fala mais puxada” ou mais “engrossada”.

Dos 7 informantes, somente 3 demarcaram o áudio 06 como pertencente ao Nordeste, pois, segundo um informante, o “sotaque” é característico da região, também,

por ser uma fala mais rápida, não mencionando nenhum exemplo para ilustrar essa particularidade da variedade, em comparação com variedade linguística de Chapecó. Característica essa da rapidez, também apontada por outro informante ao caracterizar a variedade do nordestino, e somente um dos informantes não soube pontuar os motivos que o levaram a perceber a variedade linguística como nordestina.

Dos 4 informantes que sinalizaram o áudio 06 fora da região Nordeste, 2 informantes justificaram como representativo do estado do Paraná, por se assemelhar a variedade linguística paranaense, pontuando ainda, um dos informantes, que é uma fala “clara”. Também, houve a justificativa de que o áudio era representativo da variedade linguística usada na região litorânea do estado de Santa Catarina, ainda, caracterizou como uma variedade “bonita e interessante”. Por fim, um informante demarcou o áudio como representativo do estado de Minas Gerais, porém, pontuou oralmente que o excerto era pertencente à variedade linguística usada em São Paulo, o que nos dá indício na dificuldade de localização geográfica, do estado de São Paulo no mapa impresso, ainda, não nos apresentou maiores informações das características percebidas que o fizeram identifica-la como uma variedade de São Paulo.

De modo geral, o áudio 06 também apresentou dificuldade em ser relacionado com a variedade da região Nordeste, uma vez que, somente 3 informantes o demarcaram na região, justificando que o caracterizaram pelo “sotaque”, ou mesmo pela rapidez da fala, que seria uma característica da variedade do Nordeste.

Por fim, o áudio 07 foi o que mais foi sinalizado como representativo da região Nordeste, sendo o “sotaque” o fator que mais caracterizou este excerto. Outro fator que caracterizou o áudio 07, segundo a percepção de um chapecoense, foi pelo informante lembrar-se do “sotaque” por já ter visitado a região, por ser uma variedade “cantada”. Já outro informante relatou que o modo de falar do nordestino é mais pausado, que as pausas entre as palavras são mais longas, percepção esta que vem de encontro com os resultados apontados por Freitag et al (2015, p. 74), sobre a percepção dos estudantes universitários do Sul e do Nordeste, quando caracterizam que os “[...] falantes do Nordeste apontam falar ‘arrastado’ e ‘lento’, enquanto os falantes do Sul apontam a rapidez ao falar (muito embora falantes do Nordeste também advoguem que a rapidez é uma característica de sua fala) [...]”, também, um informante caracterizou variedade do Nordeste como “bonita e legal”.

Um ponto que chamou atenção, foi que um informante comentou que o excerto é uma variedade linguística “típica do Nordeste”, porém, o informante demarcou o excerto na região Norte do país. Outro informante, demarcou o excerto na fronteira entre as regiões Norte e Nordeste do país, ainda que pertencente ao Norte, relatando que teve conhecimento do sotaque nordestino por meio da televisão. Foram 2 informantes que demarcaram o excerto como pertencente ao Norte do país, longe da região de fronteira, um justificou por ser uma variedade mais “puxada que o normal”, já o outro informante não soube justificar sua demarcação.

O último áudio ouvido pelos chapecoenses, áudio 07, em linhas gerais, foi e que apresentou maior facilidade em ser relacionado com a região Nordeste, já que 4 informantes o demarcaram na região, justificando que o caracterizaram devido ao “sotaque”, ou por considerar esta uma variedade “cantada”, ainda, um dos informantes pontuou que a variedade é mais pausada e qualificando como “bonita e legal”.

Interessante perceber que, de modo geral, ainda que os chapecoenses reconheçam que existem diferentes formas de falar, como já apontamos na discussão sobre os excertos de sua variedade apresentados aos chapecoenses, estes não reconhecem as variedades linguísticas usadas no Nordeste brasileiro, uma vez que a maioria dos chapecoenses não reconheceram os excertos de fala como representativos do dialeto da região, mesmo que os excertos apresentem, ainda que poucos, traços fonológicos que caracterizem essa variedade.

Como citamos anteriormente, essa ausência da relação entre o excerto e a região correspondente a qual pertence, pode ser um indício do pouco contato que os chapecoenses possuem com falantes do Nordeste brasileiro, tanto pela distância geográfica entre as regiões, quanto pela pouca divulgação das variedades da região nos meios de comunicação.

Pensado que, quando nascemos, aprendemos uma variedade específica da língua, a usada em nossa comunidade, e que esta é diferente em algum nível (prosódico, fonológico, morfossintático ou lexical), de outras variedades da língua, aprendida por outros falantes e que, em muitos casos, serve como um indicador de quem somos e em qual região, por exemplo, nascemos. Esses resultados, demonstram que, ainda hoje, algumas variedades linguísticas são mais reconhecidas que outras, e se, quando percebemos a presença de uma variedade distinta da qual utilizamos, consequentemente,

avaliamos essas práticas discursivas, acabamos por emitir um juízo de valor para a variante avaliada, que pode auxiliar a valorizá-la ou estigmatizá-la.

Isso revela, a importância de maiores discussões frente aos diferentes dialetos presentes no contexto linguístico brasileiro, isso por que, somente respeitamos e valorizamos as variedades que conhecemos e, conseqüentemente, compreendemos que em relação às questões prosódicas, fonológicas, morfossintáticas ou lexicais, estas são igualmente válidas como a que usamos em nosso contexto.

Novamente, mesmo realizando a primeira atividade específica de demarcação de uso das formas *tu* e/ou *você* no território brasileiro, os chapecoenses não se atentaram para a presença dos pronomes *tu* ou *você* nos áudios, considerando que nossos resultados pontuaram que, normalmente, os chapecoenses caracterizam a fala a partir do sotaque, e que

A explicitação de como o sotaque é percebido em termos fonético-fonológicos pode auxiliar no desvelamento do nível de consciência dos processos de acomodação, na medida em que nem sempre os traços fonológicos evocados para caracterizar o falar são os mais salientes do ponto de vista da frequência de uso.

Conseguimos então, compreender o motivo das formas *tu* e/ou *você*, focos de nossa pesquisa, não servirem como base para o reconhecimento dos excertos como representantes de determinada variedade linguística, uma vez que, traços morfossintáticos são poucos salientes a percepção dos falantes.

Vale lembrar, como destacamos na seção 4.2.2, que não encontramos no *corpus* de fala utilizado para extrair os excertos utilizados nessa etapa da pesquisa, a presença da forma *tu* nos dados de Natal-RN e Itabaiana-SE. Assim, os excertos das falas representativas dessas variedades não continham a forma *tu*, o que poderia ser um indicador caracterizador desses excertos, pensando que Silva (2015), identificou somente 16% de uso de *tu*, sem marca de concordância, na fala de Natal/RN, conforme descrito 2.3.2.

Deste modo, considerando os aspectos apresentados acima, frente às valorizações sociais atribuídas às variantes *tu* e/ou *você*, constatamos que os pronomes foram caracterizados pelos chapecoenses de nossa amostra como um *indicador* (LABOV, 2008 [1972]), pois, ao contrário da variedade de Chapecó, na qual os informantes percebem a variação dos pronomes, nas variedades de Natal-RN e Itabaiana-SE, representadas pelos

excertos de fala, os informantes não percebem a variação de uso dos pronomes, o que pode ser resultado, do pouco contato com as variedades da região Nordeste, também, as variantes não são diretamente comentadas e, conseqüentemente, não são avaliadas positiva ou negativamente.

Em resumo, constatamos que o chapecoense apresentou dificuldade em perceber as características que definem a variedade linguística do nordestino, o que acabou por gerar maior dificuldade em identificar os excertos representativos dessa região.

Ainda, averiguamos, conforme detalhado acima, que a maioria dos informantes percebe as diferentes variedades da língua, no caso, a sua própria variedade e a variedade usada no Nordeste, na maioria dos casos, devido ao “sotaque” característico dos nordestinos.

Também, faz-se necessário pontuar os motivos de não desenvolvermos uma análise detalhada referente aos resultados da terceira pergunta solicitada, sobre como o informante se referia a seu ouvinte nos áudios. Isso porque, constatamos que esta não alcançou o objetivo que havíamos pensado para a mesma, uma vez que, somente quando realizamos as análises de variação dos usos das formas *tu* e/ou *você*, observamos que, a depender do contexto, os pronomes *tu* e/ou *você* podem alterar seu significado, podendo significar além da segunda pessoa do discurso, retratar dentro do discurso, a figura do próprio falante (sentido particular), a de um grupo específico ou mesmo no sentido genérico, que compreende qualquer pessoa do discurso e não uma específica, conforme detalhamento na seção 5.1.2. Assim, ao selecionarmos os excertos de fala nas amostras, para esta etapa de coleta de dados, ainda não considerávamos essas possíveis mudanças de sentido, conforme pesquisa de Zilli (2009). Por esse motivo, em alguns excertos os pronomes *tu* ou *você* não se referem ao interlocutor.

Também, percebemos que o informante não compreendeu a pergunta, nem mesmo quando o entrevistador auxiliava na interpretação, entendendo o que fora solicitado, somente quando o entrevistador especificava que as formas que este deveria se atentar era para o uso de *tu* e de *você*. Após esta especificação, o informante solicitava ouvir novamente o áudio, extraíndo a informação requisitada, ou seja, o informante não conseguiu perceber somente ouvindo os áudios que ocorria variação de uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, ocorria somente uma extração de informação.

Passemos agora, a apresentar os resultados de como os chapecoenses definem a presença das formas *tu* e/ou *você* no estado de Santa Catarina para, na sequência,

mensurar se o chapecoense reconhece, a partir de 4 excertos de áudios, a sua variedade linguística.

5.2.3 O uso de *Tu e/ou Você* no estado de Santa Catarina: a percepção linguística dos chapecoenses

Semelhante à primeira tarefa, neste momento, foi solicitado ao informante que demarcasse no mapa do estado de Santa Catarina¹⁰⁴ quais áreas nas quais, segundo sua percepção, se usavam as formas *tu e/ou você* e, também, que nomeasse a área indicada.

Nossa hipótese, com base nas pesquisas de uso dos pronomes *tu e/ou você* (RAMOS, 1989; HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012), e de percepções e atitudes linguísticas (ROCHA, 2012; FRANCESCHNI, 2011), realizadas no estado de Santa Catarina, é de que o chapecoense percebe que há variação na referência de segunda pessoa do singular no estado.

A seguir apresentamos, na Figura 11, os resultados das demarcações realizadas pelos informantes chapecoenses:

¹⁰⁴ Para tanto, utilizamos como base de comparação o mapa da Secretaria de Saúde do Estado de Santa Catarina, de modo a observar a presença dos pronomes *tu e/ou você* nas regiões do estado, disponível no site: <http://www.saude.sc.gov.br/geral/planos/programas_e_projetos/macro/mapa.jpg>. Acessado em 21 de abril de 2017, às 11:09 horas.

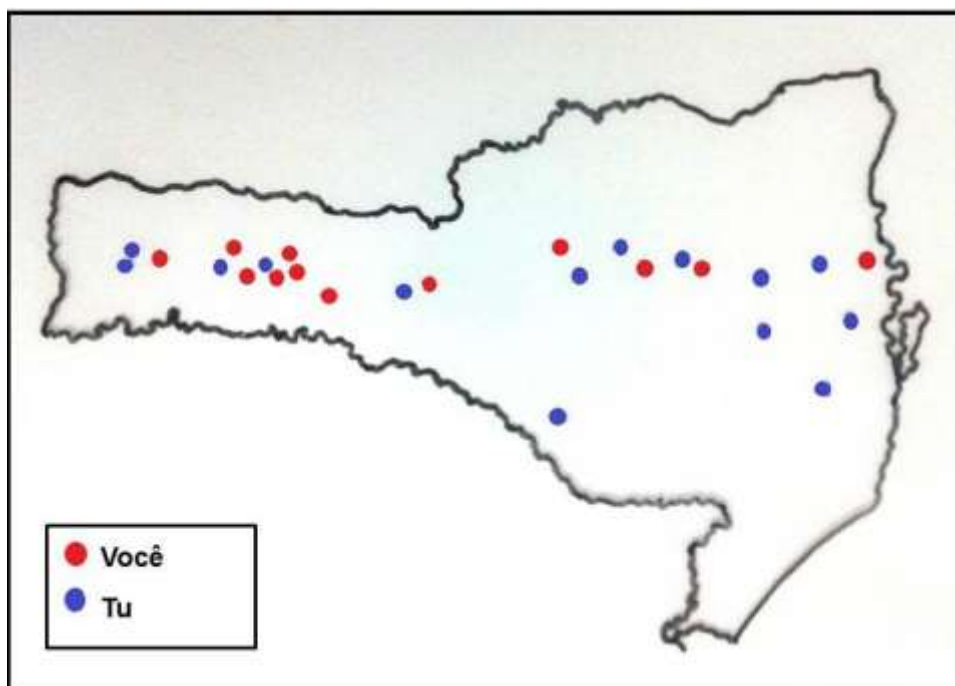


Figura 11: Mapa-síntese da percepção dos chapecoenses com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território catarinense.

Os resultados da Figura 11 revelam que, em linhas gerais, os informantes de nossa amostra percebem a variação no uso das formas *tu* e/ou *você*, ao longo do território catarinense, uma vez que, realizaram 26 demarcações ao longo do território catarinense, exceto na região Sul do estado, da presença dos pronomes de referência de segunda pessoa do singular. Ainda, constatamos que os chapecoenses de nossa amostra, das 26 demarcações de presença dos pronomes *tu* e/ou *você*, realizaram 14 demarcações da presença do pronome *tu* e 12 demarcações da presença do pronome *você* no estado.

Na região Oeste catarinense, foram efetuadas 13 sinalizações, dentre as quais 10 pontos/locais compreendem o uso do *você* e 5 o emprego do *tu*. Nas demais regiões do estado foram demarcados 13 pontos/locais, dentre os quais 3 pontos/locais de uso do *você* e 10 pontos/locais de emprego do *tu*. Mais especificamente, no Planalto Norte 2 demarcações da presença do pronome *tu* e 1 demarcação do pronome *você*, já no Vale do Itajaí os chapecoenses realizaram 4 demarcações de presença do *tu* e 2 demarcações do *você*, por fim, nas regiões do Planalto Serrano e da Grande Florianópolis foram realizadas 1 demarcação e 3 demarcações, respectivamente, todas com a presença do pronome *tu*. O resultado da percepção dos chapecoenses, frente à presença categórica do pronome *tu*, não vem de encontro com as pesquisas realizadas na cidade de Florianópolis (RAMOS, 1989; HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004), e da pesquisa

de Scherre et al (2015, p.142), que aponta que na região do Planalto Norte encontramos o subsiste *tu/você (tu <60%) com concordância média* (de 10% a 39%), que apontam para a presença, tanto do pronome *tu* quanto do pronome *você* para essas regiões.

Esses resultados vão de encontro, a não ser os resultados para a região da Grande Florianópolis e do Planalto Norte, com as pesquisas sobre a variação na referência de segunda pessoa do singular realizadas em Santa Catarina (RAMOS, 1989; HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012; SCHERRE et al, 2015), e de percepções e atitudes frente às formas *tu* e/ou *você* (ROCHA, 2012; FRANCESCHNI, 2011), confirmando nossa hipótese de que os chapecoenses percebem que há variação na referência de segunda pessoa do singular no estado.

Observando os mapas que demarcaram uso categórico de um dos pronomes, constatamos que 4 informantes, demarcaram somente a forma *você* como pertencente a variedade linguística usada no Oeste catarinense, ou seja, esses informantes não percebem que ocorre variação na referência de segunda pessoa do singular na região, descrevendo que somente o pronome *você* faz parte da variedade utilizada e, conseqüentemente, na cidade de Chapecó, em sua variedade. Assim, somente 3 informantes reconheceram o uso variável de *tu* e/ou *você* na região, isto é, somente estes chapecoenses percebem a variação no uso dos pronomes *tu* e/ou *você*.

O que chamou nossa atenção, foi que nenhum informante, neste momento, demarcou somente a forma *tu* como a única representativa variedade linguística do Oeste do estado, informação interessante, se observamos os resultados da pesquisa de Rocha (2012), detalhada na seção 2.5, que investigou as percepções e atitudes dos falantes florianopolitanos frente a essas formas, ainda que estes, não sejam resultados específicos da cidade de Chapecó, podem nos dar indícios, do que pode ter levado a nenhum chapecoense a demarcar somente a forma *tu* como pertencente à variedade linguística usada no Oeste do estado. Também, chamou atenção de Rocha (2012), é que, ainda que nas relações simétricas os informantes preferiram a forma *tu*, quando foi solicitado a emissão de um juízo de valor, antes da avaliação positiva da forma *tu*, predominou *Não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima*, havendo um significativo número de informantes que acham o *tu* ruim ou feio, o que pode ser um indício do que levou os chapecoenses de nossa amostra em não demarcar o uso do pronome *tu* na variedade usada no Oeste do estado e, conseqüentemente, em seu dialeto.

Ainda que nosso objetivo foi analisar a percepção da variação na referência de segunda pessoa do singular, no estado de Santa Catarina, separamos no Quadro 17, as demarcações, por meio do (X), demonstrando a presença das formas *tu* e/ou *você* sob a percepção dos informantes, realizadas na região Oeste do estado, na qual se localiza a cidade de Chapecó, de modo a observar, se as percepções dos chapecoenses vão de encontro com os resultados das pesquisas de usos dos pronomes, na cidade de Chapecó:

INFORMANTE	TU	VOCÊ	TU/VOCÊ
CH09MBEFII			X
CH10MBEFII			X
CH11MBEM		X	
CH12FBEM		X	
CH13MBES			X
CH14FBES		X	
CH15FBES		X	

Quadro 17: Presença dos pronomes *tu* e/ou *você* no Oeste de Santa Catarina segundo a percepção dos chapecoenses.

Contrapondo os resultados do Quadro 17, com os obtidos pelos trabalhos de Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e pela nossa análise na seção 5.1.1, verifica-se que, segundo a percepção do chapecoense, ou seja, 4 informantes de nossa amostra, somente a forma *você* é representativa do Oeste catarinense, ou seja, não reconhecem que, dentro da variedade linguística de Santa Catarina, os falantes variam na referência de segunda pessoa do singular com os pronomes *tu* e/ou *você*, conforme já constataram as pesquisas de Ramos (1989), Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004), Zilli (2009), Franceschini (2011), Rocha (2012) e Scherre et al (2015).

Todavia, essa percepção não condiz com a realidade linguística da região, pois as pesquisas desenvolvidas, até este momento, na cidade de Chapecó constataram variação no uso de *tu* e/ou *você*, como por exemplo, em nossa amostra, conforme seção 5.1.1.

Outro resultado que chamou nossa atenção, é que foram demarcados 5 áreas de uso do *tu* na faixa litorânea do estado, o que demonstra que a maioria dos informantes de nossa amostra, percebem a presença desse pronome na faixa litorânea do estado, conforme os resultados de Rocha (2012), que descrevem uma preferência significativa a

forma *tu* (em 81,60% dos dados analisado pela pesquisadora), e do levantamento de Scherre et al (2015), que descreve que, em Florianópolis, prevalece o subsistema *mais tu com concordância alta* (entre 40% e 60%), conforme detalhamento na seção 2.3. Em contrapartida, foi sinalizada somente uma área de emprego do *você* nas regiões próximas ao litoral do estado, como destacamos na Figura 12.

Interessante, também, perceber que os informantes demarcaram alguns locais com uso categórico de uma das formas (*tu* ou *você*), como percebemos, por exemplo, na Figura 12, na qual o informante demarcou a forma *você* como categórica na região do Planalto Norte e na região da Grande Florianópolis e da forma *tu* na região do Planalto Serrano do estado. Contrapondo essa percepção de uso categórico de um dos pronomes em determinadas regiões, com as pesquisas já realizadas sobre a referência de segunda pessoa do singular, em território catarinense, como em Ramos (1989), Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004), Zilli (2009), Franceschini (2011) e Rocha (2012), constatamos que, tanto a forma *tu* quanto a forma *você* são presentes nas variedades linguísticas faladas no estado de Santa Catarina, o que não vem de encontro com a percepção de alguns chapecoenses.

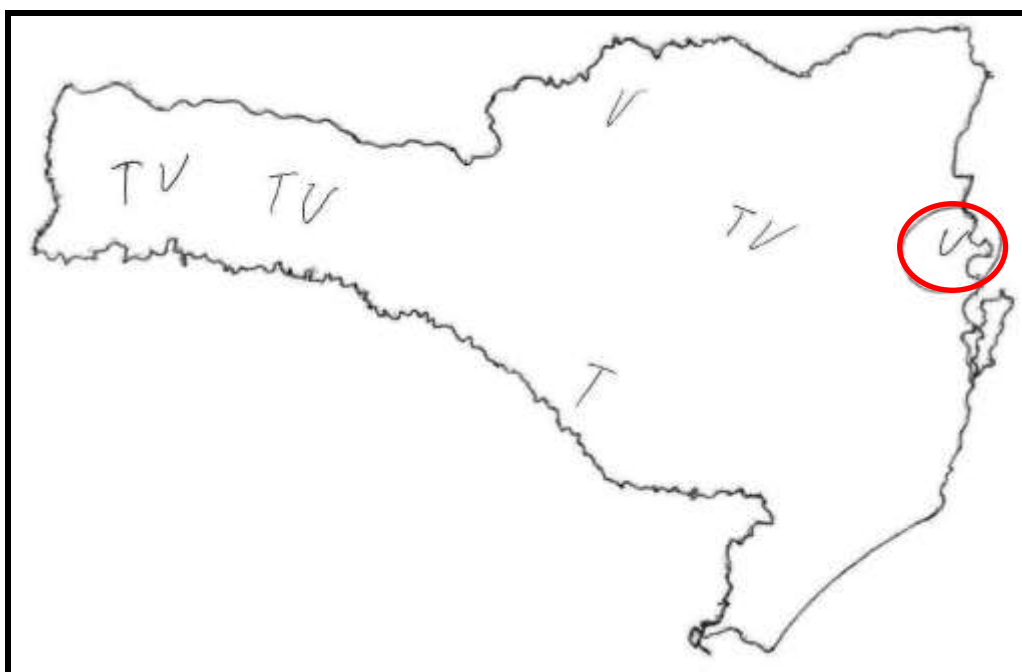


Figura 12: Mapa da percepção do informante CH10MBEFII com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território catarinense.

Na Figura 12, o informante CH10MBEFII revela, em linhas gerais, o uso variável das formas em vários locais do estado, uma vez que, das 6 áreas sinalizadas, em 3

pontos/locais é sinalizada a variação no uso de *tu* e *você*, em comparação com 2 pontos/locais de uso exclusivo da variante *você*, mais especificamente, na fronteira entre as regiões do *Vale do Itajaí* e da *Grande Florianópolis*, ainda que este não trace, em nenhum momento, as linhas divisórias das áreas de uso das formas (*tu* e/ou *você*).

Também, percebemos que o informante realizou 3 demarcações de usos categóricos das formas *tu* ou *você*, percepção esta, que não vem de encontro com o levantamento de Scherre et al (2015), uma vez que, na região litorânea do estado foi constatado a presença do subsistema *mais tu com concordância alta* (de 40% a 60%) e não a presença categórica da variável *você*, conforme percepção do informante. As outras demarcações de uso categórico, da forma *você* na região Norte e da forma *tu* na região Serrana do estado, Scherre et al (2015), constatou a presença do subsistema *tu/você com concordância baixa* (menos de 10%), e não uso categórico do pronome.

Como ocorreu na primeira atividade desenvolvida pelos informantes, encontramos duas formas empregadas para demarcar as percepções de uso das formas *tu* e/ou *você* no estado de Santa Catarina. Na primeira, utilizada pelo informante CH09MBEFII, é feito o uso das divisões territoriais de regiões e cidades, conforme Figura 13:

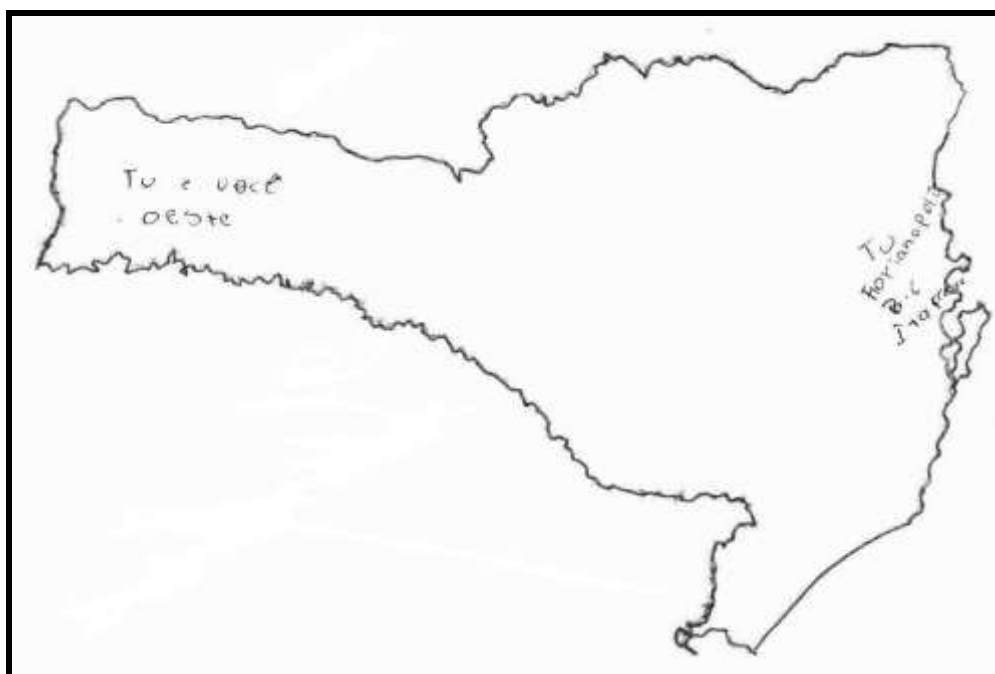


Figura 13: Mapa da percepção do informante CH09MBEFII com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território catarinense.

Na Figura 13, o informante CH09MBEFII identificou que, na região Oeste de Santa Catarina, ambas as formas (*tu* e/ou *você*) são usadas pelos falantes, porém, justificou

que, na cidade de Chapecó, as pessoas empregam de modo mais frequente o *você*. Comentou também que, na cidade de Saudades-SC, próxima a Chapecó, os falantes usam as duas formas de referência à segunda pessoa do singular. Já nas localidades próximas ao litoral do estado, o informante relatou que, em Florianópolis, Balneário Camboriú (pelas siglas *B.C*) e Itapema, os falantes empregam o pronome *tu*.

O que nos chama a atenção, com relação aos apontamentos do informante CH09MBEFII, é que este percebe que há variação na referência de segunda pessoa do singular dentro das variedades linguísticas usadas no estado, porém, também aponta que nas áreas próximas a capital do estado, Florianópolis, os falantes usam categoricamente a forma *tu*, o que de certo modo, não condiz com a realidade linguística apontada pelas pesquisas, de Ramos (1989), Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004), realizadas com dados de fala da cidade de Florianópolis, que descrevem a presença de ambas as formas na variedade utilizada pelos falantes.

A segunda forma empregada pelos informantes para demarcarem suas percepções sobre o uso das formas *tu* e/ou *você* no estado de Santa Catarina, foi com o recurso de linhas/traços, como na Figura 14:

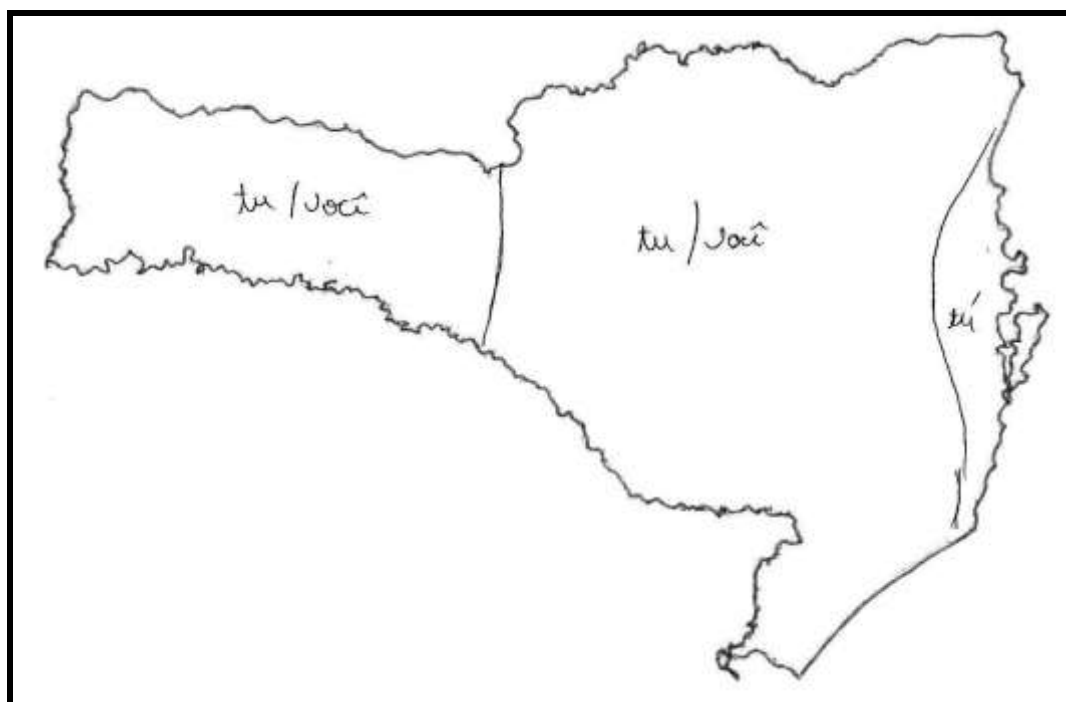


Figura 14: Mapa da percepção do informante CH13MBES com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território catarinense.

Percebe-se no mapa do informante CH13MBES, o uso de traços para demarcar as fronteiras de uso das formas (*tu* e/ou *você*), ou seja, o informante divide o estado em três áreas de emprego dos pronomes. Delimitou o uso do *tu* à faixa litorânea do estado, próxima à capital Florianópolis. O informante dividiu duas áreas de emprego variável das formas (*tu* e/ou *você*), contudo, infelizmente, não justificou o motivo da separação. A percepção do informante de que ocorre o uso das formas *tu* e/ou *você*, na maior parte do território, vêm de encontro com as pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas no estado de Santa Catarina (RAMOS, 1989; HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012; SCHERRE et al, 2015), entretanto, quando o informante pontua como uso categórico da forma *tu*, na região da Grande Florianópolis, constatamos que, sua percepção para este local, não condiz com a realizada das pesquisas realizadas na cidade de Florianópolis (RAMOS, 1989; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ROCHA 2012), ainda que, a pesquisa de Scherre et al (2015), detectou a presença do subsistema *mais tu com concordância alta* (de 40% a 60%), ainda não exclui a presença da forma *você* na região da capital catarinense.

Somente 4 informantes atenderam ao segundo comando, que compreendia em nomear as áreas delimitadas. No primeiro caso, conforme Figura 13, o informante CH09MBEFII, nomeou os locais segundo as divisões territoriais por região (Oeste) e cidade (Florianópolis, Balneário Camboriú e Florianópolis). No segundo caso, o informante CH13MBES, nomeou a região como *litoral*, conforme demarcação na Figura 14.

Outra forma de nomeação adotada pelos informantes é representada pela divisão do estado em duas grandes regiões: uma que abrange a área próxima ao litoral catarinense, inclusive o informante a nomeia como *Litoral*, e a outra que compreende o restante do estado, que nomeia como *Oeste*, conforme Figura 15. Observamos que a percepção do informante, do uso dos pronomes *tu* e/ou *você* no estado, não vêm de encontro com as pesquisas realizadas em Santa Catarina (RAMOS, 1989; HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012; SCHERRE et al, 2015), que constataram que ambas as formas (*tu* e/ou *você*), ocorrem ao longo do território catarinense.

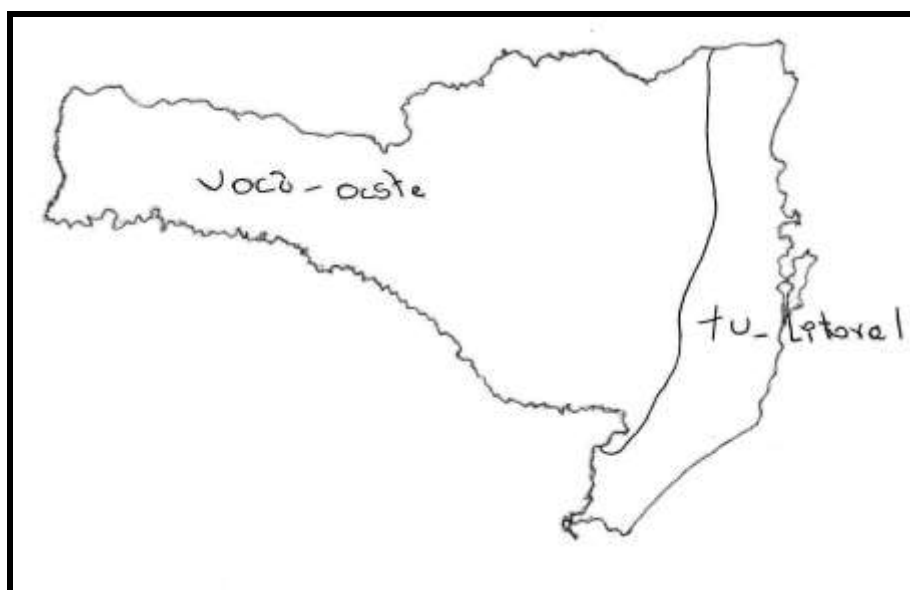


Figura 15: Mapa da percepção do informante CH11MBEM com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território catarinense.

O informante CH14FBES, separou o estado em três grandes áreas de emprego das formas *tu* e/ou *você*. No litoral, reconheceu o uso exclusivo de *tu*, área denominada como “*Lusiana*”, e justificou por se assemelhar ao Português usado em Portugal. No Oeste, identificou o emprego exclusivo de *você* na área, e nomeou como *Italiana/Alemã*. Já na área central do estado, o informante identificou o uso variável de ambas as formas (*tu* e/ou *você*), e a nomeou como *Mistura* das falas *Italiana/Alemã* e *Lusiana*, conforme o Figura 16. Observando a percepção do informante, constatamos que esta não reflete a realidade linguística, no que tange a variação da referência de segunda pessoa do singular, uma vez que, pesquisas sociolinguísticas averiguaram a presença das formas *tu* e/ou *você* em Santa Catarina (RAMOS, 1989; HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012; SCHERRE et al, 2015).



Figura 16: Mapa da percepção do informante CH14FBES com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território catarinense.

Segundo a percepção do informante CH14FBES, há uso categórico da forma *você* no Oeste catarinense e nomeou a área como *Italiana/Alemã*, tomando como base a história de colonização da região, que ainda mantém fortes traços da cultura característica da região.

Em suma, os resultados apresentados nesta subseção nos possibilitou constatar que, em linhas gerais, os chapecoenses percebem a variação na referência de segunda pessoa do singular no estado, uma vez que, nenhum informante colocou somente uma forma como característica das variedades linguísticas usadas no estado de Santa Catarina, ainda que, para algumas regiões os informantes sinalizaram o emprego de somente uma variante, como comentamos acima.

Deste modo, em linhas gerais, analisando a Figura 11, que apresenta um mapa-síntese da percepção dos chapecoenses, com relação ao uso do *tu* e/ou *você* no território catarinense, constatamos que, os chapecoenses percebem que há variação na referência de segunda pessoa do singular ao longo do território catarinense, percepções estas que vai de encontro com as pesquisas sociolinguísticas (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009; FRANCESCHNI, 2011; ROCHA, 2012; SCHERRE et al, 2015) realizadas com dados de fala de Santa Catarina, que descrevem a presença dos pronomes *tu* e/ou *você* no estado, ainda que nenhuma demarcação tenha sido realizada nas regiões Nordeste e Sul do estado.

Contudo, não podemos esquecer que nas regiões do Planalto Serrano e da Grande Florianópolis, somente o pronome *tu* foi demarcado como referência de segunda pessoa

do singular nas variedades, informação esta que não vai de encontro com os resultados de pesquisas realizadas na cidade de Florianópolis (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; SCHERRE et al, 2015), e da região do Planalto Norte (SCHERRE et al, 2015), que apontam para a presença dos pronomes *tu* e *você* na variedade local.

Analisando as demais regiões, verificamos que, no Planalto Norte, no Vale do Itajaí, no Meio Oeste, ou ainda, no Extremo Oeste, ambos os pronomes foram percebidos nas variedades, como percebemos na Figura 11. Mais especificamente, na região do Planalto Norte, 1 demarcação do pronome *você* e 2 do pronome *tu*, a região do Vale do Itajaí com 4 demarcações da presença do *tu* e 2 demarcações do *você*, o Meio Oeste com 4 demarcações do pronome *você* e 1 demarcação do pronome *tu*, por fim, no Extremo Oeste, os chapecoenses realizaram 6 demarcações da presença do pronome *você* e 4 demarcações do pronome *tu*.

Ainda com relação à região Oeste, na percepção de 4 informantes, o *você* é empregado de modo exclusivo na fala da região, contrariamente a outros 3 informantes que perceberam o uso variável das formas. Esse resultado vai de encontro aos resultados das pesquisas realizadas com dados de fala de Chapecó (HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004), no que tange à referência de segunda pessoa do singular, uma vez que, as pesquisas apontam para uma frequência relativamente equilibrada de uso dos pronomes *tu* e/ou *você* equilibrado, com pouca frequência a mais para o uso do pronome *você*, que pode ser indício do motivo de 3 informantes demarcarem somente a variável *você* presente no Oeste catarinense.

5.2.4 Percepção do chapecoense frente à referência de segunda pessoa do singular em Chapecó-SC

A quarta tarefa solicitada aos informantes de Chapecó consistiu em, a partir da audição de 4 excertos de fala¹⁰⁵, que fazem parte do *Banco de dados do VARSUL* de Chapecó, demarcar no mapa do estado de Santa Catarina, o lugar de origem da pessoa

¹⁰⁵ Como os excertos apresentados nesta etapa de coletas compreendeu em falas somente da cidade de Chapecó, buscamos selecionar novamente, excertos que apresentassem o mínimo possível de marcas fonológicas que os caracterizassem, já que nosso foco era os pronomes *tu* e *você*. Assim, selecionamos 2 excertos em que os falantes fossem mulheres, um com a presença do pronome *tu* e outro com o pronome *você*, em posição de sujeito, e 2 excertos em que os falantes eram homens, um com o pronome *tu* e outro com o pronome *você*.

que estava falando. Cabe retomar que, como já destacamos na introdução deste capítulo, ainda que nenhum informante consultou um mapa com as divisões territoriais de Santa Catarina (microrregiões ou municípios), ao traçarem suas demarcações, a maioria dos informantes as realizaram tendo como base as divisões territoriais, assim, optamos por realizar nossas análises também considerando essas delimitações, mesmo não sendo este nosso objetivo inicial.

Após a audição, o informante foi questionado sobre o motivo de demarcar aquele lugar, e o que achava da fala, além de informar como o informante se referia a seu ouvinte no excerto.

Transcrevemos a seguir, as quatro ocorrências com os pronomes *tu* e *você*, em posição de sujeito, que selecionamos para serem reproduzidas aos informantes nesta etapa:

Áudio 01: “O pai saiu de casa de manhã para derrubar árvores, fazer a roçada, não sei se **você** sabe como é que se faz?” (Excerto com pronome *você* de uma mulher, com idade acima de 50 anos, com escolaridade Colegial, de Chapecó-SC, extraído do banco de dados do *VARFUL*).

Áudio 02: “Aí tinha um filho de um rico lá, que **tu** ia p[a]r[a] o colégio, na volta ele ó em nós né.” (Excerto com pronome *tu* de um homem, com idade entre 25 e 49 anos, com escolaridade Colegial, de Chapecó-SC, extraído do banco de dados do *VARFUL*).

Áudio 03: “Ah sim! Imagina, nove fi[lh]o homem dentro de casa, que que **tu** que[r]?” (Excerto com pronome *tu* de uma mulher, com idade acima de 50 anos, com escolaridade Colegial, de Chapecó-SC, extraído do banco de dados do *VARFUL*).

Áudio 04: “P[a]ra brinca[r] e ficava se matando lá no meio do mato, o[u]tros **você** pegava serrotinho, cortava a madeira, fazia o formato espingarda, né?” (Excerto com pronome *você* de um homem, com idade entre 25 e 49 anos, com escolaridade Colegial, de Chapecó-SC, extraído do banco de dados do *VARFUL*).

Nossa hipótese, com base nas pesquisas sobre a variação na referência de segunda pessoa do singular de Ramos (1989), Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e Scherre et al (2015), é de que os chapecoenses perceberam que ocorre variação na referência de segunda pessoa em sua variedade, o que auxiliará no reconhecimento dos excertos como representativos de seu dialeto.

Neste momento, o entrevistador auxiliou o informante, organizando na ordem os arquivos digitais que foram ouvidos por estes, com o auxílio do computador, também, o entrevistador se atentou para inquirir, a cada áudio, os três questionamentos expressos nos mapas entregues aos informantes, demarcando, segundo o número correspondente, no mapa de Santa Catarina, a localização de que acreditava que o excerto pertencia.

O mapa-síntese, representado pela Figura 17, sumariza as sinalizações efetuadas pelos informantes chapecoenses.

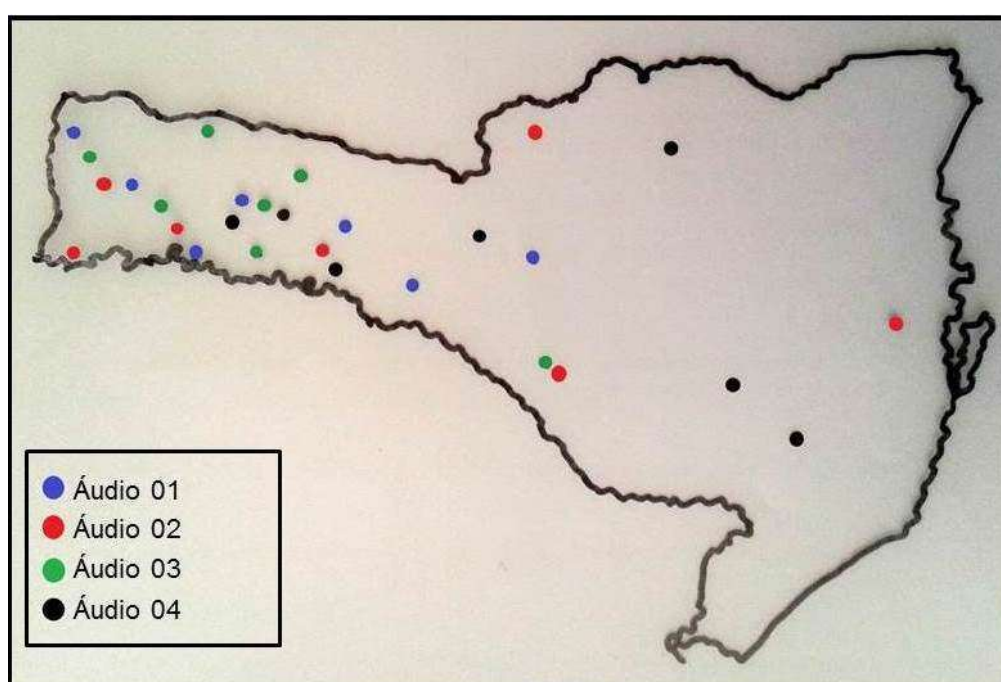


Figura 17: Mapa-síntese da percepção linguística dos chapecoenses frente a sua variedade linguística no que tange à variação de referência de segunda pessoa do singular.

A maioria dos informantes reconheceram que os áudios correspondiam a sua variedade linguística, usada na região em que se localiza a cidade de Chapecó, uma vez que, dos 28 pontos/locais demarcados por eles no mapa de Santa Catarina, somente 7 áreas foram sinalizadas em outras regiões diferentes da esperada.

Na região Oeste de Santa Catarina, constatamos que 6 informantes, de nossa amostra reconheceram o áudio 01 como representativo da região Oeste do estado. Quanto a justificativa para reconhecer o excerto como representativo desta variedade, 2 informantes pontuaram que reconheceram pelo “sotaque”, por ser uma fala “conhecida”, ou ainda, por “parecer daqui” uma fala “normal”, contudo, não especificaram que característica (prosódica, fonológica, morfossintática ou lexical), especificamente, caracterizou o excerto. Interessante que, 2 informantes pontuaram que o excerto era

representativo de uma variedade “de uma pessoa mais do interior Oeste”. Outro informante, relatou que caracterizou pelas sentenças “derrubar árvores” e “fazer a roçada”, entretanto não especificou se foi algum fator prosódico, fonológico, morfossintático ou lexical, saliente nas sentenças, ainda, o informante qualifica a variedade como “bonita”, que o falante “explica bem as partes”, ou seja, apresenta coesão sintática.

O informante CH13MBES, demarcou o áudio 01 como representativo de uma área que compreende nas regiões do Oeste, Planalto Norte e do Meio Oeste catarinense, pontuando que, a variedade do excerto é semelhante a usada na área central do estado, por se tratar de um dialeto “semelhante a nossa fala”, pelo “linguajar”, ou seja, reconheceu sua variedade linguística, ainda que não demarcou o excerto como representativo do dialeto do Oeste catarinense.

Com relação ao áudio 02, 4 informantes o demarcaram na região Oeste do estado, justificado, por 2 informantes, por reconhecer o “sotaque”, sendo especificado por um dos informantes, que seria pelo “Sotaque Oestino” e caracterizando a variedade do excerto como “bonita”, também interessante destacar, que o informante relatou que “todas falas são bonitas”. Outro ponto que foi destacado, por 2 informantes, foi que reconheceram o excerto por este ser “uma fala mais do interior mesmo” ou por achar que “a pessoa que esta falando é mais do interior”, contudo, não especificando quais especificidades (prosódica, fonológica, morfossintática ou lexical) o dialeto do interior apresenta, mas destacando que “dá para compreender bem”.

Já as demarcações realizadas dentro da região esperada do áudio 03, o primeiro informante justificou por ser uma fala “característica de nossa região”, outro descreveu que identificou pelo “jeito normal da fala”, ou ainda, por reconhecer o “sotaque”, não apontando maiores informações sobre traços prosódicos, fonológicos, morfossintáticos ou lexicais que poderiam caracterizar a variedade em questão.

O áudio 04, foi o que os informantes mais apresentaram dificuldades em reconhecer como pertencentes a sua variedade, pois somente 1 demarcação referente a este áudio foi realizado dentro da região Oeste, sendo justificado por achar uma “fala normal”, não descrevendo quais os aspectos, em sua visão, que caracterizam uma fala como normal, e pertencente ao dialeto da região em que se localiza a cidade de Chapecó.

Quanto às justificativas dadas para sinalizarem os áudios em outras regiões catarinenses, diferentes da esperada, o áudio 01 foi o único que não apresentou demarcações fora da região Oeste de Santa Catarina.

O áudio 02, foi demarcado em outras regiões, diferente da expectativa, com 1 ponto/local na região da Grande Florianópolis, justificado pelo informante por reconhecer o “jeito de falar do falante”, outra demarcação foi realizada ao Norte do estado, por relacionar a variedade dessa região com a do excerto, também, o informante acrescentou que essa variedade é caracterizada pelo uso de gírias; e 1 ponto/local na região do Planalto Serrano, por considerar que a variedade retratada no excerto ser “normal”, contudo, sem maiores descrições.

Analisando o excerto em questão, percebemos que um dos motivos que pode ter levado o chapecoense a demarcar o excerto fora da região esperada, pode ter sido por aspectos prosódicos da variedade, especificamente, pela rapidez da fala, característica, como já apontou Freitag et al (2016, p.74), com base em Nunes e Dias (2014), que “[...] identificaram uma taxa de elocução para falantes de Florianópolis/SC de 8,4, o que coloca este falar na extremidade do contínuo de rapidez”.

Frente ao áudio 03, as justificativas para demarcação fora da região esperada, em somente 1 ponto/local foi justificado como representativo da região do Planalto Serrano, sem mais explicação do motivo para tal.

Escutando o áudio em questão, constatamos que um dos motivos que pode ter levado o informante a demarcar o excerto fora da região esperada, pode ser, por não reconhecer na palavra “imagina”, que o falante pronuncia como “ma[x]ina”, o fonema [x], característico, por exemplo, da variedade de Florianópolis, trazida pelos imigrantes açorianos, como evidenciou a pesquisa de Scherre et al (2016, p.78), sobre a percepção de universitários das regiões Sul e Nordeste.

Constatamos que o áudio 04, como ocorreu com o áudio 02, foi o que os informantes apresentaram maiores dificuldades em reconhecerem como pertencente a sua variedade, uma vez que, em 3 pontos/locais foi demarcado fora da região, 1 ponto/local localizado na região do Planalto Norte do estado, sem explicação do motivo, 1 ponto/local na região do Planalto Serrano, por reconhecer o “sotaque” da região, próxima ao limite político-administrativo com a região Sul do estado, e 1 ponto/local em parte das regiões Sul e Planalto Serrano, por lembrar o falante da região, segundo o informante, principalmente na variedade da cidade de Lages-SC.

Analisando o áudio em questão, não reconhecemos nenhum traço (prosódico, fonológico, morfossintático ou lexical) saliente, que pudesse ter levado o chapecoense a demarcar o excerto fora da região esperada, ao contrário, há traços fonológicos que caracterizariam o excerto como representativo da variedade de Chapecó nas palavras, por exemplo, “se[r]otinho” e “espinga[r]da”, com a presença do /R/ tepe, fonema característico, segundo Freitag et al (2015, p.77), no dialeto de Chapecó.

Analisando as sinalizações realizadas nos mapas, constatamos que 3 informantes perceberam os 4 excertos de fala como representativos da variedade falada na região Oeste de Santa Catarina. Um dos informantes (CH09MBEFII), justificou que o fez por reconhecer o “sotaque” dos 4 excertos, já o outro informante caracterizou cada excerto, como percebemos na Figura 18:

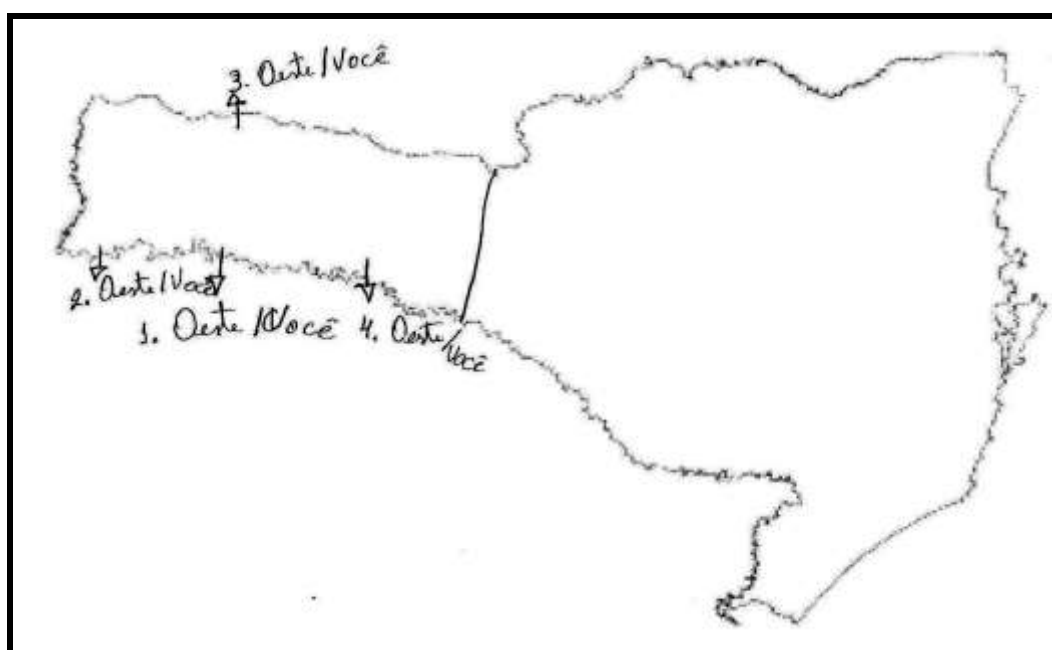


Figura 18: Mapa da percepção do informante CH14FBES frente variedade linguística de sua comunidade de fala no que tange à variação de referência de segunda pessoa do singular.

O informante CH14FBES reconheceu, conforme Figura 18, sua variedade linguística em todos os excertos apresentados e justifica que, ao ouvir o excerto 01, considerou a variedade apresentada como uma fala bonita, porém não ressaltou qual aspecto (prosódico, fonológico, morfossintático ou lexical) que chamou a atenção para caracterizar o excerto, também pontuou que o falante explicou bem cada parte da frase; já no excerto 02, o informante caracterizou, novamente, como uma “fala bonita”, e ainda, ressaltou que “todas as falas são bonitas”, mas que reconheceu pelo “Sotaque Oestino”,

porém não pontuou maiores informações de qual aspecto fonológico, caracteriza a variedade.

Interessante foi a justificativa apresentada para caracterizar o excerto 03, uma vez que, o informante destacou que a variedade expressa no excerto, parece ser de um falante da língua Alemã, e que, ao proferir a sentença traduz para o dialeto da região Oeste de Santa Catarina, o que seria possível, segundo o informante, pela presença significativa de imigrantes alemães para a região Oeste do estado.

Já para o excerto 04, o informante qualificou a variedade como uma “fala bonita”, ainda, explicitou que reconheceu o dialeto pelo “modo como fala”, salientando, que a palavra *espingarda* que é característica da região, ou seja, aqui o informante apresenta um traço que é altamente saliente, para sua percepção, ao se analisar as variedades de uma língua, isto é, o informante justifica sua percepção por meio de um item lexical, que segundo este, é característico de seu dialeto. Ainda, relata que por exemplo, se um falante da região for ao litoral do estado, as pessoas, segundo a percepção do informante, não compreenderão o sentido da palavra, ainda, relatou uma situação engraçada pela qual passou, ao pronunciar *balaca de freio* na região litorânea do estado e dos moradores não reconhecerem, uma vez que, utilizam expressões como *disco de freio* ou *lona de freio*. Ainda que estes termos não estão presentes no excerto, o informante novamente apresentou outros traços lexicais característicos de seu dialeto, em comparação, por exemplo, ao dialeto usado no litoral do estado, o que nos demonstra que a variação lexical se apresenta acima do nível da consciência linguística, pois, são particularidades facilmente percebidas pelos falantes de uma língua e utilizadas para identificar outras variedades, ao longo do território nacional.

Outro ponto que chamou a atenção, na demarcação realizada pelo informante CH14FBES, como constatamos na Figura 18, é com relação a terceira pergunta realizada, pois como já destacamos, como o informante só compreende a questão quando o entrevistador especificava que, as formas que este deveria se atentar era para o uso de *tu* ou de *você*, o informante, ainda assim, não percebeu que nos excertos apresentados havia a presença tanto do pronome *tu* quanto do pronome *você*, o que pode ser um indício de que o mesmo não reconhece o uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, ou seja, não reconhece as variantes, conseqüentemente não avalia, em outras palavras, a variação na referência de segunda pessoa para esse informante é um indicador, uma vez que este, percebeu, nos excertos, somente o pronome *você*.

O informante CH15FBES, que também demarcou os 4 excertos na região Oeste, justificou que reconheceu os excertos, pela variedade linguística ser clara e compreensiva, também, por ser característico da “fala do interior”, sem apresentar maiores informações sobre qual aspecto (prosódico, fonológico, morfossintático ou lexical) caracterizador do excerto, também, comentou que reconheceu devido à descrição do falante dos costumes antigos da região, não especificando, quais seriam os costumes regionais presentes no excerto de fala.

Em linhas gerais, constatamos que os informantes de Chapecó reconheceram sua variedade, a partir dos excertos de fala, que foram apresentados, já que 3 informantes demarcaram os áudios na região do Oeste catarinense, e dos demais informantes, somente em 7 demarcações, que os excertos foram demarcados diferentemente do esperado.

Também, nesta etapa não foi possível coletar as respostas à questão *Como o informante se refere a seu ouvinte nessa fala?*, uma vez que esta, não alcançou o objetivo que havíamos pensado para a mesma, pois, somente quando realizamos as análises de variação dos usos das formas *tu* e/ou *você*, observamos que, a depender do contexto, os pronomes *tu* e/ou *você* podem alterar seu significado (referência/significado dirigido ao interlocutor, particular, grupo específico ou mesmo no sentido genérico), como já especificamos na seção 5.2.2, caracterização esta, que não foi considerada ao selecionarmos os excertos de fala, por esse motivo, em alguns excertos os pronomes *tu* e *você* não se referem ao interlocutor. Outro aspecto que devemos destacar, é que os informantes não compreenderam a pergunta, nem mesmo quando o entrevistador auxiliava na interpretação, entendendo o que fora solicitado, somente quando o entrevistador especificava que as formas que este deveria se atentar era para o uso de *tu* e de *você*, realizando na sequência, somente a extração da informação requisitada ao ouvir novamente o áudio.

Contudo, interessante perceber que o informante CH14FBES, conforme Figura 16 e Figura 18, demarcou que dentro do estado de Santa Catarina ocorrem ambas as formas (*tu* e/ou *você*), ainda que tenha pontuado que, na região Oeste, somente a forma *você* esteja presente no dialeto da região, assim, ao ouvir os excertos de fala de chapecoenses, o informante não percebeu a presença do pronome *tu*, demarcando somente o *você* nos quatro áudios. Podemos assim, levantar a hipótese que a variação nos pronomes de segunda pessoa do singular, pelos pronomes *tu* e/ou *você*, está abaixo

do nível da consciência linguística, uma vez que, mesmo considerando o processo de interpretação descrito acima, o informante não percebeu a presença da forma *tu* nos excertos de fala, contudo percebendo outros aspectos que se apresentaram mais salientes nos áudios, conforme descrição acima.

Analisadas as percepções dos chapecoenses frente ao uso das formas *tu* e/ou *você* ao longo do território nacional e do estado de Santa Catarina, e das variedades linguísticas usada em Chapecó e no Nordeste brasileiro, passemos agora, a mensurar as atitudes linguísticas dos chapecoenses frente ao uso das formas *tu* e/ou *você* nas diferentes situações comunicativas, com interlocutores e contextos mais ou menos formais.

5.2.5 Atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular na posição de sujeito

Nesta seção, descrevemos e analisamos as atitudes linguísticas dos 7 informantes chapecoenses de nossa amostra, frente ao uso das formas de referência à segunda pessoa do singular, sem o estímulo da fala do outro. Nesta etapa, os informantes deveriam manifestar, a partir da exposição escrita, seus julgamentos acerca de diferentes contextos de uso dos pronomes de segunda pessoa do singular.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1973]), o *problema da avaliação*, compreende na medida em que os falantes se identificam com uma das variedades ou variantes linguísticas, mas especificamente, dos pronomes de referência de segunda pessoa do singular *tu* e/ou *você*, acabam por avalia-la de modo subjetivo e consciente, agindo assim, diretamente nos processos de variação e/ou mudança linguística, uma vez que, podem aderir a forma, ou ainda, a rejeitar.

Ainda, devemos lembrar, conforme já detalhamos na seção 3.1, quando avaliamos uma variante, podemos considerar tanto o nível linguístico quanto o nível social, no primeiro caso, focalizamos a utilidade da variante no contexto de fala, já no segundo caso, enfocamos na atribuição social que a variante recebe.

Como falantes, convivemos diariamente com diferentes formas dialetais, das quais, muitas vezes, atribuímos diferentes valores de acordo com as características sociais de seu falante, construindo representações desses dialetos para si, ou seja, podemos criar

estereótipos dessas variedades, principalmente dos traços (prosódicos, fonológicos, morfossintáticos ou lexicais) salientes de nosso dialeto ou do dialeto do outro.

Segundo Labov (2008 [1972]), há julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre as variedades linguísticas de uma língua, com base no nível de consciência que o falante tem de determinada variável. Quando as variáveis passam por comentário social e suscetível de correção e hipercorreção, nos encontramos com a construção de estereótipos, ou seja, são variáveis marcadas de forma consciente, que podem sofrer estigma e, muitas vezes, são associadas à falta de escolaridade e rejeitadas, de modo explícito, pela comunidade de fala, sendo substituída rapidamente por outra forma. Se as variáveis não apresentam o mesmo nível de consciência social, mas mostram estratificação social e estilística, constatamos os marcadores, isto é, recebem consistente valorização social e estilística como, por exemplo, marca de prestígio. Já quando as variáveis não são comentadas ou reconhecidas pelos falantes, temos os indicadores, em outras palavras, as variáveis não são reconhecidas nem comentadas pelos indivíduos e não sofrem força avaliativa.

Buscamos, neste momento, observar como os chapecoenses avaliam o uso dos pronomes *tu* e/ou *você* em diferentes situações, para tanto, organizamos 6 questões de avaliação de estruturas sintáticas com os pronomes de referência de segunda pessoa do singular, das quais descreveremos e analisaremos primeiramente. Também, elaboramos 6 questões de uso, nas quais supomos um contexto de fala no qual o informante se dirigiria a uma segunda pessoa do discurso, nas diferentes situações, observando quais as escolhas linguísticas conscientes que os informantes realizariam para realizar a referência de segunda pessoa do singular, que será apresentada na sequência das questões de avaliação.

Neste momento, o informante recebeu um questionário impresso para que realizasse o julgamento das estruturas sintáticas com a presença dos pronomes *tu* e/ou *você*, e produzissem sentenças, em contextos específicos, de referência de segunda pessoa do singular. De modo a auxiliar na interpretação correta das questões, o entrevistador realizou a leitura destas e realizou as devidas explicações para a necessária compreensão de cada pergunta.

Nas três primeiras questões¹⁰⁶, o informante deveria julgar, a partir de uma escala valorativa de seis níveis, com base em Cardoso (2015), que compreendem em *Totalmente de acordo*, *De acordo*, *Mais ou menos de acordo*, *Mais ou menos contrário*, *Contrário* e *Totalmente contrário*, três sentenças de uso das formas *tu* ou *você*.

Assim, o informante deveria julgar a estrutura sintática, a partir da característica especificada, colocando um “X” no espaço correspondente à sua escolha, como por exemplo, na estrutura sintática **Você gosta de sorvete?**, o informante deveria julgar considerando o traço estético *Agradável* ou *Desagradável*, demarcando:

Agradável X:__:__:__:__ Desagradável - se estiver totalmente de acordo

Agradável __:X:__:__:__ Desagradável - se estiver de acordo

Agradável __:__:X:__:__:__ Desagradável - se estiver mais ou menos de acordo

Agradável __:__:__:X:__:__ Desagradável - se estiver mais ou menos contrário

Agradável __:__:__:__:X:__ Desagradável - se estiver contrário

Agradável __:__:__:__:__:X Desagradável - se estiver totalmente contrário

Deste modo, optamos para nossa análise, considerar o potencial que as escalas de polarização proporcionam, entre as duas posições extremas dos julgamentos, embasadas em Cardoso (2015). Isso quer dizer, que englobamos os resultados em apenas dois itens: um positivo, somando os totais dos três níveis da esquerda, e um negativo somando os três níveis da direita. Para tanto, trabalhamos com número par de níveis, pois assim, não teríamos um ponto neutro de julgamento, ou seja, uma avaliação que não seria nem positiva nem negativa. Deste modo, optamos por seguir a estrutura de Cardoso (2015), que uniu as técnicas de Osgood (1963) e Wolck (1973), uma vez que, nosso intuito é observar a avaliação dos informantes para o uso dos pronomes *tu* e/ou *você*.

Esses níveis (CARDOSO, 2015), abrangem quatro tipos de julgamentos linguísticos e sociolinguísticos, com base em Cardoso (2015), quando tratamos dos aspectos *estéticos*, *estilísticos* e *socioculturais*, contudo acrescentamos o julgamento com relação ao *emprego*, de modo a observar qual pronome de referência de segunda pessoa

¹⁰⁶ *Você gosta de sorvete? Tu gostas de sorvete? e Tu gosta de sorvete?* A sentença *Você gostas de sorvete?*, no caso, o pronome *você* acompanhado do verbo *gostar* flexionado na segunda pessoa do singular não é produtiva no PB, segundo pesquisas sociolinguísticas já realizadas (RAMOS, 1989; HAUSEN, 2000; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ZILLI, 2009; FRANCESCHINI, 2011; ROCHA, 2012; SALES, 2004; ALVES, 2010, 2012; NOGUEIRA, 2013; MOURA, 2013; SILVA, 2015), para tanto, não foi anexada.

do singular o falante acha que usa. Deste modo, as avaliações se concentraram em: a) *estética* (Bonita-Feia; Agradável-Desagradável; Boa-Ruim), b) *estilística* (Clara-Confusa; Simples-Complicada; Fácil-Difícil), c) *sociocultural* (Conhecida-Desconhecida; Prestigiada-Desprestigiada), e d) *emprego* (Uso-Não uso). Especificamente, a primeira característica, *estética*, está diretamente relacionada com a qualidade da voz em geral, ou seja, em aspectos puramente estéticos, da forma e sons que caracterizam uma variedade; já a segunda característica, *estilística*, está associada com aspectos discursivos da variedade, pontuando particularidades de inteligibilidade e simplicidade da estrutura analisada; a terceira característica, *sociocultural*, envolve a relação da estrutura sintática com o contexto de fala no qual é usada, ou seja, o componente que qualifica o dialeto de um grupo, a projeção da variedade, com relação a outras da língua.

No Gráfico 02, apresentamos os resultados gerais do julgamento dos chapecoenses, acerca do primeiro estímulo apresentado: **Você gosta de sorvete?**. Neste caso, priorizamos a forma *você* acompanhada do verbo *gostar*, flexionado na terceira pessoa do singular, conforme os estudos de Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e Franceschini (2011), que demonstraram que o pronome *você*, acompanhado do verbo na terceira pessoa do singular é produtivo no PB.

Deste modo, nossa hipótese é que, uma vez que, os falantes ao usarem o pronome *você*, o fazem com o verbo na terceira pessoa do singular, de acordo com Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e Franceschini (2011), estes avaliam positivamente a estrutura **Você gosta de sorvete?**.

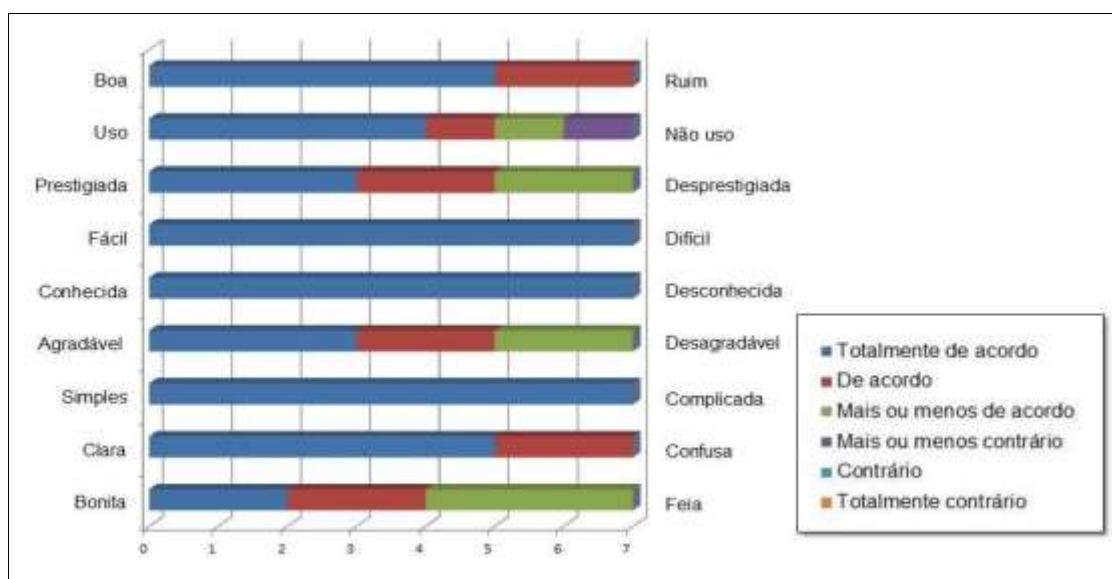


Gráfico 02: Atitude linguística dos chapecoenses frente ao estímulo *Você gosta de sorvete?*

Os resultados indicam que o uso do pronome *você*, com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular, é avaliado positivamente pelos chapecoenses, uma vez que, foram efetuadas 62 sinalizações correspondentes à atitude positiva contra 1 registro de atitude negativa, realizado pelo informante CH12FBEM no julgamento com relação ao *uso-não uso*, no qual o informante demarcou estar *Mais ou menos contrário*, ou seja, a não ser esta única demarcação, todos os informantes avaliaram positivamente (*Totalmente de acordo*, *De acordo* e *Mais ou menos de acordo*) a sentença julgada.

Observando os trabalhos desenvolvidos na região, como Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e Franceschini (2011), sobre referente à referência de segunda pessoa do singular pelos pronomes *tu* e/ou *você*, percebemos que esta avaliação positiva da relação entre o pronome *você* com o verbo na terceira pessoa do singular, vem de encontro com os resultados dessas pesquisas, que apontam uma significativa presença da forma *você*, sempre relacionada ao verbo na terceira pessoa do singular.

Constatamos no Gráfico 02, que os informantes de nossa amostra avaliaram positivamente a sentença com o pronome *você*, *Você gosta de sorvete?*, sendo que os aspectos *estilísticos* (21 sinalizações), *estéticos* (21 sinalizações) e *socioculturais* (14 sinalizações) predominaram no julgamento, também, o aspecto *emprego* (6 sinalizações) foi avaliado positivamente pela maioria dos informantes, uma vez que, somente um informante avaliou como negativo este aspecto.

Analisando nossos dados, considerando a variável *sexo/gênero*, percebemos que os informantes femininos avaliam quase que categoricamente a sentença: *Você gosta de sorvete?*, contudo, uma informante feminina demarcou uma avaliação negativa quanto ao *emprego* da estrutura. Já os informantes masculinos, avaliaram positivamente a sentença de modo categórico, independente o aspecto (*estéticos*, *estilísticos*, *socioculturais* ou de *emprego*), considerado.

Quando analisamos sob a variável *escolaridade*, os 2 informantes com Ensino Fundamental II de nossa amostra, analisaram categoricamente positiva a sentença *Você gosta de sorvete?*, independentemente do aspecto considerado. Situação semelhante ocorre com os dados dos informantes com Ensino Médio, uma vez que, os 2 informantes avaliaram positivamente, quase que categórico, a sentença, contudo, no aspecto *emprego*, um dos informantes demarcou uma avaliação negativa para o uso da estrutura com o pronome *você*. Já com relação aos dados dos informantes com Ensino Superior,

ocorreu uma avaliação positiva categórica, pois, os 3 informantes demarcaram somente avaliações positivas aos analisar os aspectos *estéticos*, *estilísticos*, *socioculturais* e de *emprego*.

No Gráfico 03, apresentamos os resultados gerais do julgamento dos chapecoenses, acerca do segundo estímulo apresentado: **Tu gostas de sorvete?**. Neste caso, priorizamos a forma *tu* acompanhada do verbo gostar flexionado na segunda pessoa do singular, conforme o uso prescrito pela GT, conforme detalhamos na seção 2.2, que estabelece, que o pronome de segunda pessoa do singular deve concordar com o verbo na segunda pessoa do singular, característica de uso da língua essa contestadas pelas pesquisas sociolinguísticas realizadas na região, como por exemplo, Loregian-Penkal (2004) e Rocha (2012), que demonstraram produtivo no PB, sentenças com os pronomes de segunda pessoa do singular (*tu* e/ou *você*) concordando com o verbo na terceira pessoa do singular.

De modo geral, nossa hipótese, baseada em Loregian-Penkal (2004) e Sales (2004), é a de que a sentença com o pronome *tu*, concordando com o verbo na segunda pessoa do singular, será avaliada negativamente pelos chapecoenses, uma vez que, os dados de fala de Chapecó (LOREGIAN-PENKAL, 2004), apontam que é recorrente o uso do pronome *tu* com a ausência de marca formal de segunda pessoa no verbo.

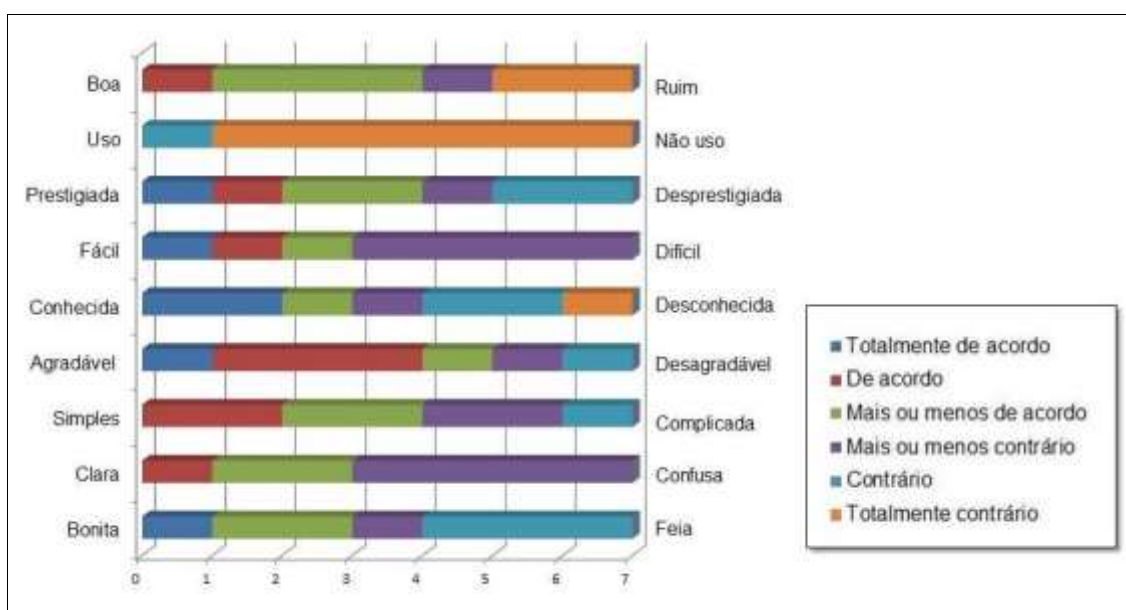


Gráfico 03: Atitude linguística dos chapecoenses frente ao estímulo *Tu gostas de sorvete?*

Os resultados indicam uma leve atitude negativa que os chapecoenses demonstram perante o uso da forma *tu* com o verbo flexionado na segunda pessoa do singular, uma vez que, diferentes níveis de julgamento foram sinalizados, totalizando 30 sinalizações correspondentes à atitude positiva e 33 sinalizações relativas à atitude negativa, ainda que a diferença entre os resultados de atitude positiva e negativa não apresente uma escala significativamente maior.

Esses resultados vêm de encontro com nossa hipótese, baseada em Loregian-Penkhal (2004) e Sales (2004), de que a sentença com o pronome *tu*, concordando com o verbo na segunda pessoa do singular, seria avaliada negativamente pelos chapecoenses, isso por que, observando os dados de fala da cidade de Chapecó (LOREGIAN-PENKHAL, 2004), os resultados apontam que, na variedade local é recorrente que as sentenças com o pronome *tu* não apresentem a marca formal de segunda pessoa no verbo.

Analisando todas as características avaliadas negativamente pelos informantes, constatamos que os aspectos *estilísticos* (11 sinalizações) e *estéticos* (11 sinalizações) foram os que mais sofreram avaliação negativa na sentença *Tu gostas de sorvete?*, seguido dos aspectos *socioculturais* (7 sinalizações) e de *emprego* (4 sinalizações).

Considerando em nossa análise a variável *sexo/gênero*, constatamos que 2 informantes femininos avaliam positivamente a sentença *Tu gostas de sorvete?*, sendo que o aspecto *estético* (6 sinalizações), foi o que mais apareceu na avaliação positiva pelas chapecoenses, seguido dos aspectos *estilísticos* (5 sinalizações) e *sociocultural* (3 sinalizações). Ainda, 1 informante feminino avaliou negativamente a estrutura *Tu gostas de sorvete?* em todos os aspectos (*estéticos*, *estilísticos*, *socioculturais* ou de *emprego*) analisados.

Com relação aos dados dos 4 informantes masculinos, constatamos que 2 informantes realizaram uma avaliação positiva e 2 informantes avaliação negativa da estrutura *Tu gostas de sorvete?*. Nas avaliações positivas realizados pelos 2 chapecoenses, predominou o aspecto *estilístico* (6 sinalizações), seguido do *sociocultural* (4 sinalizações) e *estético* (3 sinalizações). Já nas avaliações negativas dos 2 informantes, um dos informantes demarcou em todos os aspectos uma avaliação negativa e o outro informante pontuou uma única avaliação positiva no aspecto *estético*, assim, na avaliação negativa das sentenças, predominou o aspecto *estilístico* (6 sinalizações), seguido dos aspectos *estéticos* e *socioculturais* (com 4 sinalizações cada) e de *emprego* (2 sinalizações).

Em suma, na variável *sexo/gênero* percebemos que as mulheres avaliam positivamente a sentença *Tu gostas de sorvete?*, em comparação aos homens que apresentam avaliação equilibrada da sentença.

Analisando, a partir da variável *escolaridade*, nos dados dos 2 informantes com Ensino Fundamental II, percebemos que, em linhas gerais, 1 informante avalia positivamente a sentença *Tu gostas de sorvete?*, uma vez que, analisando os aspectos *estéticos*, *estilísticos*, *socioculturais* e de *emprego*, o informante demarca somente uma avaliação negativa, em relação ao *emprego*, da estrutura e uma sinalização do aspecto *estilístico* (Clara-Confusa), pontuando, somente avaliações positivas nos demais aspectos. O mesmo não ocorre com o segundo informantes com Ensino Fundamental II, pois predomina, em seu julgamento, uma avaliação negativa da estrutura em questão no aspecto *estilístico* (Clara-Confusa, Simples-Complicada, Fácil-Difícil), seguido do aspecto *sociocultural* (Conhecida-Desconhecida, Prestigiada-Desprestigiada), de *emprego* (uso-Não uso) e *estético* (Bonita-Feia).

Uma situação semelhante se apresenta nos dados dos informantes com Ensino Médio, pois 1 informante avalia positivamente a sentença *Tu gostas de sorvete?*, e 1 informante avalia categoricamente negativa a sentença em questão. Em relação ao informante que avaliou predominantemente positiva a sentença, somente no aspecto *emprego* (Uso-Não uso), que este avaliou como negativo seu uso, assim, nos demais aspectos *estéticos*, *estilísticos* e *socioculturais* o informante avaliou positivamente o uso do pronome *tu* na estrutura. Como já apontamos, o segundo informante com Ensino Médio avaliou em todos os aspectos *estéticos*, *estilísticos*, *socioculturais* e de *emprego* a sentença negativamente, não apontando um julgamento positivo em nenhum aspecto analisado.

Por fim, analisando os dados dos informantes com Ensino Superior, constatamos que 2 informantes avaliam positivamente a sentença com o pronome *tu* e 1 informante avalia negativamente a estrutura. Em relação aos 2 informantes que avaliam, predominantemente, a estrutura como positiva, percebemos que o aspecto *estilístico* (5 sinalizações) predominou nas avaliações positivas, seguido do aspecto *estético* (4 sinalizações) e o aspecto *sociocultural* (3 sinalizações). Já o informante que avaliou negativamente a estrutura, constatamos que, em todos os aspectos (*estéticos*, *estilísticos*, *socioculturais* e de *emprego*), o mesmo avaliou como negativa a sentença.

No Gráfico 04, apresentamos os resultados gerais do julgamento dos chapecoenses acerca do terceiro estímulo apresentado: **Tu gosta de sorvete?**. Neste caso, priorizamos a forma *tu*, acompanhada do verbo gostar flexionado na terceira pessoa do singular, diferente da regra prescrita pela GT, que estabelece que o pronome de referência de segunda pessoa do singular *tu*, concorda com o verbo na segunda pessoa do singular, contudo, a estrutura sintática analisada pelos informantes, neste momento, é altamente recorrente na fala, segundo os estudos de Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004), Zilli (2009), Alves (2010) e Rocha (2012).

Deste modo, com base em Hausen (2000), Zilli (2009), Alves (2010), Rocha (2012) e Loregian-Penkall (2004), temos como hipótese, que o uso do pronome de referência de segunda pessoa do singular *tu*, com o verbo na terceira pessoa do singular, será avaliada positivamente pelos chapecoenses.

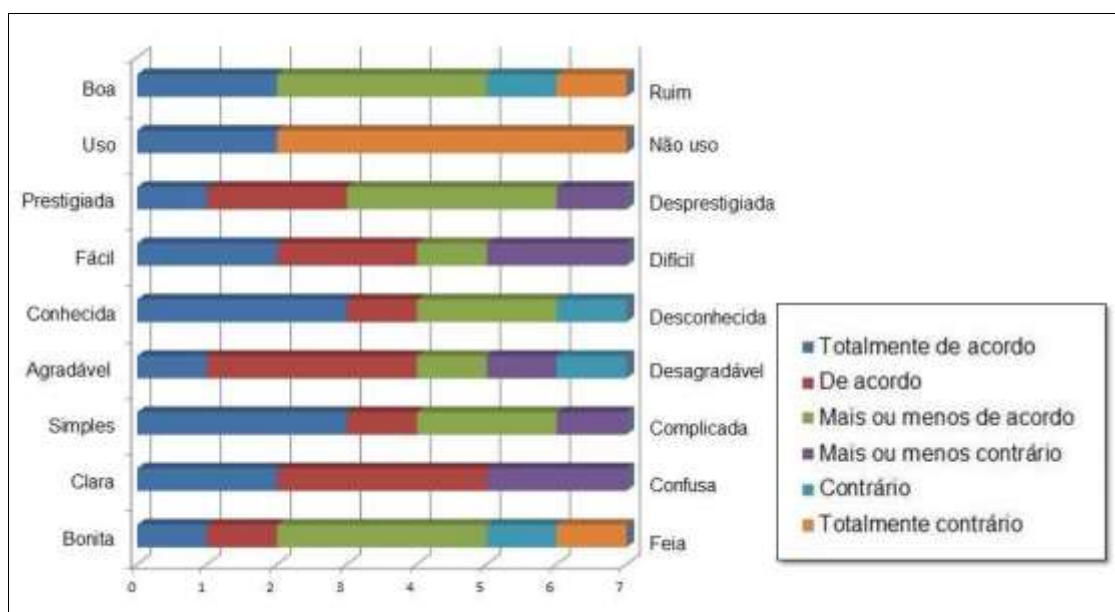


Gráfico 04: Atitude linguística dos chapecoenses frente ao estímulo *Tu gosta de sorvete?*

Os resultados indicam, claramente, que o chapecoense demonstra a uma atitude positiva perante o uso da forma *tu*, com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular, uma vez que, foram efetuadas 45 sinalizações correspondentes à atitude positiva e 18 relativas à atitude negativa.

Essa avaliação confirma nossa hipótese, com base em Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004), Zilli (2009), Alves (2010) e Rocha (2012), de que a sentença com o pronome *tu* em concordância com o verbo na terceira pessoa do singular, seria avaliada

positivamente pelos chapecoenses, uma vez que, esta foi sinalizada 45 vezes nos aspectos (*estilísticos*, *estéticos*, *socioculturais* e de *emprego*) considerados.

Mais especificamente, confirmamos esta avaliação ao analisar, por exemplo, os resultados de Hausen (2000), que constatou que a concordância do pronome *tu* com o verbo, no *corpus* de fala da cidade de Chapecó, que compõe o Banco de Dados VARSUL, apresentou peso relativo de 0.74, ou seja, dos 161 dados que a pesquisadora encontrou nos dados, em 156 dados os informantes realizaram a concordância do pronome *tu* com o verbo na terceira pessoa do singular, assim, somente em 5 ocorrências, que os informantes de Chapecó realizaram a concordância do pronome *tu* com o verbo na segunda pessoa do singular.

Situação semelhante ocorreu na pesquisa de Loregian-Penkall (2004), que ao analisar os dados de fala de Chapecó encontrou 261 ocorrências de uso do pronome *tu*, contudo, em 259 dados os informantes de Chapecó realizaram a concordância do pronome *tu* com o verbo na segunda pessoa do singular, ou seja, somente em 2 dados os informantes realizaram a concordância do pronome com o verbo na segunda pessoa do singular.

Observando o Gráfico 04, constatamos que a forma *Tu gosta de sorvete?*, possui uma avaliação significativamente positiva, e isso se confirma, quando analisamos as características analisadas pelos informantes, na qual predominou o aspecto *estilístico* (16 sinalizações), seguido dos aspectos *estéticos* (15 sinalizações), *socioculturais* (12 sinalizações) e de *emprego* (2 sinalizações).

Considerando a variável *sexo/gênero* analisando os dados, percebemos que as mulheres de nossa amostra avaliaram predominantemente positiva a estrutura *Tu gosta de sorvete?*, predominando o aspecto *estilístico* (8 sinalizações), seguido dos aspectos *estéticos* (7 sinalizações), *socioculturais* (5 sinalizações) e de *emprego* (1 sinalização). Já nos informantes do sexo/gênero masculinos, constatamos que 3 informantes avaliaram predominantemente positiva a sentença *Tu gosta de sorvete?*, contudo 1 informante avaliou categoricamente negativa a estrutura em questão, assim, em linhas gerais, nos dados dos informantes masculinos, predominou a avaliação positiva dos aspectos *estéticos* (9 sinalizações) e *estilísticos* (9 sinalizações), seguido do aspecto *sociocultural* (6 sinalizações) e de *emprego* (1 sinalização).

Observando os dados sob a variável *escolaridade* percebemos, com relação aos informantes com Ensino Fundamental II, que 1 informante avalia positivamente a estrutura

Tu gosta de sorvete?, em todos os aspectos (*estilísticos*, *estéticos*, *socioculturais* e de *emprego*), e 1 informante avaliou negativamente a sentença, também em todos os aspectos considerados. Com relação aos dados dos informantes com Ensino Médio, constatamos que os 2 informantes avaliam positivamente a sentença, em todos os aspectos *estéticos* (6 sinalizações) e *estilísticos* (6 sinalizações), seguido do aspecto *sociocultural* (4 sinalizações) e de *emprego* (1 sinalização), ou seja, somente ocorreu uma sinalização negativa com relação ao *emprego*, as demais sinalizações realizadas pelos informantes foram positivas. Os informantes com Ensino Superior também avaliaram positivamente a sentença *Tu gosta de sorvete?*, destacando-se o aspecto *estilístico* (8 sinalizações), seguido do aspecto *estético* (7 sinalizações) e *sociocultural* (5 sinalizações).

Após apresentarem julgamento das três estruturas, os informantes foram questionados se já haviam ouvido outros usos além desses. Três informantes pontuaram que não ouviram nenhum outro uso além dos apresentados para julgamento. Um informante exemplificou, com uma estrutura semelhante a julgada: *Você curte sorvete*, substituindo o verbo, ou seja, este não compreendeu em si a pergunta, realizando uma mudança de sentido, sem modificar a estrutura sintática da sentença. Outro uso sugerido, por 2 informantes, foi com o sujeito oculto: *Moras aonde?* Ou *Quer um sorvete*, ou seja, um uso possível no PB. Por fim, um informante (CH10MBEFII) sugeriu a seguinte estrutura: *Ce gosta de sorvete*, ou seja, o informante apresentou uma variante monossilábica, da forma *você*, em posição de sujeito, diferente das estruturas apresentadas para julgamento, mas altamente recorrente no PB, conforme estudos de Scherre (2011), Scherre et al (2015), Alves (2010), Paredes Silva (2003), Moura (2013) e Costa (2013).

Em suma, a partir dos resultados do julgamento das três estruturas pelos informantes chapecoenses, o uso da forma *você* com o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular foi avaliada positivamente em 98,4% das sinalizações, em relação a 1,6% de avaliação negativa. Outra estrutura que foi também avaliada positivamente, foi a que apresenta o pronome *tu* com o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular, com 71,4% de avaliação positiva e 28,6% de avaliação negativa. Por fim, a única estrutura que apresentou uma avaliação negativa, foi a do pronome *tu* com o verbo flexionado na 2ª pessoa do singular, com 54% de avaliação negativa em comparação a 46% de avaliação positiva.

Analisando o aspecto extralinguístico *sexo/gênero* dos informantes de nossa amostra, constatamos que as mulheres avaliaram positivamente as três sentenças apresentadas, ainda, nas estruturas *Você gosta de sorvete?* e *Tu gostas de sorvete?*, predominaram os aspectos *estilísticos* e *estéticos*, já na sentença *Tu gosta de sorvete?*, predominou o aspecto *estilístico*, nas avaliações positivas das informantes femininas de nossa amostra. Analisando as sinalizações realizadas pelos informantes masculinos constatamos que, com relação à sentença *Você gosta de sorvete?*, a avaliação positiva foi realizada em todos os aspectos, predominando os aspectos *estéticos* e *estilísticos*, já na estrutura *Tu gostas de sorvete?*, os informantes masculinos apresentaram uma avaliação equilibrada, sendo que tanto nos informantes que julgaram a sentença positivamente quanto dos que julgaram negativamente a sentença, predominou o aspecto *estilístico*, por fim, frente a sentença *Tu gosta de sorvete?*, os informantes masculinos avaliaram positivamente, predominando o aspecto *estético*.

Já em relação a variável *escolaridade*, constatamos que os informantes com Ensino Fundamental II, avaliaram positivamente a estrutura *Você gosta de sorvete?*, em todos os aspectos considerados, predominando os *estéticos* e *estilísticos*. Na sentença *Tu gostas de sorvete?*, os informantes apresentaram julgamento equilibrado, assim, na avaliação positiva predominou os aspectos *estilísticos* e *estéticos*, já na avaliação negativa prevaleceu o aspecto *estilístico*. Um contexto de avaliação equilibrada também ocorreu no julgamento da sentença *Tu gosta de sorvete?*, predominando, tanto na avaliação positiva quanto negativa, os aspectos *estilísticos* e *estéticos*.

Nos dados dos informantes com Ensino Médio, constatou-se uma avaliação positiva para com a sentença *Você gosta de sorvete?*, predominando os aspectos *estilísticos* e *estéticos*, já a avaliação da sentença *Tu gostas de sorvete?*, apresentou equilíbrio no julgamento, predominando, tanto na avaliação positiva quanto negativa, os aspectos *estilísticos* e *estéticos*. Na sentença *Tu gosta de sorvete?*, os informantes realizaram uma avaliação positiva, predominando os aspectos *estilísticos* e *estéticos*.

Finalizando a análise dos dados, em relação a variável *escolaridade* no julgamento das três sentenças, verificamos que os informantes com Ensino Superior avaliaram categoricamente positiva a sentença *Você gosta de sorvete?* com o predomínio dos aspectos *estilísticos* e *estéticos*, já com relação a sentença *Tu gostas de sorvete?*, 2 informantes a avaliaram positivamente, predominando o aspecto *estilístico*, contudo, 1 informante a avaliou como negativa, predominando os aspectos *estilísticos* e *estéticos*, e

com relação a última estrutura, *Tu gosta de sorvete?*, os informantes a avaliaram como positiva, predominando o aspecto *estilístico*.

Após a avaliação das três sentenças acima, de acordo com as características *estéticas, estilísticas, socioculturais* e de *emprego*, passaremos a descrever e analisar na sequência, um conjunto de questões que, também, tiveram o intuito de detectar as avaliações dos chapecoenses frente ao uso dos pronomes *tu* e/ou *você*.

A questão 7, apresentada aos informantes, solicitou que eles escolhessem, dentre um conjunto de alternativas apresentadas, a estrutura que, segundo eles, é a que considerasse melhor. Nosso intuito é observar qual das estruturas com os pronomes *tu* ou *você* é avaliada positivamente, considerando o julgamento “melhor”, assim, temos como hipótese, com base em Rocha (2012), que a sentença com o pronome *você* será avaliada positivamente como “melhor”, pelos chapecoenses de nossa amostra.

7. Na sua opinião qual pergunta é melhor?
- a) O que você vai pedir para jantar?
 - b) O que tu vais pedir para jantar?
 - c) O que tu vai pedir para jantar?
 - d) Outra forma: _____.

Os resultados indicam que a maioria dos informantes avaliou positivamente a alternativa (a) *O que você vai pedir para jantar?*, já que 6 informantes sinalizaram como a melhor em relação às demais, e somente 1 informante indicou a alternativa (c) *O que tu vai pedir para jantar?*. Assim, a frase que apresenta o pronome *você* com o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo foi avaliada positivamente pelos informantes chapecoenses de nossa amostra como “melhor”.

Destacamos que, um dos informantes sugeriu na alternativa (d), outra forma possível, com o emprego do pronome de tratamento *senhor* e *senhora*, pronome este que, como percebemos acima, não apareceu nos contextos apresentados aos informantes.

As respostas assinaladas pelos informantes confirmam nossa hipótese, com base em Rocha (2012), de que a sentença com o pronome *você* é avaliada positivamente quando considerado o aspecto “melhor”, uma vez que, esta foi demarcada por 6 dos

chapecoenses de nossa amostra, seguido de 1 demarcação da estrutura com o pronome *tu*, (c) *O que tu vai pedir para jantar?*.

Considerando a variável *escolaridade*, percebemos que os informantes com Ensino Fundamental II, avaliaram como melhor tanto o pronome *tu* quanto o pronome *você*, uma vez que, 1 informante demarcou a estrutura a) *O que você vai pedir para jantar?* como melhor e 1 informante a sentença c) *O que tu vai pedir para jantar?*. Os informantes com Ensino Médio avaliaram o pronome *você* como melhor, pois os 2 informantes marcaram a alternativa a) *O que você vai pedir para jantar?*, o que se repetiu nos resultados dos informantes com Ensino Superior, já que os 3 chapecoenses, também, demarcaram como melhor a sentença (a). Em linhas gerais, percebemos que nos dados do Ensino Fundamental II, tanto o pronome *tu* quanto o pronome *você*, foram avaliadas como melhor e nas escolaridades seguintes, Ensino Médio e Ensino Superior, o pronome *você* foi avaliado categoricamente como melhor, não sendo selecionado por nenhum informantes, destas escolaridades, as estruturas com o pronome *tu*.

Já com relação a variável *sexo/gênero*, percebemos que as 3 informantes femininas avaliaram como “melhor” o pronome *você*, já que estas assinalaram a sentença a) *O que você vai pedir para jantar?*, avaliação que se mantém quando observamos os resultados dos informante masculinos de nossa amostra, pois, 3 informantes julgaram a sentença a) *O que você vai pedir para jantar?* como melhor e somente 1 informante demarcou a estrutura sintática c) *O que tu vai pedir para jantar?*. Em suma, percebemos que tanto nos dados com informantes masculinos quanto com informantes femininos, o pronome *você* é avaliado positivamente como “melhor”.

Na questão 8, solicitamos aos informantes que indicassem, dentre as alternativas apresentadas, as estruturas que consideravam ruins e que nunca usariam, já que nosso intuito era que os informantes julgassem as estruturas com os pronomes *tu* ou *você*, e emitissem uma avaliação negativa, de modo a observar se as avaliações realizadas até então, se confirmavam. Deste modo, com base em Rocha (2012), temos como hipótese que os chapecoenses avaliam negativamente as estruturas com o pronome *tu*.

8. Na sua opinião qual pergunta é ruim e nunca usaria?

a) *Tu irias passear comigo hoje de tarde?*

b) *Você iria passear comigo hoje de tarde?*

c) *Tu iria passear comigo hoje de tarde?*

d) Outra forma: _____.

Os resultados desta questão ratificaram os apresentados até então, pois 6 informantes indicaram a alternativa (a) *Tu irias passear comigo hoje de tarde?*, e 1 informante informou a alternativa (c) *Tu iria passear comigo hoje de tarde?*, ou seja, a alternativa em que aparecia o pronome *tu*, com o verbo flexionado na 2ª pessoa do singular, foi quase que categoricamente, avaliada negativamente pelos informantes, uma vez que, 6 informantes a demarcaram como “ruim” e que nunca fariam uso, e a estrutura com o pronome *tu* e o verbo na 3ª pessoa do singular, também sofreu uma avaliação negativa.

Assim, observando os resultados acima, confirmamos nossa hipótese, embasada em Rocha (2012), que as estruturas sintáticas com o pronome *tu* seriam avaliadas negativamente pelos informantes, uma vez que as duas formas sofreram avaliação negativa, ainda que a (a) *Tu irias passear comigo hoje de tarde?* sofre estigma maior que a estrutura (c) *Tu iria passear comigo hoje de tarde?*.

Analisando a variável *escolaridade* considerando a avaliação da forma que os chapecoenses acham ruim e que nunca usariam, percebemos que os 2 informantes com Ensino Fundamental II, avaliaram categoricamente negativa a estrutura a) *Tu irias passear comigo hoje de tarde?*, julgamento este, que se repete nos dados dos 2 informantes com Ensino Médio. Situação semelhante ocorre nos dados dos informantes com Ensino Superior, pois 2 informantes avaliara a sentença (a) *Tu irias passear comigo hoje de tarde?* como ruim e que nunca a usariam, ainda, 1 informante com Ensino Superior demarcou a estrutura c) *Tu iria passear comigo hoje de tarde?*, como ruim e que não usaria. Em linhas gerais, verificamos que somente o pronome *tu* foi avaliado negativamente como ruim, e que o informante nunca utilizaria em todas as escolaridades observadas, destacando-se ainda, uma significativa avaliação, já que 6 informantes as sinalizaram, a estrutura do pronome *tu* com o verbo na segunda pessoa do singular.

Comparando os resultados obtidos em nossa pesquisa com Rocha (2012), percebemos que, com os informantes menos escolarizados o pronome *tu* é avaliado mais

negativamente do que o pronome *você*, informação esta que se mantém nos dados do Ensino Fundamental II, ainda que em nossos dados nenhuma avaliação negativa, a considerando ruim, foi emitida com relação ao pronome *você*. Já nos dados dos informantes mais escolarizados, de Rocha (2012) tanto as formas *tu* e *você* sofreram a mesma porcentagem de avaliação negativa, por parte dos florianopolitanos, o que não ocorre em nossa pesquisa, já que somente o pronome *tu* é avaliado como ruim e que os informantes não utilizariam, uma vez que, somente as sentenças (a) e (c) foram assinaladas.

Considerando a variável *sexo/gênero*, percebemos que os 4 informantes do sexo masculino elegeram a estrutura a) *Tu irias passear comigo hoje de tarde?*, como ruim e que nunca usaria, avaliação que se mantém quando analisamos os dados com informantes femininos, pois 2 informantes demarcaram também a sentença (a) e somente 1 informante feminina demarcou a sentença c) *Tu iria passear comigo hoje de tarde?*.

Contrapondo nossos resultados, referentes à variável *sexo/gênero*, com a pesquisa de Rocha (2012), verificamos que, em ambas as pesquisas, os informantes avaliaram negativamente como ruim, e que nunca usariam, o pronome *tu*, ainda, em ambas as amostras de dados o pronome *você* não sofre nenhuma avaliação negativa.

Em linhas gerais, percebemos, com relação a variável *faixa etária*, que os informantes, da pesquisa de Rocha (2012), mais jovens (12-33 anos) avaliam a variante *tu* como ruim, como ocorre em nossos dados, uma vez que, os 7 informantes demarcaram as estruturas com o pronome *tu*, já em relação ao *você*, não há em nossos dados, nenhuma avaliação negativa, o que não ocorre em Rocha (2012) que, ainda que com pouca frequência, o *você* é avaliada como ruim por alguns informantes florianopolitanos.

Na questão 9, solicitamos aos informantes que indicassem, dentre as alternativas apresentadas a que usariam e que consideravam “legal/boa”, pois nosso intuito era que os chapecoenses realizassem uma avaliação, de modo a obter um julgamento positivo frente aos pronomes *tu* ou *você*, confirmando se as avaliações geradas na questão 7, se reafirmam nesta avaliação. Para tanto, com base em Rocha (2012), nossa hipótese é que ao avaliar as estruturas com os pronomes *tu* ou *você*, considerando qual é “boa”, os informantes avaliariam positivamente a sentença com o pronome *você*.

9. Em sua opinião qual frase é legal/boa?

a) *Você não vai no mercado hoje de tarde!*

b) *Tu não vai no mercado hoje de tarde!*

c) *Tu não vais no mercado hoje de tarde!*

d) Outra forma: _____.

Os resultados vêm de encontro às avaliações realizadas até aqui pelos informantes, isso por que, a maioria dos informantes avaliaram positivamente a estrutura com o pronome *você*, o que confirma nossa hipótese de que a estrutura com o pronome *você* seria avaliada positivamente, considerando o aspecto “boa”, pelos chapecoenses de nossa amostra.

Em linhas gerais, a maioria dos informantes, ou seja, 4 informantes avaliaram positivamente a alternativa (a) *Você não vai no mercado hoje de tarde!*, julgamento que vem de encontro, com os resultados das questões de avaliação de sentenças até aqui analisadas, nas quais a estrutura com o pronome *você* gerou uma atitude positiva por parte dos chapecoenses.

Também, 2 informantes indicaram a alternativa (c) *Tu não vais no mercado hoje de tarde!* como boa/legal, o que nos chamou atenção, uma vez que, até o momento, em nenhuma das questões anteriores, a estrutura sintática do pronome *tu*, com o verbo na segunda pessoa do singular, foi a avaliada positivamente por parte dos informantes. Ainda, 1 informante apontou a alternativa (b) *Tu não vai no mercado hoje de tarde!*, como sendo boa/legal, estrutura essa, do pronome *tu* e o verbo na terceira pessoa do singular, que foi avaliada positivamente por alguns informantes nas questões anteriores.

Observando a variável *escolaridade*, verificamos que os 2 informantes com Ensino Fundamental II, consideraram a estrutura c) *Tu não vais no mercado hoje de tarde!* como legal/boa, já os informantes com Ensino Médio não apresentaram uniformidade no julgamento das estruturas, uma vez que, 1 informante marcou a estrutura a) *Você não vai no mercado hoje de tarde!*, e 1 informante demarcou a sentença b) *Tu não vai no mercado hoje de tarde!*, ainda, interessante destacar, que os 3 informantes com Ensino Superior demarcaram a estrutura (c) como legal/boa. Em linhas gerais, o uso do pronome *tu*, com o verbo na segunda pessoa do singular, é considerada legal/boa pelos informantes com Ensino Fundamental II, já os pronomes *tu* e *você*, com o verbo na terceira pessoa do singular, é julgada como legal/boa pelos informantes com Ensino Médio e, por fim, o

pronome *você*, com o verbo na terceira pessoa do singular, foi qualificado como legal/boa pelos informantes com Ensino Superior.

Comparando os resultados pontuados por Rocha (2012) com os nossos resultados, percebemos que os informantes menos escolarizados avaliaram a forma *você* como a mais legal/boa em relação ao *tu*, julgamento contrário aos nossos resultados que apontaram, nos dados com informantes do Ensino Fundamental II, o pronome *tu* como legal/boa, não sendo demarcada a forma *você* por nenhum dos 2 informantes com Ensino Fundamental II. Os informantes mais escolarizados, em Rocha (2012), avaliaram como mais legal/boa a forma *tu*, em relação ao *você*, situação que não encontramos em nossos dados, já que os 3 informantes de nossa amostra avaliaram o pronome *você* como legal/boa.

Com relação a variável *sexo/gênero*, verificamos que as mulheres de nossa amostra avaliaram como legal/boa o pronome *você*, pois 2 informantes demarcaram esta e 1 informante demarcou o pronome *tu*. Com relação aos resultados dos informantes masculinos, estes avaliaram tanto o pronome *você* quanto o pronome *tu* como legal/boa, uma vez que, dos 4 informantes masculinos, 2 informantes demarcaram o *você* e 2 informantes selecionaram o *tu*.

Contrapondo esses resultados com a pesquisa de Rocha (2012), constatamos que tanto as mulheres florianopolitanas quanto as chapecoenses, avaliam o pronome *você* como mais legal/boa em relação ao *tu*. Já uma situação distinta ocorre, quando analisamos os dados dos informantes masculinos, pois em Rocha (2012), somente o pronome *você* é avaliado como legal/boa, em relação ao *tu*, que não foi demarcado por nenhum informante, já os informantes masculinos de nossa amostra, avaliaram como legal/boa tanto o pronome *tu* quanto o pronome *você*.

Em linhas gerais, comparando nossos resultados da variável *faixa etária* com a pesquisa de Rocha (2012), verificamos que, tanto nossos 7 informantes chapecoenses, quanto os informantes mais jovens (12-33 anos) da pesquisa de Rocha (2012), jugaram como legal/boa o pronome de referência de segunda pessoa do singular *você*.

Analisando as questões em que os informantes deveriam eleger somente uma estrutura, avaliando positiva ou negativamente esta, diagnosticamos que, em linhas gerais, a estrutura com o pronome *você*, com o verbo na 3ª pessoa do singular, é avaliada positivamente pela maioria dos informantes, considerando as características julgadas (boa/legal, ruim e melhor), por meio das questões apresentadas aos informantes.

Após o julgamento dessas estruturas, organizamos um conjunto de perguntas com o intuito de criar situações hipotéticas, mais ou menos formais, de interação entre o informante e diferentes interlocutores, de modo a motivar o uso dos pronomes de segunda pessoa *tu* e/ou *você*.

Deste modo, temos a intenção de observar quais estruturas sintáticas os informantes utilizariam, de modo consciente, na referência de segunda pessoa do singular. Para tanto, temos como hipótese, com base nos estudos de Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), que ao se referir a uma segunda pessoa os chapecoenses de nossa amostra variariam no uso dos pronomes *tu* e/ou *você*.

A seguir, apresentaremos as situações simulada aos informantes e seus resultados segundo a ordem apresentada no questionário.

Primeiramente, simulamos uma situação de menor grau formalidade entre os interlocutores, e solicitamos ao informante que produzisse uma frase na qual oferecesse uma bebida (o chimarrão) para alguém já conhecido do informante, ou seja, em contexto mais íntimo. Temos como hipótese, com base em Rocha (2012), que nas relações simétricas, como é o caso da interação entre conhecidos, os informantes utilizaram mais o pronome *tu* na referência de segunda pessoa.

2. Suponhamos que esteja oferecendo um chimarrão para alguém conhecido, como se dirige a ele?

A partir dessa situação, as sentenças produzidas pelos 7 informantes foram as seguintes:

CH09MBEFII	<i>Você quer uma cunha</i>
CH10MBEFII	<i>Você que[r] um cunha de chimarrão</i>
CH11MBEM	<i>Aceita uma chimarrão</i>
CH12FBEM	<i>Tu que[r] chimarrão?</i>
CH13MBES	<i>Você</i>
CH14FBES	<i>Você aceita uma cuia?</i>
CH15FBES	<i>Cê aceitaria?</i>

Quadro 18: Uso dos pronomes *tu* e/ou *você* ao oferecer chimarrão a alguém conhecido.

Os resultados indicam que, somente 1 informante usou o pronome *tu*, com o verbo flexionado no infinitivo, para oferecer chimarrão a alguém conhecido, o que acaba por nos fazer refutar nossa hipótese, embasada em Rocha (2012), de que nas relações simétricas os chapecoenses optariam usar o pronome *tu*, na referência de segunda pessoa.

Em contrapartida, o pronome *você* foi utilizado por 5 informantes, sendo que um desses, não especifica como realizaria a concordância verbal, também, foi empregada a variante *cê*, da forma *você*, na produção de um dos informantes. Em duas ocorrências, com o pronome *você*, o informante concorda o pronome com o verbo no infinitivo pessoal ou com o verbo na terceira pessoa do singular, já com a variante *cê*, a concordância verbal ocorre com o verbo na 3ª pessoa do futuro do pretérito do indicativo.

Somente 1 informante produziu sua estrutura sem a presença expressa de um pronome sujeito de referência à segunda pessoa do singular, na sentença, mas com o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, não temos nenhum indício de qual seria a escolha pronominal para o preenchimento da posição de sujeito, contudo, observando os resultados da seção 5.1.13.1, na qual observamos a variação no indivíduo e na comunidade, temos como hipótese que o informantes utilizaria o pronome *tu* para fazer a referência de segunda pessoa do singular, uma vez que, observamos que das 14 ocorrências de uso dos pronomes, em 13 ocorrências (92,2%) o informante realizou a referência por meio do pronome *tu*.

Assim, o contexto em que o informante oferece uma bebida a alguém já conhecido favorece o uso da forma *você*, e sua variante *cê*, ou seja, o *você* é mais usados pelos informantes do que o pronome *tu* no contexto de tratamento íntimo com o interlocutor, já que esta foi usada por em 5 informantes em comparação ao único informante que utilizou o pronome *tu*.

Considerando o aspecto *escolaridade*, percebemos que quando os 2 informantes com Ensino Fundamental II oferecem, em uma situação hipotética, um chimarrão para alguém conhecido, estes utilizaram o pronome *você*, situação distinta dos informantes com Ensino Médio, uma vez que, um dos informantes utilizou o pronome *tu* e o outro não explicitou o pronome sujeito da sentença, por fim, analisando os dados dos informantes com Ensino Superior, constatamos que, semelhante aos informantes com Ensino Fundamental, os 3 informantes com Ensino Superior utilizaram o pronome *você*, na interação com alguém conhecido.

Quando a variável *sexo/gênero* é analisada, verificamos que os informantes masculinos utilizam mais o pronome *você* quando oferecem, por exemplo, um chimarrão para alguém conhecido, pois, 3 informantes utilizaram na referência de segunda pessoa do singular a forma *você* e somente 1 informante não especificou o sujeito da sentença, também, importante pontuar que nenhum dos informantes masculinos utilizou o pronome *tu*. Situação semelhante, de preferência de uso do pronome *você* no contexto comunicativo com alguém conhecido, ocorre quando analisamos os dados das informantes femininas de nossa amostra, já que 2 informantes utilizaram o pronome *você* e somente 1 informante utilizou o pronome *tu*, uso que não ocorreu nos dados masculinos.

Na sequência, simulamos outra situação, com menor grau formalidade entre os interlocutores e solicitamos, ao informante, que produzisse uma frase na qual convidasse alguém muito próximo a este, ou seja, um amigo, para realizar alguma atividade (viagem, sair, etc.) Nossa hipótese, com base em Rocha (2012), é que nas relações simétricas, como é o caso da interação entre amigos, os chapecoenses utilizaram mais o pronome *tu*, na referência de segunda pessoa.

3. Se fosse convidar um amigo ou uma amiga para ir a um lugar juntos (uma viagem, um restaurante), como se dirige a ele/ela?

A partir dessa situação, as sentenças produzidas pelos 7 informantes foram as seguintes:

CH09MBEFII	<i>Você quer ir junto</i>
CH10MBEFII	<i>Tu quer ir comigo ao restaurante</i>
CH11MBEM	<i>Quer ir ao restaurante</i>
CH12FBEM	<i>Vamos viajar?</i>
CH13MBES	<i>Você</i>
CH14FBES	<i>Você gostaria de viajar comigo?</i>
CH15FBES	<i>Você gostaria de ir...</i>

Quadro 19: Uso dos pronomes *tu* e/ou *você* ao convidar um(a) amigo(a) para fazer algo.

Os resultados indicam, que o pronome *você* foi a forma mais usada pelos informantes chapecoenses nesse contexto, visto que foi empregado, em posição de sujeito, juntamente com o verbo flexionado no infinitivo pessoal e com o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do pretérito do indicativo. Novamente, o informante CH13MBES pontua somente o pronome que utilizaria para a referência de segunda pessoa do singular na relação com um(a) amigo(a), contudo, não dá indícios como realizaria a concordância com o verbo.

Somente 1 informante empregou o pronome *tu* com o verbo flexionado no infinitivo pessoal no contexto de interação com um(a) amigo(a).

Outros dois informantes não empregaram nenhum dos pronomes de referência à segunda pessoa do singular, para preencher a posição de sujeito, ocultando-o com a flexão verbal. Contudo, observando os resultados da seção 5.1.13.1, que tratamos da variação no indivíduo, novamente temos como hipótese, que o informante CH11MBEM utilizaria na referência de segunda pessoa do singular o pronome *tu*, uma vez que, em 92,2% das ocorrências, de uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, o informante usou o pronome *tu*. Ainda, o informante CH11MBEM produziu a estrutura sem a presença de pronome, apresentando a locução verbal “*Quer ir*”, na 3ª pessoa do singular, do presente do indicativo.

O informante CH12FBEM utilizou uma estrutura diferenciada da esperada, uma vez que, ao deixar a posição de sujeito não preenchida, elaborou uma estrutura sintática não produtiva no PB, no que tange a referência de segunda pessoa do singular com os pronomes *tu* e/ou *você*, somente produtiva com os pronomes de terceira pessoa do plural com os pronomes *nós* ou *a gente*, pois, na locução “*Vamos viajar*”, o informante faz uso do verbo irregular *ir*, na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

Como no contexto anteriormente simulado, este também favorece o uso da forma *você*, já que os chapecoenses utilizam mais a forma *você* nas estruturas elaboradas, mais especificamente, 4 informantes, em comparação ao *tu* que somente 1 informante utilizou, ou seja, quando há interação com tratamento íntimo com seu interlocutor, os informantes preferem usar o *você*.

Observando os dados apresentados, não confirmamos nossa hipótese, com base em Rocha (2012), de que na relação simétrica com um(a) amigo(a), os informantes utilizaram mais o pronome *tu* na referência de segunda pessoa, pois como percebemos, os chapecoenses preferem usar o pronome *você* neste contexto.

Analisando os dados considerando o fator *escolaridade*, constatamos que nos dados dos informantes com Ensino Fundamental II, um dos informantes utilizou o pronome *tu* e 1 informante o pronome *você* para se dirigir a um(a) amigo(a), já com os 2 informantes com Ensino Médio, é interessante perceber, que estes utilizam estruturas sintáticas sem a presença explícita do sujeito, não sendo possível observar qual seria a escolha pronominal de referência de segunda pessoa do singular neste contexto, o que não ocorre com os dados dos informantes com Ensino Superior, uma vez que, os 3 informante utilizaram o pronome *você* no contexto comunicativos com um(a) amigo(a). Assim, verificamos que na interação com um(a) amigo(a), os informantes com Ensino Fundamental II utilizam o pronome *tu* ou o *você*, já os informantes com Ensino Médio não foi possível constatar qual pronome, *tu* e/ou *você*, os informantes utilizariam, já que nenhum dos informantes, com essa escolaridade, estruturou suas sentenças de modo a explicitar esses dados, por fim, os informantes com Ensino Superior de nossa amostra, usaram categoricamente a forma *você*.

Contraponto esses dados com os resultados da pesquisa de Rocha (2012), percebemos que nas informações referentes aos informantes menos escolarizados, corresponde aos nossos informantes com Ensino Fundamental II, prevaleceu o uso do pronome *tu* seguido do pronome *você*, o que em nossos dados não ocorre do mesmo modo, já que um informante utiliza o pronome *tu* e outro o pronome *você*, ao se dirigir a um(a) amigo(a), não havendo sobreposição de um pronome frente ao outro, como ocorreu em Rocha (2012). Em relação aos informantes mais escolarizados, novamente nos dados de Rocha (2012), estes utilizaram mais o pronome *tu* em relação ao pronome *você*, fato totalmente contrário com nossos dados, uma vez que, os 3 informantes com Ensino Superior de nossa amostra utilizaram o pronome *você* no contexto comunicativo com um(a) amigo(a).

Quando analisamos nossos dados considerando a variável *sexo/gênero*, constatamos que, tanto os informantes masculinos quanto femininos, utilizam mais o pronome *você* para se dirigir a um(a) amigo(a), pois, dos 4 informantes masculinos, 2 informantes utilizam o pronome *você*, seguido de 1 informante que utiliza o pronome *tu* e 1 informante que não explicita o sujeito da sentença, já das 3 informantes femininos, 2 informantes utilizam o pronome *você* na interação com um(a) amigo(a) e 1 informante não explicita o sujeito da sentença, contudo, usa o verbo na primeira pessoa do plural, não

sendo possível, o uso de nenhum pronome de segunda pessoa do singular para preencher a posição de sujeito, como já apontamos mais acima.

Relacionando nossos dados com os resultados de Rocha (2012), constatamos que para ambos os sexos/gêneros florianopolitanos a forma *tu* prevaleceu no tratamento com um(a) amigo(a) seguido do pronome *tu*, situação totalmente distinta nos dados dos chapecoenses, que utilizaram, tanto os homens como as mulheres, mais o pronome *você*, sendo que, somente 1 informante masculino utilizou o pronome *tu* para se dirigir a um(a) amigo(a).

Estabelecendo um parâmetro entre nossos resultados, ainda que estes compreendem a resposta de apenas 7 chapecoenses, com os resultados de Rocha (2012), que também observou o uso dos pronomes neste contexto, percebemos que um comportamento distinto ocorre com os chapecoenses, se comparados aos florianopolitanos, pois ao contrário dos dados de Rocha (2012), que retratam que informantes mais jovens (entre 12 e 33 anos), que fazem maior uso da forma *tu*, nossos informantes jovens (entre 15 e 24 anos), utilizam mais o pronome *você* ao se dirigir a um(a) amigo(a).

Diferentemente das duas primeiras simulações, em que foi sugerida uma situação de interação comunicativa entre interlocutores mais íntimos, a próxima tarefa apresentada aos informantes, solicitou que elegessem, dentre um conjunto de alternativas a que, segundo ele, era a que usaria com maior frequência.

Nosso intuito é observar qual estrutura os chapecoenses de nossa amostra acreditam usar com maior frequência, para tanto, temos como hipótese, com base nos estudos de Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), que os informantes utilizam, segundo sua percepção, com maior frequência a estrutura sintática com o pronome *tu*, mais especificamente, o pronome com o verbo na terceira pessoa do singular, ou seja, a estrutura (b).

- | |
|---|
| <p>4. Assinale a frase que usa com mais frequência.</p> <p>a) Quando criança você não comia legumes.</p> <p>b) Quando criança tu não comia legumes.</p> <p>c) Quando criança tu não comias legumes.</p> <p>d) Outra forma: _____.</p> |
|---|

Os resultados indicam, que os 7 informantes chapecoenses empregam categoricamente a estrutura (a), com o pronome *você* e o verbo regular flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, quando estes pontuam a forma que usam com maior frequência.

Essa questão se mostra de grande importância quando observamos que nos resultados de pesquisas realizadas na cidade de Chapecó, como em Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), que apontam para a presença dos pronomes *tu* e/ou *você* com frequências de usos muito próximas, com uma leve preferência para o pronome *tu*, diferentemente de nossos resultados, nos quais constatamos que o pronome *você* hoje é mais utilizado pelos chapecoenses de nossa amostra.

Deste modo, os resultados da questão (4) não confirmam nossa hipótese, com base nos estudos de Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), de que os informantes utilizariam, segundo sua percepção, com maior frequência a estrutura sintática do pronome *tu* com o verbo na terceira pessoa do singular, uma vez que, selecionaram a estrutura (a), com o pronome *você* e o verbo na terceira pessoa do singular. Contudo, esse resultado vem de encontro com os dados de nossa análise sobre a variação no uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, pois o pronome *você* foi mais utilizado, ainda que em pouca frequência a mais, que o pronome *tu*, conforme constatamos na 5.1, ainda, como detalhamos na seção 5.1.6, os informantes de nossa amostra usam, categoricamente, os pronomes *tu* e/ou *você* com o verbo na terceira pessoa do singular.

Considerando as variáveis extralinguísticas *escolaridade* e *sexo/gênero* constatamos que independente da escolaridade (Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Ensino Superior) ou do sexo/gênero (Feminino e Masculino), os informantes de nossa amostra, consideram a estrutura (a) *Quando criança você não comia legumes.*, como a mais frequentemente utilizada por estes, segundo sua percepção.

Em seguida, simulamos outra situação, com menor grau formalidade entre os interlocutores, e solicitamos ao informante que produzisse uma frase na qual o informante oferecesse uma bebida a seu pai ou sua mãe. Nossa hipótese, com base em Rocha (2012), era que nas relações simétricas, como é o caso quando nos dirigimos ao nosso pai ou mãe, os informantes utilizariam mais a forma *tu* em relação ao *você*.

5. Suponhamos que esteja oferecendo um chimarrão para seu pai ou sua mãe, como se dirige a ele ou ela?

A partir dessa situação, as sentenças produzidas pelos 7 informantes foram as seguintes:

CH09MBEFII	<i>Mãe, quer uma tomar uma cunha</i>
CH10MBEFII	<i>Tu não vai querer um chimarrão</i>
CH11MBEM	<i>O senhor aceita um chimarrão</i>
CH12FBEM	<i>Vocês querem chimarrão?</i>
CH13MBES	<i>Você</i>
CH14FBES	<i>Você quer chimarrão!</i>
CH15FBES	<i>O senhor ou a senhora</i>

Quadro 20: Uso dos pronomes *tu* e/ou *você* ao oferecer chimarrão ao pai ou a mãe.

Os resultados indicam que essa situação foi a que mais propiciou o aparecimento de outras formas de referência à segunda pessoa do singular, pois nesse contexto, os interlocutores estão dispostos numa hierarquia familiar que requer tratamento mais respeitoso. Por essa razão, as formas *O senhor* e *A senhora* foram empregadas por 2 informantes. Também, percebemos que um dos informantes usou o termo *mãe* como meio de se referir ao interlocutor, e o outro incluiu os dois interlocutores ao usar o pronome *vocês*.

Constatamos que 2 informantes empregaram o pronome *você*, 1 informante sem explicitar a forma verbal, e o outro informante, usou com o verbo flexionado no presente do indicativo. Somente 1 informante produziu o pronome *tu* para se dirigir ao seu pai ou mãe. Assim, de certa forma, ambas as formas aparecem, ainda que o pronome *você*, foi mais usado que o *tu*.

Deste modo, quando a situação comunicativa é menos formal e o interlocutor do informante é mais formal, o pronome *você* também é o mais utilizado para referência de segunda pessoa do singular, em comparação com o pronome *tu*, que foi utilizado somente por um dos informantes, como ocorreu nas situações em que o contexto é mais informal.

Esses resultados refutam nossa hipótese, com base em Rocha (2012), de que nas relações simétricas, os informantes utilizariam mais a forma *tu* em relação ao *você*, pois como constatamos, o pronome *tu* foi utilizado por somente 1 informante e o pronome *você* foi utilizado por 2 informantes, ou seja, nas relações simétricas, com o pai ou a mãe, os chapecoenses utilizam mais o *você* em relação ao *tu*.

Analisando a variável *escolaridade*, percebemos que os informantes com Ensino Fundamental II fazem uso do pronome *tu* e do termo *mãe* para se dirigir ao pai ou mãe, já os informantes com Ensino Médio, percebemos que estes não fizeram uso dos pronomes *tu* e/ou *você* para se referir ao pai ou mãe, utilizando o pronome de tratamento *o senhor* ou o pronome de segunda pessoa do plural *vocês* como estratégias de a interação, contexto distinto, quando analisamos os dados dos informantes com Ensino Superior, uma vez que, 2 informantes utilizaram o pronome *você* e somente 1 informante faz uso do pronome de tratamento *o senhor* para se dirigir ao pai ou a mãe. Assim, em linhas gerais, considerando os pronomes de referência de segunda pessoa do singular *tu* e/ou *você*, diagnosticamos que os informantes com Ensino Fundamental II utilizam o pronome *tu*, os informantes com Ensino Superior, não utilizaram os pronomes *tu* e/ou *você*, e os informantes com Ensino Superior fazem uso do pronome *você* para o contexto de interação comunicativa com o pai o a mãe, ou seja, três situações distintas, quando consideramos a variável *escolaridade*.

Relacionando os resultados da variável *escolaridade* com a pesquisa de Rocha (2012), percebemos diferenças, tanto com informantes mais escolarizados quanto nos informantes menos escolarizados, conforme estratificação de Rocha (2012), pois, com relação aos informantes menos escolarizados, que compreendem aos informantes com Ensino Fundamental em nossa amostra, percebemos que estes utilizam, em Rocha (2012), mais o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, seguido dos pronomes *tu* e *você*, o que não se verifica em nossos resultados, já que um dos informantes utilizou o pronome *tu* e outro o termo *mãe* para se dirigir ao pai ou a mãe. Já frente aos dados dos informantes mais escolarizados, que em nossa amostra compreende os dados dos informantes com Ensino Superior, a mesma frequência de uso de se mantém nos dados de Rocha (2012), o mais utilizado foi o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, seguido dos pronomes *tu* e *você*, que ao se comparar com nossos dados, constatamos que na relação com o pai ou a mãe, os chapecoenses utilizam mais o pronome *você*,

seguido do pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, e ainda, o pronome *tu* não apareceu nos dados dos informantes com essa escolarização.

Entretanto, quando observamos os resultados a partir da variável *sexo/gênero* percebemos que não há um uso predominante dos pronomes, com os homens de nossa amostra, uma vez que 1 informante faz uso do pronome *tu* e 1 informante utiliza o pronome *você* para se dirigir ao pai ou a mãe, ainda, 1 informante utiliza o pronome de tratamento *o senhor* e 1 informante a termo *mãe* no trato com o pai ou mãe. Já as mulheres de nossa amostra, considerando os pronomes foco de nossa análise, optam por usar o pronome *você* em relação ao *tu*, contudo, somente 1 informante utiliza o *você* para se dirigir ao pai ou a mãe, também, 1 informante usou o pronome de segunda pessoa do singular *vocês* para o trato com os pais, e 1 informante usa *o senhor* e *a senhora* no contexto comunicativo com o pai ou a mãe.

Ainda, considerando a variável *sexo/gênero*, ao estabelecer um parâmetro de nossos resultados com os de Rocha (2012), constatamos que, diferentemente dos florianopolitanos masculinos, que utilizam mais o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, seguido do pronome *tu* e, por fim, o pronome *você*, na interação com o pai ou a mãe, os chapecoenses masculinos apresentaram 1 ocorrência de uso do *tu*, 1 ocorrência de uso do *você* e 1 ocorrência do pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, não havendo assim, a sobreposição de uma forma frente as outras nos informantes masculinos de nossa amostra. Já com relação aos informantes femininos, nos dados de Rocha (2012), o pronome *tu* e o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora* aparecem com a mesma frequência, seguido do pronome *você*, já em nossos dados o pronome *você* e o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora* que aparecem com a mesma frequência, e não há, em nossos dados com informantes femininos, a presença do pronome *tu*.

Com relação a variável *faixa etária* no contexto de interação com o pai ou a mãe, a pesquisa de Rocha (2012) constatou que os informantes mais jovens (12-33 anos) utilizam mais pronome *tu* do que o pronome *você* nesse contexto, sendo que a forma menos utilizada seria o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, situação essa que não ocorre com os chapecoenses, pois o pronome *você* e o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora* foram os mais usados pelos informantes de nossa amostra, sendo o pronome *tu* o menos utilizado no contexto de interação com o pai ou a mãe.

Em outra situação que simulamos, solicitamos aos informantes que produzissem uma frase na qual oferecessem um café para alguém superior. Deste modo, temos como hipótese, com base em Rocha (2012), que nas relações assimétricas ascendentes, os informantes de nossa amostra utilizaram mais o pronome *você* na referência de segunda pessoa do singular.

6. Suponhamos que esteja oferecendo um café para seu superior (chefe, professor(a), etc.), como se dirige a ele ou ela?

A partir dessa situação, as sentenças produzidas pelos 7 informantes foram as seguintes:

CH09MBEFII	<i>Você aceita um café</i>
CH10MBEFII	<i>Você quer um café</i>
CH11MBEM	<i>O senhor aceita um café</i>
CH12FBEM	<i>O senhor gostaria de um café?</i>
CH13MBES	<i>Você</i>
CH14FBES	<i>O sr.(sra) gostaria de tomar uma xícara de café?</i>
CH15FBES	<i>Senhor</i>

Quadro 21: Uso dos pronomes *tu* e/ou *você* ao oferecer um café a seu superior (chefe, professor(a), etc.).

Os resultados indicam que, somente as expressões *o senhor* ou *a senhora* e *você* foram empregados para se dirigir a uma pessoa superior .

Nas situações em que, tanto o contexto quanto o interlocutor são mais formais, os chapecoenses de nossa amostra optam por realizar a referência de segunda pessoa do singular pelo pronome *você* em relação ao pronome *tu*, uma vez que, o primeiro foi empregado por 3 informantes e o segundo não foi usado por nenhum informante, em contextos mais formais.

Interessante observar, ainda que este não seja nosso foco, a presença significativa das formas *o senhor* e *a senhora*, uma vez que, a maioria dos informantes fizeram uso destes em relação aos pronomes *tu* e/ou *você*. Ainda, analisando os resultados de Rocha (2012), constatamos que estes resultados vão de encontro com os da pesquisadora, uma

vez que, a pesquisa constatou que nas relações assimétricas ascendentes, como é a situação ao se dirigir a um superior, a forma mais utilizada foi *o senhor* e *a senhora*, sendo seguida do pronome *você* e *tu*.

Quando utilizaram o pronome *você*, 2 informantes realizaram a concordância verbal com o verbo na 3^a pessoa do singular, no presente do indicativo, e 1 informante não detalhou como estruturaria a concordância do pronome com o verbo.

Os resultados confirmam nossa hipótese, com base em Rocha (2012), que nas relações assimétricas ascendentes, os chapecoenses de nossa amostra optariam preferencialmente, pelo uso do pronome *você* na referência de segunda pessoa do singular seguido do pronome *tu*, uma vez que, apesar da forma *o senhor* e *a senhora* ser utilizada pela maioria dos informantes, a forma *você* prevaleceu em relação ao pronome *tu*, que não foi utilizado por nenhum dos informantes.

Averiguando os resultados, a partir da variável *escolaridade*, percebemos que os 2 informantes com Ensino Fundamental II utilizaram somente o pronome *você* para se referir a segunda pessoa do discurso, ao se dirigir a um superior, situação distinta ocorre quando os 2 informantes com Ensino Médio oferecem um café a um superior, pois ambos utilizam o pronome de tratamento *o senhor* para se dirigir a segunda pessoa do discurso. Com os 3 informantes com Ensino Superior, percebemos que estes preferem, como os informantes com Ensino Médio, utilizar o pronome de tratamento *o senhor* para interagir com uma pessoa superior, pois, 2 informantes utilizaram este e somente 1 informante utilizou o pronome *você* para se dirigir ao outro. Interessante perceber, que o pronome *tu* não apareceu em nenhuma das respostas dos informantes de nossa amostra, também, que o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora* é mais utilizadas no tratamento com um superior do que o pronome *você*.

Estabelecendo um paralelo com os resultados de Rocha (2012), percebemos que os resultados apresentados pelos florianopolitanos, também é característico dos chapecoenses, uma vez que, em Rocha (2012) a forma que predominou no uso dos florianopolitanos na interação com um superior, também foi o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, seguido do pronome *você* e do pronome *tu*, que não apareceu em nossos resultados.

Quando consideramos a variável *sexo/gênero*, constatamos que as mulheres preferem, no tratamento com um superior, fazer uso do pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, uma vez que, as 3 informantes do sexo/gênero feminino de nossa amostra

utilizam esta para se dirigir a seu interlocutor, o que não ocorre com os informantes do sexo/gênero masculino, pois 3 informantes masculinos utilizaram o pronome *você* no contexto de interação com um superior e somente 1 informante utilizou o pronome de tratamento *o senhor*. Assim, as mulheres favorecem o uso dos pronomes de tratamento *o senhor* e *a senhora* e os homens o uso do pronome *você*, no contexto comunicativo com um superior.

Estabelecendo um parâmetro com os resultados de Rocha (2012), com relação a variável *sexo/gênero*, percebemos diferenças entre os resultados, uma vez que, nos informantes do sexo masculino, em Rocha (2012), prevalece o uso do pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, seguido do pronome *você* e, por fim, do pronome *tu*, situação inversa nos dados dos chapecoenses de nossa amostra, que utilizam mais o pronome *você* para se dirigir a um superior, seguindo do pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, e ainda, não utilizaram o pronome *tu* em nossos dados. Já com relação aos dados de informantes femininos, percebemos uma semelhança nos dados, já que ambos resultados apontam que as mulheres, no tratamento com um superior, utilizam mais o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*, ainda, nos dados de Rocha (2012), os informantes utilizaram em segundo lugar o pronome *você* e o pronome *tu* como o menos utilizado neste contexto.

Quando consideramos a variável *faixa etária*, ao estabelecer uma relação entre nossos resultados e os da pesquisa de Rocha (2012), percebemos que o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora* prevalece frente ao uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, que apresentaram a mesma frequência de uso, nos informantes mais jovens (12 a 33 anos) da pesquisa de Rocha (2012), fato esse que também encontramos nos dados dos 7 informantes, com idade entre 15 a 24 anos de nossa amostra, ainda que, em nossos dados o pronome *tu* não foi utilizado.

Na última tarefa apresentada aos informantes chapecoenses, simulamos outra situação, na qual o informante tem de oferecer chimarrão a alguém que tenha conhecido há pouco, ou seja, não possui intimidade.

Nossa hipótese, com base em Rocha (2012), é que nas relações assimétricas, como é o caso da interação com uma pessoa a qual o informante acabara de conhecer, os chapecoenses utilizaram mais o pronome *você* na referência de segunda pessoa.

10. *Suponhamos que esteja oferecendo um chimarrão para alguém recém apresentado, como se dirige a ele?*

A partir dessa situação, as sentenças produzidas pelos 7 informantes foram as seguintes:

CH09MBEFII	<i>Você aceita tomar uma cunha?</i>
CH10MBEFII	<i>Você quer tomar um chimarrão</i>
CH11MBEM	<i>Quer um chimarrão</i>
CH12FBEM	<i>A senhora gostaria de tomar chimarrão?</i>
CH13MBES	<i>Você aceita</i>
CH14FBES	<i>O sr.(sra) gostaria de tomar chimarrão?</i>
CH15FBES	<i>Cê aceita?</i>

Quadro 22: Uso dos pronomes *tu* e/ou *você* ao oferecer chimarrão para alguém recém apresentado.

Os resultados indicam que a maioria dos informantes optaram por elaborar estruturas com o pronome *você*, e sua variante *cê*. Novamente, os pronomes de tratamento *senhor* e *senhora* foram utilizados por 2 informantes, ambos com o verbo flexionado na 3ª pessoa do futuro do pretérito do indicativo.

Também, um informante produziu uma frase sem a presença de sujeito explícito, entretanto, observando os resultados da seção 5.1.13.1, temos como hipótese, que o informante CH11MBEM utilizaria na referência de segunda pessoa do singular o pronome *tu*, uma vez que, em 92,2% das ocorrências de uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, o informante usou o pronome *tu*.

Interessante perceber que, novamente, nos contextos mais formais, os informantes não fazem uso do pronome *tu*, já que este, não apareceu em nenhuma resposta referente a este contexto.

Observando os resultados, confirmamos nossa hipótese, com base em Rocha (2012), de que nas relações assimétricas, como é o caso da interação com uma pessoa da qual o informante acabou de conhecer, os chapecoenses utilizam mais o pronome *você* na referência de segunda pessoa, uma vez que, 4 informantes optaram por esta forma, 2 informantes usaram as formas *o senhor* e *a senhora* e 1 informante não

explicitou o sujeito, podendo este ser, como já explicitamos, ser realizado pelo pronome *tu*.

Explorando os aspectos extralinguísticos, referentes aos informantes de nossa amostra, percebemos que ao considerar a variável *escolaridade*, constatamos que os 2 informantes como Ensino Fundamental II, utilizaram o pronome *você* para se referir a segunda pessoa do discurso, já os 2 informantes com Ensino Médio não utilizaram os pronomes *tu* e/ou *você*, utilizando estratégias sintáticas com o sujeito implícito, ou ainda, se referindo a seu interlocutor por meio do pronome de tratamento *a senhora*; por fim, os 3 informantes com Ensino Superior, utilizaram duas estratégias para preencher a posição de sujeito, na qual, 2 informantes utilizaram o pronome *você*, e sua variante *cê*, para se dirigir ao seu interlocutor, e 1 informante utilizou o pronome de tratamento *o senhora* e *a senhora*.

Em resumo, percebemos que a não ser na escolaridade Ensino Médio, o pronome *você* apareceu em todas as demais escolaridades, sendo seguido pelos pronomes de tratamento *o senhor* e *a senhora*, que apareceram com informantes com Ensino Médio e Ensino Superior. Interessante perceber, que no contexto de interação com alguém recém apresentado, o pronome de referência de segunda pessoa do singular *tu*, não foi utilizado por nenhum informante.

Resultados interessantes se apresentam, quando consideramos a variável *sexo/gênero*, isso por que, dos 4 informantes do sexo/gênero masculino, 3 informantes utilizaram o pronome *você* e 1 informante não utilizou nenhum pronome de tratamento para preencher a posição de sujeito. Já com relação as 3 informantes do sexo/gênero feminino, no contexto em que oferece um chimarrão para alguém recém conhecido, constatamos que 2 informantes utilizaram o pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora* e somente 1 informante utilizou a variante *cê*, para se referir a segunda pessoa do discurso, neste contexto. Em linhas gerais, percebemos que os informantes do sexo/gênero masculino favorecem o uso do pronome *você*, nos contexto de interação com alguém recém apresentado, já as mulheres preferem se referir a segunda pessoa pelo pronome de tratamento *o senhor* e *a senhora*.

Na última questão solicitada aos informantes, pretendíamos averiguar a opinião dos informantes acerca das atividades realizadas:

11. O que você pensa das tarefas que executou (envolvidos em conversas abertas sobre as variedades linguísticas)?

Os informantes, em linhas gerais, acharam interessantes as atividades a eles propostas, pois, isso lhes possibilito repensar em vários aspectos de sua vida, com relação a entrevista, que envolveu a discussão de diversas temáticas. Também, 5 informantes pontuaram que as atividades os fizeram pensar nas diferenças entre as variedades no PB, percebendo que cada região possui traços linguísticos que as caracterizam em relação as outras, constatando a importância em respeitar os diferentes dialetos presentes no território brasileiro.

Em síntese, os resultados indicam que, dentre os contextos de interação mais ou menos formais, entre o informante e diferentes interlocutores, mensuramos, com base nas questões 2 e 3, que quando o contexto de interlocução é menos formal, com o interlocutor sendo alguém próximo ao falante, como alguém conhecido ou um(a) amigo(a), os informantes fazem uso do pronome *você*, uma vez que esta, foi a mais usada, em comparação ao pronome *tu*, que foi pouco usada.

Situação semelhante ocorre quando o contexto de interação é menos formal, mas o interlocutor do informante é mais formal, como constatado na questão 5, pois os chapecoenses preferem usar o pronome *você*, já que esta apareceu mais que o pronome *tu*.

Mesmo quando o contexto de interação entre o informante e seu interlocutor passa a ser mais monitorado, os informantes de nossa amostra optaram pelo uso da forma *você*, uma vez que, como constatamos na Questão 6 e 7, esta apareceu quando tanto o contexto quanto o interlocutor são mais formais, tendo como concorrentes de uso, somente as formas de tratamento *o senhor* e *a senhora*.

Ainda, interessante perceber que, em nenhum momento, os informantes usaram, nesses contextos mais formais, o pronome *tu*, optando normalmente pelo pronome *você*. Também, as formas *o senhor* e *a senhora*, ainda que não sejam foco de nossa pesquisa, não aparecem nos contextos menos formais.

Outra questão interessante de ser salientada, é que apesar de, em linhas gerais, as estruturas com o pronome *tu*, não serem usadas na maioria das situações hipotéticas, quando observamos os resultados de variação no uso dos pronomes *tu* e/ou *você*, na fala dos chapecoenses, constatamos que tanto a forma *você* quanto a *tu* fazem parte da

variedade de Chapecó, ainda que a forma *você*, seja usada com a frequência um pouco maior que o *tu*.

Finalizando esta seção, após observar as análises, desde o julgamento das três sentenças, com base nas características *estilística, estética, sociocultural* e de *emprego*, dos diferentes contextos comunicativos criados, mais ou menos formais, até as avaliações positivas e negativas, na escolha de uma forma de acordo com a característica considerada, mensuramos uma atitude positiva dos chapecoenses de nossa amostra, frente ao uso do pronome *você*, com o verbo na 3ª pessoa do singular, tanto com verbos regulares ou irregulares, nos diferentes tempos verbais, ou ainda nas diferentes estruturas das frases (sentença afirmativa negativa, interrogativa, exclamativa negativa).

Em relação ao *tu*, este também gerou algumas atitudes positivas, ainda que em menor número, e também, foi utilizado nos contextos comunicativos menos formais, já que, nos contextos mais formais, em nenhum momento, os informantes fizeram uso do pronome para se dirigir ao outro, sendo que em muitos casos, os informantes utilizaram as formas de tratamento *o senhor* ou *a senhora*, ou ainda as sentenças que não apresentavam o sujeito explícito, em vez do pronome *tu*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou descrever e analisar a referência à segunda pessoa do singular, na posição de sujeito, na fala de 19 informantes de Chapecó-SC, e mensurar as percepções e atitudes linguísticas de 7 informantes de Chapecó-SC, no que tange ao uso dos pronomes *tu* e/ou *você*.

Nossa hipótese era que, em Chapecó, haveria variação no uso das duas formas de referência à segunda pessoa do singular, com o predomínio da forma *você*, com base em Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), o que se confirmou, visto que os chapecoenses da amostra variaram a referência à segunda pessoa do singular, com predomínio do pronome *você*, pois, das 19 entrevistas sociolinguísticas analisadas, localizamos, no total, 268 ocorrências de uso do *tu* e *você*, em posição de sujeito, sendo 122 ocorrências de *tu*, correspondendo a 45,5% do total, e 146 ocorrências de *você*, correspondendo a 54,5%.

Entre os doze grupos de fatores controlados, linguísticos (*referência pronominal, tempo verbal, classificação do verbo, concordância verbal, tipo de interlocução, sequência discursiva e uso de tu e você no mesmo período/turno de fala*) e extralinguísticos (*informante, faixa etária, escolaridade, sexo/gênero e sexo/gênero entrevistador*), cinco foram selecionados como relevantes pelo GOLDVARB X na variação de referência de segunda pessoa do singular, sendo os fatores linguísticos *referência pronominal e sequência discursiva* e os extralinguísticos *sexo/gênero, faixa etária e escolaridade*.

No que concerne a primeira variável tida como relevante, *sexo/gênero*, constatamos que os informantes masculinos e femininos fazem uso equilibrado das formas pronominais *tu* e/ou *você* em posição de sujeito, uma vez que, os homens produziram 136 ocorrências, totalizando 50,7% dos dados, de uso dos pronomes, já as mulheres produziram 132 ocorrências de usos dos pronomes, o que totaliza 49,3% da amostra. Ainda, percebemos que os homens fizeram um uso significativo da forma *tu*, já que das 136 ocorrências produzidas, em 100 ocorrências estes utilizaram a forma *tu*, ao contrário das mulheres de nossa amostra, que utilizaram em 110 ocorrências, de um total de 132 ocorrências, o pronome *você*.

Com relação à variável *faixa etária*, segunda variável selecionada pelo programa estatístico, constatamos, em linhas gerais, que os informantes mais velhos de nossa amostra, representados pelos informantes com idades entre 25 e 49 anos, foram os que mais produziram contextos de referência de segunda pessoa do singular com 127

ocorrências, seguido dos informantes mais jovens, com idades de 7 a 14 anos, com 81 ocorrências produzidas, e, por fim, os informantes de 15 a 24 anos, que produziram 60 ocorrências. Mais especificamente, percebemos que o *você* se mostrou mais frequente entre os jovens - falantes de 7 a 14 anos e de 15 a 24 anos - decrescendo em relação aos mais velhos - os de 25 a 49 anos – em nossa amostra, que utilizariam mais a forma *tu*.

A terceira variável selecionada pelo programa estatístico foi a *referência pronominal*, sendo que o contexto que mais propiciou o uso dos pronomes *tu* e/ou *você* foi quando o informante empregou os pronomes com sentido de *grupo* (67,8% das ocorrências), seguida da referência ao *interlocutor* (26,5% das ocorrências), depois quando usada em sentido *particular* (22,8% das ocorrências), e por fim, o contexto menos utilizado é para quando as formas possuem sentido *genérico* (18,3% das ocorrências), que demonstrou, em linhas gerais, que a forma *você*, tanto em porcentagem quanto em PR, se sobrepõe quando é usada para definir a um *grupo*, já os contextos que propiciam o maior aparecimento da forma *tu*, tanto em porcentagem quanto em PR, são os contextos em que a fala é *dirigida ao interlocutor* e no sentido *particular*. Já quando o contexto de uso dos pronomes apresenta sentido *genérico*, observando as porcentagens (59,2%), constatamos que o *você* também se sobrepõe ao *tu*, quando usado no sentido *genérico*, dados esses, que não se mantêm, quando observamos que o pronome *tu* apresenta PR (0,56).

Em relação à *escolaridade*, quarta variável selecionada, os informantes chapecoenses da amostra que mais utilizaram os pronomes *tu* e/ou *você* têm Ensino Superior, com 161 ocorrências, seguido dos informantes com Ensino Fundamental II, que produziram 79 ocorrências, por fim, os informantes que menos produziram os pronomes foram os que possuem Ensino Fundamental I e o Ensino Médio, com respectivamente, 14 ocorrências cada um. Nos dados dos informantes com Ensino Fundamental, constatamos que este foi o único contexto em que o *você* prevaleceu frente a forma *tu*, pois, das 14 ocorrências, em 13 ocorrências os informantes usaram o *você*, o que representa 92,9% dos dados produzidos, em contrapartida, ocorreu somente 1 ocorrência de uso do pronome *tu*, representando 7,1% dos dados produzidos pelos informantes com Ensino Fundamental I.

Nos dados do Ensino Fundamental II, percebemos a sobreposição do *você*, pois, das 79 ocorrências produzidas nessa escolaridade, em 57 ocorrências os informantes usaram a forma *você*, o que representa 72,2% dos dados, e em 22 ocorrências

corresponderam ao uso do *tu*, representando 27,8% dos dados produzidos por esse nível de escolarização. Contudo, cabe ressaltar que, ao analisamos o PR, constatamos que o pronome *você* possui PR 0,51 e o pronome *tu* PR 0,49, ou seja, ambos os pronomes possuem PR muito próximo do ponto neutro.

Uma situação totalmente contrária à expectativa ocorreu quando analisamos os dados do Ensino Médio, já que das 14 ocorrências produzidas nesse nível de escolaridade, em 13 ocorrências o informante usou o pronome *tu* para fazer a referência de segunda pessoa do singular, o que corresponde a 92,9% desses dados, e somente 1 ocorrência de uso da forma *você*, o representa somente 7,1% dos dados.

Já nos dados produzidos pelos informantes com Ensino Superior, percebemos um equilíbrio de produção dos pronomes *tu* e/ou *você*, pois, das 161 ocorrências, em 86 ocorrências os informantes utilizaram a forma *tu*, o que corresponde a 53,4% dos dados produzidos, e em 75 ocorrências os informantes fizeram uso da forma *você* para se referir a segunda pessoa do singular, em posição de sujeito, o que representa 46,6% dos dados produzidos pelos informantes com Ensino Superior.

A quinta, e última, variável selecionada pelo programa compreendeu a *sequência discursiva*, que ao observarmos os dados averiguamos que na *sequência descritiva* foram produzidas 60 ocorrências, sendo que destas, em 34 ocorrências apareceram o *você* e 26 ocorrências apareceram a forma *tu*. A *sequência dissertativa*, propiciou 123 ocorrências, sendo que a forma *você* apareceu em 64 ocorrências e o *tu* com 59 ocorrências. Por fim, na *sequência discursiva narrativa* constatamos um favorecimento do uso da forma *você*, pois das 85 ocorrências, em 48 ocorrências os informantes usaram a forma *você* e em 37 ocorrências a forma *tu*. Em linhas gerais, entre os três tipos de *sequência discursiva* a *sequência narrativa* é um contexto que propiciar mais o uso da forma *você*, e a forma *tu* é mais sensível às *sequências dissertativa* e da *sequência descritivas*.

Com relação as percepções linguísticas dos chapecoenses, mensuramos que os chapecoenses percebem a variação na referência à segunda pessoa do singular ao longo do território brasileiro e catarinense, e apresentaram atitude positiva frente ao uso do *você*, considerando-a mais legal/boa ou melhor.

Considerando que, as percepções e atitudes linguísticas dos falantes são de extrema importância nos processos de variação e/ou mudança linguística, já que, segundo Labov (2008 [1972]), eger uma variante e não outra, precede de um julgamento positivo da variante pela maioria dos falantes de uma comunidade linguística,

percebemos, que a forma *você* aparece em contextos mais ou menos formais, ao contrário do pronome *tu* que apareceu somente em contextos mais formais.

Deste modo, a segunda etapa de nossa pesquisa, constatou na mensuração das percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses, em relação à variação na referência de segunda pessoa do singular, assim, percebemos que o chapecoense percebe que há a variação no uso dos pronomes *tu* e/ou *você* ao longo do Brasil e que, com relação ao Sul do país, a maioria dos informantes, também percebe o uso concomitante das formas.

Já com relação à percepção dos chapecoenses da variação no uso dos pronomes no estado de Santa, os informantes identificaram a variação na referência à segunda pessoa do singular ao longo do território catarinense, ainda que nenhuma demarcação tenha sido realizadas nas regiões Nordeste e Sul do estado.

Com relação aos estímulos apresentados de modo a captar se o chapecoense identifica o uso dos pronomes *tu* e/ou *você* na sua variedade e na variedade do outro, constatamos que, em linhas gerais, os chapecoenses identificam as diferentes variedades linguísticas do PB, pelo menos, com relação aos excertos apresentados como representativos dos dialetos das cidades de Chapecó-SC, Itabaiana-SE e Natal-RN. Ainda que, os informantes não reconheceram todos os excertos de fala da cidade de Chapecó-SC como pertencentes de sua variedade, uma vez que, as demarcações se espalharam ao longo da região Sul, houve uma concentração de sinalizações nos locais mais próximos do que corresponde a cidade de Chapecó, pontuando, por exemplo, traços linguísticos de uma variedade italiana, característica da região Oeste de Santa Catarina, que tem, em sua história de formação, a presença de italianos durante a colonização da região.

O mesmo não ocorre com relação à variedade linguística da região Nordeste, tendo em vista que os chapecoenses apresentaram dificuldade em reconhecer os excertos de fala como representativos do dialeto da região, o que pode ser justificado pela falta de contato com falantes da região, uma vez que, geograficamente a região está localizada distante da região do Sul, ainda, pelo fato de os meios de comunicação não reproduzirem a variedade do Nordeste e quando o fazem, em muitos casos, utilizam variantes fonéticas normalmente estigmatizadas de forma consciente, ou seja, apresentam a variedade por meio dos estereótipos.

Com relação as atitudes linguísticas dos chapecoenses, na avaliação dos pronomes *tu* e/ou *você*, percebemos que o uso do pronome *você*, com o verbo flexionado

na terceira pessoa do singular, é avaliado positivamente pelos chapecoenses, sendo que os aspectos *estilísticos* (21 sinalizações) e *estéticos* (21 sinalizações), predominaram no julgamento positivo dos informantes.

Já a sentença na qual apresentamos o pronome *tu*, com o verbo flexionado na segunda pessoa do singular, os resultados indicaram uma leve atitude negativa dos chapecoenses perante o uso da forma, sendo que os aspectos *estilísticos* (11 sinalizações) e *estéticos* (11 sinalizações), foram os que mais sofreram avaliação negativa.

A estrutura sintática do pronome *tu*, com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular, também foi avaliada positivamente pelos chapecoenses de nossa amostra, com predomínio dos aspectos *estilísticos* (11 sinalizações) e *estéticos* (11 sinalizações).

Também, nossos resultados indicaram que, independente se o contexto é mais ou menos formal, os informantes utilizam com maior frequência o pronome *você* para se dirigir a seu interlocutor, uma vez que, esta foi a mais usada, em comparação ao pronome *tu*, que foi pouco usada. Percebemos, que em nenhum momento os informantes usaram, nos contextos mais formais, o pronome *tu*, optando normalmente pelo pronome *você*. Também, as formas *o senhor* e *a senhora*, ainda que não sejam foco de nossa pesquisa, aparecem nos contextos mais formais.

Ainda que, as estruturas com o pronome *tu* não foram usadas na maioria das situações hipotéticas, quando observamos os resultados de variação no uso dos pronomes *tu* e/ou *você* na fala dos chapecoenses, constatamos que tanto a forma *você* quanto a *tu* fazem parte da variedade de Chapecó, ainda que, a forma *você* seja usada com um pouco de frequência maior que o *tu*.

Por fim, esperamos que nossa pesquisa sirva de informação e auxílio no desenvolvimento de outras pesquisas que tenham como foco a descrição da variação da referência de segunda pessoa do singular, tanto no que tange ao conhecimento das variedades do PB, quanto na descrição dos dialetos do estado de Santa Catarina e da cidade de Chapecó.

Isso porque, ainda são poucas as pesquisas que analisam as percepções e atitudes linguísticas, frente à referência de segunda pessoa do singular no PB, assim, é de extrema relevância que sejam realizadas novas pesquisas, ao longo do território nacional, que tenham esse foco, e que ainda, relacionem os usos e as percepções e

atitudes linguísticas dos falantes, já que são essas que direcionam os processos de variação e/ou mudança linguística.

Também, constatamos que os preceitos da Dialetologia Perceptual, são ainda pouco explorados nos trabalhos que descrevem o PB, o que seria de grande utilidade, em termos de percepção linguística dos falantes da língua, uma vez que, ao se observar os resultados, podemos mensurar a real distribuição dialetal dos pronomes *tu* e/ou *você*, ao longo do território brasileiro, já que essas informações, oriundas das percepções leigas, servem como auxílio para estudos descritivos da realidade linguística.

Outra questão que nos chamou à atenção, foi o fato de que os trabalhos que fazem parte do levantamento bibliográfico que realizamos, apresentam somente os resultados das variáveis consideradas relevantes pelo programa estatístico, o que acabou por dificultar a análise do comportamento das diferentes variáveis, e sua variação/mudança ao longo do tempo, uma vez que, não há descrição destas nas pesquisas realizadas, por isso, optamos por descrever os resultados de todas as variáveis analisadas, para que as próximas pesquisas não encontrem a mesma dificuldade.

Em fim, que nossa pesquisa possa proporcionar o desdobramento de outras pesquisas que descrevam os usos, percepções e atitudes linguísticas na variação da referência de segunda pessoa do singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1985.
- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*. 1979. 220f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- ALVES, C. C. B. *O uso do tu e do você no Português falado no Maranhão*. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.
- _____. *Por onde tá o “Tu”? no Português falado no Maranhão*. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/1, p.13-31, jun. 2012.
- AMARAL, M. P. *Dialetologia perceptual: mapas mentais no sul do Brasil*. XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014). João Pessoa - Paraíba, Brasil. Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0364-1.pdf>>. Acessado em 2 de setembro de 2016, às 15:35 horas.
- ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Org.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006. p. 15-41.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. Ed. rev. e ampl. 19ª reimpr. Rio de Janeiro – Lucerna, 2005.
- _____. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 132-171
- BEM, D. J. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).
- BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, Revista de Linguística, Marília, 18(19): 339-381, 1972/73. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3520/3293>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2016.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade – estudo sociolinguístico de*

migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOTASSINI, J. O. M. *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu*. Revista Línguas & Letras. ISSN: 1517-7238. Vol. 12 nº 22 1º Sem. 2011, p. 65-84.

BRESCANCINI, C. R. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

BUCHOLTZ, M. et al. Hella Nor Cal or Totally So Cal? The Perceptual Dialectology of California. *Journal of English Linguistics* (35)4: 325-352, 2007.

CALVET, L. J. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, D. P. *Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. ISBN: 978-85-8039-099-5, DOI 10.5151/BlucherOA-atitudeslinguisticas-006. São Paulo: Blucher, 2015.

CARGILE, A. C.; GILES, H. *Understanding language attitudes: exploring listener affect and identity*. Great Brintain, Elsevier Science Ltd. Linguagem & Comunicação, vol. 17, nº. 3, p. 195-217, 1997.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. 1ª Ed. 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. 6º ano. 7ª ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CINTRA, L. F. L. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1972.

COELHO, I. L. et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CORBARI, C. C. *Atitudes Linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. Tradução Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COSTA, J. *Variação dos pronomes “tu”/“você” nas capitais do Norte*. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

CRETTELA JÚNIOR, J. *Latim para o ginásio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

_____. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

ERICKSON, F. Metodos cualitativos de investigacion sobre la ensinanza. In: WITTRUCK, M. C. (Org.). *La Investigación de la enseñanza, II: Metodos cualitativos y de observación*. Barcelona: Paidós, 1989. p.195-301.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de; MARUXO Jr.; J. H. *Gramática*. 20ª Ed., 4ª imp. São Paulo: Editora Ática, 2010.

_____. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. *Revista Fragmenta*, Curitiba, nº 13, 1996. p. 51-82.

FERREIRA, C. S. S. *Percepções dialectais e atitudes linguísticas*. O método da Dialectologia perceptual e as suas potencialidades. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2009, pp. 251-263. Disponível em: < <http://www.apl.org.pt/docs/24-textos-selecionados/17-Ferreira.pdf>>. Acesso em: 20 de março de 2016.

FRANCESCHNI, L. *A influência dos fatores sociais no uso do “tu”/“você”*. I Congresso Internacional de Linguística e Dialectologia. São Luís, 2010.

_____. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC*. Programa de Pós-Graduação em Letras. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. In: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA (PPGLg). *Working Papers em Língua Portuguesa Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa (PPGLg)*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 156-164, abr./jul. 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>>. Acesso em: 22 de junho de 2016.

_____. Idade: uma variável sociolinguística complexa. In: *Revista Línguas & Letras. Estudos Linguísticos*. ISSN: 1517-7238, v. 6, nº 11, 2º sem. 2005, p.105-121.

_____.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A.; *Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil*, 2013. [Chamada Universal – MCTI/CNPq nº 14/2013, processo 480654/2013-1].

_____.; ROST-SNICHELOTTO, C. A. Análises contrastivas: estabilidade, variedade ou metodologia?. *Working Papers em Lingüística*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 157-169, 2015.

_____. et al. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Señá*, n. 28, p. 65-87, 2015.

_____. et al. Como os brasileiros acham que falam? percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*. São Paulo, v.18, n. 2, p.64-84, maio/ago. 2016.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. (Ed.). *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982. cap. 1. p.1-19.

GÓMEZ MOLINA, J. R. *Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia*. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. *Variação linguística e ensino de gramática*. WorkingPapers in Linguística 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan./jun., 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73>>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

GROOTAERS; W. A. The Discussion Surrounding the Subjective Boundaries of Dialects. IN: PRESTON, D. R.; *Handbook of Perceptual Dialectology*, Translated Lawrence Kuiper, vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 115-129.

GUIMARÃES, A. M. M. *A ocorrência de 2ª pessoa: estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do rio Grande do Sul, 1979.

GUY, G. R. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões da variação lingüística. *Organon*. Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 17 - 32, 2000.

HAUSEN, T. A. P. *Concordância verbal do pronome “tu” no interior do Estado de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3ª Ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO DE LETRAS UFRGS. *VARSQL*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/letras/projetos_varsul.html>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

ITABAIANA. *Prefeitura Municipal de Itabaiana*. Site que trás informações sobre o município de Itabaiana e sua administração. Disponível em: <http://www.itabaiana.se.gov.br/?_p=conheca-itabaiana>. Acesso em: 23 de julho de 2016.

JESPERSEN, O. *The philosophy of grammar*. Londres: G. Allen & Unwin, 1924.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

KERSCH, D. F. Atitudes dos falantes bilíngues da área de fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de dados do ADDU. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 397-421.

KREMER, L. The Netherlands-German National Border as a Subjective Dialect Boundary. IN: PRESTON, D. R.; *Handbook of Perceptual Dialectology*, Translated by Dennis R. Preston, vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 31-36.

KRUG, M. J. *Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngue Alemão-Italiano-Português de Imigrante – RS*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

KURY, A. G. *Pequena gramática*. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Sherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial 2008 [1ª ed.: Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972].

_____. The social motivation of sound change. *Word*, 19:273-307, 1972 [1963].

_____. *The social stratification of English in New York City*. Washington DC: Center of Applied Linguistics, 1972 [1966].

_____. *Principles of Linguistic Change – Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTONS, C. B.; TUCKER, G. *Sociolinguistic: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003 [1969], p. 234-250.

LAHUD, Michel. Linguagem e ideologia. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 2, UNICAMP, Campinas, 1981, p. 45-55.

LAMBERT, W. E. *A social psychology of bilingualism*. Journal of social Issues, 23, p. 91-109, 1967.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. _____. *Psicologia social*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LASAGABASTER, D. *Attitude*. In: AMMON, Ulrich et al. (Ed). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2ª ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004. p. 399-405. v. 1.

LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. Processos de mudança no Português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, I. & DUARTE, I. *Razões e Emoção*. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol. 1. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003, p.87-114.

LENARD, A. *Lealdade linguística em Rodeio (SC)*. 1976. 279f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976.

LIEBKIND, K. Social psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 140-151.

LOPES, C. R. S. Pronomes Pessoais. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

_____; CAVALCANTE, S. *A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico -te*. 2011. In: http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2016.

_____; DUARTE, M. E. L. *De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas*. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. A. (Orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 61-76.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1993.

LOREGIAN, L. *Concordância verba! com o pronome lu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)Análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. 2004. 260f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Paraná, Curitiba, 2004.

LUCCA, N. N. G. *A variação Tu/Você na fala brasiliense*. 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MARTIN, R. *Para entender a lingüística: epistemologia elementar de uma disciplina/ Robert Martin: tradução Marcos Bagno*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARTINS, C. *Línguas em contato “saber sobre” do que as distingue: análise de competências metalingüísticas de crianças mirandesas em idade escolar*. Imprensa da Universidade de Coimbra Coimbra University Press: Coimbra, 2008. ISBN 978-989-8704-36-2

MENON, O. P. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Letras, Curitiba, p. 91-106, 1995.

_____; LOREGIAN-PENKAL, L. *Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil*. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-192.

MILROY, L.; MILROY, J. *Social network and social class: toward an integrated sociolinguistic model*. *Language in Society*, v. 21, n. 1, p. 1-26, 1992.

MIRANDA, A. L. A. *Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu*. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

MOITA LOPEZ, L. P da. *Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução*. *Revista Delta*, v. 1, n. 2, 1994.

MOLLICA, M. C. (Org.). *Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões lingüísticos*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1995.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais*. João Pessoa: Edições UFC, 1994.

MONTGOMERY, C. *Perceptual dialectology, bespoke methods and the future for data processing*. Keynote talk at the Eighth UK Language Variation and Change conference, Edge Hill University, UK, 2011. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&act=8&ved=0CBwQFjAAahUKEwi8k9banPflAhXljJAKHVgpDV8&url=https%3A%2F%2Fwww.edgehill.ac.uk%2Fuploads%2Fuklvc8%2FMontgomery_UKLVC8%2520abstract.doc&u sg=AFQjCNGRwH2d5MUuU118J7O_RolhmNt7mQ&sig2=xH61cPdGlnsnaQbuA7vRjg&bv m=bv.106379543,d.Y2l> Acessado em: 15 de outubro de 2015, às 13:43 horas.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

MOURA, K. K. *A implementação do você em cartas pessoais norte-riograndense do século XX*. Natal, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal Do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letas e Artes. Departamento de Letras. Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatísticos. In: MOLLICA, C.; CIPRIANO, M. L. B. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 4ª ed. 2010. p. 15-25.

NASCENTES, A. O tratamento de "você" no Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, nº 5, 1956. p. 114-122.

NATAL. *Prefeitura Municipal de Natal*. Site que trás informações sobre o município de Natal e sua administração. Disponível em: <<https://natal.rn.gov.br/natal/ctd-669.html>>. Acesso em: 23 de julho de 2016.

NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. (1996). As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização das formas? *D.E.L.T.A.* Vol. 12, nº 1, 1996. p.125-152.

NOGUEIRA, F. M. S. B. *Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?*. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Da Bahia. Salvador, 2013.

NUNES, V. G.; SEARA, I. C. O falar florianopolitano e o lageano: uma análise perceptual. In: *III COLÓQUIO BRASILEIRO DE PROSÓDIA DA FALA*. Universidade Federal de Minas Gerais. Ed. César Reis. v. 1. LBASS, 2011. Anais Eletrônicos. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/1262>. Acesso em: 22 de maio de 2016.

OLIVEIRA, M. A. *Variação linguística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical*. *D.E.L.T.A.*, 3/1, p. 19-34, 1987.

OPPENHEIM, A. N. *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*. 2ª ed. (rewritten). London; New York: Continuum, 1992.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2003. P. 33-42.

_____.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 13-29.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2003. p.160-169.

PUOLTATO, D. *Francese-italiano, italiano - 'patois': il bilinguismo in Valle D'Aosta fra realtà e ideologia*. Bern: Peter Lang, 2006.

PRESTON, D. R. *Perceptual Dialectology: Nonlinguistics' Views of Aerial Linguistics*. USA: Foris Publications, 1989. (Topics in sociolinguistics 7)

_____. Language, people, salience, space: perceptual dialectology and language regard. In: *Dialectologia 5 (2010)*. Universitat de Barcelona. 2010a, p. 87-131.

_____. Language, space and the folk. IN: AUER, P.; SCHMIDT, J. E. (eds). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010b, p. 179-201. (HSK 30.1).

_____. *Handbook of Perceptual Dialectology*, vol. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

_____; LONG, D.; *Handbook of Perceptual Dialectology*, vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Curso de Pós-graduação em Linguística. Monografia de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1989.

RENSINK; W. G. Informant Classification of Dialects. IN: PRESTON, D. R.; *Handbook of Perceptual Dialectology*, Translated by Dennis R. Preston, vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 3-7.

ROCHA, P. G. *O sistema de tratamento do Português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. Curso de Pós-graduação em Linguística. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

ROCHA LIMA. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010 [1957].

RODRIGUES, A. *Psicologia social*. Petrópolis, Vozes, 2000.

ROSA, R. S. *A comunidade de fala de Porto Alegre: estudo da variação linguística: identificando subcomunidades*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

ROST SNICHELOTTO, C. A. *Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina*, 2012. Plano de Trabalho Chamada Pública FAPESC n. 04/2012 Universal.

_____. Correlação entre sequências discursivas e marcadores discursivos de base verbal: um caso de variação estilística ou de motivação semântico-pragmática?. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete L.; SOUZA, Christiane M. N. de. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014, v. 3, p. 227- 246.

RUMEO, M. C. B. *Vestígios da pronominalização de Vossa Mercê > Você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX. Veredas On-line*, v. 2, p. 36-55. 2012.

SACCONI, L. A. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1986.

SALES, S. H. N. *Norma e usos na linguagem falada em Fortaleza*. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 24 de julho de 2016.

SANTA CATARINA. *Secretaria de Saúde do Estado de Santa Catarina*. Site que trás informações sobre a saúde do estado de Santa Catarina e suas macrorregiões. Disponível em: < http://www.saude.sc.gov.br/geral/planos/programas_e_projetos/macro/mapa.jpg>. Acesso em: 21 de abril de 2017, às 11:09 horas.

SANTOS, E. *O adolescente e a percepção do valor de variantes linguísticas*. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1973.

SANTOS, E. *Certo ou Errado? Atitudes e crenças no ensino da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1996.

SANTOS LUZ, M. Formas de tratamento. *Revista Portuguesa de Filologia*, Lisboa, vol. VII, tomos I e II, 1956: 251-363.

SCHERER, E. *De verbo acusativo a marcador discursivo em Santa Catarina*. Universidade Federal da Fronteira Sul. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Chapecó, 2014.

_____. DIAS, E. P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. DIAS, E. P.; ANDRADE, C. Q.; LUCCA, N. N. G.; ANDRADE, A. L. V. S. Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense. In: *PAPIA 21 (Volume Especial): Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*. ISSN 0103-9415. p. 117-134, 2011. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1698/1509>>. Acessado em 11 de abril de 2017, as 09:35 horas.

SCHMIDT, J. E. Language and space: The linguistic dynamics approach. In: AUER, P.; SCHMIDT, J. E. *Language and space: theories and methods: an international handbook of linguistic variation*. (Handbooks of linguistics and communication Science). Volume 1. De Gruyter: Mouton. 2010.

SCHNEIDER, M. N. *Atitudes e concepções lingüísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngües alemão-português do Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2007.

SILVA, F. C. *Variação entre os pronomes tu e você na função de sujeito na conversação em natal (RN): uma abordagem sociofuncionalista*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro De Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. Programa De Pós-Graduação Em Estudos Da Linguagem. Natal, 2015.

SILVA, J. A. *Modalizadores epistêmicos parentéticos na fala de Chapecó/SC*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Fronteira Sul. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Chapecó, 2014.

SILVA, M. B. Um traço regional na fala culta de Salvador. In: *A variação no português do Brasil*. Porto Alegre: Revista Organon, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Volume 5, número 18, 1991. p. 79-89.

SILVA, H. C.; AGUILERA, V. A. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes lingüísticas. *Alfa*, rev. lingüíst. (São José Rio Preto) vol.58 nº3, 703-723, 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942014000300703&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 15 de março de 2016.

SILVA-CORVALÁN, C.; ENRIQUE-ARIAS, A. *Sociolingüística y pragmática del español*. 2ª Ed. Series: Georgetown studies in Spanish linguistics. Washington, DC: Georgetown University Press, 2017.

SOARES, M. E. Os pronomes eu e tu e o caráter substitutivo dos pronomes. In: *Revista de Letras*. Volume 1, nº 2, 1978. p.17-28. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2952/1/1978_Art_MESoares.pdf>. Acessado em 18 de setembro de 2016, às 17:46.

SOUSA, V. V. *Os (des)caminhos do VOCÊ: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2008.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolingüística*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, M. A.; MARTINS, M. A. *Banco de Dados FALA-Natal: primeiras considerações*. Manuscrito. 2012

_____. O Banco de dados FALA-NATAL: uma agenda de trabalho, p.71-78. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolingüística*, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMD5-6cap>>. Acesso em: 22 de junho de 2016.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004, p.16-17.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. Penguin Books: London, 2000, p. 81-104.

VANDEKERCKHOVE, R. Language and space: The linguistic dynamics approach. IN: AUER, P.; SCHMIDT, J. E. (eds). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010, p. 201-225. (HSK 30.1).

VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. e MALKIEL, Y. (orgs). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 2006 [1968].

WOLK, Wolfgang. (1973) Attitude toward Spanish and Quechua in bilingual Peru; In: FASOLD, Ralph W. (ed.) *Variation in the form and use of language – A sociolinguistics reader*, Georgetown University Press, Washington, 1983. p. 370-388.

ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. Considerações sobre o discurso reportado em *corpus* de língua oral. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado da região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002.

ZILLI, G. N. *Por que “tu” e não “você”?*. Curso de Pós-graduação Especialização em Língua e Literatura com Ênfase nos Gêneros do Discurso. Monografia de Especialização. Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Criciúma, 2009.

APÊNDICE A – Instrumento de coleta do uso de *Tu* e/ou *Você* no Brasil: a percepção linguística dos chapecoenses.

Projeto: *Percepções e Atitudes Linguísticas dos Chapecoenses frente à variação dos pronomes de segunda pessoa do singular (Tu/Você) no Português Brasileiro*

Data: ____/____/____

Pesquisadora: Jezebel Batista Lopes

Orientadora: Cláudia A. Rost Snichelotto

Demarque no mapa do Brasil as áreas onde se usa o *tu* e/ou o *você*. Dê um nome a cada uma dessas áreas.



APÊNDICE B – Instrumento de coleta da percepção do chapecoense frente à referência de segunda pessoa do singular em Chapecó-SC.

Projeto: *Percepções e Atitudes Linguísticas dos Chapecoenses frente à variação dos pronomes de segunda pessoa do singular (Tu/Você) no Português Brasileiro*

Data: ____/____/____

Pesquisadora: Jezebel Batista Lopes Orientadora: Cláudia A. Rost Snichelotto

1. Marque no mapa o lugar de origem dessa pessoa que está falando.
2. Por que demarcaste esse lugar? O que acha dessa fala?
3. Como o informante se refere a seu ouvinte nessa fala?



APÊNDICE C – Instrumento de coleta do uso de *Tu* e/ou *Você* no estado de Santa Catarina: a percepção linguística dos chapecoenses.

Projeto: *Percepções e Atitudes Linguísticas dos Chapecoenses frente à variação dos pronomes de segunda pessoa do singular (Tu/Você) no Português Brasileiro*

Data: ____/____/____

Pesquisadora: Jezebel Batista Lopes

Orientadora: Cláudia A. Rost Snichelotto

Demarque no mapa de Santa Catarina as áreas onde se usa o *tu* e/ou *você*. Dê um nome a cada uma dessas áreas.



APÊNDICE D – Instrumento de coleta do uso *Tu* e/ou *Você* no estado de Santa Catarina:
a percepção linguística dos chapecoenses.

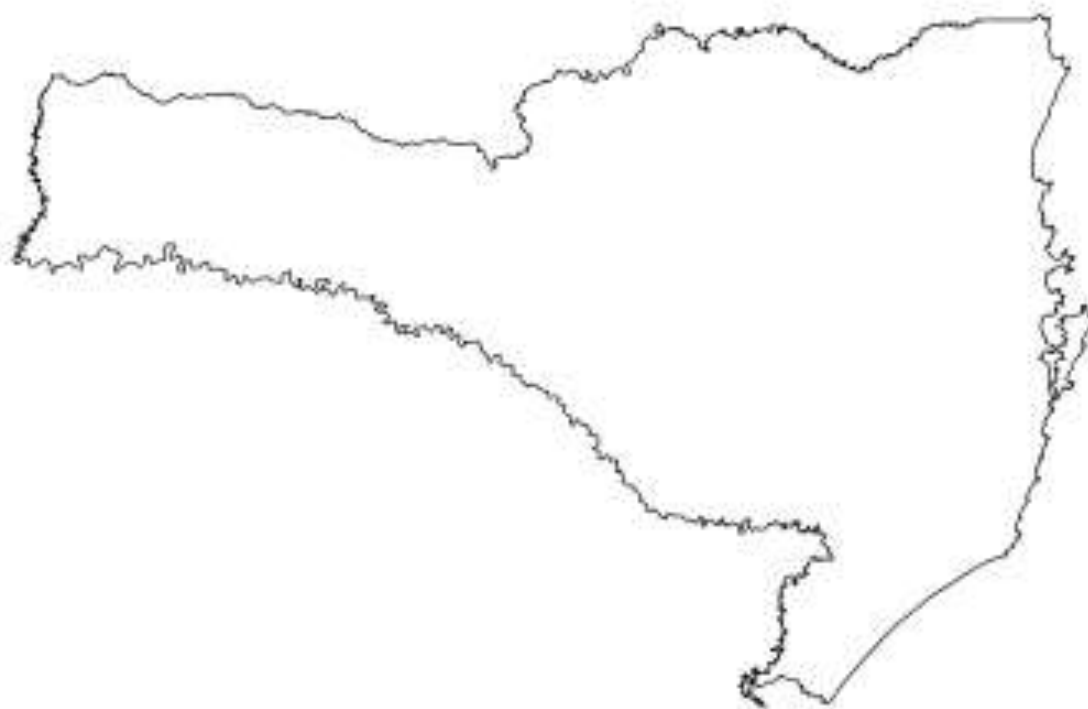
Projeto: *Percepções e Atitudes Linguísticas dos Chapecoenses frente à variação dos pronomes de segunda pessoa do singular (Tu/Você) no Português Brasileiro*

Data: ____/____/____

Pesquisadora: Jezebel Batista Lopes

Orientadora: Cláudia A. Rost Snichelotto

1. Marque no mapa o lugar de origem dessa pessoa está falando.
2. Por que demarcaste esse lugar? O que acha dessa fala?
3. Como o informante se refere a seu ouvinte nessa fala?



APÊNDICE E – Questionário para coleta de atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular.

ROTEIRO - COLETA DE DADOS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Projeto: *Percepções e Atitudes Linguísticas dos Chapecoenses frente à variação dos pronomes de segunda pessoa do singular (Tu/Você) no Português Brasileiro*

Data: ____/____/____

Pesquisadora: Jezebel Batista Lopes

Orientadora: Cláudia A. Rost Snichelotto

Perguntas específicas de uso:

Supondo que o item seja o seguinte: a fala (modo de falar) de Chapecó tem uma sonoridade “agradável” ou “desagradável”.

Se você está totalmente de acordo, marcar

Agradável X : __ : __ : __ : __ : __ desagradável

Se você está de acordo, marcar

Agradável __ : X : __ : __ : __ : __ desagradável

Se você está mais ou menos de acordo, marcar

Agradável __ : __ : X : __ : __ : __ desagradável

Se você está mais ou menos contrário, marcar

Agradável __ : __ : __ : X : __ : __ desagradável

Se você está contrário, marcar

Agradável __ : __ : __ : __ : X : __ desagradável

Se você está totalmente contrário, marcar

Agradável __ : __ : __ : __ : __ : X desagradável

- Você só deve colocar um X entre dois pares de palavras.
- Coloque o X no meio do espaço, não nos pontos demarcados (:)

1) Seguindo as instruções acima, na sua opinião o que acha do uso dos pronomes *tu* ou *você* nas seguintes frases?

a) Você gosta de sorvete?

Bonita __ : __ : __ : __ : __ : __ Feia
 Clara __ : __ : __ : __ : __ : __ Confusa
 Simples __ : __ : __ : __ : __ : __ Complicada
 Agradável __ : __ : __ : __ : __ : __ Desagradável
 Conhecida __ : __ : __ : __ : __ : __ Desconhecida
 Fácil __ : __ : __ : __ : __ : __ Difícil
 Prestigiada __ : __ : __ : __ : __ : __ Desprestigiada
 Uso __ : __ : __ : __ : __ : __ Não uso
 Boa __ : __ : __ : __ : __ : __ Ruim

b) Tu gostas de sorvete?

Bonita __ : __ : __ : __ : __ : __ Feia
 Clara __ : __ : __ : __ : __ : __ Confusa
 Simples __ : __ : __ : __ : __ : __ Complicada
 Agradável __ : __ : __ : __ : __ : __ Desagradável
 Conhecida __ : __ : __ : __ : __ : __ Desconhecida
 Fácil __ : __ : __ : __ : __ : __ Difícil
 Prestigiada __ : __ : __ : __ : __ : __ Desprestigiada
 Uso __ : __ : __ : __ : __ : __ Não uso
 Boa __ : __ : __ : __ : __ : __ Ruim

c) Tu gosta de sorvete?

Bonita __ : __ : __ : __ : __ : __ Feia
 Clara __ : __ : __ : __ : __ : __ Confusa
 Simples __ : __ : __ : __ : __ : __ Complicada
 Agradável __ : __ : __ : __ : __ : __ Desagradável

Conhecida __ : __ : __ : __ : __ : __ Desconhecida

Fácil __ : __ : __ : __ : __ : __ Difícil

Prestigiada __ : __ : __ : __ : __ : __ Desprestigiada

Uso __ : __ : __ : __ : __ : __ Não uso

Boa __ : __ : __ : __ : __ : __ Ruim

Já ouviu outros usos além desses? _____

2. Suponhamos que esteja oferecendo um chimarrão para alguém conhecido, como se dirige a ele? _____

3. Se fosse convidar um amigo ou uma amiga para ir a um lugar juntos (uma viagem, um restaurante), como se dirige a ele/ela? _____

4. Assinale a frase que usa com mais frequência.

a) Quando criança você não comia legumes.

b) Quando criança tu não comia legumes.

c) Quando criança tu não comias legumes.

d) Outra forma: _____

5. Suponhamos que esteja oferecendo um chimarrão para seu pai ou sua mãe, como se dirige a ele ou ela? _____

6. Suponhamos que esteja oferecendo um café para seu superior (chefe, professor(a), etc.), como se dirige a ele ou ela _____

7. Na sua opinião qual pergunta é melhor?

a) O que você vai pedir para jantar?

b) O que tu vais pedir para jantar?

c) O que tu vai pedir para jantar?

d) Outra forma: _____

8. Na sua opinião qual pergunta é ruim e nunca usaria?

a) Tu irias passear comigo hoje de tarde?

b) Você iria passear comigo hoje de tarde?

c) Tu iria passear comigo hoje de tarde?

d) Outra forma: _____

9. Em sua opinião qual frase é legal/boa?

a) Você não vai no mercado hoje de tarde!

b) Tu não vai no mercado hoje de tarde!

c) Tu não vais no mercado hoje de tarde!

d) Outra forma: _____

10. Suponhamos que esteja oferecendo um chimarrão para alguém recém apresentado, como se dirige a ele? _____

11. O que você pensa das tarefas que executou (envolvidos em conversas abertas sobre as variedades linguísticas)? _____

APÊNDICE F – Estratificações das rodadas com o número de informantes equilibrado

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
Idade/Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
Até 14 anos	1	2	1	2	-	-	-	-
15-24 anos	-	-	1	-		-	1	1
25-49 anos	-	-	-	-	-	-	1	1
Total parcial	1	2	2	2	0	0	2	2
Total	3		4		0		4	

Quadro 11 – Distribuição da mostra da rodada com número de informantes equilibrados na variável *escolaridade* de Chapecó/SC do projeto VMPOSC.
 Fonte: Adaptado de Rost Snichelotto (2012, p. 6)

	IDADE							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Até 14 anos	1	1	1	1	-	-	-	-
15-24 anos	-	-	1	-	1	-	1	1
25-49 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	1	1	2	1	1	0	3	3
Total	2		3		1		6	

Quadro 12 – Distribuição da mostra da rodada com número de informantes equilibrados na variável *faixa etária* de Chapecó/SC do projeto VMPOSC.

Fonte: Adaptado de Rost Snichelotto (2012, p. 6)

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Até 14 anos	1	2	1	2	-	-	-	-
15-24 anos	-	-	2		1	-	1	2
25-49 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	1	2	3	2	1	0	3	4
Total	3		5		1		7	

Quadro 13 – Distribuição da mostra da rodada com número de informantes equilibrados na variável *sexo/gênero* de Chapecó/SC do projeto VMPOSC.

Fonte: Adaptado de Rost Snichelotto (2012, p. 6)

ANEXO A - FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Pesquisadores:

Professora orientadora: Cláudia A. Rost Snichelotto

Título da pesquisa: **Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina**

FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Informações prévias: Deve-se considerar na seleção dos informantes se: (i) falante de português; (ii) morador da cidade há pelo menos 2/3 da sua vida; (iii) não morou fora da região por mais de um ano no período da aquisição da língua; (iv) não causa estranheza a outros falantes da região; (v) os pais nasceram na cidade.

Sobre a coleta

Bairro/Rua: _____

Qual o melhor dia/horário para a realização da entrevista? _____

1- Nome: _____

2- Data de nascimento: _____

3- Sexo: _____

4- Estado Civil: _____

Observações:

5 – Língua(s) falada(s): _____

6- Qual a língua(s) falada(s) pelas pessoas que moram contigo?

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Esposa/Marido _____

Outros (especificar) _____

7- Escolaridade: _____

8- Qual o grau de escolaridade das pessoas que moram contigo?

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Esposa/Marido _____

Outros (especificar) _____

Observações:

Profissão

9- Qual a tua/sua profissão? _____

10- Com que você/tu trabalha(s)? _____

11- Qual o local/bairro onde você/tu trabalha(s)? _____

12- As pessoas com as quais se/te relaciona(s) diretamente no teu trabalho são naturais de *Chapecó*? Se não, de onde são? _____

13- Você/tu gosta(s) do que faz(es) ou gostaria(s) de ter outro trabalho?

14- Qual a ocupação (e a profissão) das pessoas que moram contigo?

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Esposa/Marido _____

Outros (especificar) _____

Observações:

Redes sociais

15- A maioria dos membros da tua/sua família mora em *Chapecó*? _____

16- Você/tu costuma(s) participar de reuniões familiares? _____

17- Com que frequência? _____

18- Se casado(a), qual a naturalidade do(a) cônjuge? _____

19- O que você/tu costuma(s) fazer nas horas vagas? _____

20- Há algum clube/igreja/associação aqui no bairro que você/tu reside(s)?

21- Você/tu participa(s) de algum grupo (futebol; dança; esporte; folclore; de jovens; de idosos; na igreja; na comunidade; na escola...)? _____

22- Você/tu é(s) líder nesse grupo? _____

23- Qual o seu/teu envolvimento com esse grupo? _____

24- Há alguma festa típica aqui no seu/teu bairro? _____

25- Tem/tens muitos amigos aqui no bairro? _____

26- Vocês se encontram com frequência? _____ Especifique: _____

27- Onde fica a escola/faculdade em que estuda(s)? _____

28- Qual o nome da escola/faculdade em que estuda(s)? _____

29- Estudou nessa instituição desde que ano? _____

30- O que costuma(s) fazer no final de semana? _____

Observações:

Sócio-econômico-cultural

31- Você/tu viaja(s)? _____ Com frequência? _____

32- Onde costuma(s) fazer as compras para casa? _____

33- Qual o seu/teu principal meio de locomoção? _____

34- Você/tu mora(s) em casa própria, alugada ou cedida? _____

35- Lê(s) o que e com que frequência? _____

(especificar) _____

Entrevista realizada em _____ de _____ de 2013.
Entrevistador _____

ANEXO B - Roteiro de entrevista sociolinguística usado para coleta de dados no projeto
Variação e mudança no português no Oeste de Santa Catarina

ROTEIRO DA ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Pesquisadores:

Professora orientadora: Cláudia A. Rost Snichelotto

Título da pesquisa: **Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina**

ROTEIRO DA ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

Objetivo: Investigar a atitude do informante em relação ao local onde mora e a língua local.

1. Tu/você gosta(s) do bairro em que mora(s)? Por quê? É um bom lugar para se viver? Por quê?
2. Tu/você trocaria(s) este bairro por um outro? Qual?/Por quê?
3. Em que cidade tu/você gostaria(s) de morar? Por quê?
4. **A) (se morador de área rural)** O que tu/você acha(s) das pessoas que moram no centro/cidade?
B) (se morador da área central) O que tu/você acha(s) das pessoas que moram nas localidades do interior de Chapecó? Tu/você moraria(s) num desses lugares?
C) (tanto as pessoas de área urbana quanto rural) O que tu/você acha(s) das pessoas que vem visitar Chapecó? O que tu/você acha(s) das pessoas “de fora” que se mudaram para cá?
5. Eu queria que tu/você contasse sobre as festas em família. Quais festas vocês costumam fazer? Conta/e como são algumas dessas festas.
6. Onde tu/você passa(s) as festas de Natal e Ano Novo? Como são as suas/tuas festas de Natal e Ano Novo? Tu/você lembra(s) de alguma? Conta/e como é que foi. (Atenção! Se o entrevistado falar sobre as festas de final de ano na questão anterior, ignore esta.)
7. Existe algum tipo de festa típica que vocês fazem no bairro onde mora? Tu/você frequentou(aste) alguma vez? Conta/e como é/foi.
8. Tu/você conhece, pela tua/sua vivência, alguma história engraçada ou interessante aqui do teu/seu bairro ou de Chapecó? O(A) senhor(a) tu/você lembra(s) de alguma? Conta/e como é/foi?

D ESCRIÇÃO (cf. BATTISTI; LEMBI, 2004, p. 77-79)

Família

1. Como é tua família? Ela é grande? Tens irmãos, filhos, netos? O que eles fazem? Estudam, trabalham?
2. Tens tios, primos? Onde moram? O que fazem? Quem é o mais engraçado? Como ele é?

Trabalho

3. Onde trabalhas (estudas)? Como é teu trabalho (escola/universidade)?

Lazer

4. O que tu costumavas fazer nos fins-de-semana? Com quem? Onde? Vais à bodega? Como ela é?

Amigos

5. Teus amigos, como são?

Culinária

6. Costumas fazer churrasco? Como preparas?
7. Qual é teu prato favorito? Como é preparado?
8. Onde costumavas almoçar durante a semana? Como é teu almoço?

Bairro/Habitação/Transporte

9. Há quanto tempo moras aqui? Gostas do lugar?
10. Como era o lugar antigamente?
11. Como são teus vizinhos?
12. Os moradores do lugar se reúnem para alguma atividade? Qual? Novenas, Clube de Mães, festa de igreja, reuniões? Como são?
13. Sempre moraste na mesma casa? Como era tua casa quando eras criança? Como eram os móveis (utensílios, fogão, forno, cantina, paiol, horta, jardim)? Como são hoje?
14. Como é hoje? É distante do teu trabalho? Como fazes para ir até lá?
15. Como é o trânsito na cidade? Como é o motorista/pedestre?

Cidade

16. Lembras do lugar há 10 anos (a algum tempo atrás)? O que mudou? Descreve.
17. Qual é, na tua opinião, o local mais bonito daqui? Como ele é?

Religião

18. Praticas alguma religião? Como é a missa/culto?

Línguas

19. Tu falas/entendes outra língua? Qual?
20. Com quem falas essa língua? Em que situação?

NARRAÇÃO

Infância

21. O que tu lembras de tua infância? Com que tipo de brinquedo tu te divertias?

22. Tu tinhas amigos, brincavas com eles? O que faziam juntos? Como/onde brincavam? Com que frequência brincavam?

Escola

23. Você foi à escola? Onde? Como eram as aulas? Como era a professora/o recreio?

Celebrações

24. Como era o Natal (Casamento, 1ª Comunhão, filó, enterro, missa, Sagra, festa de capela)? O que faziam no ____? Como se preparavam para o ____?

Eventos marcantes

25. Tu lembras de algum momento muito triste/feliz em tua vida? O que aconteceu?

Férias

26. O que costumavas fazer nas férias?

27. O que fazias nas férias, quando criança? Como faziam para visitar os parentes?

28. Lembras de alguma viagem? Para onde foste? O que fizeste?

Estórias

29. Ouvias estórias quando criança? Quem contava? Lembras de alguma? Conta.

30. Antigamente, como faziam o pão/vinho? Como matavam os porcos? Isso mudou? Como é hoje?

Namoro

29. No passado, como era o namoro? O que faziam?

30. Como é hoje? O que fazem?

A R G U M E N T A Ç Ã O

Localidade

31. Tu gostarias de viver em outro lugar? Por quê?

Comportamento

32. Qual é a tua opinião em relação ao comportamento dos jovens (em relação aos pais, ao namoro, ao estudo, ao trabalho)?

33. O que tu pensas da vida da mulher hoje? Mudou? Em que sentido? Vai superar o homem? Por quê?

34. Como tu vêes a situação dos idosos no país? Vivem bem? Têm assistência do Estado/família? Por quê?

Violência

35. O que tu pensas sobre a violência, de pessoas que matam para roubar, de homens que batem em mulheres e crianças?

Política

36. Qual é a tua opinião sobre o atual prefeito? Sobre os políticos em geral? Por quê?

Televisão

37. O que tu pensas dos programas da TV, dos filmes exibidos, das novelas, dos

noticiários? Por quê?

Rádio

38. O que tu pensas dos programas de rádio transmitidos em dialeto?

Festas

39. Qual é a tua opinião sobre o carnaval brasileiro?

Ensino

40. Como tu vês o Ensino, hoje? Por quê?

41. Na tua opinião, que língua estrangeira as crianças devem aprender na escola, o inglês, o italiano ou o espanhol? Por quê?

Religião

42. O que tu pensas do comportamento dos padres?

43. Por que muitas pessoas afastam-se da religião hoje?

Trabalho

44. Por que escolheste permanecer no interior e trabalhar no campo?

Vida

45. Se pudesses, mudarias alguma coisa em tua vida? O que farias de diferente? Por quê?